

C O L E Ç Ã O N O R D E S T I N A

# O Holocausto

Pedro Américo de  
Figueiredo e Melo



**EJ** Editora  
UFPB

COLEÇÃO  
NORDESTINA

O  
HOLOCAUSTO



## UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

**Reitora** MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA MELO DINIZ  
**Vice-Reitor** EDUARDO RAMALHO RABENHORST  
**Pró-Reitor de Pós Graduação** ISAAC ALMEIDA DE MEDEIROS



## EDITORA DA UFPB

**Diretora** IZABEL FRANÇA DE LIMA  
**Supervisão de Editoração** ALMIR CORREIA DE VASCONCELLOS JÚNIOR  
**Supervisão de Produção** JOSÉ AUGUSTO DOS SANTOS FILHO

## CONSELHO EDITORIAL

ÍTALO DE SOUZA AQUINO (Ciências Agrárias)  
ILDA ANTONIETA SALATA TOSCANO (Ciências Exatas e da Natureza)  
JOSÉ MARIA BARBOSA FILHO (Ciências da Saúde)  
MARIA REGINA DE VASCONCELOS BARBOSA (Ciências Biológicas)  
MARIA PATRÍCIA LOPES GOLDFARD (Ciências Humanas)  
ELIANA VASCONCELOS DA SILVA ESVAEL (Linguística e Letras)  
MARIA DE LOURDES BARRETO GOMES (Engenharias)  
FABIANA SENA DA SILVA (Multidisciplinar)  
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA  
(Ciências Sociais Aplicadas)

Pedro Américo de Figueiredo e Melo

# O HOLOCAUSTO

Organização, conformação textual, estudo introdutório,  
notas e Guia de Nomes de Silvano Alves Bezerra da Silva

João Pessoa  
Editora da UFPB  
2016

Direitos autorais 2016 – Editora da UFPB

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA DA UFPB**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do autor.

**Impresso no Brasil. *Printed in Brazil.***

**Projeto Gráfico** EDITORA DA UFPB

**Diagramação** Jerfson Oliveira

**Catálogo na fonte:**

**Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba**

---

M528h Melo, Pedro Américo de Figueiredo e.  
O holocausto / Pedro Américo de Figueiredo e Melo.  
João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2016.  
460p.  
ISBN: 978-85-237-1166-5  
1. Romance - Literatura brasileira. 2. Escritores paraibanos (Areia).

CDU: 869.0(81)

---

**EDITORA DA UFPB** Cidade Universitária, Campus I - s/n  
João Pessoa – PB  
CEP 58.051-970  
<http://www.editora.ufpb.br>  
E-mail: [editora@ufpb.edu.br](mailto:editora@ufpb.edu.br)  
Fone: (83) 3216.7147

Editora filiada à:



# SUMÁRIO

Pedro Américo:		
A aventura de um contador de histórias .....	7	
Notas .....	19	
Sobre Esta Edição .....	25	
Meu caro amigo .....	31	
I	Enjeitado .....	35
II	Liberto .....	45
III	Salvador .....	57
IV	Tentado .....	65
V	Patriota .....	77
VI	Benfeitor .....	85
VII	Ressuscitado .....	93
VIII	Um Herói .....	103
IX	A Vítima .....	113
X	Quase Cadáver .....	121
XI	Casta Repulsa .....	133
XII	Decretos do Altíssimo .....	145
XIII	Mulher Modelo .....	155
XIV	Pressentimento .....	163
XV	O Capitólio e a Rocha Tarpeia .....	171
XVI	Raptor .....	183
XVII	Assassino e Barregã .....	199
XVIII	Grande Ignorante .....	217

XIX	Vagabundo.....	227
XX	Suplicante.....	241
XXI	Errante .....	259
XXII	O Doido .....	271
XXIII	No País dos Antepassados .....	283
XXIV	No País das Caldeiras.....	301
XXV	No País das Ideias .....	315
XXVI	No País do Belo.....	323
XXVII	O Templo da Arte .....	341
XXVIII	Os Filhos da Alma .....	347
XXIX	A Filha do Amor.....	355
XXX	Destino...! .....	363
XXXI	Oásis .....	371
XXXII	Progressos.....	387
XXXIII	Caipora! .....	399
XXXIV	Morta? .....	409
XXXV	Profanador!.....	417
XXXVI	Maldito!.....	427
	Guia de Nomes.....	435

## PEDRO AMÉRICO: A aventura de um contador de histórias

Silvano Alves Bezerra da Silva<sup>1</sup>

Esta reedição de *O holocausto*, romance de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (Areia, 1843 – Florença, 1905), famoso pintor do Segundo Império, assinala, por justas razões, um acontecimento especial no espaço de nossa bibliografia.

Veja-se, de saída, que esperamos 134 anos para que esta obra voltasse a circular em nosso meio. Raridade bibliográfica – suficiente de *per si* para realçar a relevância do empreendimento editorial – *O holocausto* retorna, agora, por feliz iniciativa da Editora Universitária, da Universidade Federal da Paraíba, e em edição moderna, entre os títulos da Coleção Nordestina.

Publicada em 1882, pela Typographia Cenniniana, de Florença, Itália, este romance é particularmente significativo no trajeto do areense, pois revelou para o seu tempo uma de suas acalentadas aspirações, a literária, domínio bem distinto daquele, aliás, que o consagrou como uma das grandes personalidades do mundo artístico nacional. Quando esta obra ganhou às ruas, Pedro Américo já era profissional das artes plásticas de grande reputação. Ele dera provas de talento incomum nestes domínios, quer como mestre da mais importante instituição de ensino artístico do país, a Academia Imperial de Belas-Artes, do Rio de Janeiro, quer como pintor de recursos inexcedíveis. Há 18 anos, portanto, ele era professor da Academia Imperial de Belas-Artes, e artista plástico

---

1 Doutor em Ciências da Comunicação, pela Unisinos, professor do Departamento de Comunicação Social e diretor da TV da Universidade Federal do Maranhão – TV UFMA –, e coordenador da Coleção Pedro Américo.

que dividia com o catarinense Victor Meireles de Lima o lugar de honra na pintura histórica nacional – gênero, aliás, que ocupava a posição mais elevada na hierarquia das artes plásticas de seu tempo. Os enormes painéis a óleo que havia executado até ali, dedicados a episódios militares das forças terrestres brasileiras na campanha contra os vizinhos paraguaios, *A Batalha de Campo Grande* (1871) e *A Batalha do Avaí* (1877), deram-lhe a consagração definitiva.

Preparado em excelentes escolas, o artista da pequena e charmosa Areia encarnava, mais que qualquer outro de sua geração, os ideais de *artista ilustrado*, de homem culto e versado em diversas áreas, tão ao gosto e ao mesmo tempo tão adaptado às pretensões dos que almejavam horizontes diferentes para as artes nacionais<sup>1</sup>. Os resultados obtidos após longos anos dedicados à sua formação artística e intelectual – primeiro no Brasil, depois na Europa – excederam as mais otimistas expectativas: na Academia Imperial brasileira, arrebatou diversas medalhas, o que lhe valeu o apelido de *papa-medalhas*, como o chamava carinhosamente o diretor da instituição, Manuel Araújo de Porto-Alegre. Na Europa, ganhou prêmios na École de Beaux-Arts parisiense, e, para além do que previa a sua viagem de estudos ao Velho Continente, concluiu, na Sorbonne, o curso de Ciências Naturais.

E como suas ambições de preparação intelectual não conheciam limites, voltou de sua segunda jornada à Europa trazendo na bagagem o título de doutor em Ciências Naturais, obtido, com grande sacrifício, na Universidade Livre da Bélgica, e o de professor lente, na mesma instituição, em cujos certames se qualificou com as maiores distinções.

Inclinou-se, sim, às artes plásticas, em resposta aos naturais apelos de sua índole criativa e de seu gosto. Por isso e também por causa disso, a maior parte do que produziu, na condição de quem sabia fazer uso da palavra escrita<sup>2</sup>, ou de representante dos interesses populares, em seu único cargo legislativo<sup>3</sup>, terminaram mostrando como se fizeram íntimas, para o pintor, as relações

entre as artes e outros domínios da vida coletiva<sup>4</sup>. E para onde quer que tenha mirado sua mente indagadora, ou seu espírito de legislador, reservou sempre às artes papel diretivo (pedagógico e moral) no conjunto das práticas societárias, porque a elas atribuía insuperável densidade formadora e peso axiológico indispensável à construção do país e ao fortalecimento da identidade nacional.

Observadas, assim, algumas das marcas mais salientes de suas atividades de homem culto do século XIX brasileiro, parecem-nos natural, e até mesmo esperado, que se aproximasse do fazer literário<sup>5</sup> – tanto por sua formação, nos ambientes da Academia Imperial de Belas-Artes, quanto por suas ambições de erguer-se entre os sábios<sup>6</sup> de sua geração, um dos traços recorrentes do *mundus mentis* do Império tropical. O aparecimento de *O holocausto* na vida de um artista consagrado, como Pedro Américo, representou tanto um peso, como um desafio. Pesava, claro, sobre os ombros do autor da *Carioca* a sua bem sucedida trajetória de mestre e de artista plástico, seu prestígio de homem ilustrado, que tantas vezes escrevera ou falara das artes, e da literatura ocidental, com a intimidade de conhecedor. A partir dali, lançava-se num outro domínio do fazer expressivo, e numa cena literária que absorvia os solavancos produzidos pelos romances de José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo.

Além destes fatores, cabe salientar que *O holocausto* se desenvolve, em grande parte, em ambiente paraibano. Suas outras obras de ficção, *Amor d'esposo* (Florença, 1886), *O foragido* (Paris, 1899) e *Na cidade eterna* (Paris, 1901) passam-se em plagas distantes. O ingrediente telúrico, a ressaltar os vínculos entre a terra e com as coisas de seu ambiente originário, é mais um a dar realce à obra – especialmente para um artista plástico que fora criticado por ter virado as costas às “cores locais”, à “exuberância nativa”, ao esplendoroso colorido das florestas virgens e das matas tropicais, para se enredar na composição solene das batalhas sangrentas ou na enfatuada representação dos “medalhões” imperiais<sup>7</sup>.

## Gênese de uma obra “fugitiva”

Segundo biógrafos, a ideia de escrever um romance chegou a Pedro Américo após deixar o Rio de Janeiro, em sua segunda viagem à Europa, onde pretendia, de um lado, aproveitar do ambiente europeu o que não foi possível em sua primeira estada, e, depois, avançar em seus estudos universitários. Ele havia morado em Paris, de 1859 a 1864, e quando se aproximava a data de retornar ao Brasil, solicitou ao Imperador Pedro II que lhe concedesse mais 2 anos de permanência em solo estrangeiro, para se aprimorar nas artes plásticas e nas ciências a que se inclinara. O Imperador, entretanto, negou o pedido, autorizando-o, porém, a realizar rápido passeio pela Europa, para em seguida voltar ao país, porque um concurso na Academia Imperial de Belas-Artes aguardava por seu retorno. E seu nome, inclusive, era o mais cogitado para ocupar a cadeira de Desenho<sup>8</sup>.

O concurso ocorreu em 1864, no qual ficaram claros os seus superiores dotes de pintor. Pedro Américo concorreu com a tela *Sócrates afastando Alcebiades dos braços do vício*<sup>9</sup>. Um dos concorrentes, o também pintor e professor Jules Le Chevrel, após ver o quadro do pintor paraibano, declarou-se vencido, afirmando aos examinadores “que a escolha devia unicamente recair sobre o autor da *Carioca*” (OLIVEIRA, 1993, p. 51).

Aprovado e depois contratado pela Academia Imperial de Belas-Artes, Pedro Américo ingressou, imediatamente, com pedido de afastamento com vencimentos, para poder completar os estudos na Europa. Pedido negado, ele entrou com outro, desta vez de licença sem vencimentos, no que foi atendido. O fato de se afastar de suas funções, sem ter ministrado sequer uma aula nos ambientes da Academia Imperial, contribuiu para alimentar e engrossar o despeito, a inveja e insatisfações dos colegas de profissão para com o artista-professor. E isso se revelou em mofinas anônimas expostas através das páginas pagas dos

jornais cariocas, em artigos e artiguetes, que criticaram, como achincalharam, o comportamento do paraibano<sup>10</sup>.

Segundo Guimarães Júnior, a insistência dos ataques somada à força das detratações e achincalhes públicos, e os desgostos sobrevivendo daí, além, é claro, de seus interesses de aperfeiçoamento em meio cultural mais desenvolvido apressaram sua partida para a Europa. Filho de família pobre, juntou o que pode, vendendo o que estava à mão; e sem recursos suficientes para enfrentar a longa travessia marítima de modo digno, o artista e agora professor da Academia Imperial de Belas-Artes submeteu-se a viajar no convés da proa do primeiro vapor, enfrentando as adversidades que viagem nestas condições proporcionam.

Circulou por países europeus em busca de arte e cultura, e algumas vezes fez a pé longas distâncias para atender a seus anseios de conhecimento. Com as magras economias que conseguiu juntar, dos tostões que ganhava com os desenhos que trazia na bagagem ou com os retratos que esboçava e vendia em cafés e restaurantes, ia cumprindo seu roteiro de viagem, até estabelecer-se em Bruxelas, onde voltou-se inteiramente aos estudos doutorais e outros de seu interesse. E tocou essa etapa de sua formação superando seriíssimas dificuldades pra se manter, entre as quais a fome.

Segundo um de seus mais autorizados biógrafos, “sangrava ainda a ferida aberta no coração do Artista pela injustiça de que fora vítima no país natal” (OLIVEIRA, 1993, p. 58), tanto como eram duras as lutas que enfrentava para aperfeiçoar-se, quando verteu o romance. A essa passagem de sua vida, assim se refere Guimarães Júnior:

A sua pena não ficou ociosa nessa época dentro da magra bagagem. Desabafar lágrimas e gemidos é o melhor remédio para quem a dor acabrunha e a desventura martiriza impiedosa.

Pedro Américo escreveu, palpitante de desgosto e de desespero, um romance alusivo à sua tormentosa vida, em cujas páginas a lira da doce inspiração cedeu o lugar à lutuosa harpa das cem dores e dos insondáveis martírios (GUIMARÃES JÚNIOR, 2016, p. 81).

Os dissabores; as dores profundas de alguém que se cria injustiçado pelos pares; o amor próprio ferido; a distância e a saudade da pátria; a difícil vida de viajante solitário e sem recursos em terras estrangeiras; os sacrifícios de um tipo especial de “fugitivo” que deixara o seu país em nome de algo nobre como é a formação acadêmica – e cujo preparo serviria a um país de analfabetos<sup>11</sup>, como era o Brasil do século XIX<sup>12</sup> – são, pelo que se depreende dos registros biográficos, a matéria original que serviu de inspiração a Pedro Américo para compor *O holocausto*.

## A aventura de narrador

Esse conjunto de motivações, a que podemos chamar de *leitmotiv*, encontrou a sua forma de acabamento narrativo numa modalidade bem popular durante o Segundo Império, o folhetim. Como bem interpreta o crítico literário Hildeberto Barbosa Filho (1999), Pedro Américo revelou-se, em *O holocausto*, um legítimo herdeiro desse gênero que em fins do século XIX alcançara a sua força máxima.

As narrativas folhetinescas chegaram ao Brasil em meados daquele século, como consequência de alterações significativas na vida da sociedade brasileira, especialmente na capital do Império, o Rio de Janeiro. O gênero, que fazia muito sucesso entre os franceses, fora importado pra cá, graças ao crescimento considerável da vida cultural, que adotava modas e modos, instrumentos e tecnologias de centros mais desenvolvidos, impulsionando mudanças de hábito e de mentalidade. O folhetim vinha, por assim dizer, entre as

muitas incorporações que denunciavam o anseio de progresso, de crescimento econômico, político e social: chegou-nos como moda parisiense, porque expunha a “representação de uma sociedade rural francesa que aparecia como paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império” (ALENCASTRO, 1997, p. 44).

Desde que surgiu, transformou-se em coqueluche nos jornais do Império. Não havia matutino ou vespertino de maior tiragem que deixasse de dedicar páginas à ficção folhetinesca. Por óbvio, o gênero impôs-se, e representou, para a maior parte dos precursores nacionais, meio mais rápido de publicar suas histórias e de alcançar os leitores. A nova modalidade de publicação, seriada, e administrada de modo a prender a atenção dos leitores para acompanhar a edição seguinte, passou a fazer parte da vida dos brasileiros e influenciou os costumes da época. Aos poucos, as narrativas de folhetim foram “se disseminando entre as classes mais populares e deixou de ser lido apenas por uma elite feminina em seus momentos de ócio” (REIS e BRAGA, 2016, p. 3).

Embora não se possa enclausurar um gênero em fronteiras rígidas – sob o risco de reduzir a complexidade da expressão ao esquematismo fácil – a forma mais comum de narrativa folhetinesca foi aquela de leitura descomplicada, pensada e dimensionada para não criar obstáculos à compreensão, como também de provocação certa dos sentimentos e paixões. Nele aparecem, com frequência, as tramas do amor impossível, a aventura em moldes rocambolescos, a inocência oprimida, a força do mal opressiva contra a bondade sacrificada (em ações encetadas por personagens-tipo), intriga com grandes consequências e fundada sobre a ingratidão, forma expressiva enfática e grandiloquente, às vezes resultante de fórmulas sonoras e surpreendentes. As tramas folhetinescas se resolvem, na maioria das vezes, no impressionante e no exagero, e seus discursos são exagerados ao extremo do paródico.

Por óbvio, todo gênero vitorioso faz escola e arrasta consigo uma legião de adeptos. Mas ele faz escola de duas maneiras distintas:

a primeira consiste em propor-se como exemplo concreto de um modo de formar, inspirado no qual outro criador pode elaborar soluções originais; a segunda consiste em oferecer a toda uma tradição de leitores estilemas também usáveis separadamente do contexto original, embora isolados, as características desse contexto (ECO, 1987, p. 90).

Dois caminhos, assim, se desenhavam: o primeiro, que acolhe as linhas mestras de determinado movimento estético, recusando-se, porém, o uso protocolar. Já a outra segue à risca o modelo, baseando-se no emprego vitorioso desta ou daquela solução narrativa.

No caso de *O holocausto*, o autor optou pela segunda via, o da segurança do modelo que triunfara, articulando a narrativa num entrelaçamento entre construção ficcional e uma espécie de resgate biográfico. É impossível não perceber que há no romance muito de autobiografia, pois passagens da vida do autor – consagradas nas narrativas deixadas por seus biógrafos – são vividas pela personagem protagonista, Agavino: o nascimento na cidade de Areia; a natural inclinação para o desenho; a sensibilidade para as artes; a participação na expedição científica pelos selváticos sertões nordestinos; o europeu que chefiava a expedição; a primeira experiência de viagem ao Rio de Janeiro; a péssima impressão que causou ao autor a cidade do Rio de Janeiro; as viagens a países da Europa; as referências a museus europeus e a artistas; o naufrágio<sup>13</sup> etc.. Agavino, cujo nome vem de *agave*, conhecida planta da região, é uma espécie de sucedâneo de Pedro Américo, no plano da ficção. Convém destacar que não se pode confundir o homem real com a personagem que move a narrativa, porque esta é resultado de

trabalho ficcional, existe apenas na condição de personagem e como tal deve ser encarada, e não como figura da História.

O romance conta a história do amor impossível de Agavino e Palmira, sentimento que nasce na infância vivida em Areia, mas uma sucessão de adversidades, promovida por Ruines Gama – personagem que encarna a maldade desmedida e a perversão – impede a aproximação do casal e a realização da união. Afastados, Agavino e Palmira mantêm viva a paixão arrasadora: inconsolável, ela se interna num convento; ele, perseguido injustamente, e informado da morte da amada, parte pelo mundo, numa espécie de itinerância elegante pela Europa, sem encontrar alento para o coração despedaçado. Após saber que a amada estava viva, sai às pressas da França em direção ao Brasil, para reencontrar Palmira em Areia, e consumir a união. Mas o destino implacável reservara um fim estarrecedor à paixão: quase sepultada viva, ela é arrancada de dentro do ataúde por Agavino, para em seguida falecer em seus braços. Fulminado pela morte da amada, Agavino é preso e executado, e sua cabeça arrancada do corpo.

A obra deixa ver que Pedro Américo compôs a personagem Agavino como uma espécie de símbolo extremo de perfeição e de moralidade. Agavino encarna, com todas letras, as excelências da espécie humana: corpo perfeito, inteligência superior, sensibilidade extraordinária, refinamento e dotes artísticos excepcionais, discernimento filosófico e científico, caráter inquebrantável, sentido ético extremo, senso de humanidade, educação esmerada, respeito e solidariedade com o próximo. Nada em Agavino denuncia ser feito de carne e osso. As qualidades morais fazem da “personagem um emblema filosófico de índole cristã, materializado num herói romântico, superidealizado (BARBOSA FILHO, 1999, p. 72). O excesso de atributos que assinalam a sua magnificência superdimensionam a personagem, e tornaram-na, sob todos os aspectos, inverossímil, ao moldes de uma imagem-mito, talhada para ser idolatrada.

Se é assim que a narrativa expõe a carga psicológica de Agavino, as demais personagens que ingressam na trama são igualmente caricatas. Exemplo do que se acabou de afirmar se vê na figuras de José Carqueja e do ministro da Justiça, ambas a personificar a malvadeza, a velhacaria, o abuso, a improbidade administrativa, contra as quais Agavino se insurge, para, em seguida, ser trancafiado como louco no hospício da Praia Vermelha.

A narrativa é armada por um estilo rebuscado, grandiloquente, que às vezes se demora em longas digressões e ilações filosóficas, que são, aliás, recorrentes nas demais obras ficcionais de Pedro Américo. De outra parte, deve-se destacar a preocupação do autor paraibano em descrever os ambientes sertanejos: a natureza que se espalha pelas serras de sua localidade natal, a presença imponente e misteriosa da grande gameleira, cravada no coração de Areia, como a paisagem do agreste, que expressam, ao nosso ver, o olhar romântico.

Embora, em termos estéticos, o romance resulte prejudicado, pesa a seu favor, e até onde a vista alcança, o fato de ter sido o primeiro, de maior repercussão, ambientado em chão paraibano – o que o torna documento de inequívoco valor histórico. Ademais, é preciso reconhecer que as diferentes atividades que ocuparam a vida de Pedro Américo cobrar-lhe-iam seu preço, e cada vez mais alto, à medida que se adensam as exigências de especialização, numa sociedade que ia se modernizando, como a brasileira de fins do século XIX. As soluções que lançou mão, a trama cheia de artificialismos e o estilo vacilante são marcas de um escrevinhador que está a sondar as possibilidades de expressão.

Forçoso será, por justas razões, creditar-lhe os méritos de um intelectual que, ciente das enormes adversidades educacionais de seu tempo, criou meios de expandir as possibilidades de leitura num cenário bem pouco favorável à vida ilustrada, como era o Brasil do Segundo Reinado.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAES, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**: Império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Brasília: Editora UnB, 1996.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. “Pedro Américo: legítimo herdeiro do folhetim. In: \_\_\_\_\_. **As ciladas da escrita**: aspectos da literatura na Paraíba. João Pessoa: Ideia, 1999, p. 71-74

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edusp/IDE, 1995.

FREYRE, Gilberto. **Pessoas, coisas & animais**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1981. (1ª. Série)

GUIMARÃES JÚNIOR, Luiz. **Pedro Américo** – Biografia. João Pessoa: Editora do CCTA/UFPB, 2016. (Coleção Pedro Américo, vol. 2) (no prelo).

HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). **História geral da civilização brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987 (O Brasil Monárquico, tomos II, 3º. V., no. 5).

OLIVEIRA, J. M. Cardoso de. **Pedro Américo**: sua vida e suas obras (edição fac-similar). Brasília: Senado Federal/Centro Gráfico, 1993. (Edição especial comemorativa do centenário do seu nascimento).

MELO, Pedro Américo de Figueiredo. **Alguns discursos**. Florença: Imprensa de l'arte della Stampa, 1888. (2ª parte).

\_\_\_\_\_. **Amor d'esposo** – narrativa histórica. Florença: Imprensa de l'arte dela Stampa, 1886.

\_\_\_\_\_. **Discursos acadêmicos**. Rio de Janeiro: Typographia Paula Brito, 1870.

- \_\_\_\_\_. **Discursos**. Rio de Janeiro: Typografia Paula Brito, 1892.
- \_\_\_\_\_. **Discursos parlamentares: 1891 – 1892**. João Pessoa: A União, 2015. (Coleção Pedro Américo, vol. 1).
- \_\_\_\_\_. **O holocausto**. Florença: Typographia Cenniniana, 1882.
- \_\_\_\_\_. **O foragido**. Paris: H. Garnier, 1899.
- \_\_\_\_\_. **Na cidade eterna – sonho de juventude**. Paris: Aillaud & Cia., 1901.

RÊGO, José Lins. **Pedro Américo** – Conferência lida no Salão de Conferências da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, no dia 10 de maio de 1943. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943.

REIS, Ana Lúcia Silva Resende de Andrade e BRAGA, Claudia. **“O Romance de folhetim no Brasil do século XIX – modelos e inovações”**. [www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/.../ana\\_reis.doc](http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/.../ana_reis.doc)

SCHWARCS, Lilian Moritz. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 3ª. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Silvano Alves Bezerra da. “Pedro Américo e o processo de construção nacional das belas-artes”. In: MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **Considerações filosóficas sobre as belas-artes entre os antigos**. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. “O parlamentar Pedro Américo em meio às turbulências da Constituinte de 1891”. In: MELO, Pedro Américo de Figueiredo e. **Discursos parlamentares: 1891 – 1892**. João Pessoa: A União, 2015. (Coleção Pedro Américo, vol. 1).

## NOTAS

- 1 As pretensões de se construir caminho diferente na formação do artista plástico brasileiro encontram-se na Reforma Pedreira, instituída pelo diretor da Academia Imperial de Belas-Artes, Manuel Araújo de Porto Alegre. Pedro Américo era estudante da Academia Imperial quando a Reforma Pedreira foi efetivada, e nela se veem alterações significativas nas sistemáticas de ensino, porque foram introduzidas matérias e processos que tiveram por finalidade robustecer a formação dos estudantes, imprimindo maior atenção à formação intelectual.

A Reforma Pedreira expressa, como não poderia deixar de ser, carência e ambição: Carência, porque a maior parte dos estudantes que ingressavam na Academia Imperial mal sabia ler, conforme a isso se referiu Antônio Nicolau Tolentino, diretor da agremiação acadêmica, em carta ao ministro do Império (Ver SILVA, 2006, p. 21). E ambição: da Academia Imperial saíram os artistas que teriam pela frente a dura incumbência de criar as representações plásticas que exibiriam, aos brasileiros e estrangeiros, as altanarias do Império tropical. A medida de finalidades pedagógicas, era também, e principalmente, política e ideológica.

- 2 Segundo biógrafos, Pedro Américo produziu obras das quais, infelizmente, não se tem notícia; a maioria, segundo consta, transformada em livro. São elas: “Refutação à *Vida de Jesus Cristo*” de Ernest Renan, obra que chegou ao conhecimento do Papa Pio IX, após examinado pelo monsenhor de Soubirrane, Vigário-geral de Paris, e que deu a Pedro Américo as insígnias da Ordem do Santo Sepulcro. Em sua passagem por Bruxelas, para estudar na Universidade Livre da Bélgica, ele urdiu *Memória sobre a conjugação da spyrogina quinina e teoria da polaridade dos sexos* (1869) e *Hipótese relativa à luz zodiacal* (1869); a tese com que Pedro Américo conquistou, na Bélgica, o grau de doutor em Ciências Naturais, *Hipótese relativa à causa do fenômeno chamado luz zodiacal* (Bruxelas, 1869) e *De l’enseignement libre des sciences naturelles (Sobre o ensino livre das ciências naturais, 1882)*.
- 3 Pedro Américo foi eleito deputado federal, pelo recém-criado Estado da Paraíba, na eleição de 15 de setembro de 1890, para integrar a primeira Constituinte da República. Seu trabalho parlamentar, neste importante momento da vida política nacional, deixou evidentes os esforços para dotar a recente República de instrumentos legais capazes de fortalecer a formação dos brasileiros. Para isso, propôs a criação de universidades,

de instituições artísticas e mais institutos legais que ajudassem a pavimentar os caminhos do crescimento da nação. Ver, a esse propósito, os pronunciamentos e projetos que trouxe à apreciação da Assembleia Constituinte de 1891, reunidos em seus *Discursos parlamentares* (2015).

- 4 Observe-se, de sua produção escrita, os seguintes títulos, que demonstram os tais vínculos: seu primeiro trabalho a ganhar letra de forma, publicado pela École des Beaux-Arts, de Paris, o opúsculo *La réforme de l'École des Beaux-Arts et l'opposition – par un élève* (A reforma da Escola de Belas-Artes e a oposição – por um aluno, 1863), se debruça sobre recentes mudanças por que acabava de passar a instituição parisiense, e discute as influências das belas-artes sobre a educação liberal. E publicou, pelas páginas do jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, entre 30 de setembro e 28 de novembro de 1864, totalizando 20 edições, as *Considerações filosóficas sobre as belas-artes na antiguidade* (1864), ensaio em que discutiu o superior papel desempenhado pelas artes na edificação das sociedades antigas, especialmente a grega. Fica clara, aí, a intenção de fazer da experiência grega com a arte exemplo insuperável de civilização, que serve de modelo à edificação da sociedade nacional.

Também pelas páginas do *Correio Mercantil* carioca, Pedro Américo publicou, entre 17 de maio e 27 de junho de 1865, as *Cartas de um plebeu aos srs. deputados*. Em cinco cartas públicas, o jovem artista encaminha ao juízo dos deputados imperais considerações acerca da necessidade dos poderes públicos darem atenção à formação artística do brasileiro e à criação de instituições com esse fim, porque indispensáveis ao crescimento e ao progresso espiritual e material da nação. A tese com que concorreu ao posto de professor agregado à Universidade Livre da Bélgica, *La Science et les systemes: questions d'histoire et de philosophie naturelle* (A ciência e os sistemas: questões de história e de filosofia natural, 1869), o artista e intelectual paraibano procurou pôr em tela algumas associações entre sistemas científicos e soluções de arte, aos moldes do ecletismo de Victor Cousin. As obras organizadas sob a forma de discursos (*Discurso acadêmico*, 1870; *Alguns discursos*, 1888 e *Discursos*, 1892) versaram sob assuntos relacionados à arte.

- 5 É o que se vislumbra, por exemplo, destes rabiscos poéticos, deixados por Pedro Américo (OLIVEIRA, 1993, p. 55), como impressões de uma noite passada, e sozinho, num castelo abandonado na Floresta Negra, no Grão-Ducado de Baden, na Alemanha:

**A noite no castelo**

Desce da noite a sombra pavorosa,  
 Negreja a ruína; o mocho solta o pio;  
 Na mata zune o vento rijo e frio;  
 Gela no seio a lágrima piedosa.

Ouço, ao longe, da velha Catedral  
 A voz do bronze, e perto, pela ogiva  
 Coar a melodia fugitiva  
 Da harpa eólia mesta e sepulcral.

Por entre as negras cimas do pinhal  
 Diviso incerto o vulto esbranquiçado  
 De nobre cavaleiro namorado  
 De alguma terna amante divinal...

Será fantasma? Qual! O espaço escuro  
 O medo gera; e bem considerado  
 O vulto é louca imagem do futuro  
 Por entre as tristes fúrias do passado.

Ao passo que suspira pelo dia  
 Pobre mancebo cheio de pavor,  
 Reza o monge talvez, dorme o guerreiro,  
 Sonha a pura vestal com o Criador.

E meu pensar veloz e cismador,  
 Qual mariposa incauta e erradia,  
 Foge da terra em busca da alegria,  
 Queimando as asas no ideal do amor!

- 6 As considerações de Lilian Moritz Schwarcs acerca da figura do cientista e de seu desempenho, como de sua auto-representação, na sociedade imperial, são bastante esclarecedoras. Ver SCHWARCZ (1993).
- 7 Significativa, em meio às críticas que recebeu neste período, foi a que dirigiu Luiz Guimarães Júnior ao quadro *A carioca*, no opúsculo *Pedro Américo – Biografia*, de sua autoria, livro destinado a dar publicidade ao artista e à sua mais recente composição, *A Batalha de Campo Grande*:

“Eu dispensei os acessórios do painel da *Carioca*. Acho inverossímeis as tinturas empastadas do céu e das árvores, cujos reflexos vêm dar à água uma cor desmaiada, sombria e tétrica. O pincel criador calcou demais na tela, talvez por seguir os ímpetos febris do talento artístico e do sonho do poeta”. (2016, p. 71).

Mais distantes no tempo, mas nem por isso menos significativas, foram as críticas “enviesadas” de intelectuais nordestinos como Gilberto Freyre, José Lins do Rêgo, José Américo de Almeida e Horácio de Almeida àquilo que consideraram *deformação* artística e intelectual de Pedro Américo, ao virar as costas às coisas de sua terra e de sua gente. Se bem que impregnadas de valores estéticos e políticos próprios de outra etapa de nossa história artística, as seguintes críticas tiveram, e continuam a ter, papel relevante na apreciação do artista e de sua obra.

Considero-as todas, porém, prisioneiras de um mesmo vício interpretativo: elas fecharam os olhos aos condicionantes do tempo, aos fatores da história, bem como ao gosto e às preferências do artista plástico paraibano. Talvez porque eles tenham atribuído à personalidade, à índole individual forças muito superiores às do próprio fluxo histórico, e em especial da história de nossas artes plásticas e de seu papel no funcionamento dos interesses do Estado Imperial. Parece-nos, aí, que queriam ver um homem e artista acima das “amarras” de sua sociedade, como um gênio aos moldes românticos, que somente na aparência rompia com as tradições, as escolas, os esquematismos, para impor seu estilo e sua verve criativa.

Gilberto Freyre, em 1943, assim se referiu ao trabalho artístico de Pedro Américo, vendo em sua obra muito mais a “presença” de um colonizado pela Europa, do que um brasileiro que lavrava em tinta a óleo a história de seu país, com os instrumentos mentais e materiais que dispunha:

“Depois de Brunet e Bindseil, a deformação de Pedro Américo ao mesmo sentido técnico, lógico, acadêmico, continuou sob a forma da proteção oficial que lhe foi dispensada com generosidade mas sem inteligência. Aos vinte anos, pouco lhe restava de menino de Areia, de matuto paraibano impressionado com frades da Penha, de brasileiro telúrico. Era um desenraizado. Um subeuropeu. Um colonial. Se voltou ao passado e à paisagem do Brasil não foi através das recordações vivas de sua meninice – que parece ter deliberadamente desprezado e procurado abafar – mas através do patriotismo convencional; pintando com traço vigoroso e cores bem distribuídas vitórias brasileiras no Paraguai. Apenas essas vitórias brasileiras do Paraguai têm, nos quadros de Pedro Américo, uma aparência exótica de vitórias europeias no Oriente.

Voltou o pintor consagrado ao tema dos primeiros desenhos de menino: cavalos e espingardas, esquecido ou desprezado pelo artista – mas não pelo homem – o frade das santas missões. Mas voltou aos cavalos e às espingardas com uma correção acadêmica, com uma solenidade pomposa, com um rigor de técnica de quem perdera para sempre a inocência de menino sem ter conhecido as inquietações e as audácias de adolescente”. (FREYRE, 1981, p. 99).

José Lins do Rêgo seguiu de perto o Mestre de Apipucos, porém engrossando as linhas em mais acre interpretação, conforme se vê no trecho a seguir, extraído da conferência proferida no salão da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, no Rio de Janeiro, em 1943, e vertida para letra de forma:

“O homem Pedro Américo podia amar a sua terra com paixão, mas o pintor Pedro Américo, grande mestre aos 19 anos, não tinha olhos para ver o Brasil, que dera a um Debret uma imensa riqueza de motivos, de colorido, de luz, de verdadeira pintura. Este homem que tinha sangue tapuia nas veias parecia um ático, um europeu da cabeça aos pés. Quando volta ao Brasil não se deslumbra com a luz que Manet descobriu como fonte de impressionismo. Não há luz dos trópicos para ele. Não existe o elemento humano, não existe a mulher, a mulata, o negro, o brasileiro curtido de sol, os homens simples que compravam na loja do seu pai Daniel, os matutos de Areia, os soldados e os revoltosos que ele em menino vira nas batalhas do major Quincas. Pedro Américo vivia para um mundo abstrato. A cor da terra, os homens da terra, o cheiro da terra, são de uma distância que ele não vê e não cheira. E quando olha para estas coisas, para o mundo que era o de suas raízes, ele sofre mesmo. O filho pródigo voltava para a casa do pai como um reformador, querendo mudar os tapetes, os móveis, as cadeiras velhas, as coisas pobres da casa, pobres mas que estavam tão da intimidade da família.” (1943, p. 23-24).

E este outro, também de José Lins do Rêgo:

“Pedro Américo não chega à terra como um pintor, vem como um moralista. Vem para achar tudo muito sujo, muito feio, muito triste. Até as gaivotas que voam sobre o navio são da “mais desgraciosa espécie, e os negros que aparecem tripulando as faluas são esfarrapados, e os homens brancos que chegam falam uma língua bamba, as praias são esqueléticas, e via-se uma multidão de gente maltrapilha e asquerosa”.

O homem que voltava à terra natal não podia suportar “o calor do Rio superior ao dos sertões, a atmosfera úmida, pesada e impregnada dos mais ambíguos perfumes”. O filho pródigo aparecia para criticar; não chegava de coração mole, de alma sequiosa do vinho, da água doce da fonte. Não, tudo era triste para o paraibano de Areia, que pintara retrato de frei Serafim para vender aos matutos bestas. Não era um filho pródigo que retornava, era um ditador que aparecia para mudar a face da terra” (1943, p. 24-25).

Também José Américo de Almeida e Horácio de Almeida são citados por José Lins do Rêgo no trecho a seguir, como partícipes da mesma ideia:

“Diz o grande José Américo de Almeida, refletindo a mágoa de um cego de sua terra: “Mas sabia que ele era o mais infeliz dos cegos: não ver em Areia.” Pedro Américo, diz o sr. Horácio de Almeida, “andou pela cidade e pelos campos, sobraçou uma espingarda passarineira e não encontrou em toda aquela opulenta natureza o que desenhar” (1943, p. 22).

- 8 Na correspondência, vê-se que desde 1862 – dois anos antes, então, do regresso de Pedro Américo ao Rio de Janeiro, já se aventava a realização do concurso, e o seu nome era o que recebia as maiores simpatias da parte da Academia Imperial, para que fosse o ocupante da cadeira de Desenho. Tamanha era a acolhida ao seu nome, que este concurso foi prorrogado, e somente realizado em 1865, quando Pedro Américo encerrou, em definitivo, esse tempo de formação na Europa. (Museu Dom João VI, Arquivos da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, Dossiê Pedro Américo, Doc. N.º. 99).
- 9 Esta obra integra o acervo da Escola Nacional de Belas-Artes/UFRJ, Rio de Janeiro.
- 10 Veja-se, a este respeito, as considerações de Oliveira (1993), Guimarães Júnior (2016).
- 11 Fazia parte das políticas do Estado Imperial enviar estudantes considerados mais promissores em viagens de estudo ao exterior, face a inexistência de institutos superiores para dar conta das muitas necessidades de especialistas requeridas por uma nação que havia, muito recentemente, se emancipado. No século XIX, o país apenas iniciava a implantação de faculdades, que não dispunha de uma universidade sequer. A este propósito, ver AZEVEDO (1996) e HOLANDA (1987).
- 12 Carências educacionais atravessavam a nação de uma ponta à outra, e revelavam-se obstáculos, praticamente intransponíveis, às pretensões do Estado Imperial, que queria ver elevada a imagem da nação tropical, e em pouco tempo, à condição de civilizada. Num país com população estimada em 4,6 milhões de habitantes,

[...] entre os escravos, o índice de analfabetos atingia 99,9% e entre a população livre aproximadamente 80%, subindo para mais de 86% quando consideramos só as mulheres. [...] Apurou-se ainda que somente 16,85% da população entre seis e quinze anos frequentavam escolas. Havia apenas 12 mil alunos matriculados em colégios secundários. Entretanto, calcula-se que chegava a 8 mil o número de pessoas com educação superior no país (FAUSTO, 1995, p. 237).
- 13 Cardoso de Oliveira (1993, p. 46-49) narra a peripécia do naufrágio de um pequeno vapor que levava Pedro Américo, na costa da Grã-Bretanha, no período de sua primeira estada na Europa.

## SOBRE ESTA EDIÇÃO

Esta edição de *O holocausto*, de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, traz uma série de modificações em relação à primeira edição, de 1882, executada pela Typographia Ceninniana, de Florença, Itália.

Procedemos à atualização ortográfica, e acrescentamos um conjunto de referências que pretendem facilitar a mais rápida compreensão das ideias do autor.

Era comum à época verter para o português os nomes de personalidades estrangeiras, em especial as europeias, desde que a compatibilidade linguística fosse mantida. De tal forma que Michelangelo passaria a Miguel Ângelo, Raffaello Sanzio a Rafael Sângio, Roger Bacon a Rogério Bacon etc. Esforçamo-nos por manter os nomes de personalidades como se acham em suas respectivas línguas, tanto na intenção de manter a integridade original, como também permitir que o leitor possa recorrer, mais rapidamente, a qualquer outra fonte de consulta que julgar necessário.

Inserimos nesta edição notas de rodapé que visam esclarecer alguns dados trabalhados por Pedro Américo, a que remetem os algarismos arábicos que se acham após algumas palavras no corpo do texto.

Como em *O holocausto* o autor optou por mesclar registro de memórias à ficção (ou vice-versa), resolvemos incluir informações adicionais de ordem artística, mitológica e histórica, no *Guia de Nomes*, nas páginas finais do volume, às quais remete o asterisco (\*) que se encontra após alguns nomes no corpo do texto. Poucos deles ficaram de fora do Guia, e isso se deve a dois

motivos: tanto porque o autor foi pouco rigoroso com o registro dos nomes que cita, satisfazendo-se em expor unicamente seus sobrenomes – o que dificulta, sobremaneira, a localização de informações sobre suas vida e obra, como se vê em casos como Faye, Gal, Mayhew. De outra parte, se conhecidos no curso do século XIX, seus nomes, porém, não se firmaram, e portanto não se impuseram à posteridade.

0

# HOLOCAUSTO

POR

PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO

---

FLORENÇA

TYPOGRAPHIA CENNINIANA

—  
1882

Folha de rosto da primeira edição



A  
LUIZ GUIMARÃES JÚNIOR



*Meu caro amigo!*

Todas as obras que se afastam do plano geral das suas congêneres estão sujeitas a ser consideradas como profundamente defeituosas, e por isso expostas às, raramente justas, condenações sumárias. Apesar de insignificante, e talvez deste número a presente narrativa, em que tentei, há anos, retratar uma figura digna do futuro e de melhor pena, figura colocada pelo destino em tempos que já vão desaparecendo, e dos quais é necessário ter-mos horror, para que não tornem.

Inspirada da viva recordação de fatos em grande parte sucedidos na minha presença, ou na de amigos dignos do maior crédito, a história da singular existência que procurei aqui esboçar, servirá para demonstrar o quanto tem a nossa sociedade progredido neste último quarto de século, e, ao mesmo tempo, o quanto ainda lhe resta a caminhar para me-recer o incomparável país que Deus lhe assinou por cenário. E se isto servir, será por incapacidade minha, e jamais por falta de magnitude no assunto.

O meu protagonista jaz esquecido, porém muitas das causas que o mataram ainda existem, e devem ser destruídas, para que não façam novas vítimas.

Como todos os desertores do dever, são meritórias da severidade dos pósteros as épocas que imolaram a virtude e o talento a título de escusadas realidades. Tomada em geral, e deste número aquela cujo legado de máximas egoísticas e tacanhos interesses tem sido repellido por tantos moços ilustres na política, nas letras e nas artes, glória da atualidade e esperança da nossa Pátria.

Nenhum ser durável ofende impunemente a justiça. Oculta às vezes durante o curto período das existências individuais, e

nessa lei que nunca deixou de se manifestar a Providência. As grandes entidades não lhe escapam, e do mesmo modo que a cada feito da virtude corresponde na vida do indivíduo um estado particular de satisfação para a consciência, a cada injustiça porventura praticada para com um homem útil ou uma classe importante, corresponde na história das nações uma série de consequências mais ou menos funestas ao progresso.

Como para nivelar todos os seres diante do infinito, e confundir o orgulho dos poderosos diante da imensidade da potência divina, quis Deus que no mundo moral pudesse o verme, às vezes, pulverizar o gigante, e o átomo esmagar o colosso. É, com efeito, questão de oportunidade e de tempo.

A geração que repele o operário de provada dedicação e patriotismo assemelha-se à tanajura, que arranca os órgãos com que durante meia hora librou-se entre as águias, para vegetar na escuridão, de onde expela à luz as legiões destruidoras que arrasam os campos agricultados.

Enquanto as paixões políticas corroem as inteligências eleitas e estragam quase tudo quanto em nosso país tem alguma beleza, vai o magnânimo coração brasileiro achando prêmios para todas as energias e prantos para todas as desgraças, menos para as grandes vocações artísticas, que lutam heroicamente e sucumbem, depois de alastrarem o solo de luzes e o umedecerem de lágrimas.

O teu elevado espírito já tem provado, em páginas primorosas, o quanto são fundas as feridas granjeadas nas batalhas do progresso por esses pacíficos soldados, a quem muitas vezes se decretam coroas de espinhos, em vez dos louros a que lhe davam direito os seus incontestáveis triunfos.

Prestando sincera homenagem à geração nova, a que pertences e em que contamos no Parlamento ou fora dele ilustres amigos, foi para protestar contra semelhante anomalia – só digna dos tempos coloniais – que resolvi dar ao prelo estas páginas, já

muitas vezes inutilmente requestadas por distintos escritores, para serem estampadas em língua francesa e italiana.

Aceita-as, não como coisa digna dos teus brilhantes dotes de escritor e poeta, mas simplesmente qual homenagem de uma pena rude às tuas raras qualidades de cidadão e amigo.

Roma, 1º. de maio de 1882.

O AUTOR



I  
ENJEITADO





No pendor oriental da serra da Borborema, e não muito longe das deliciosas veigas que banha o rio Paraíba, está assentada a modesta e graciosa Areia. Edificada no dorso de uma das feracíssimas colinas que juntas formam um como imenso barrocal, e começando das planícies marítimas vão se elevando pouco e pouco até as maiores alturas daquela serra, ela descortina por todos os lados, e maiormente pelo do sul, até perdê-los em horizonte mais que diáfano, os tortuosos lombos das penedias adjacentes, ora cingidos pelos úmidos e verdes baixios dos brejos, ora rodeados das alvas areias, ou ainda das gândaras fragosas que, continuando-se até além da parte mais equatorial da cordilheira do Apodi, vão formar os ardentes sertões do Ceará.

De contínuo banhada pelos ventos irregulares das bandas do mar, que lhe fica a mais de vinte léguas ao oriente, sob um céu transparente e de cor intensíssima, cingida de um verdadeiro Éden de robusta vegetação, Areia impressiona menos aos estrangeiros pelos seus habitantes, cujos costumes são simples e brandos, pelo seu clima temperado e saudável, pelos seus frutos suculentos e saborosos, do que pela formosura de suas mulheres, frequentemente louras, pela sua tendência à elegância e ao progresso, e, principalmente, pela sua situação geológica, eminentemente própria para desenvolver a sensibilidade e a melancolia.

A vida passada na plácida Areia é, com efeito, triste e monótona. Quase invariavelmente iguais às noites em duração, os dias são ali frigidíssimos e sombrios durante o inverno, e no verão radiantes e alegres. Nesta estação, quando o sol, transpondo as últimas assomadas dos mais altos montes do Curimataú, vai

atufar-se nos vapores do ocidente, o céu reveste sucessivamente as mais brilhantes cores do arco-íris. É a hora em que a irradiação sideral começa a refrescar a terra, e principia o mugido dos ventos impacientes da noite. Então a luz avermelhada do poente, resvala pelo cimo das mais altas fragas, encontra perpendicularmente os muros das pequenas habitações de Areia, e presta-lhes, quando considerados de longe, o aspecto de algum desses castelos da Idade Média, cujos tetos ameaçados refletiam até o amanhecer os fogos das atalaias noturnas. E esse efeito é completado por uma gameleira gigantesca, que se ergue na parte mais alta da cidade, formando uma espécie de mole escura e quadrangular, semelhante à torre antiga, vestida de musgo, ou denegrida pelo roçar dos séculos.

Cinco minutos depois apagam-se os derradeiros esplendores diurnos, e os astros da noite derramam sobre a terra a claridade dos seus raios de estanho. Não obstante o albor das nebulosas e o cintilar das grandes constelações do firmamento tropical, ou o clarão da *luz zodiacal*, que sucede imediatamente aos fulgores solares, e que só por si bastaria para reduzir a noite a um simples crepúsculo, Areia é então soturna e tétrica se, todavia, os raios da lua, mais claros ali do que nas planícies orientais da Província, lhe não vierem prestar seu pálido brilho. Sem nenhuma das distrações noturnas próprias dos grandes centros de população, sua vida parece estancar com o cair do dia, para recobrar alento aos primeiros alvares da antemanhã, e tornar a extinguir-se com o sopro do último zéfiro da tarde seguinte.

No outono as tardes ainda são serenas, porém quando chega o inverno tornam-se tão aterradoras, que os habitantes de Areia nem por sonho ousam sair de suas casas. É a estação dos relâmpagos ofuscantes, dos trovões medonhos, das ventanias arrasadoras e das chuvas torrenciais. Às vezes as nuvens caminham pelo céu do ocidente para o oriente, isto é, contrariamente à sua marcha ordinária: Os areienses dizem então que elas marcham em “recuada”, e acautelam-se como se estivessem contemplando a fuga de um exército derrotado. É que a tempestade não tarda, e a tempestade

naquelas altitudes é como o ciclone, que arranca as árvores, arrasa os plantios, derriba os muros, suspende o despenhar das torrentes e esboça os visos das montanhas. Quando ela passa, deixa revolvidos os canaviais, inundados os vales e as planícies, transformados os ribeiros em rios caudalosos, abertos algares na terra, despojadas as árvores dos seus frutos e das suas folhas, e recolhidas aos seus antros as feras assombradas. Há ali noites de inverno em que as cabras, reunidas em bandos, vêm berrar nas frentes das casas, como se pedissem socorro; os touros, fugindo de suas agrestes malhadas, atravessam as ruas urrando desesperadamente; os gatos miam e pinoteiam sob a influência da eletricidade decomposta em seus nervos e acumulada em sua pele; e, finalmente, os mochos e os morcegos, deslumbrados do relampejar incessante, abatem-se pelos telhados e crocitam atônitos até passar a tormenta!

Pelo expirar de uma dessas noites pavorosas, os habitantes mais próximos à grande gameleira ouviram uns vagidos de criancinha que parecia abandonada. Aplicaram o ouvido às frestas das janelas, e escutaram. Cortava o coração! Aterrado pela fúria da ventania, açotado da chuva e traspassado do frio, o inocente esvaía-se em prantos!

Quando amanheceu, abriram timidamente as portas e foram vê-lo: era um robusto menino de três ou quatro dias. O pobrezinho estava rouco de chorar, e a friagem da chuva penetrava-lhe até a medula dos ossos.

De onde viera e quem seriam seus pais, eis o mistério que só desvendaremos quando, pelo tempo adiante, tivermos de contar história diversa e, porventura, tão comovente como aquela que motivou este livro. A finura porém da roupa em que vinha envolto o recém-nascido, persuadia que a miséria era estranha àquele fato desumano.

Levaram o menino para a casa de uma família abastada, onde havia muitas crianças e muitos escravos, e ali enxugaram-no, mudaram-lhe a roupinha, e deram-lhe a mama consoladora. A

mulher, porém, que primeiro o recebeu em seu seio tinha um filho de peito, a quem o doce alimento não bastaria se fosse repartido entre dois. As escravas que tinham leite estavam quase no mesmo caso: no curto espaço de seis dias o inocente se havia alimentado sucessivamente em seis mulheres, e teria visto, se soubesse discernir, o quanto é diverso do maternal o peito estranho. Ao cabo desse breve lapso de tempo, nenhuma delas estava mais disposta a fazer o sacrifício. Convinham em que a criança era bonita, mansa, e parecia filha de gente fina, mas achavam-na demasiado gulosa, e cada qual descobria melhores pretextos para esquivar-se da importuna caridade.

Uma escrava de melhor coração condeu-se do inocente, e tomou-o a si. Chamava-se Bárbara. Suas entranhas tinham gerado doze filhos, e ela os vira sucessivamente morrerem sem os poder amamentar, porque seu leite era prezado e reservado aos filhos de sua senhora, que apesar de robusta reputava-se de uma constituição debilíssima. Por esse tempo, porém, já a fecundidade da escrava tinha cessado, e com ela o benigno fluido dos seus seios.

Entretanto, o inocente chorava e emagrecia, sem que fosse possível à pobre Bárbara – sobre quem recaía a parte mais dura do serviço da casa – achar-lhe um alimento conveniente e regular. Até que um domingo, em vez de ir à missa, pegou no enjeitado e foi à várzea.

A várzea é um delicioso vale matizado de gramíneas, mimosas e malvas agrestes, e ombreado de jaqueiras, pitombeiras e outras árvores frutíferas, distante de Areia duas milhas, e onde naquele tempo residia e tinha engenho o doutor Araruna, homem de merecimento político, e senhor de muitos bens.

Quando Bárbara voltou, as parceiras puseram-se a rir daquilo a que elas chamavam: “paciência de quem não tem filhos.” E ela ria também, porque estava contente. Tinha encontrado o que desejava: uma cabrinha mansa e acostuada a dar a teta aos moleques do engenho. O inteligente animal estava tão bem ensinado, que acudia,

de onde estivesse, ao menor vagido da criança, em cuja boca punha o ubre até a sentir adormecida.

No domingo imediato a generosa escrava levou-o à pia batismal, dando-lhe o nome do último dos seus filhos, Miguel, e por padrinhos Nossa Senhora e São José. De volta para a casa, pôs-lhe ao pescoço uma fita azul com uma figa de coral, “para que lhe não pusessem olhado”, e tornou para o trabalho mais satisfeita do seu dia.

Durante três meses Miguel cresceu e engordou. Quis porém a fatalidade, que uma circunstância casual interrompesse a paz daquela cândida existência. Não é história muito longa.

Por aquela época andava em missão religiosa pelo interior da Província um capuchinho veemente e fanático. A sua palavra convertia os incrédulos, excitava o entusiasmo dos crentes, e ateava o fogo do ascetismo ao peito das multidões. Demais, na imaginação popular, o franciscano além destas virtudes possuía a de afugentar o demônio, suspender os penedos pelo simples impulso da sua vontade, tirar serpentes do seio das esposas adúlteras, e acender ou aplacar a cólera divina, conforme bem lhe parecia.

Quando, à noite, via do púlpito correr pelo céu alguma bólida, estendia os braços para cima, espalmava as mãos e, tomando uma postura trágica, implorava misericórdia para a multidão de pecadores que tinham observado o ameaçador asteroide. E como este desaparecia rápido, ficavam todos convencidos que acabavam de assistir a um incontestável milagre.

Ora, quando aquele frade chegou à Areia, já a fama de semelhantes virtudes e fatos extraordinários trabalhava na imaginação pública, e não havia quem não desejasse ver o *santo!* para começar a viver na graça divina. Como a coisa de que mais ele curava eram as relações íntimas do homem com a mulher, das quais, conforme pretendia, resultavam os demônios que habitam o mundo e perdem as almas, ordenou logo que durante as suas prédicas os homens e as mulheres formassem dois povos distintos,

divididos um do outro por um largo espaço limitado de cada lado por uma barreira insuperável.

Imagine o leitor as consequências da separação repentina de oito ou dez mil mulheres – de temperamento ardente e meridional – dos seus maridos, ou dos seus parentes varões, às dez horas da noite e em uma terra sem iluminação nem polícia!

Uma vez estava o frade em cima do púlpito a descrever a fealdade física do demônio, quando aparece berrando no meio do povo a cabra que amamentava Miguel. –Ei-lo aqui, mata-o! – foi o grito sinistro que ecoou nos ares, enquanto a multidão se erguia, e num redemoinho indescritível rolavam uns sobre os outros os vultos em desordem. Uma das primeiras cacetadas tinha quebrado um dos cornos do animal, que ganhara assim quanto lhe faltava ainda, para que a figura de uma pobre cabra espantada pudesse realizar o tipo medonho do anticristo.

– O diabo com um chifre só! – gritou o povo; e logo após: – Mata-o! Cruz, capeta! E a mãe do diabo também aqui!

Para encurtar a narrativa, bastará dizer que daí a poucos segundos a cabra estava morta, e a preta Bárbara, que corria atrás dela para a salvar, caía sem sentidos sob os golpes daquela gente fanatizada pela palavra e, principalmente, pelas artimanhas do caviloso barbadinho.

Quando a preta restabeleceu-se das contusões, Miguel havia emagrecido consideravelmente; cuidou então ela em nutri-lo de batata roxa, banana, mel de abelhas, e outros alimentos com que se criavam os negrinhos nas casas abastadas. Depois folgou de ver que a criança engordava, crescia e tornava-se cada vez mais bonita. Doía-lhe, porém, que sua senhora, que ostentava grande piedade pelas coisas de Deus, não permitisse ir à sala aquele inocentinho, cuja beleza eclipsava tudo quanto ela reputava inexcusável nos seus próprios filhos.

Por seu lado estes, mais crescidos e de uma índole má, não perdiam ocasião em que pudessem exercer no infeliz Miguel a

tiranía própria de tal idade. E a soberba senhora achava uma graça indizível naquelas malignas gentilezas, em que seus filhos já iam mostrando o que tinham de ser mais tarde. Um dia, irritada de ter ouvido gabar-lhe a perfeição física, mandou raspar-lhe a cabeça, e vestir-lhe uma camisa de algodão grosso, para esconder-lhe as graças do tenro corpinho.

Bárbara sentia tudo isto doer-lhe na alma. Não podendo, porém, expandir a sua mágoa, vingava-se em cobri-lo de beijos e o rodear de carícias quando, depois dos trabalhos do dia, o levava consigo para a cama. Até essa consolação faltou a ambos. Fanatizada pelos discursos do frade, a beata matrona descobriu lá pra si que era pecado deixar dormir perto de seus filhos um ente que, provavelmente, nascera de algum criminoso, e logo o separou da escrava, cujo leito era uma simples esteira de piri-piri posta no chão de um cubículo contíguo ao quarto onde dormiam os prezados meninos.

Finalmente, porque a criança estranhou a aspereza e o mal hálito do leito em que o puseram, chorou toda a noite. Ela, furiosa de raiva, levantou-se ao romper da aurora, flagelou-a desapiedadamente, e volvendo-se para a escrava, que, ajoelhada a seus pés, implorava a compaixão para o inocente, declarou-lhe que não queria mais vê-lo um só dia em sua casa, ameaçando de o mandar atirar aos porcos, se antes da tarde não o visse sair pela porta afora.

Foi um dia aziago para a pobre escrava, mas, graças aos seus esforços, pelo entenebrecer era Miguel levado à várzea, onde uma mulata idosa, que tinha três filhos já crescidos, se incumbira de o criar, em troca de um cordão de ouro, um grande coração do mesmo metal esmaltado, e uma cruz de prata dourada, que mandara oferecer-lhe a generosa Bárbara, privando-se assim do único tesouro que possuía e que lhe recordava os dias mais felizes da juventude.



II  
LIBERTO





No meio dos moleques do engenho, e como eles criado ao sol e às chuvas, atingiu Miguel a idade de três anos. A princípio, ia Bárbara vê-lo regularmente de quinze em quinze dias. Informada, porém, sua senhora de que a escrava deixava de ouvir missa para ir visitar o enjeitado, proibiu-lhe esse grande atentado contra a piedade religiosa, sob pena de mandar castigá-la, vendendo-a depois para longe de Areia.

Bárbara tinha uma grande fé em Deus, e sua medíocre inteligência multiplicava-lhe os próprios recursos nas ocasiões em que era necessário satisfazer um impulso do coração. Disto sabia ela pela experiência da sua vida e, principalmente, do tempo em que era mãe. Como das três joias prometidas à mulata que se encarregara de criar o enjeitado, ainda restava uma em seu poder, a cruz de prata dourada, que o barbadinho havia benzido, aproveitou, ela, esta circunstância, para exigir que a velha trouxesse Miguel à missa todos os domingos durante meio ano, depois do que lhe entregaria aquela relíquia, cujas virtudes deviam ser incontestáveis, desde que o santo homem lhe comunicara a infalibilidade da sua graça.

Apenas passaram-se os seis meses, e cumprira Bárbara a sua palavra, nem Miguel nem a velha apareceram mais na igreja da pequena cidade, ficando assim privada a caridosa escrava do prazer de ver seu protegido. Atribuindo a ausência de ambos ao fato de não haver mais esperança de ganho da parte da mulata, já havia imaginado mil modos de continuar a retribuir-lhe aquelas caminhadas, quando um escravo do engenho, com quem por acaso se encontrara, contou-lhe a verdade.

Bárbara pôs-se a chorar. A mulata havia sido vendida com seus três filhos a um espanhol que negociava com escravos, e passando a ser propriedade do seu novo senhor, levava consigo o enjeitado, por quem o estrangeiro manifestara a mais significativa benevolência. Acostumada aos desenganos da vida, a generosa escrava ficou inconsolável, porque bem sabia que, na essência, aquele simulado afeto não podia passar de uma artimanha cruel.

Desde esse momento não teve mais notícia do pequeno. Entretanto, os seus senhores moços cresciam, e os pais queriam dotá-los com escravos. Nessa intenção, iam comprando aos dois e três, sempre que uma oportuna ocasião se lhes oferecia, até que uma vez, cerca de quatro anos após a ausência da mulata velha, apareceu em Areia um sertanejo com muitos escravos para serem vendidos. Entre estes havia um pequeno de sete anos, pouco mais ou menos, de cabelo rente ao casco da cabeça, e configuração geral excelente para um pajem. Chamavam-no o *mulatinho*. Vivo, inteligente, “sabendo ler e contar como uma pessoa grande”, com um perfil, uma boca e uns olhos, que geravam inveja em quantos o viam; era ele a melhor peça do bando.

Compraram-no para o maior dos meninos, e como ele não acudia pelo nome de Jorge, com que fora vendido por derrisão apelidaram-no *Agavino*, isto é, filho do agave, ou, por outra, dos campos, das ervas – sem pai nem mãe. Quando o *mulatinho* entrou para a casa e foi se reunir aos outros escravos, os olhos de Bárbara arrasaram-se em lágrimas ao passo que os sorrisos escapavam-lhe da boca, impelidos por um irrefreável contentamento. Ansiosa e comovida até o fundo da alma, mas disfarçando o quanto podia os sentimentos que a agitavam, abriu-lhe o peito da camisa e, depois de olhar e observar a pequena figa de coral que trazia o escravinho pendurada ao pescoço, apertou-o nos braços e beijou-lhe mãos e face, como se o fizera a um filho predestinado. O futuro pajem do seu senhor mais velho não era outro senão o enjeitado Miguel!

A dor e o contentamento não cabiam no peito de Bárbara. Entretanto, ela os conteve à força de prudência, pôs-se a cismar na sorte daquele infeliz, que já não reconhecia, e cuja idade ainda não lhe permitia tivesse consciência da injustiça de que era vítima. Ocorreu-lhe o pensamento de ir à várzea tomar as testemunhas que pudesse, e denunciar o fato às autoridades; mas na sua condição de escrava arriscava-se a perder seu tempo, e, o que era pior, sofrer as consequências de semelhante temeridade.

Havia em Areia um homem cuja caridade tornou-se proverbial: era o doutor Aurélio, que a havia curado das cacetadas apanhadas no dia da fuga da cabra, e que, assim nessa ocasião como em outras, fornecera-lhe gratuitamente os remédios de que necessitava. Foi a ele que recorreu.

O caritativo médico quis tomar a si a responsabilidade do negócio, e pleiteá-lo judicialmente, mas a escrava temia que, mesmo de leve, sua senhora a suspeitasse implicada nele; e pedia pelo amor de Deus se não invocasse a justiça pública, coisa de que, força é confessá-lo, ela, no seu humilde intelecto, julgava com maior justeza do que muita gente ilustrada. Decidiu-se, então, que o menino havia de ser forro por meio de uma subscrição entre amigos, os quais tomariam por pretexto a compaixão que lhes inspirava a cor, evidentemente branca, do apelidado Agavino.

Quando Bárbara viu aquele inocente com a carta de alforria na mão, e sem saber o que fizesse dela, levantou-o nos braços e pôs-se, entre choros e sorrisos, a dançar pela casa, como possuída de um estranho contentamento. Então, não compreendendo a natureza daquela comoção, as parceiras murmuraram:

– Negra fingida! Isso tudo é falsidade... Está dançando e chorando de inveja. É mesmo coisa de quem não tem religião!

– Deixem estar – respondeu-lhes tranquilamente a escrava.  
– Deus Nosso Senhor está escondido, mas está vendo tudo.

Logo que foi noite, e que o serviço permitiu-lhe uma pequena folga, saiu com o liberto e o foi colocar em casa de uma

mulher conhecida pelo nome de *Mal-me-queres*, a qual vivia sozinha, e tempos antes mostrara-lhe desejo de ter consigo alguém que lhe fizesse companhia.

Bem que honesta, essa mulher – cuja alcunha provinha da fama do seu mau gênio – estava separada do marido; e os agravos que tinha dele eram tais, que os esforços do próprio barbadinho para reconciliar ambos os esposos foram baldados, pela absoluta obstinação dela.

*Mal-me-queres* morava por detrás de uma casa rica, em cujo interior era-lhe fácil lobrigar o que se passava, e em cujo quintal vinham folgar três meninas, das quais a menor era de uma perfeição pasmosa. Obrigou-se a nutrir o liberto, e a mandá-lo à escola, se, todavia, ele a ajudasse no serviço, que constava de arranjos de casa e engomados para fora.

Agavino fora um verdadeiro achado para a obstinada mulher. Diligente e asseado, adivinhando-lhe os pensamentos e executando as suas ordens com uma boa vontade nunca desmentida, em poucos meses tornou-se-lhe a providência do lar.

Ocupado com o serviço deste, e com seus estudos primários durante o dia, divertia *Mal-me-queres* com os contos da escola e as histórias que tinha lido, quando chegava a noite e a esses contos, a essas histórias não cessava de ajuntar os improvisos de sua viva imaginação, para cativar a atenção da mulher, que muitas vezes adormecia no meio da narrativa, não obstante tomar tudo aquilo por moeda corrente,

Uma vez voltada escola em um delírio de contentamento, e trazendo embaixo do braço um grosso volume, que ele acariciava como outras crianças a uma espada de pão ou a uma barretina de soldado. Era uma Bíblia em português, que lhe havia dado o mestre, por estar velha e lhe faltarem duas ou três páginas.

Ler histórias antigas, casos estranhos, aprender naquele livro tão grosso, de que tanto ouvia falar, desvendar a ciência da gente grande, do padre e do mestre, a quem ele tinha por dois

Salomões\* em sabedoria, era a realização do melhor dos seus sonhos. Em menos de um ano, tanto ele como Mal-me-queres aprenderam de cor e salteado tudo quanto está encerrado no Novo e no Velho Testamento.

Então no seu entendimento foi se desenhando a ideia da bondade, da beleza, da justiça, do dever e do sacrifício, que dantes ele sentia em sua mente como uma noção indeterminada e confusa; e com essa ideia uma vaga aspiração de virtude, bem rara de encontrar-se em tão tenra idade. Os grandes tipos da antiguidade bíblica, aqueles colossais modelos de valor, de paciência, de heroísmo, aqueles profetas e aqueles guerreiros do Antigo Testamento, o *Livro dos Macabeus*, e sobretudo os Atos dos Apóstolos, do Novo, tinham-no impressionado profundamente. Ao passo que a história das virtudes femininas, o *Livro dos Provérbios* e os quatro Evangelhos abalaram o ânimo de Mal-me-queres, diante de quem Agavino lera-os e relera-os mais de dez vezes.

Desde esse momento, cada um dos dois não teve mais que um desejo: ele de realizar em si algum daqueles tipos graves e imortais do grande livro, ela de aplicar aos fatos da sua vida as sublimes doutrinas do Evangelho de Cristo. Então, a noite não lhes trouxe mais a simples distração de outrora, mas a meditação nele e o arrependimento nela.

Agavino tinha uma grande disposição para a poesia e as artes da forma. Os seus cadernos da escola, as margens dos seus livros, e até as paredes internas da casa estavam cobertos de desenhos e de pensamentos escritos, que faziam pasmar. E quando alguma porção de matéria plástica, como a cera ou a argila, caía-lhe entre as mãos, Mal-me-queres já sabia que daí a pouco mais um boneco fantasiado lhe adornaria a mesa do trabalho.

Mas quem deveras se alegrava com aquilo era a preta Bárbara, quando ia à casa de Mal-me-queres.

– Este tem a sua vida ganha – dizia ela –, a madrinha e mais o padrinho estão pedindo por ele no Céu.

Um dia, depois de contemplar muito uma figura da Madalena aos pés de Cristo, que o menino desenhara conforme o texto bíblico, Mal-me-queres chamou-o para junto de si, e o mandou escrever o que ela fosse ditando. Era uma proposta de reconciliação ao marido, o qual habitava uma choupana de palha nos confins da cidade. Escrita com singeleza de coração, começava e terminava com as frases mais adequadas da Bíblia, e quem a lesse, veria quanto era sincero o arrependimento da que a ditara. Agavino foi o portador do papel, e quem o leu ao pobre homem, que pôs-se a chorar de contentamento.

A resposta não se demorou muito: foi um presente de espigas de milho, ovos, laranjas e ananases, tudo coberto de flores campestres, e acompanhado da promessa que iria jantar com sua mulher. Quando Agavino voltou, Mal-me-queres abraçou-o ternamente, e exclamou olhando para, cima – Por que, oh! meu Deus, nunca me destes um filho! Ao menos eu não teria abandonado meu pobre marido!

A reconciliação efetuou-se às quatro horas da tarde, e Agavino, que havia adornado a sala e a mesa do jantar com a melhor arte que sabia, não se esqueceu de colocar no lugar destinado à sua protetora duas bananas gêmeas, rodeadas de perpétuas e Mal-me-queres, para significar-lhe que o casamento, conforme está escrito nos Evangelhos, deve unir perpetuamente os dois cônjuges.

Foi a festa da singeleza e do coração! Juntos um do outro, mudos a princípio, e depois balbuciando de contentamento, os dois esposos não sabiam como agradecessem ao Criador o haver-lhes mandado aquele bom menino, a cujos estudos deviam, em última análise, a paz do consórcio, que acabavam de assinar em suas consciências.

Passados aqueles primeiros dias de felicidade, cuidaram em recompensar Agavino, a cuja atividade para o trabalho deviam igualmente as novas posses de sua modesta casa. E nessa intenção

deram-lhe meia dúzia de bacorinhos, que dias antes haviam nascido no quintal de Mal-me-queres.

Agavino tinha pouca inclinação para as combinações comerciais. Como todas as crianças pobres, desejava ser rico, porém imaginava uma riqueza vinda do Céu, como a Graça de Deus ou o maná do deserto. Esse traço distintivo do seu caráter influiu, como veremos no transcurso desta história, em todo o resto de sua vida.

Conhecendo este defeito, tão em desacordo com a atividade moral e física do menino, Mal-me-queres incumbiu-se de administrar-lhe os humildes bens, os quais – como acaso o saberá o leitor – multiplicam-se com uma rapidez espantosa. Graças a estas circunstâncias, e às incessantes combinações da mulher, em poucos anos tornou-se Agavino possuidor de muitos bois, cabras e carneiros que, juntos, valiam uma boa soma de dinheiro. Era um pequeno haver, que ele nunca deixaria de considerar com a gratidão que a experiência dos dois esposos já havia descoberto no seu caráter.

Reunindo a esta qualidade o mais vivo sentimento da justiça, o menino nunca vira um colega de aula maltratar a outro mais fraco, sem tomar a defesa deste. E até as injustiças do mestre, praticadas durante as horas de estudo, ele as criticava, comentava, e com tanto acerto, que os condiscípulos o aplaudiam calorosamente reunidos em torno. Quando dois brigavam, era ele chamado para decidir, como juiz, de qual dos lados estava a razão, e se a contenda continuava, metia-se de permeio a apaziguá-los, convencendo-os de que a discórdia era coisa imprópria entre colegas que se deviam querer.

No meio deles havia um madraço, já rapagão, chamado Ruines Gama, e conhecido entre os colegas pela expressiva alcunha de *general Capeta* (ou diabo); o qual era de uma índole detestável, e o mesmo para quem ele fora comprado quando tinha sete anos. Todas as distrações do *general Capeta* ou eram cruéis ou imorais.

Em casa cortava os tarsos às galinhas, furava os olhos aos cães, ou deitava fogo aos ratos molhados em álcool, para vê-los correrem e pinotear de dor, diante dos negros da cozinha, a quem obrigava a rirem-se e a estarem contentes, como Nero à gente de Roma quando lhe exibia os próprios talentos artísticos.

E a mãe aplaudia aquelas graças estúpidas em que seu filho ia mostrando quanto pode uma índole ruim, não reprimida pela educação.

Fora de casa o rapaz era incansável em fazer mal aos outros, devassar quintais alheios para cortar frutas, injuriar pessoas, graves e inofensivas, envenenar cães e pássaros da vizinhança, e até escrever cartas obscenas a moças solteiras dignas de todo acatamento.

Agavino era completamente o contrário. Tão exemplarmente respeitoso e honesto quanto generoso e sensível, considerava-se infeliz de não ter força bastante para castigar aqueles que cometiam semelhantes covardias.

Um caso, na aparência sem importância, veio ocasionar uma luta obstinada e fatal entre esses dois caracteres tão opostos, cujo antagonismo já as contendas escolares tinham transformado em ácida rivalidade. Desde certo tempo, reparava Mal-me-queres, que os livros já não eram a principal distração de Agavino; que ele vestia-se e penteava-se melhor, demorava-se mais tempo fora de casa, tornando-se de dia para dia mais pensativo; e quando voltava da aula, não tirava os olhos do quintal onde brincavam as três meninas de quem falamos no começo deste capítulo, e das quais a mais nova, que atingia a idade de dez anos, parecia ser o original de uns retratos a lápis, que ele se comprazia de reproduzir em todos os seus cadernos. Chamava-se Palmira.

Pelo seu lado, muito mais perspicazes do que a pobre mulher, os rapazes da escola já tinham tornado axiomático entre eles que Agavino podia se gabar de ser amado da mais bela de entre as meninas de Areia. Ora, por uma tarde de verão, em que

miravam-se um no outro, ele trepado nos galhos de um cajueiro que havia defronte de casa, e ela assentada sob os jambeiros do quintal, surgem de um beco vizinho uns seis ou oito companheiros de aula, armados de bodoque e acompanhados de Ruines Gama, que os levava até longe da cidade, aonde iam passarinhar. Vendo a menina correr para dentro de casa, começaram a gracejar com Agavino, chamando-o de *noivo*, e celebrando-lhe a felicidade quando se casasse com Palmira; acrescentando que, ao menos daquela vez, Ruines Gama, que tanto se jactava de ser o preferido das areienses, fora vencido pelo seu jovem rival.

Despeitado a um tempo pela inveja e pelo rancor, o *general Capeta* – cujas atrevidas olhadas tinham sempre encontrado o desdém da menina, – acudiu em grita, para que ela o ouvisse claramente:

– Rival não! Eu não sou *rival* de um miserável liberto, que já foi meu escravo!

Os outros cuidavam que Agavino voasse da árvore sobre aquele mau colega, que o insultara e a quem não temia; mas envergonhado o “liberto” desceu tristemente e foi se esconder em casa, tremendo ao imaginar que Palmira podia ter ouvido a afronta.

Quem a ouviu, porém, foi Mal-me-queres, que, aproximando-se de Ruines Gama, repreendeu-o por ter dito coisa tão dura a um bom discípulo; explicando depois aos rapazes a maneira como Agavino, que era livre, fora escravizado e vendido, e a razão porque não foi o negócio levado aos tribunais.

Logo que a mulher acabou de falar, Ruines Gama e os companheiros desapareceram. Condoída da tristeza daquele que tantos benefícios lhe havia feito e a quem ela tanto amava, Mal-me-queres o chamou para junto de si e pôs-se a contar-lhe a triste história cujos pontos essenciais ele ignorava completamente. Quando concluiu, o pequeno olhou para ela com expressão de quem acabava de fazer um achado, e perguntou-lhe:

- E não se poderia vender todo o meu gado?
- Pode-se, e até ganharias muito dinheiro; mas o que importa isto ao caso? Não és livre hoje?
- Sou-o, porém Bárbara não está sofrendo no cativeiro, ela que é tão boa?

Havia apenas Agavino pronunciado o nome da generosa escrava, quando entra ela soluçando e balbuciando como uma criança. A mesquinha trazia o corpo todo contuso, a cara ensanguentada; e curvando-se até o chão para poder abraçar pelos joelhos a Agavino e a Mal-me-queres, pedia-lhes, por quantos santos havia, que a escondessem e livrassem da cólera de sua senhora, e de seu senhor-moço Ruines Gama, o qual corria atrás dela e a queria matar!

Para não desdobrarmos diante do leitor as cenas que então se passaram por onde era procurada a escrava para ser severamente punida, diremos somente que o gado de Agavino foi vendido, e que, com o produto dessa venda, e graças à energia do doutor Aurélio, ao cabo de doze dias pode a infeliz obter a sua carta de liberdade, e sair do quarto do menino, onde durante todo aquele tempo estivera trancada, sem ver a luz do dia.

III  
SALVADOR





Mal-me-queres possuía uma pequena área de terras nas proximidades de Areia. Era em lugar pitoresco, saudável, refrescado por muitas fontes perenes, e cercado de matas virgens, onde abundavam os veados, as pacas, os tatus, e mais caça própria das florestas paraibanas. Nessa pequena terra havia uma palhoça abandonada e em ruínas, mas que se poderia habitar, fazendo-se-lhe alguns consertos. Além disto, o terreno era fértil, o pasto copioso, as árvores em grande parte frutíferas, e as águas abundantes em peixe. Numa palavra, era um excelente lugar para nele estabelecer-se uma dessas modestas propriedades, meio suburbanas, meio rurais, a que os paraibanos chamam *sítios*, e que guardam uma justa proporção entre a *chácara* e a *fazenda*.

Querendo escapar aos libertinos caprichos de Ruines Gama, cujo terrível gênio ela mais que ninguém temia, ofereceu-se a liberta aos dois esposos para cultivar o pequeno terreno, criar aves de terreiro, e lhe ir fazendo aqueles melhoramentos que dependessem da sua boa vontade. Mal-me-queres e seu marido aceitaram de bom grado o oferecimento, e quando rompeu a alvorada partiram todos em companhia de Bárbara, e foram deixá-la no *Arrebol*, nome com que batizara Agavino aquele gracioso sítio, cujos campos, literalmente cobertos de boninas auri-purpúreas, logo o impressionaram.

Alguns dias depois, a boa preta voltou à Areia, trazendo muitas frutas, umas cultivadas, outras agrestes, e a notícia de que, sob uma choupana construída de ripas de pau-d'arco e palmas de palmeira – à sombra da qual ela tinha experimentado o quanto é doce dormir um sono *livre* –, esperava passar tranquilamente o

resto da vida, aumentando o valor do pequeno mas fertilíssimo sítio, cujo único defeito era ter tanta cobra, que todas as noites ela se via obrigada a queimar um pedaço de chifre, cuja fumaça as afugenta, para poder dormir sem medo delas.

Entretanto, tudo continuava em paz, os esposos acrescentando os poucos bens da sua pequena casa, Agavino trabalhando e estudando, e Bárbara vindo de dias em dias vender na feira de Areia, e em proveito de todos, os frutos que colhia e as galinhas que criava.

Uma inopinada conjuntura veio pôr termo à felicidade daquelas quatro criaturas honestas e tementes a Deus. Foi num dia de Santa Ana, em que Mal-me-queres tinha ficado na choupana de Bárbara, enquanto esta e Agavino andavam pelo sítio colhendo flores e frutos, para irem celebrar em Areia a festa daquela santa, na qual Mal-me-queres tinha muita fé. Iam os dois libertos atravessando uma vereda, que costeava um pequeno brejo coberto de taiobas e semeado de pedras – por onde mais de uma vez, ao perpassar, crera Bárbara ver fugir coisa semelhante a uma grande serpente, como ela ouvia dizer que eram as jiboias –, quando se lhes depara o general Capeta acompanhado de dois ou três companheiros infalíveis de suas caçadas à bodoque. Uma jiboia, que fosse, não teria produzido maior susto no ânimo da pobre mulher; ao passo que o próprio Ruines Gama, como tomado de um inexplicável espanto, escondia-se de ambos, precipitando-se no pântano com os companheiros.

Ora, apenas se haviam internado no brejo, saem estes assombrados, e gritando que uma grande cobra acabava de agarrar Ruines Gama. Com efeito: a uma pequena distância dentro das taiobas, via-se redemoinharem velozes as largas e grandes folhas do espesso touceiral, e ouvia-se o sibilar da serpente, de vez em quando acompanhado de um grito, ou gemido prestes sufocado.

Não havia dúvida: o imprudente rapaz caíra em alguma cilada fatal. Sem mais demora, largou Agavino as frutas que levava,

e empunhando com energia a pequena foice com que as havia separado das árvores, e a cujo conto tinha amarrado uma vara para aumentar-lhe o alcance, pulou no brejo, sem dar tino de Bárbara, que ouvindo os gritos do seu antigo senhor – a quem temia mas estava longe de odiar –, caiu sem sentidos na ribanceira, enquanto os companheiros de Ruines Gama fugiam na direção da cidade.

É fácil imaginar uma grande cobra retorcendo-se por cima de um corpo humano, e procurando tolher-lhe os movimentos e a vida. A impressão, porém, eminentemente horrorosa, que produz a realidade do fato, é que seria impossível calcular a quem nunca o observou. Imagine-se um réptil de vinte e mais palmos de comprimento, e grosso como a estípite de um coqueiro, de cor terráquea e com grandes arabescos negros sobre o dorso roliço, de cabeça achatada e desproporcionadamente pequena, de olhos privados de pálpebras e dotados de um olhar a um tempo repugnante e atraente como um abismo, com a cauda fixa num tronco ou uma pedra, e o resto do corpo enovelado como uma teia de aranha por cima da presa. E de entre as muitas voltas daquele corpo monstruoso e elástico saindo, ora sobremodo avermelhado, ora horrendamente pálido, um braço, um joelho, um pé, ou uma cabeça de pessoa conhecida, tudo isto num estrebuchar diabólico, em que os robustos anéis, cada vez mais estreitos, vão tolhendo os movimentos, torcendo os membros, rasgando as articulações, fazendo estalarem os ossos, e impossibilitando cada vez mais o arfar da vítima assim martirizada, e ainda se não terá uma fraca imagem do espetáculo que tinha Agavino diante de si.

A enorme serpente já formava com Ruines Gama um bolo informe, no qual em vão se procuraria de repente distinguir-se-lhe a cabeça, e cuja única parte que se podia percutir sem risco de ferir o desastrado rapaz era a cauda do animal, firmada, por sua ponta córnea e aguda, na fenda de uma das pedras, que lhe serviam de ponto de apoio naquelas atléticas operações. Foi aí que Agavino vibrou o primeiro golpe.

A dor da ferida fez a serpente afrouxar os músculos, desenrolar-se, largar a presa, e lançar-se furiosa contra o seu ousado agressor; mas um segundo talho, partindo-lhe o colo, fê-la enovelar-se por sobre as partes sangrentas, retorcer-se e girar convulsa em espirais sobre si mesma, estrebuchar no lodo, e ir-se aquietando até ficar de todo estirada e imóvel.

Quando Agavino viu aquele monstro com a cabeça separada do corpo, e debatendo-se entre as plantas revoltas, por cima do charco ensanguentado, voltou-se para o antigo colega e pôs-se a chamá-lo pelo nome para ver se se erguia. Como, porém, Ruines Gama não dava acordo de si, ele, com grande esforço e chamando por Bárbara, o foi alevantando nos braços e arrastando-o até a ribanceira, à beira da qual a preta, recobrando os sentidos, olhava espantada para aquela cena, sem ainda crer completamente em seus olhos.

Entretanto, foram os dois a muito custo carregando o doente nos braços, caminho da palhoça, onde a liberta esperava dar-lhe a beber um pouco de vinagre, e ir-lhe enxugando as roupas, enquanto Agavino voava à casa dele a dar parte da fatal ocorrência. A presença de Mal-me-queres no sítio do Arrebol fora, porventura, um caso providencial; porque além de ser muito entendida em matéria de mezinhas para toda a casta de doenças, tinha muito desejo de reconciliar com ambos a família de Ruines Gama, e não deixaria de aproveitar aquela excelente oportunidade.

Qual não foi porém a consternação de Bárbara, e principalmente de Agavino, quando avistaram a palhoça incendiada, e a uma pequena distância das cinzas, ainda fumegantes, a pobre mulher inanimada, quase nua, e com o corpo coberto de queimaduras!

Tornando a si, a infeliz só teve tempo de contar-lhes, que estava passando pelo sono, quando sentiu o calor do incêndio, e que, achando a porta fechada, fora obrigada, para sair, a varar as paredes incendiadas, das quais o fogo ateou-se-lhe às roupas.

Pedindo socorro, e olhando para todos os lados em busca de Agavino e Bárbara, avistara três ou quatro rapazes que fugiam na direção do brejo, e dos quais o maior afigurava-se-lhe ser o mesmo que ali jazia num estado quase tão deplorável como o dela.

Às nove horas da noite estava Ruines Gama rodeado de mimos em seu leito macio, enquanto a pobre mulher, deitada debaixo de uma pitombeira, e assistida simplesmente do seu consorte, do menino e da liberta, rendia a alma a Deus naquela triste noite da santa de sua devoção.

Na manhã do dia imediato foi a falecida posta em uma rede, e levada aos ombros de seu marido e de Agavino para a igreja de Areia, onde naquele tempo ainda se sepultavam os cadáveres; e depois de encomendada desceu à cova, deixando mergulhados na tristeza aqueles dois fiéis e inconsoláveis corações.

O rapaz, porque sobrava-lhe a seiva da sua idade, resistiu àquela grande dor; porém o viúvo, já adiantado em anos, foi definhando rapidamente, até sentir-se de todo sem esperança de vida. Então chamou a Agavino para junto do seu leito, e falou-lhe assim: – Tu sabes, meu abençoado menino, que eu não poderei durar muitas horas, e que a ti, que és para mim tanto como um filho, devo todas as consolações destes últimos anos da minha vida. Quando eu morrer, enterra-me ao lado da minha saudosa mulher, e toma para ti o sítio do Arrebol, esta pequena casa, que me pertence, e tudo quanto achares dentro dela. Vem, deixa-me beijar esta boa frente, onde Deus colocou tanto talento... Continua a ser bom, meu filho... Adeus!

E o bom velho expirou nos braços de Agavino, que em pranto beijava-lhe as mãos, descarnadas e quase frias.

Logo que viu que já não havia calor naquele corpo, foi o moço executar a última vontade do falecido no que tocava à sua sepultura, e ao mesmo tempo Bárbara rezava e adornava a casa para o enterro.



IV  
TENTADO





Quando tudo foi passado, Agavino abriu um grande armário de cedro, no qual os falecidos esposos costumavam guardar o que de melhor possuíam, e achou dentro de um esôfago curtido de ema, amarelado e longo como a pele de uma serpente, grande quantidade de moedas de ouro, cujo valor total, ajuntando-se-lhe o da casa e do sítio, representaria uma modesta fortuna de homem solteiro.

Por esse tempo a reflexão já começava a dominar os pensamentos de Agavino, cuja idade, entretanto, ainda não ultrapassava os dezessete anos, mas cujo caráter já se revelava falto daquilo a que nós chamamos egoísmo, mas que em linguagem menos crua se apelida *prudência e amor da ordem*. À parte uma boa biblioteca, que mandara comprar em Pernambuco, o sítio do Arrebol, que dera à Bárbara depois de mandar reedificar a antiga casa, e um pouco de dinheiro, que reservava para viver até poder ensinar a literatura latina, a filosofia e a música, que estudava com predileção, em dois ou três anos distribuiu Agavino aos pobres e necessitados tudo quanto havia possuído.

Todavia as qualidades do seu espírito, do comedimento da sua palavra, e esse mesmo desinteresse, tão vituperado pelo seu professor de filosofia – um velho e honrado sacerdote, que não cessava de repetir-lhe que, se ele desejava a mão de Palmira, não devia ser tão “desperdiçado” –, tinham-lhe granjeado a simpatia e o respeito da maior parte dos moços sisudos de sua terra natal.

Ora, concluía ele os estudos, quando passa por ali um bando de ciganos, entre os quais havia uma moça de notável beleza. Era uma esplêndida figura oriental, com os olhos e os cabelos

negros como o ébano, a boca vermelha como o coral, a tez morena como o jambo, e o coração ardente como o deserto. Fazia medo amá-la, porque o seu amor devia ser irresistível como a ira das leões ou as tempestades do Saara. Parecia que aquele que o possuísse, devia também possuir o segredo de domar as feras, ou de quebrar a força dos ciclones. Os ciganos jovens do bando não gostavam dela, porque repelia-lhes os rudes galanteios, parecendo pôr mais alto a mira dos seus ardorosos desejos. Entretanto, ninguém poderia lançar-lhe em rosto uma só culpa contra a própria honra, que não a havia em toda a sua vida errante.

Dotada de um notável talento de improvisação poética, e tendo apenas dezoito anos de idade, chamava-se Rachel essa mulher singular. Contam que indo aos dois anos nos braços de sua mãe – cigana instruídíssima e madrasta do historiador oriental Ram-Raz\* –, gabaram-lhe a beleza uns sertanejos que a admiravam, e que a matrona, empertigando-se faceira, respondera-lhes com jactância: – São obras minhas, vossas senhorias! – arrogando-se assim o mérito exclusivo na produção do primor.

Rachel havia herdado aquela maneira de amar.

Quando o bando chegou a Areia, o melhor lugar devoluto que havia para se arrancar era um vasto telheiro construído a poucos passos da morada de Agavino. Foi aí que os ciganos armaram as redes.

Semelhante à fogueira noturna, que apenas acesa ao pé da mata rodeia-se de incautos insetos e os vai fazendo cair na voragem de suas chamas, assim o improvisado aduar atraiu logo em torno de si quase tudo quanto em Areia podia sofrer as deliciosas fascinações da feminina beleza. Os moços areienses estavam namorados da encantadora cigana. Mas ela, desprezando os titilantes olhares que de todos os lados lhe atiravam, parecia ter na mente algum misterioso objeto, que lhe prendia a atenção, ao mesmo tempo que lhe desatava os avarentos sorrisos. A verdade era que, por entre aquelas cabeças de jovens, e um tanto além, lá na janela da

casa fronteira, Rachel avistara Agavino, em cuja altiva e nobre fisionomia cuidou descobrir o homem que o destino havia talhado para dominá-la, e em cuja curiosidade creu ler coisa diversa da admiração que suas perfeições deviam despertar em uma alma de artista.

A indiferença, porém, do moço foi tão manifesta, que os mais ciganos a tomaram por tema de suas despeitadas chocarrices.

Rachel não costumava responder com palavras. Se, porventura, achava o caso difícil, recorria aos conselhos de Radamina, sua mãe, e procedia conforme a inspiração da velha cigana, cujo impetuoso caráter reproduzia-se nela com a afoiteza que lhe dava a exuberância, de juventude e a consciência de sua própria formosura. Logo uma carta ao moço, e logo outra, e mais outra, foram as mensageiras do estremado afeto. Apesar, porém, do ardor que lhes pusera, a cigana esperou em vão a almejada resposta. A impaciência, a dúvida, e a tortura porque estes dois sentimentos iam-na fazendo passar, determinaram-na a recorrer ao oráculo. – Quando, ao perfume das cartas, à linguagem escrita do amor, à sedução de uma trancinha de cabelos, em que parece ir uma partícula da existência real da mulher apaixonada, o homem resiste, só resta tentar um meio de abalar-lhe a aparente insensibilidade: e opor-se-lhe a presença da própria criatura. A natureza é mais forte que o artifício. – Tal era o parecer da velha Radamina.

Às onze horas da noite, ouviu Agavino bater à porta. Largou o livro e desceu do sótão a ver quem o procurava. Havia apenas dado volta à chave, quando uma mulher precipitou-se-lhe na sala. Era Rachel. Trazia o cabelo repartido em duas tranças, que desciam-lhe até as curvas das pernas, num vestido cor de rosa guarnecido de veludo preto, e tão exageradamente decotado que a menor pressão do braço faria pular do corpinho o seio primoroso; um xale escuro sobre os ombros, botinas de marroquim encarnado, e finalmente os braços nus, adornados, como o colo, de cordões de ouro e fios de coral.

A luz da lâmpada bateu em cheio no vulto da cigana, em cujas dilatadas pupilas assomava a mais ardente estuação do amor. Agavino ficou mudo e imóvel vendo diante de si, sozinha e à distância de um beijo, aquela voluptuosa figura, que durante muitos dias ele admirara de longe, simplesmente, beatamente, como se admira a profundeza do céu ou o esplendor dos astros.

Quando ela julgou que o moço devia ter observado os dotes do seu corpo deslumbrante, começou a falar. Foi uma declaração extremosa, veemente, cheia de ardores e ternuras, que pintava bem a situação desesperada da mulher que ama a quem a despreza. Começou por perguntar-lhe se ele não havia compreendido os seus sorrisos, e, particularmente, se não havia recebido as suas cartas, queixando-se ao mesmo tempo do desdém que afetara Agavino após haver-lhe lançado – como o pretendia ela – tão *provocadores* olhares. Se, porém, era mister que ela lho dissesse, desculpasse-lhe o moço tanta afoiteza, mas que o amava loucamente; acrescentando que, sob o exterior de uma moça aventureira, e privada das prendas que são o apanágio do que se chama boa educação, ele descobriria, se o quisesse, uma alma capaz de compreender a sua, e um coração formado como o das mulheres mais ternas; que se a amasse, ela abandonaria aquela vida errante, para a qual, era-lhe grato confessar, sempre sentira a mais invencível aversão; e viveria a seu lado como uma amiga agradecida e uma esposa fiel; que, finalmente, se ele persistisse em desprezá-la, ela não hesitaria em pôr termo a uma existência que semelhante ingratidão tornava para sempre infortunada.

Firmada de costas na porta, com a mão sobre a chave, os olhos cravados nos de Agavino, e os pés afastados um do outro e distantes do umbral como para sustentarem o empuxo do corpo, Rachel sentiu por vezes falecer-lhe a natural ardidez, e por vezes pensou em chamar pela velha cigana, que ficara do lado de fora, atenta ao que se passava dentro. Quando concluiu o impetuoso desabafo, tomou alento, pegou fortemente na destra do moço e perguntou-lhe se ele não lhe respondia.

A mão de Agavino estava fria como a de um cadáver e seus lábios mudos como se os houvesse paralisado a terrível surpresa. Nunca ele havia respirado uma atmosfera semelhante àquela que a sedutora Rachel exalava em torno de si; nunca seus olhos haviam contemplado de tão perto a doce lanugem de um colo feminino, e por baixo dela o mimo de um seio virginal, arfando de susto no delírio do sensualismo e do amor; em todo o decurso de sua vida, fora aquela a primeira vez que ele sentira derramar-se-lhe até a profundidade da alma e do organismo a febre da volúpia em toda a sua terrível intensidade: Agavino carecia, para vencer-se, de um esforço dez vezes maior do que o da cigana para desempenhar o difícil papel de conquistadora que ela, quase mau grado seu, representava pela primeira vez.

Quase mau grado seu, dizemos, porque não obstante amar ao moço com o transporte e o entusiasmo do seu ardente caráter, custava-lhe expor-se daquela arte a uma desairosa recusa, que não deixaria de esmagar a altivez nativa da donzela que sempre soube repelir os mais lisonjeiros protestos de amor.

E foi justamente o que aconteceu. Um instante vergado sob o encanto da sedução, Agavino recobrou prestes a possessão de si mesmo, entrando em confiança com as vozes íntimas do seu ser interno. Tinha dó da desgraçada, que assim sacrificava o amor-próprio a uma paixão insensata, e que ele podia enganar facilmente, abandonando-a depois de saborear-lhe os voluptuosos penhores; mas era o tipo do homem moço, isto é, bom e leal, e sentia antes de tudo que a probidade devia ser o dote das almas bem formadas, como a generosidade o era dos corações grandes e nobres

Sua resposta à formosa cigana encerrava tanta doçura na expressão, quanta sinceridade na substância. Começava agradecendo-lhe aquelas sinceras expressões de um amor que ele tão pouco merecia. Dava-lhe a certeza, assim, da sua gratidão, como da estima em que sempre teria a ela, Rachel, cuja grande

coragem ele estava admirando naquele momento. E depois de expor-lhe sucintamente as causas que lhe tolhiam a liberdade do coração, pedia-lhe tornasse ao aposento de sua mãe, onde sem dúvida havia de distraí-la a reflexão, e consolá-la a consciência de uma formosura digna de inspirar em mais nobres mancebos do que ele a mais viva simpatia; concluindo por lhe ponderar o risco que correria a reputação de tão linda donzela, se semelhante entrevista se prolongasse demasiadamente.

Reprimida tanto pela situação quanto pelo natural pudor, a alma de Rachel carecia encontrar um obstáculo, uma dificuldade, para mostrar-se em toda a sua descomunal energia. Essa dificuldade achou-a a cigana nas leais declarações de Agavino.

– Ah! Então não é tão solitário como eu cuidava?! – Disse-lhe em tom de acerba ironia. – E ousa atirar para longe o favo que lhe caiu nos lábios, para saborear mais tarde a cidra infame que amadurece no quintal alheio? Pois bem: dormirei hoje aqui!

E fechando sucessivamente as três portas que davam acesso para a sala pelos chãos da casa, tirou-lhes as chaves e pôs-se a rir da surpresa que tudo aquilo ia causando ao moço.

– Como determinar – respondeu-lhe este sorrindo –, na certeza de que não me acho com força bastante para guardar em minha casa semelhante tesouro. Boa noite... sedutora!

Pronunciando estas palavras, fez-lhe Agavino uma graciosa mesura, e desapareceu na escuridão da escada que dava ingresso para o sótão.

Persuadida que ele voltaria, a cigana reclinou-se na marquesa da sala, puxou a lâmpada para perto de si, desabotoou o corpinho do vestido, e foi procurando realçar os seus dotes físicos – de extraordinária perfeição – por meio de uma postura que inflamasse de amor quem quer que do lado do sótão a considerasse. Estranhando, porém, o absoluto silêncio que, alguns minutos depois, começou a reinar no aposento, pegou na lâmpada e subiu a pequena escada. O sobrado estava deserto!

– Que homem vil, grande Deus! – murmurou irada. E voltando-se para um retrato de Palmira, que ali estava suspenso, arrancou-o da parede, calcou-o aos pés e, cuspidno-lhe nos fragmentos, cobriu-o das mais horrendas imprecações. Depois abriu os armários e as gavetas que encontrou, deu duas ou três voltas pela câmara, espalhou pelo soalho a roupa e os livros de Agavino, e desceu à sala, onde de novo pôs-se a repetir aquelas cenas de uma fúria trivial, à que a extrema prudência do moço havia reduzido o desejo da cigana de concluir a sua noite por um espetáculo mais digno de si.

Em casa de Agavino, não havia sequer uma arma! E para cúmulo da desgraça da moça, a altura da janela do sótão não lhe prometia uma queda mortal, mormente depois de considerar a sem-cerimônia com que ele parecia tê-la transposto.

O que, porém, fora feito do areiense, e da cigana mãe, a qual, conforme se lembrará o leitor, espreitava do lado de fora do aposento o que se passava dentro? É justamente o que vamos contar, remontando primeiramente a algumas ocorrências que antecederam estes últimos fatos.

Logo que percebeu a inclinação de Rachel e, interrogando a jovem cigana, esta lhe declarou a sua paixão, começou a velha Radamina inquirir da fortuna, da educação, da índole, de todas as circunstâncias, enfim, que pudessem esclarecê-la acerca do homem que sua filha desejava por esposo. Informada de tudo, e particularmente do caráter de Agavino, mas desacoroçada com a pouca homenagem que ele parecia render à paixão da encantadora rapariga, principalmente depois que esta lhe escrevera, concebeu um plano que não deixava de ser arriscado, mas que era talvez o único exequível naquela conjuntura. Resumia-se em propalar que o moço procurava atrair Rachel ao seu próprio aposento, e depois de lançá-la nos braços dele, provocar tal escândalo, que o constrangesse, para diminuí-lo, a conservar a moça em sua companhia, libertando-a, a ela Radamina, daquela filha caprichosa e terrível.

Não se passaram as coisas com tanta singeleza. Apenas, com efeito, cessou o diálogo entre Agavino e Rachel, e percebendo a velha que tudo estava quieto e silencioso, retirava-se contente, persuadida que o seu ardil surtira o desejado efeito, avultou-lhe na frente o homem que ela cria inebriado nos braços de sua filha. A tênue brancura de um luar quase extinto bastou para que Radamina o reconhecesse à primeira vista d'olhos. Um grande calafrio passou-lhe pelas entranhas, mas era mestra na arte de transmutar-se, e a despeito do espanto que lhe causava aquela inesperada aparição, falou assim ao moço:

– Por aqui a estas horas?! Então está tão impaciente por se casar, que deixa a noiva e vai buscar o padre, vossa senhoria?

– Não ia buscar o padre, não; – respondeu-lhe secamente Agavino. Ia, sim, procurar-vos, Radamina, a vós própria, que eu supunha com os vossos companheiros, para vos dizer que vossa filha entrou, por sua livre vontade, em minha casa, e lá está à espera que a salveis...

– À minha espera?! Essa é boa! E que tenho mais eu com sua amante?

– Minha *amante*!? Como o poderia ser, se não há vinte minutos que a vi pela primeira vez perto de mim, e já aqui estou, depois de pedir-lhe que me deixasse, observando-lhe que sua demora em minha casa arriscaria a sua reputação de donzela?

– Ora vejam só a lábia do perverso! – retorquiu a velha depois de sibilar entre sorrisos o mais irônico psiui! – Seduz a criança, tira-a da companhia de sua mãe, prometendo-lhe mundos e fundos, desonra-a, e... traz! um pontapé nas cadeiras: a pobre velha que aguenta com o neto! Pois agora, meu nobre senhor, o remédio é casar-se com a mãe de seu filho, se quiser evitar o escândalo...

– Mulher depravada e má! Tu mesmo é que estás caluniando tua filha, e ainda ousas falar de *evitar eu o escândalo*! Vem já buscá-la, ou então irei bater de porta em porta, para anunciar a todos o que acaba de acontecer!

– Mais devagar, mais devagar, ilustre cavalheiro. Vossa senhoria não conta com a incredulidade pública... Qu...al! Mulheres de Putifar\* há muitas, mas onde já lá vai a época dos Josés do Egito!?

Aqui a voz da cigana tomou uma inflexão cavilosa e plangente, e subiu ao mais alto que podia:

– Ai, ai! – prosseguiu – roubaram a minha inocente Rachel! Abriram o meu tesouro! Assassinaram-me! Justiça! Justiça! Minha filha está desonrada!

– Grita, velha ruim, e provoca escândalo por veres malgrado o teu infame lenocínio! Chama sobre tua filha e sobre mim a irrisão geral, que o povo há de fazer-te justiça!

– O povo há de crer-te sempre o desonrador da minha filha!

– E para que serve a ciência? – redarguiu-lhe Agavino, lembrando-se da perícia do doutor Aurélio, seu amigo, cujos conhecimentos médico-legais, para justificar a própria inocência ele invocaria em último caso.

– Pois bem, – disse-lhe Radamina em tom solene – para, e ouve!

Agavino parou. A cigana não parecia a mesma: Era pequena e raquítica, e estava grande e direita. A estreiteza das suas roupas tinha-se transformado em uma amplidão enorme: no mistério da noite Radamina parecia uma figura sobrenatural.

– Daqui a alguns instantes – disse –, estarás livre da mulher que te ama, que acaba de dar-te a maior prova do seu amor, e a quem, não obstante, tu desprezas; mas ouve a palavra da velha perdida, que reputas uma mera e crassa ignorante, e depois reflete no sentido dela: Hás de ser um grande desgraçado, porque tens talento, virtudes, e um coração puro. Eu não careço ler o teu destino na palma da tua destra, porque ele está escrito na tua fronte e nos teus atos. Ó, como te há de ser triste a existência! Semelhante ao camelo de um árabe cruel. Que atravessa o deserto sem achar uma sombra, e para chegar mais depressa ao termo da sua jornada não ousa volver o pescoço para o longínquo oásis, sofrendo em silêncio os duros tratos que lhe inflige o dono, hás de atravessar

a existência sem encontrares consolação, nem amigo que deveras te compreenda; com uma única diferença porém: é que tua vida há de ser mais tempestuosa e breve que o deserto. Povo, pátria, grandes e pequenos, sábios e ignorantes, tudo escarnecerá de ti quando te vir passar acabrunhado e aflito pelo caminho do dever e do sacrifício. Triste e solitário como um condenado em sua cela, nem ao menos poderás sorrir-te para a mulher a quem amas, sem logo sentires nos lábios o amargor da mirra e o roçar do cardo selvagem. Em vão invocarás a justiça dos homens: ela zombará da tua ingenuidade, e até te perseguirá por louco. Expelido do seio da tua pátria, hás de voltar a ele como a criança que se desmama: para provares fel em vez do apetecido alimento; ou antes, como o naufrago que, depois de lutar com um polvo imenso e o crer longe de si, fosse atraído por um dos seus irresistíveis tentáculos. O bálsamo da esperança há de ser-te vedado; porque quando, no extremo da dor e da desesperação, sentirás a necessidade de apelar para ele, já o teu espírito estará profundamente abalado pela incredulidade, e em vez de orações só poderás proferir discursos blasfemos: a justiça divina se esconderá de ti, e os próprios ministros de Deus só terão maldições para o desgraçado. Sabes qual há de ser o último gole do teu cálice de amargura? O ciúme. Esse há de fulminar-te! Finalmente, a própria ciência humana, em que crês, e com que acabas de ameaçar-me, há de mutilar-te o cadáver para provar aos curiosos que tinhas o interior físico de um malvado! Eis o prêmio da tua virtude! E agora, que ouviste, vai, e caminha e sofre: será por tua livre vontade!

O moço pôs-se a cismar um momento naquela enfiada de predições terríveis, formulada de modo que lhe parecia superior aos recursos intelectuais da velha. Depois ergueu os olhos ao céu, e disse entre si: – Será possível, ó meu Deus, que o mundo inteiro seja tão mal, e tão bom o mais indigno dos teus servos? Qual! – continuou abalando a cabeça – aquilo é algum discurso de alheia lavra, decorado para semelhantes ocasiões.

E aqui, como os seus lábios não sorriram, sorriu a sua alma!

V  
PATRIOTA





Os grandes problemas sociais, que naquela época necessitavam, ainda mais do que hoje, de solução satisfatória, proporcionando numerosos motivos de discussões tempestuosas aos mais exaltados próceres do Império, haviam produzido uma indizível irritação em todos os ânimos. Inquietado por mais de uma guerra civil desde que se tornou independente, nunca o Brasil achara-se tão profundamente agitado, quanto sentia-se então pelos sonhos de progresso e liberdade, que por toda a parte inflamavam a imaginação pública.

Os representantes da impaciência política exigiam que corresse por estrada movediça o progresso pátrio, pusilanimemente sofreado pelos mandatários da opinião contrária. Daí o começo de uma dessas lutas terríveis, tão inutilmente repetidas em todas as nações, e cuja menor consequência é, não raras vezes, um funesto atraso na marcha do próprio progresso.

Irritado pela resistência e tenacidade do adversário, e crendo no dia da vitória, o partido mais impetuoso tomou a ofensiva, atirou a luva, e o outro o acompanhou com a espada em punho. Travaram-se em Pernambuco, província a muitos títulos credora do reconhecimento dos partidos progressistas do Brasil, e seguidos pela multidão apinhada em derredor deles, caminharam obliquamente do litoral para o centro, e foram receber os últimos ferimentos na pequena Areia, de onde voltaram as tropas regulares, trazendo na frente os louros da vitória.

No caminhar porém através de países atrasados em civilização, e pouco abastados em bens da fortuna, a espada revolucionária, passando das mãos que a desembainharam para

as de obscuros sectários, não podia continuar a ferir com a lealdade do punho que primeiro a havia brandido.

E demais, os cabeças daquela calamitosa revolução, homens em geral de boa têmpera e esclarecidas convicções, tinham uns falecido, outros fugido ao peso da responsabilidade que arrostava tão grave e arriscado cometimento; sendo os que os substituíam na “capitaneagem” dos revoltosos, pela maior parte cabeças levianas e ambiciosas, e por isso incapazes de medirem a enormidade do seu crime, e as tremendas consequências de uma guerra fratricida. Verdadeiras larvas políticas, imaginaram a possibilidade de apunhalarem o grande Império, e depois, rasgando-lhe o cadáver, atirarem-se a ele como a um despojo legítimo.

Tudo isto converteu a revolução em alimento de covardias, de aspirações mesquinhas, de enredos infames, e de ambições ridículas. E prostituídos às paixões dos mais poderosos, os bandos civis haviam substituído o amor da paz, tão suave ao homem do campo, pelas insensatas e ridículas esperanças de assistirem a um banquete universal, a que assentar-se-iam como irmãs a pompa e a miséria, a ciência e a estupidez, a heroicidade e a desonra civil.

A perversão dos caracteres era, pois, o estado moral dos últimos sequazes dos desgraçados mais sinceros fautores da utopia social.

Ao aproximarem-se de Areia, quando já vinham acoissados das disciplinadas baionetas dos soldados de linha, aqueles obscuros amotinadores mandaram adiante um dos seus improvisados generais, Leôncio Pires, para *sondar o terreno*, isto é, observar as vantagens e os obstáculos que lhes oferecia assim a topografia do lugar como o ânimo da população, procurar adesões, arrolar voluntários, se possível fosse, e, principalmente, inquirir das posses das pessoas mais notáveis, qualquer que fosse a cor política que as distinguisse. Precauções todas indispensáveis para quem desejava fortificar-se, e resistir ao Exército Imperial, cuja bandeira já tremulava vitoriosa na parte oriental da Província.

Quando aquele estonteado chegou a Areia, foi recebido com tanto alvoroço por certa parte da população, que durante muitos dias fora difícil saber-se com certeza se aquela gente estava realmente no seu juízo. Os partidários da revolução, aos quais se ligavam muitas pessoas sem crença política, a maior parte dos pacíficos matutos, que ouviram falar do aparecimento de um *general* na pequena cidade – onde até então nunca se tinha contemplado coisa maior do que os mal amanhados tenentes-coronéis da Guarda Nacional. Rapazes imberbes, e até mães de família, abandonaram ocupações, deveres, e foram entregar corpo e alma ao portentoso Leôncio Pires, cujo ar petulante e extravagante uniforme fizeram esquecer num instante o pouco que ainda restava, mediocrementemente consentâneo, naquelas desmioladas cabeças.

Murmurando-se, porém, entre pessoas de melhor critério, que, longe de defenderem convicções e ideias políticas, só procuravam os rebeldes *as suas melhores*, conforme constava que eles próprios o confessavam nos momentos de cínico entusiasmo, e sabendo-se geralmente que, sob a direção e por iniciativa de Agavino, estavam-se concertando os melhores mancebos areienses para tentarem uma resistência, que as condições topográficas do terreno poderiam tornar séria, julgou Leôncio Pires dever procurar, entre os muitos entusiastas que o festejavam, um homem que merecesse a sua confiança. Esta personagem essencial, cuja incumbência resumia-se em ligar-se aos defensores da cidade, apoderar-se dos seus segredos, e depois traí-los, foi achada em Ruínas Gama.

O antigo amputador dos tarsos das galinhas e não muito remoto assassino da velha Mal-me-queres obrigava-se a mais: reunindo os seus numerosos escravos, convenientemente industriados, aos companheiros de Agavino, estorvaria os planos destes, assenhorear-se-ia, em favor da gente de Leôncio Pires, das melhores casas da cidade, nas quais esperava achar víveres e valores de alguma importância, e – o que era ainda melhor – oferecer-

lhe-ia, a essa gente coletícia, a título de despojos bélicos, as mais belas donzelas de Areia, das quais ele reservaria para o general uma certa orgulhosa Palmira, cuja formosura era tão grande quanto seria a satisfação dele, Ruines Gama, quando a visse humilhada a seus pés, e constrangida a abrir-lhe afinal os tesouros contidos nos seus deliciosos sorrisos.

Dos rebeldes só desejava duas coisas simplicíssimas, razoáveis e fáclimas: que lhe não tocassem na fortuna, e que o protegessem enquanto estivessem de cima. Leôncio Pires fez coisa melhor, e porventura ainda mais fácil: prometeu-lhe a patente de general, para logo que os seus soldados entrassem em Areia.

Ofuscado pelos galões e lentejoulas do cabo rebelde, e acreditando nos milhões e milhões de soldados bem munidos e disciplinados que este dizia ter deixado a pouca distância da cidade, o futuro general Ruines Gama contava com o triunfo completo dos revolucionários. Era uma ilusão insensata, mas que a esperança de figurar entre os cabeças da revolução, de cingir a espada do comando, e sobretudo de tomar parte em uma daquelas bacanais como ele ouvira dizer que foram as da corte de Heliogábalo\* e de Alexandre VI\*, e que constituíram sempre o quadro predileto da sua imaginação, tornava das mais caras de sua vida. E, se a esperança é, como a definimos em filosofia, o gozo atual de uma felicidade futura, nunca, de certo, o teve tão iriado o antigo general Capeta.

Assentadas as bases essenciais do covarde ajuste, veio Ruines Gama ter com os voluntários, e disse-lhes que, mais do que nunca, estava convencido das abomináveis intenções dos rebeldes; que falando com Leôncio Pires, este dissera-lhe que, se sua gente conseguisse apoderar-se de Areia, as mais bonitas mulheres, quer fossem casadas, quer solteiras, as melhores fortunas, qualquer que fosse a crença política dos seus possuidores, passariam a pertencer aos revolucionários. E que, ouvindo de sua boca palavras de comedimento, e reflexões inspiradas por um justo amor à sua

terra natal, Leôncio Pires o mandara sair de sua presença jurando-lhe pelo Deus dos exércitos, que, se alguém de entre as pessoas ricas e as mulheres formosas ousasse fugir daquele lugar, o punhal homicida havia de ir puni-lo aonde quer que se escondesse. E para isso ele, Leôncio, retirando-se da cidade, deixava ordens formais a nada menos de dúzias e dúzias dos seus disfarçados sequazes.

Agavino quis crer na mudança que o pátrio entusiasmo, o amor do lar, ou a proximidade do perigo podia ter operado no ânimo do seu antigo rival, mas sentia um não sei quê profundamente caviloso nas palavras e na expressão fisionômica de Ruines Gama; e isso bastava para que, por muito que desejasse, não lhes desse um crédito absoluto. Admitiu-o, sim, entre os seus, porém dividindo premeditadamente em bandos insignificantes os muitos escravos que trazia o pérfido, ergueu-lhe uma dificuldade, que ele por certo não esperava.

Logo que partiu Leôncio Pires, correu a conferenciar com as pessoas mais gradas de Areia a respeito da maneira como se devia proceder, para poupar maiores desgostos às famílias ameaçadas de opróbrio; decidindo-se de um comum acordo, que deviam elas refugiar-se no vasto edifício da cadeia, conhecido entre os matutos pelo nome de *pintada*, em consequência dos toscos arabescos com que lhe decoraram a frontaria, e cuja construção oferecia melhor aparência de solidez, não obstante ser tão má como quase todas as suas conterrâneas. Quanto ao plano da defesa, era coisa na realidade sujeita a imprevistas circunstâncias, mas que se resumiria provavelmente em concentrarem-se e fortificarem-se os patriotas na gameleira, a fim de atalharem o passo ao inimigo, o qual, para entrar na cidade, carecia passar por baixo, ou ao menos pelas proximidades da grande árvore, expondo-se, assim, desvantajosamente aos tiros partidos dos seus enormes galhos.



**VI**  
**BENFEITOR**





Decorreu um ano depois da passagem dos rebeldes pela heroica cidade. Dispersos e perseguidos, ou se haviam eles retirado para o seio de suas famílias, ficando incólumes do castigo de que só eram julgados merecedores aqueles que ainda permaneciam com as armas nas mãos, ou andavam embrenhados pelas encostas das montanhas próximas dos pequenos povoados centrais da Província, de onde não tardaram sair, com as novas de anistia, que por todos os lados chegavam-lhes aos ouvidos atediados do incessante gemer das suas inumeráveis vítimas.

Entre estes últimos contava-se Ruines Gama.

Nos sonhos de deleite e poderio que lhe despertaram na alma as promessas de Leôncio Pires, não figurara a hipótese de uma derrota. Esta porém verificada, o miserável compreendeu instintivamente que estava incurso nas penas cominadas pela lei, não somente social mas racional, contra os traidores.

Completamente apaziguada na metade oriental, aquela Província ainda assistiu, por certo tempo, a horríveis dramas de sangue, ocasionados pelas correrias dos últimos soldados de Leôncio Pires nas povoações solitárias do oeste, que acometiam em busca de vitualhas, e também de satisfazerem os seus voluptuosos instintos, cujo caráter o hábito daquela vida desenfreada havia sobremodo barbarizado.

Muitas vezes os habitantes daqueles plácidos lugares ouviam à noite tiros de espingarda e gritos de angústia, como partidos de algum sítio mais ermo: levantavam-se, escravavam as portas por dentro, e velavam o resto da noite ajoelhados diante da santa *reliquia*, sem que um só homem ousasse transpor o estreito

lar para entender-se às claras com o vizinho, o qual, igualmente amarrado ao fantasma do terror, aí estava a dois passos dele, mudo, assombrado, e tiritando sobre as contas do rosário.

Eram ainda os rebeldes!

No outro dia, quando os raios do sol já tinham afugentado as sombras da terra, levantavam-se em alvoroço, saíam, corriam de um para outro lado, e iam juntos para o lugar dos tiros, onde achavam as casas arrombadas, os pavimentos tintos de sangue; e nas suas redes ou perto delas os cadáveres dos seus donos, e às vezes os dos seus filhos menores. Duas ou três famílias de menos, seus chefes na eternidade, as mulheres assassinadas depois de poluídas ao lado de seus maridos e sob os olhos de seus pais e de seus irmãos, que importa isso ao universo, que conta por milhares os crimes de uma hora, e por milhões os infortúnios de um instante? No outro dia a terra dormia sossegada.

Tais eram as cenas que ainda se reproduziam pelas margens do rio Cabaceiras e do rio das Piranhas, quando as explorava o naturalista dinamarquês Jacques Dumond, acompanhado de oito soldados do nosso exército e de um jovem desenhador brasileiro.

Tinha este a face nobre como o gesto, a estatura pouco mais alta que a média, a tez morena e rosada, os olhos negros como o cabelo, o nariz antes longo do que curto e ligeiramente aquilino, a boca denunciadora de eloquência, e a expressão geral eminentemente varonil. Além disto, tinha no olhar uma doçura extrema, e na linguagem fisionômica uma indizível bondade. Triste não era, e antes havia nas suas palavras e no seu sorriso uma amena franqueza, mas frequentemente como que lhe passavam pelo semblante nuvens negras, que sem causa aparente, tornavam-no melancólico. Para completarmos essa bela figura, diremos que no alto da fronte e no punho direito tinha o moço largas cicatrizes de feridas, que não pareciam muito remotas, e que no seu traje havia o desalinho próprio de quem cuida pouco em satisfazer a vaidade natural à juventude.

Pelos lugares que atravessara, Jacques Dumond, homem de uma bondade inexcelsível, havia prestado como médico, que era, relevantes serviços, assim aos feridos da revolução como aos sertanejos, que de todos os lados afluíam em busca dos seus conselhos. Ocupado com o principal objeto da sua missão, e passando a melhor parte do dia e às vezes a noite inteira em excursões científicas pelas matas virgens, ou por outros lugares inexplorados, acontecia não raramente lançarem-se-lhe ao alcance as pessoas, que para casos urgentes, o haviam procurado no lugar da pousada noturna. As mais das vezes o bom homem interrompia as suas indagações científicas, e seguia os interessados até aonde lhes aprazia, deixando na floresta o jovem desenhador, cujo gosto pela ciência aumentavam a um tempo os profundos conhecimentos do naturalista e as inesgotáveis magnificências da natureza.

Chegando ao extremo ocidental da Borborema, à vila do Teixeira, um lugar, sobre todos, mereceu a afeição dos dois dignos companheiros, os quais já havia tornado amigos o trato de poucos meses. Foi o visor de um imenso penedo escaldado e negro, que, do alto da serra e cerca de duas léguas da vila, desce até os sertões do poente, rápido e quase perpendicular, como uma enorme barbacã construída pelas mãos de Deus para escorar o peso da cordilheira. Áspero, irregular em sua forma meio piramidal, anfractuoso pelos seus lados, com o ápice deitado no lombo da serra, e a base fincada na planície que se estende lá embaixo, a uma distância de duas mil braças, esse penedo – a que chamam *pedra do Tendó* pela tradição indígena de certo gigante de tal nome, que tentando despedaçar a montanha, onde se havia escondido a princesa Aimor, sua ingrata amante, achara-se de súbito petrificado – abriga nas suas furnas um milhar de animais silvestres, como as velozes suçaranas, os robustos tigres, as rubras araras, e as águias destruidoras, que ali têm seus ninhos hereditários.

Quem o contempla de baixo, vê à beira das profundas cavidades que o fendem transversalmente, passarem as terríveis

panteras, ora enchendo com seu rouco bramido a solidão das matas, ora arrastando o cadáver ensanguentado de alguma rês para os gatinhos, que rosnam impacientes no seio do antro. De dias em dias, os urubus, redemoinhando pelas alturas medianas do penhasco, reúnem-se lá num ponto dele, e parecem disputar-se os restos de alguma presa, que não puderam devorar inteiramente os habitantes das recônditas cavernas.

Para quem está em cima, o espetáculo é diferente e porventura mais grandioso, porque a todas estas cenas vêm se ajuntar o sopro rijo e solene dos ventos, o grito incessante das águias, que, lançando-se dos seus ninhos de pedra, volteiam por cima da serra, e vão se elevando em espirais, até desaparecerem numa altura desmedida. A imensa profundidade do abismo que, do topo da montanha, estende-se até os vastos pastios da Província do Ceará, e finalmente a augusta imensidade dos céus – forma material do infinito –, em cuja amplidão a vista perde-se, e em cuja contemplação a inteligência sente-se perplexa.

São raríssimas as almas que se aventuram até aquelas agrestes paragens, porque, arredadas dos caminhos e longe dos povoados, só as habitam feras, e porque, cercadas de fojos naturais e horrendos despenhadeiros, temem os sertanejos arriscar-se até elas. Todavia, depois que a comissão exploradora dirigida por Jacques Dumond chegara à vila do Teixeira, não se passava dia em que os mais próximos habitantes da planície inferior não vissem um como mover de ente humano lá no visio do penhasco. E quem quer que era, mudando sucessivamente de lugar, parecia demorar-se ali até alta noite, porque muitas vezes, nas horas das trevas profundas, ouviam a espaços longínquos estouros como partidos daquela parte da montanha.

– Temerária deve ser a alma que assim se atreve a afrontar os perigos da aterradora solidão! – diziam dois sertanejos pelas altas horas de uma noite de luar em que, assentados ao limiar do alpendre e aquecidos pelo fogo vivíssimo de uns galhos secos

de pereiro, consideravam a grandeza da serra, cujas sumidades elevavam-se até mais de um terço da abóbada celeste, – porque dali para a morte nas garras da onça, há menos que um fechar d’olhos...

E, dizendo isto, pareceu-lhes ver lá no píncaro do Tendó dois vultos negros de diverso aspecto, os quais desenhando-se no disco da lua, que surgia radiante por detrás da cordilheira, saltavam velozes um para o outro, como em diabólica peleja, e depois de alguns minutos daquela estranha luta, foram-se aquietando até desaparecer um deles, ficando o outro em pé e imóvel, como uma estátua de bronze elevada pelos fantasmas da noite ao gênio das solidões.

Eram seres sobrenaturais que combatiam pelas alturas do céu? Eram feras que tripudiavam à borda dos abismos? O teatro e a soledade em que se passava aquela portentosa cena eram, na verdade, pouco próprias para fazerem suspeitar que o homem entrava nela...

Os sertanejos olharam-se e persignaram-se.

No dia seguinte, os habitantes da Vila do Teixeira assistiam ao embalsamento de um tigre negro, cujo agigantado talhe e cujas antigas cicatrizes mostravam ser o mesmo que, havia anos, dizimava os gados montanheses, tendo sido em muitas ocasiões fundamente ferido pela azagaias dos vaqueiros; e os fazendeiros dos arredores proclamavam “rei dos caçadores” o jovem desenhador da comoção, o qual, de feito, havia posto termo às sanguinolentas correrias do rei da floresta e dos sertões.



VII  
RESSUSCITADO





A tarde estava serena, e o sol começava a esconder-se na barra afogueada dos vapores acamados sobre os píncaros da serra de Pajeú, que se alteia muito ao longe, para as bandas do ocidente, bordando com seus matizes anilados a clamídia violácea do firmamento.

Era absoluto o silêncio. Suspensas nas vertiginosas alturas do espaço, e volteando inquietas por cima da serra, as águias destruidoras baixavam e elevavam-se rápidas, vindo por vezes roçar com as pontas das asas as faces dos rochedos, sem contudo ousarem pousar, como se algum ente importuno vagueasse por onde elas têm as suas perpétuas guaridas.

É que o animal da criação o mais valente pelos seus instintos, o mais intrépido pela sua inteligência, o mais temerário pela sua liberdade, ali estava, para receber as homenagens da natureza, que o teme, e envoltas em um manto de imortal poesia rendê-las ao Criador, de quem recebeu no seu primeiro dia o império da Terra.

Em um dos ressaltos do penedo do Tendó, que lhe bordando transversalmente o aprumado viso vão morrer de um e outro lado na espessura das florestas, formando uma espécie de goteira dórica profundamente esborcinada pelas tempestades, e pendurada sobre a formidável profundidade dos precipícios, quem olhasse das balsas de carrascos e silvados que o serpeiam da banda do sul ver-lhe-ia, de feito, à extrema borda, um ente humano, cuja perfeita tranquilidade e sereno aspecto mostravam nele mais que muito uma dessas almas de solidíssima têmpera, para quem as sombras crepusculares são como visões de uma aurora futura, o

ressoar do vento nas selvas da serra, inocentes prelúdios das sinfonias do céu, os murmurinhos da solidão um hino de eternas harmonias entoado pela natureza em louvor do Altíssimo, que mostrou à imaginação humana o melhor e mais puro refrigério para as mágoas colhidas nas alegrias, muitas vezes pérfidas, da sociedade.

E era mancebo o homem que ali estava. Sentado à beira do abismo, e recebendo na face as rubras tintas do sol-posto fitava, num êxtase de admiração, aquele esplêndido quadro. E com olhar triste, e às vezes abstrato, contemplava as vastas planícies do ocaso, fixando num grande álbum que tinha sobre os joelhos as vagas ondulações da grandiosa paisagem que, debaixo do seu gigantesco pedestal, estendia-se amena até confundir-se com o céu, nas linhas incertas do horizonte, apresentando aqui e acolá as superfícies lustrosas dos rios, que, saindo dos seus apertados leitos estivais, espreguiçavam-se lânguidos e brilhantes como serpentes de prata, pelo seio alcatifado das formosíssimas campinas. Procurava talvez o artista algum desses efeitos da tarde e do crepúsculo, tão bem exprimidos pelo melancólico pincel de Berghen, ou nos infinitos espaços de Claudio Gelido; pintores que ele não conhecia, e que teriam talvez queimado as suas admiráveis telas se, depois de ilustres e célebres, fosse-lhes dado contemplarem os grandiosos quadros que pinta o monarca das luzes, quando, envolto na sua glória diurna, transpõe as alturas do infinito, e vai deitar-se no leito de ouro, púrpura e brilhantes, que lhe preparam as meigas e voluptuosas tardes da terra brasileira.

A expressão plácida e serena do moço, o gesto compassado e grave, o olhar profundo e sonhador, as vestes pobres e transcuradas, e maiormente a seguridade em que parecia assentado no meio dos antros e florestas, que àquela hora começavam a vomitar nos caminhos dos homens as aves noturnas e as feras sertanejas, todas estas circunstâncias juntas denunciavam nele um espírito audaz, talvez impelido pelas torrentes vulcânicas do mundo à existência

erma, talvez nela acantonado pelo arrependimento de uma vida tumultuosa e desenvolta; mas certamente poeta, altamente poeta; porque só tais homens se comprazem na convivência, grandiosamente tétrica, do silêncio, do imensurável e da solidão.

Depois de estar assim por muito tempo, levantou-se, e a prumo à beira do despenhadeiro, inspirou com volúpia o ar fresco e saudável que, vindo do oriente, começava a filtrar pelas franças dos cedros, dos bálsamos, e das aroeiras, e ia-se derramando, perfumado de mil fragrâncias silvestres, pelas pálidas faces dos cabeços, para os fundos campos do lado oposto. Nisto pareceu-lhe ouvir da banda da serra uns repetidos silvos, do que ficando certo pela presença de um menino, que do alto de um outeirinho lateral acenava-lhe com o chapéu de couro, como quem lhe pedia que descesse do penedo, fez-lhe um gesto de espera, e foi escorregando pelos tortuosos espinhaços daquela enorme massa granítica, até achar-se com o rapazinho, a quem viera reunir-se uma mulher preta e idosa cujo amplo vestido e alva trunfa denotavam usos das regiões orientais da Província.

Ainda não havia assentado o pé no lombo da montanha, quando já lhe gritava o menino:

– Seu homem, esta negra anda procurando o outro homem, aquele da barba longa, que compra borboletas!

Sem dar tino do que lhe dizia o sertanezinho, crava o moço os olhos na preta, e, dissimulando a comoção que o saltara, com a voz meiga pergunta-lhe:

– Mãe, você é daqui mesmo da serra?

– Não, senhor, sou lá da cidade d'Areia, e só vim a esta terra de onças pedir ao senhor doutor dinamarquês um remédio para a minha enfermidade.

A pobre mulher, que ignorava os riscos que correria acompanhando por aqueles medonhos lugares o imprudente sertanejo, estava deveras doente. E um olhar menos perspicaz não teria descoberto na sua fisionomia alterada pelo sofrimento os traços da velha Bárbara.

– Pois vamos para a vila que a esta hora já lá há de estar o doutor. Mas... diga-me: não me reconhece, nem se lembra mais do prisioneiro dos rebeldes? – disse-lhe o companheiro do naturalista, contendo ainda a terna fluidez em que saem banhadas estas poucas palavras.

– Ah, meu senhor! – exclama a velha, atirando-lhe aos pés e apertando-lhe os joelhos num tremor de alegria. – Meu senhor Agavino ainda vivo! Foi Nossa Senhora que o ressuscitou, para felicidade de tanta gente e de sua escrava velha!

E a voz da boa preta foi-se comovendo cada vez mais, até sumir-se num choro perdido de contentamento, recortado de soluços semelhantes aos do asfixiado que, tornando a si, começa a sentir nos extenuados pulmões os primeiros sopros do hálito atmosférico.

– Levanta-te, Bárbara – diz-lhe meigamente Agavino abraçando-a com efusão. – Não te ajoelhes aos pés de um menino que tanto te deve. Aquieta-te, e conta-me: o que é feito de Palmira?

– Ah, senhor da minha alma – continua Bárbara enxugando com o dorso da mão os grossos pingos que lhe corriam abundantes ao longo das faces, – a senhora dona Palmira só falta morrer de saudade do seu amado Agavino! A pobre menina passa os dias a chorar diante do oratório; não come nem tem divertimento nenhum, e vai dando muitos cuidados aos parentes, por já ter declarado o doutor Aurélio, que ela endoideceria se não conseguissem distraí-la de qualquer maneira. Mas como se há de distrair uma criatura que fuge a todos, e até às irmãs, que estão prometidas em casamento? Olhe, meu senhor, em casa da senhora dona Palmira já todos tiraram o luto pelo pai dela, que os rebeldes assassinaram, e entretanto a menina continua vestida de preto, como uma viúva, e cada dia mais triste, porque por lá todos cuidam que meu senhor Agavino é morto. Porém, conte-me, meu senhor do coração, o que tem sofrido para estar assim mudado, e desfigurado, com o cabelo rente, este cabelo tão bonito de que a senhora dona Palmira gostava tanto...

– Gostava tanto... Bárbara, Palmira deveras ainda se lembrará de mim?

– Ó, meu senhor, pela claridade do dia da manhã juro-lhe, que a senhora dona Palmira está para morrer de tristeza e saudade, e não cessa de pedir à mãe, dona Amélia, que a ponha num convento. O que eu creio é que se meu senhor de algum modo lhe não fizer saber que ainda existe, ela não durará muito, porque cada dia traz-lhe maiores penas. Aquilo é que é mesmo querer bem como custa encontrar-se! Muitas vezes deu-me dinheiro para eu mandar dizer missas por alma do senhor Agavino, mas às escondidas, que neste mundo fala-se mal até dos mortos.

– Pobrezinha! – diz o moço misturando ao seu contentamento inexecedível ternura.

E o desenhador de Jacques Dumond respirava com força, pisava com garbo, e andava com redobrada galhardia, lançando de vez em quando a um e outro ombro ampla capa que trazia, e que, estendida no chão à noite, muitas vezes servira-lhe de leito no viso do Tendó, no seio das florestas da Borborema, ou debaixo dos espinheiros das caatingas, quando a fantasia, e não sei que inexplicável tristeza, o convidavam a conversar face a face com a natureza virgem e livre, no meio dos mil perigos da solidão.

– Mas continua Bárbara, continua a falar-me de Palmira!

– A senhora dona Palmira o ama muito, e meu senhor deve lhe escrever o mais brevemente possível; hoje mesmo, que eu volto para lá amanhã, e quero ter mais um dia de alegria antes de morrer! E ela como não ficará contente, quando souber que ainda vive o moço que a ama desde criança, e que se expondo à morte com tamanha coragem, há pouco mais de um ano salvou-lhe a honra!? Ah, meu senhor, muita maldade existe neste mundo! Pois até não querem casar a senhora dona Palmira contra a vontade, e logo com um malvado que melhor fora nunca tivesse nascido!?

– E quem é ele? – pergunta ansioso Agavino.

– Quem há de ser senão um daqueles excomungados que pegaram em armas contra o Imperador?... Todos os parentes dela, exceto a senhora dona Amélia, propendem para esse casamento, porque o maldito tem amigos poderosos, muitos escravos, e como a moça é rica, e não o quer ver nem pintado, já houve quem se lembrasse que seria bom casá-la *por procuração*, acreditando que deste modo se há de ela resignar, depois do negócio feito, a recebê-lo com agrado.

– Ouvindo estas palavras, cujo sentido, longe de o desanimar, lança um novo combustível à fogueira que lhe ardia no peito, Agavino, que com a liberta e o menino caminhava ao lusco-fusco na direção da vila, para, e apertando com a destra o punho da velha Bárbara, a quem guiava pelas veredas da mata, com voz firme e altivo gesto diz-lhe:

– Pois bem! Hei de ser eu próprio o portador das minhas novas a Palmira, a cujos pés me hei de lançar, e aos pés da virtuosa dona Amélia, a fim de ver se consigo a mão do meu Anjo; eu que o amo, e antes quisera ter morrido debaixo dos pés dos rebeldes, do que vê-lo nos braços de um selvagem que talvez só lhe queira a fortuna. Lembrança mil vezes horrorosa! Seria um inferno pior do que não ter pai nem mãe! De feito, Bárbara, eu parto amanhã. Vamos, vamos depressa, que quero aprontar-me hoje mesmo, para que amanhã, quando despontar a aurora já me possa achar na descida da serra.

– Há, porém, uma circunstância que eu não lhe queria dizer, meu senhor, e é que o homem que pretende a mão da senhora dona Palmira é o meu antigo senhor Ruines Gama, que tanto mal já tem feito neste mundo!...

– Desgraçado!

– E se ele souber que meu senhor Agavino vive, e, principalmente, que ainda tem tanta paixão pela moça, será capaz de mandar lhe tirar a vida que Deus Nosso Senhor lhe conservou. Ele lá em Areia não está, porque tem medo da justiça, mas anda por

cá mesmo pelos sertões escondido com os outros revolucionários, à espera do perdão do Imperador, para voltar à nossa terra; que estão agora a espalhar por toda a parte, que quem mata nas guerras a seu semelhante é inocente como quem nada fez.

– O que importa é não saber ele que eu existo. E pois que tenho vivido disfarçado de nome e de figura, farei a viagem sem me revelar... Não imaginas como imito os ademanos e a maneira de falar dos sertanejos! Se, entretanto, a morte vier ter comigo, que poderei eu contra ela?

– Pois eu quero entender-me hoje mesmo com o doutor dinamarquês – respondeu-lhe Bárbara – e partir amanhã para a cidade d'Areia, e tenho fé em Deus que o meu senhor Agavino há de ser esposo da senhora dona Palmira. Mas conte-me, como escapou à raiva daqueles malvados que o levaram preso no dia em que toda a cidade de Areia chorava pelo seu defensor? Conte-me como foi esse milagre!

– Já é tarde para começar uma história tão longa, e, demais, deves estar cansada da viagem. Vamos consultar o doutor a respeito do mal de que sofres, e tudo te contarei amanhã, quando estivermos na descida da serra, se, todavia, ele não te aconselhar o repouso.

– Pelo contrário: muita gente entendida me tem dito que careço de continuado exercício, para recobrar a minha saúde.

– E qual é a opinião do doutor Aurélio?

– Ora, meu senhor, desde que por lá passou o doutor dinamarquês não há mais quem acredite em médico da nossa terra...

– E também as deste número? – perguntou-lhe sorrindo o moço.

– Eu, meu senhor, não entendo de nada, mas a gente faz o que vê os outros fazerem.

Poucos minutos depois chegaram ao rancho da comissão exploradora, espécie de acampamento bélico, cujo aspecto se houvesse modificado pela substituição dos instrumentos de

investigação científica aos petrechos de guerra, e dos rugidos das feras e pios das aves, ao praguejar da soldadesca e gemer dos prisioneiros.

De uma circunstância somente quis informar-se Agavino antes de se ir deitar, e era de como pode Bárbara aproximar-se tão intimamente de Palmira.

A história era bastante comprida, mas nós a resumiremos dizendo simplesmente, que as notáveis qualidades da veneranda liberta, fizeram com que dona Amélia a escolhesse para criada grave de suas filhas.

VIII  
UM HERÓI





Breve para os que saboreavam o repouso, a noite pareceu longa ao moço Agavino. Deitado sobre uma comprida liteira, que gradeada por um lado servia de jaula à enorme suçuarana, estremeceu de vez em quando. E como despertado por fantasma risonho, levantava-se e ia espreitar a claridade do céu, depois do que, recaindo no duro leito, tentava iludir o vagar das horas, que o bater compassado do cronômetro parecia dilatar desmesuradamente. Era a impaciência que o devorava.

Havia providenciado tudo para pôr-se a caminho ao romper da aurora. Mas o justo motivo da sua partida ignoravam-no os soldados da comissão, entre os quais espalhou-se que ia à capital da Província em missão especial, sem dúvida em busca de dinheiro e de novos instrumentos de exploração.

Pareceu-lhes ver naquela noite mais alegre o semblante de Agavino, e essa circunstância, assaz notável para todos, animou um dos soldados da companhia a pedir ao moço que o levasse por guarda, ou ao menos por cargueiro, até a capital da Província, onde tinha deixado sua velha mãe – cujos afetos invocava para enternecer aquele a quem muitas vezes manifestara a própria repugnância em acompanhar o naturalista e lidar com animais bravios.

Era o soldado Manoel Guerreiro das Metralhas Batalhão, preto agigantado e robusto, conhecido entre os camaradas pelo nome de *Zangão*, antonomásia abreviativa de zangaralhão, e até certo ponto justificável pelos seus modos estouvados e avessos, juntos à sua estatura erguida e à sua desconforme figura.

Dotado, de um bom natural, Manoel Guerreiro facilmente ligava-se de afeição às pessoas com quem convivia, mas seu caráter, eminentemente fraco, sua inteligência eminentemente curta, e mais que isso uma sede insaciável de vinho e de toda a casta de sícera, o tornavam pouco merecedor da alheia confiança; sendo, por essa razão, um mal companheiro para o antigo prisioneiro dos rebeldes, cuja situação carecia da mais completa prudência. Todavia, para os momentos de descanso e depois de um caminhar durante horas perdidas por monótonos tabuleiros e fragosas serranias, era ele excelente companheiro, porque ao natural bom humor e aos singulares meneios ligava os mais inesperados e irrisórios repentes, tudo tinto de um siso mais que simplesmente jocoso. O nosso novo personagem, enfim, tinha também a sua história, e essa, semelhante à dos grandes homens, começava pela infância. Talvez ache aí o leitor alguns traços comuns a certos e celebérrimos heróis contemporâneos.

O primeiro brinquedo que teve Manoel verdadeiramente digno de uma criança predestinada, foi um grande papagaio de papel da China, trazido de Pernambuco por um seu parente, que prestes arrependeu-se da lembrança; porque o papagaio tornou-se um contínuo martírio para o menino. Manoel não admitia que o vento imprimisse ao brinquedo a sua própria direção, e chorava, gritava, tossia e perneava, por não poder protestar com mais correta eloquência contra a aparente obstinação do papel da China que, insensível à mágoa da brunida criança, negava-se a librar-se em direção contrária.

Passando do papagaio de papel aos verdadeiros: Manoel queria fazer de um porco rival de um destes, ao qual vira ensinar a falar, e durante muitos meses não se passou dia em que o não repetisse inúmeras vezes a frase “Bacorinho real, para Portugal! etc.” ao pobre bruto, que nunca lhe respondeu em vozes diferentes do seu natural grunhido, por mais terríveis que fossem os doestos e as correções do teimoso preceptor.

Desenganado da loquacidade do porco, tomou-se Manoel de amores por um cordeiro preto como ele, que lhe dera de presente o padrinho, e com o qual passava os dias e até, à noite, dormia debaixo do mesmo lençol. Ora, o cordeiro foi crescendo rapidamente, e não tardou apontassem-lhe os cornos, com grande espanto do rapaz, que ainda muito tempo depois de se ter separado do animal não despertava do sono sem apalpar a testa, para assegurar-se de que lhe não sucedia o mesmo.

Considerando com profunda mágoa o pouco desenvolvimento da inteligência de Zangão, cuja idade por aquele tempo já caminhava para os dezoito anos, quis o velho padrinho ensinar-lhe a ler. Nesse intuito comprou-lhe um opúsculo adotado nas escolas primárias da Província, e sem nada lhe dizer colocou-o graciosamente nas mãos. Manoel deixou cair o livro, e deu um grande grito; depois quis correr, mas cambaleou e caiu sem sentidos. – O que é! O que não é! – Não era coisa grave, mas simplesmente a consequência de alguns fatos que, por uma singular coincidência, tinham-no sucessivamente impressionado. Naquele mesmo dia, Manoel vira no palácio do Presidente um volume ilustrado dos *Contos de Perrault\**, cujas estampas fizeram arrepiarem-se-lhe os cabelos. Voltando à casa do amo – um médico a quem servia de copeiro –, depara-se-lhe um diploma maçônico fantásticamente ilustrado, que por acaso achava-se desenrolado em cima de uma cadeira. Corre assustado para a porta da rua, mas por infelicidade acha-a fechada, e sobre uma mesa que lhe ficava próxima um grande álbum anatômico, aberto justamente no lugar em que estavam desenhados diversos esfolados e esqueletos! De modo que, tomado de assombro por tais casos, quando Zangão, sentiu nas mãos o livro com que o velho supunha fazer-lhe uma agradável surpresa, creu ver sair de dentro das pequeninas páginas a multidão de demônios e de seres mal-assombrados, que no seu conceito devia povoar o interior de todos os livros do mundo.

A idade modificou-lhe notavelmente os traços, assim do corpo como da fisionomia, mas não a essência do caráter, que sem estudo nem artifício prestava-se a quanto produziu a natureza jocoso e burlesco.

Admirado na sua colossal estatura desde que transpôs os dezessete anos, e considerado já aos dezenove como o mais alto e mais espadaúdo soldado do Exército brasileiro, a que então pertencia, acreditou Zangão que semelhante glória era devida a esforço seu. E tão firmemente se radicou no seu juízo essa convicção, que aos próprios olhos era ele o maior entre os maiores homens do Império. Desde então, nada pareceu-lhe demasiado grande, nem as pompas da riqueza, entre as quais nascera, conforme dizia, nem o heroísmo guerreiro, de que dava largo testemunho pelos seus maravilhosos contos; nem finalmente as mais estranhas aventuras que se lhe contava, e às quais opunha a narrativa de façanhas incríveis, e indubitavelmente fora das proporções do possível. Tal foi, por exemplo, a história de duas serpentes que o assaltaram nas margens do Amazonas, e que, furiosas por não poderem vencê-lo e matá-lo, lançaram-se uma sobre outra com tal furor; que desapareceram mutuamente devoradas!

Todavia um fato doía-lhe profundamente na alma, e era que, caprichosamente tisonado e brunido pela natureza, não podia negar a origem africana, por toda a parte onde houvessem olhos para o verem. O caso, porém, que vamos narrar, de sobejo provará que de modo nenhum abdicava de si o soldado as mais ilocáveis pretensões. – Era por uma noite de inverno em que, depois de atravessarem lodosas serranias e vadearem inúmeros córregos, o naturalista e sua comitiva haviam pernoitado sob largo telheiro, e dispostos em círculo em torno de duas fogueiras procuravam não só enxugar as roupas, mas ainda passar o tempo agradavelmente, até que estivessem secas. Começou então cada um a contar sua história, seu caso mais ou menos divertido. Ora, já ia bem alta essa noite sem que, entretanto, a ninguém houvesse fartado o rir

que excitavam esses contos, apesar de se haverem reunido aos viajantes muitos sertanejos loquazes daqueles contornos. Sentado defronte das marmitas que ferviam penduradas sobre a chama, Manoel Zangão parecia meditar a sua proeza. Finalmente principia a celebrá-la, mas de tal modo que, no meio das gargalhadas que excitou, tornou-se-lhe impossível continuar, por mais que abrisse a boca enorme e arregalasse os olhos faiscantes de alegria. De um negro retinto, o herói narrava, que ainda criança e em consequência de uma carreira, até os passos maternos, ali chegara *vermelho como um camarão!*

Ainda na manhã seguinte, narrou Zangão, que em um combate “tremendo” que tivera com os soldados do Rosas, e no qual estes o tomaram pelo general Urquiza, perdera uma das orelhas, sem se lembrar que era negro e as tinha manifestamente intactas!

Essa aspiração à celebridade tornava-se ainda mais burlesca para quem de muito conhecesse o sujeito, cujo tipo dir-se-ia talhado para confundir o gênio de Cervantes. Ao passo que usavam os seus companheiros de viagem de boas armas da época, Manoel Zangão, vestido à paisana – sem, contudo, dispensar a barretina de soldado –, trazia um antigo arcabuz, cuja boca, desproporcionadamente grande, lhe parecera favorecer a sua natural negação para o exercício da caça, porque jamais descarregara uma arma, fosse ou não de fogo, que não cerrasse os olhos, naturalmente esbugalhados. Muitas vezes assestava o terrível bacamarte para a caça – ordinariamente algum animalzinho insignificante –, disparava o tiro. O chumbo lá ia bater em vão nos troncos das árvores... Eram todos testemunhas de que, não obstante o movimento de rotação impressa ao cano da arma para espalhar-lhe os projetis e aumentar-lhe a área de ação, a caça escapara. Manoel Zangão, porém, e somente ele, a vira perfeitamente tombar, mas, no seu dizer, tão longe, e tão estragada das feridas, que não valia a pena ir buscá-la.

E o mais singular era que os animais como que já o conheciam. Um gavião em que Manoel disparou seis tiros, não se moveu nem manifestou o menor espanto; e esperou que o soldado lhe atirasse, furioso, um pedaço de pau, para voar do tronco de árvore, mediocrementemente alto, do qual tão cabalmente zombara do seu agigantado perseguidor. Este fato sucedeu em uma vasta campina, ao meio dia, e na presença de todas as pessoas da comissão, as quais, para que não se rissem dele, o célebre caçador julgou acertado dizer que se esquecera de pôr no bacamarte o competente chumbo.

Zangão esquecera-se seis vezes consecutivas!

Por mandado do naturalista fez ele uma excursão de três léguas. Foi a primeira vez que Manoel viajou sem companheiro. Ia armado até os dentes: levava o infalível arcabuz, duas pistolas cada uma das quais de seis tiros, um facão com que cerceava robustíssimos arbustos, e uma faca de ponta. Cuidará o leitor que era só isso? O nosso herói era homem de maiores precauções. Não obstante ir simplesmente a uma vila próxima comprar algumas arrobas de carne seca, julgou necessário levar na sua belicosa bagagem um bom molho de *erva de rato*, rubiácea terrível, que mata prontamente ainda quando ingerida em doses pequenas. Na sua convivência com o naturalista, Zangão tinha observado que não era coisa demasiado rara o se reanimarem as vítimas tombadas de tiro, mesmo depois de muitas vezes e fundamente feridas. E nunca ousava levar consigo um animal morto, fosse este de espécie tão feroz como a cutia, ou mesmo a seriema, sem primeiramente colocar-lhe no esôfago uma boa dose do infalível veneno, o que mais de uma vez ocasionou sérios desarranjos intestinais aos camaradas e a ele próprio.

Três dias depois de ter partido do rancho do naturalista, estes ouviram doze tiros ritmados e a curta distância um do outro. Recordaram-se logo dos rebeldes, porém por mais que parafusassem no espírito não puderam atinar com a causa

de semelhante descarga. Ora, passaram-se apenas uns vinte minutos depois do último tiro, quando veem chegar Manoel Zangão esbaforido, gritando que havia morto uma onça, e – o que era mais pasmoso – trazendo de feito uma onça pendurada à garupa do cavalo. Infelizmente em vez de se reabilitar ainda mais minguiu no conceito dos camaradas, que, logo à primeira vista e no meio da mais estrondosa apupada, reconheceram no pobre bicho – cuja boca estava entupida de erva de rato, e a pele crivada de balas – uma pantera da coleção, que morrera no dia antecedente, sendo depois, já em estado meio putrefato, arrastada para longe da pousada.



IX  
A VÍTIMA





Como empregado da comissão, as principais atribuições de Zangão não eram, absolutamente falando, divertidas, mas condiziam em boa parte com seu temperamento eminentemente propenso aos gozos materiais da mesa.

Era este um dos traços característicos do nosso homem, cuja alambazada glotoneria muitas vezes o levou a deitar na panela ossos já roídos pelas onças, para aumentar a *sustância* do caldo que servia a toda a companhia.

Despenseiro e cozinheiro durante as horas de repouso, carregava um grande cronômetro e um telescópio quando marchava o comboio. Deste último encargo não se ufanava ele. Uma vez, porém, no exercício das suas funções culinárias, nem um rei de Congo seriamente convencido de sua augusta dignidade lançaria para o resto do mundo olhares tão altamente soberbos. Rasgados em todo o diâmetro das órbitas e salientes como os de um papa-vento, os olhos do soldado ainda mais se inchavam de entorno quando os alegrava o grato espetáculo das carnes fritas, das aves ensopadas e dos garrafões de vinho, que constituíam o ideal da felicidade para aquele espírito eleito; as ventas dilatavam-se-lhe como duas enormes campânulas afagadas pelo sol nascente; as asas do nariz adejavam-lhe contentes sobre os grossos beiços, que na sua insolente altivez, elevavam-se em pirâmide muito além de todas as saliências daquela cara horrenda. Manoel afetava então uma gravidade desacostumada, mas se lhe vinham titilar os nervos com algum gracejo a seu modo, em um instante de riso vingava-se do sério de muitas horas; e triplicando o tamanho da boca gargalhava com tal visagem, que fazia medo às crianças, e talvez

mesmo aos animais do naturalista, aos quais distribuía, com as mais extravagantes imprecações, as respectivas rações diárias.

Parecia ter tão pouca vontade de vê-los comerem, que as mais das vezes esperava ser mordido, para soltar-lhes a pitaça, o que lhe transformava a existência em um contínuo suplício. Verdade é que não somente em tais ocasiões, mas ainda em muitas outras, fora mártir das garras das aves de rapina, das aguçadas unhas das onças, dos arrochos das jiboias, e até dos dentes de animais inofensivos, como a cabra e o carneiro, que em caso nenhum, senão contra Zangão, se serviram dos atilados incisivos como de arma de defesa. E para prova de que o nosso homem era capaz de tornar possível o mais inverossímil dos casos, aí vai o seguinte.

Houve na coleção de Jacques Dumond um veado capoeira do mais belo tipo. Ágil e são quando foi apanhado, o elegante animal entristeceu na escravidão, e recusou comer. Longe de suspeitar a verdadeira causa de semelhante fastio – a liberdade perdida –, constitui-se Zangão alveitar, e pondo em prática a sua improvisada terapêutica, introduz um bom molho de ipecacuanha em folha até a garganta do pobre prisioneiro, que, repugnando à deglutição forçada do remédio, cerra os dentes e quase parte as falanges de uma das mãos do soldado, não sabemos se direita ou esquerda, que canhoto em tudo o mais tinha Manoel uma singularidade assaz rara: era perfeitamente ambidestro; não que fizesse a sua esquerda papel de direita, mas porque as mais das vezes fazia esta papel daquela.

Debalde ensinava-lhe Jacques Dumond a haver-se em paz com os pobres brutos, quer lhe explicando miudamente a história e as manhas de cada um de *per si*, quer convencendo-o de que tinham inteligência, afetos, e talvez mesmo uma alma, como a nossa, destinada a sobreviver ao corpo. Manoel era um desses entes incapazes de progresso, uma dessas criaturas destituídas do instinto de previdência, instinto que nos supre as lições da

experiência, até mesmo naquelas ocasiões em que, pela rapidez do imprevisto, não nos pode valer o raciocínio.

Aos casos que temos contado vinham-se ajuntar outros igualmente próprios para aumentar a irrisória celebridade de que gozava, tanto entre os companheiros quanto nas localidades por onde passava, e nas quais ia deixando de si fama tão duradora e brilhante, que chegou a eclipsar à de frei Serafim ou do grande músico Manoel de Cristo.

Por uma noite de chuva em que mui perto uns dos outros e num vasto aposento fechado dormiam os homens e os bichos de Jacques Dumond, ouve-se um baquear de corpo humano seguido de um estranho farfalhar; depois a voz de Zangão a pedir socorro, acompanhada de uns sons abafados como de quem quer mas não pode gritar; depois uns gemidos semelhantes às notas discordes que tiram as crianças soprando nos gomos rachados do bambu. Acordam todos. Sucede um grande alvoroço, bufam e bramam as onças, regougam as raposas, assobiam as jiboias, grunhem os caititus, grasnam os patos selvagens, piam as águias e os falcões adejando pendurados as suas correntes, ululam e chilram os noitibós, crocitam os urubus-reis; e finalmente falam e gritam os homens, que, tomados de pavor, nem sequer atinam com as portas, nem ainda com os fósforos e as iscas, para aluminares aquela medonha cena, que cuidavam causada pela fuga repentina de um tigre negro – a mais terrível das feras da coleção –, o qual desde o começo da noite mostrara-se sequioso de liberdade, rugindo terrivelmente, e quebrando com os dentes os cantos das barras de aroeira da sua prisão. Por fim, depois de alguns instantes de absoluto terror, vibra o naturalista dois pedaços de sílex, ouve-se um estalo, depois um sopro, e dissipam-se as trevas. Não era o tigre, não, mas simplesmente uma ema – com o pescoço nas mãos de Zangão e o corpo nas garras da onça!

Eis a explicação do fato: Despertado pelos rugidos desta, e estendendo a mão ao bacamarte, encontrara o desalmado em vez

dele o colo da ave infeliz, aperta-o furiosamente tomando-o por uma jiboia, e fazendo-a cair nas garras do tigre, cuja jaula distava pouco daquela espécie de grupo formado pelos dois medrosos gigantes, um dos quais, a ema, ficou decapitada!

Naquela memorável noite concebeu Zangão uma implacável raiva do tigre, raiva que cresceu até que, não podendo mais contê-la, arma-se de uma espada e corta a cauda ao formoso animal; operação tão cruel quanto estúpida, e que custou ao autor o que valia, porque, executada, por mão pouco hábil, expô-lo demasiado às unhas do gato, que retorcendo-se furioso ao sentir a dor, alcança-lhe o punho, rasga-lhe as veias e abre-lhe as carnes até as pontas dos dedos. Essas e outras indelévels marcas da sua imprudência serviram-lhe depois para provar, a quem não o conhecia, o quanto ele merecia da pátria, depois de haver lutado corpo a corpo, como contava, com os rebeldes, com os botocudos e com os jaguares no meio das florestas virgens, ao passo que os camaradas fugiam assombrados!

Muitas vezes, pelas horas do silêncio e das trevas, e enquanto os mais dormiam em seus leitos de linho suspensos aos troncos das árvores ou aos esteios das rudes habitações em que pernoitavam, descia Zangão da rede aos primeiros sinais da cólera do tigre, assentava-se defronte da jaula – a uma respeitável distância –, e com o bacamarte em cima dos joelhos, passava o resto da noite naquela penitência, ora dormitando, ora desperto pelo medo, ou ainda pelos pingos quentes de uma vela de carnaúba que, para maior comodidade, pregava no cano da arma.

Por uma dessas ocasiões em que, preso ao fantasma do terror, fora fazer sentinela ao rei das matas – cujos noturnos bramidos eram quase sempre causados pelo incômodo de um cárcere, cheio de restos do banquete diurno –, e modorrava mau grado seu, uma seriema despertando ao primeiro bruxulear da aurora, vem espicaçar-lhe a barretina de onde pendiam duas borlas encarnadas, que a ave tomou provavelmente por flores, ou pedaços de carne. Ainda debaixo

da impressão dos últimos rugidos do tigre, afigurou-se-lhe ver erguido diante de si a pantera que ele havia crivado de balas; abre os olhos, pula, apaga a luz e dispara o bacamarte. Felizmente o tinha carregado com chumbo miúdo, que não fez mais do que ferir tangencialmente os longos tarsos do camelinho pássaro, que sem ostentar uma inútil bravura, cai piando e estrebuchando, qual se pelas escamas da quase invisível ferida já lhe houvessem fugido as forças da preciosa existência. O jacu seria o mais pusilânime dos animais do sertão, se não existisse a seriema, essa inimiga das cobras de que quase exclusivamente se nutre, essa ave meio falcão, meio galinácea e meio *échasse*<sup>1</sup> a um tempo, que só dá dois voos por dia, de classificação dúbia, por consequência, para os zoólogos, porém que para os sertanejos não passa de uma meia ema, ou semi-ema, mais tímida e gulosa do que a nossa grande cursora.

Manoel tinha, pois, encontrado finalmente um rival, senão em jactância e celebridade, ao menos em coragem e sobriedade.

Houve, entretanto, uma época em que Zangão foi inferior à seriema; que esta ao menos dorme tranquila em alto leito, e ele por esse tempo não o fazia, ainda em leito chão, sem primeiramente amarrar-se aos lençóis. Os companheiros já o tinham observado de dia a agarrar-se pelas paredes, como quem padece das pernas, e atribuíam este fato a algum ferimento feito por qualquer de entre os animais. Todavia achavam insuficiente a hipótese de uma ferida na perna, para explicar aquela precaução do soldado ao entrar no santuário do repouso. É que Zangão, com a atenção da criança quando se lhe conta um caso assombroso, ouvira o naturalista explicar a Agavino o movimento da terra sobre seu eixo imaginário, e temia ser, por descuido, atirado a mundos que não conhecia.

O fato, porém, mais original, mais característico da história do nosso herói, foi conceber ele um indizível horror, a si mesmo, um insuperável medo das suas próprias entranhas, desde que ouviu o

---

1 Termo francês, e que, empregado em zoologia, designa ave pernalta.

naturalista explicar aos sertanejos que cada um de nós tem dentro de si um esqueleto. Ossos, sabia ele que os tinha, mas ossos articulados e coordenados em figura de morte, era o que ignorava. Não foram precisos menos de dois ou três anos para acostumar-se Zangão com essa ideia horrível, e resignar-se a comer, andar e dormir trazendo dentro de si os últimos restos do seu futuro cadáver.

Tal era o novo personagem deste livro, personagem cuja vesga consciência o fizera arrogar-se o belicoso sobrenome de *Guerreiro das Metralhas Batalhão*, e que podia comprometer seriamente a situação de Agavino. Os rogos, entretanto, de Manoel que, como o desenhador de Jacques Dumond, deixara para as bandas do mar um objeto de legítima afeição, enterneceram o defensor de Areia, o qual antes de pôr-se a caminho, resolvera pedi-lo ao naturalista, a fim de o ter por companheiro durante a viagem, e restitui-lo são e salvo à paz doméstica e aos carinhos maternos.

Aos primeiros e tênues alvares de uma antemã de outono os três personagens, tão diversos no aspecto quanto pelos seus respectivos destinos, desciam, caminho do litoral, as rápidas ladeiras da Serra do Teixeira.

X  
QUASE CADÁVER





Agavino procurava retardar o momento de começar a narrativa que Bárbara desejava ouvir. Nem o espetáculo da aurora que lhe sorria nem a esperança que lhe iriava os pensamentos o convidava a recordar desventuras. Suas ideias o precediam como a madrugada precede o sol, e sua imaginação voava pelos espaços do futuro como em busca de uma próxima felicidade. A ausência fora uma longa noite orvalhada de saudade profunda, cujos mestos encantos tornavam mais suave e mais alegre o despertar da esperança. Nem o exuberante vicejar das selvas montesinhas, que se tornavam cada vez mais semelhantes às selvas da planície, nem o grandioso mugido dos ventos da madrugada, que serenavam a pouco e pouco, nem o despenhar das cachoeiras pelos recôncavos da serra, nem finalmente o zunir dos insetos, o cântico das aves e o perfume das matas desviavam o curso das potências de sua alma. Ele só tinha uma ideia, uma volição, um ponto refulgente no horizonte da sua imaginação: era rever aquela por quem, tomando a peito a defesa da terra onde nascera, sacrificara a paz da sua obscura existência, o sossego da sua humilde felicidade.

Em vão falava-lhe Bárbara de mil objetos que deviam trazer-lhe à mente a curiosa história: Agavino desviava todos os assuntos para o invariável pensamento de sua chegada a Areia. Por fim, quando viu que só a narração circunstanciada dos fatos que precederam o desaparecimento do moço poderia traze-lo a este objeto, a velha começou a contar a Zangão o que sabia. A atenção de Agavino prendeu-se prestes ao sujeito desejado. Narrou a boa mulher como fortificaram-se os voluntários na gameleira; como, dos galhos e do tronco daquela árvore gigantesca, resistiram aos

rebeldes até que, acometendo a estes pelas costas, a tropa imperial os obrigou a fugirem desordenadamente. E como, no momento em que se consumava esse feito memorável, foram os voluntários traídos pelo vil Ruines Gama, cujos escravos durante o combate se houveram do modo mais indigno, perturbando manifestamente as valorosas resoluções dos defensores da cidade. O que a velha não sabia era de qual modo Agavino havia escapado à raiva de Ruines Gama, por quem fora traído e arrastado ao campo dos rebeldes quando, vencedor destes, era saudado com delirante entusiasmo por toda a população da heroica Areia, e maiormente pelas famílias ameaçadas de ignomínia, entre as quais sobressaía a de dona Amélia.

Depois de muito puxar o beijo e sacudir os ombros em sinal de desaprovação, Manoel interrompeu. No seu conceito, o *desenhador de borboletas*, como ele apelidava a Agavino, jamais poderia ser um bom general. Para vencer todos os rebeldes juntos, e mais que fossem, teria bastado mandar cavar um grande fosso em lugar por onde tivessem necessariamente que passar, cobri-lo de galhos e folhas da gameleira, e ir-lhe deitando terra à medida que fossem caindo dentro dele os miseráveis. Depois nada mais restava senão rezar-lhes pela alma um Pai-Nosso e, pôr-lhes uma cruz em cima. Se, entretanto, fosse algum assaz favorecido do diabo para escapar a este glorioso ardil, não escaparia por certo ao fio da sua espada, assim como nunca escapou um único inimigo de quantos haviam tido a temeridade de apresentar-se-lhe pela frente.

Bárbara estava boquiaberta e espantada dos ademanes, dos gestos avessos, das caretas e dos gritos do gigante, cujo ruidoso discurso ecoava pelas quebradas da serra como uma furiosa descarga de mosquetaria. Quando parou o último eco, soou a voz eufônica de Agavino.

– Na tarde seguinte àquela em que foi salva do opróbrio, a minha querida Palmira – disse o moço –, estropiados do combate e cansados da fuga, abatidos de fome, e já em decrescido

número, acamparam-se os rebeldes em uma pequena elevação da Serra de Campinas, e todos nós nos achamos fronteiros à longínqua eminência que, lá no horizonte, superava em altura as eminências vizinhas, desenhando na orla do céu uma linha sinuosa e interrompida em meio por um como rochedo enorme, de forma arredondada. Era a nossa querida Areia que, saudosa como sabes, ainda nos lançava um último olhar, e arrancava-me dos olhos as lágrimas a um tempo de tristeza e saudade. Dei-lhas abundantes, porque tanto ainda podia fazer o prisioneiro, para quem a torrente delas era como um sereno benigno, emanado do crepúsculo da outra vida que ameaçava paralisar-lhe o coração. Não quis assim Deus!... A cicatriz que aqui vês na minha fronte era então uma ferida profunda, de onde sangue abundante me havia descido até os pés, banhando-me o rosto e coalhando sobre a veste hedionda pela qual haviam os rebeldes trocado a minha farda. Todo o corpo me doía, como se houvesse flagelado um dilúvio de pedras; e dos pés, descalços e roídos dos seixos e dos espinhos das serranias, gotejava-me o sangue e tingia o lodo dos brejos. Jamais eu havia suspeitado, minha Bárbara, como podem forças humanas resistir ao que resisti, e triunfar das injúrias da traição e da covardia, como de tudo triunfei.

– Apenas salvos das aspadas imperiais, puseram-me os rebeldes sobre os ombros um barril de areia que, para atemorizarem a população, fingiam trazer grande quantidade de pólvora. Amarraram-no aos braços e ao pescoço com proibição de assentar-me para descansar, ou mesmo de parar simplesmente para tomar alento. À noite, se repousávamos, desatavam-me as cordas, algemavam-me, e prendiam-me uma corrente da cintura aos pés. O peso daqueles ferros fazia-me pender para a terra, úmida como os meus olhos, e fria, ela e os ferros, como a sepultura. Depois de quatro ou cinco dias de fadiga e de tratos, fui acometido de uma febre ardentíssima, e, extenuadas as forças, não pude mais levantar o peso inútil e caminhar com ele. Propôs

então Ruines Gama aos companheiros, que se mandasse fuzilar todos os prisioneiros enfermos, entre os quais havia um pobre velho que, segundo constava, era seu parcial, mas ousara protestar energicamente contra muitas indignidades dos revolucionários, e por isso era tratado como inimigo. A essa desumana ideia, acolhida com indiferença pela maior parte dos que sofriam o martírio dos ferros e da fome, opuseram-se Leôncio Pires e mais outros cabos da hoste, decidindo-se, afinal, que havíamos de padecer ainda por muito tempo. Na verdade, o que depois padecemos nem to poderei eu narrar, porque há dores, as dores da alma que só o desgraçado que as sentiu e Deus... sabemos quanto são cruéis! Finalmente, reduzidos os rebeldes a um bando de menos de duzentos, e nós aos poucos que não ficamos mortos no caminho, assentamo-nos ao pé da Serra do Pico, que alcançaremos hoje mesmo se fizermos boa jornada. Eu, acorrentado ao tronco de uma velha craibeira, cuja ainda viçosa copa era como um grande telheiro que me abrigava do sol e das chuvas, eles na vasta caverna que, cavando a base da serra pelo lado do sul, vai-se estreitando até se perder pelas fendas das pedras, e dar, depois de transformada numa extensa galeria ornada de estalactites, em uma espécie de terreiro muito elevado, de onde descortinavam boa distância em torno. Assentados à tarde no lajedo daquele terraço natural, divertiam-se os rebeldes a ver os urubus cevarem-se dos corpos dos prisioneiros, muitos dos quais, arrastados para longe antes de exalarem o último suspiro, sentiam dor e estremeciam às bicadas das ferozes aves, que reunidas por centenaes tornaram-se tão atrevidas, que vinham rodear os vivos, assombrando-os com seu olhar faminto e seu rouco grasnado, empestando à atmosfera com seu hálito impregnado de podridão. Assim vivi durante muitos dias, à espera da morte, e a morte não veio. E os dias que eu via passarem indolentemente vagarosos pareceram-me séculos.

– Os rebeldes – continua Agavino depois de um profundo suspiro – saíam ao pôr do sol a correrias, a que chamavam

*diligências*, pelos povoados mais próximos da serra, e se recolhiam pela madrugada, tintos de lodo, salpicados de sangue, e arrastando, amarrados à cauda dos cavalos, os cadáveres das rezes que furtavam. Vinham saciados de crime e também de prazeres brutais, que nunca deixaram de buscar com a mais desenfreada covardia. Quando os raios do sol começavam a aquecer os cabeços da montanha e a mover os vapores acamados pelas penedias, os urubus apareciam volteando pelas alturas do céu, depois iam aumentando em número, descendo gradualmente, e, juntos aos caracará que também apareciam em quantidade, caíam sobre os cadáveres com desesperado apetite, formando pelas vizinhanças da gruta um banquete horrendo.

– A esse espetáculo correspondia outro, porventura mais atroz, lá no vestíbulo da caverna, que eu avistava do meu leito de dores, cavado entre as raízes da craibeira, sem que me fosse necessário levantar a cabeça. De contínuo engolfados nas suas orgias a um tempo ferozes e vis, os rebeldes abusavam covardemente da fraqueza física das mulheres que haviam arrancado dos braços dos maridos ou dos pais, e que, desonradas, espancadas, e humilhadas do ludibrio, pranteavam dia e noite, e com os braços estendidos para o céu, o colo e a garganta arroxeados da brutalidade dos seus violadores, imploravam a morte, de joelhos aos pés deles, que lhes respondiam com chufas e insultos, quando não era com ameaças e espancamentos.

– Bem tristes e horrendas eram aquelas cenas! Ao presenciá-las eu sentia redobrar-me a febre, incharem-me os pulmões; depois, prendia-se-me a palavra à língua ressequida do fogo que me queimava; mas eu não tinha torça, nem ao menos para articular duas sílabas. E a voz presa entre a vontade e o corpo, recortava de soluços os prantos em que a alma afogava a sua dor tremenda!... Depois um abatimento extremo serrava-me as pálpebras, e os pesadelos da febre reproduziam-me diante dos olhos aquelas mesmas atrocidades, com cores, se é possível, ainda mais negras.

– Entretanto o meu triste estado cada vez mais se agravava, porque outros não podiam ser os efeitos do sol e das chuvas, juntos ao monstruoso e repugnante espetáculo que eu tinha sempre diante de mim. Finalmente, pela manhã imediata a uma noite em que não veei nem dormi, ouvi deliberarem os rebeldes que o meu corpo seria arrastado para longe da gruta, com os de outros infelizes. Naquela situação que me importava a vida ou a morte, se eu já era quase um cadáver? A ausência dos vivos trar-me-ia o repouso do aniquilamento material, e, quem o sabe? talvez paz e refrigério para o espírito. Pareceu-me então estar rodeado de muitos homens, que falavam e balouçavam aquilo que supunham ser os meus restos... Foi tudo, porque de nada mais tenho consciência, senão de ter acordado, não sei se horas ou dias depois, bem longe da craibeira, e ao lado de um homem desconhecido, cujo grave semblante trouxe-me à mente o de frei Serafim, daquele monge cuja excessiva severidade tão profundas recordações deixou por estas províncias. Tomei-o a princípio por uma ilusão de febricitante, mas respirando naturalmente e assentando-me sem extraordinário custo pude ver, com infável surpresa, que se interessava por mim.

– Então, meu amigo, – disse-me com voz sonora e branda – já vos sentis mais aliviado?

– Aliviado?... Oh, muito – respondi-lhe apertando-lhe a destra, que pusera sobre o meu peito, talvez para escutar os últimos ardores da febre. E, depois de olhar em roda de mim e ainda avistar os abutres volteando pelas alturas do céu anilado e sem nuvens, prossegui:

– Mas quem sois vós, senhor, que o céu enviou a estes inóspitos sertões, para arrancar-me ao aniquilamento, lutando talvez contra a malvadez dos homens e a avidez das feras?

– Dir-vo-lo-ei mais tarde – respondeu-me aquele quem me havia chamado seu amigo. Por ora, aquietai-vos, que os rebeldes jazem bem longe daqui, e o vosso estado requer ainda algum repouso.

– No outro dia partimos juntos, a pé, e viemos ganhar a estrada real, por onde, caminhando devagar, não tardamos encontrar o pouso e os companheiros do homem que me tinha salvo, isto é, o mesmo que ontem te prescreveu os remédios e o regímen necessários à tua cura.

– E por que milagre, meu senhor, pode aquele abençoado estrangeiro salvá-lo das maldades dos malvados? – perguntou-lhe Bárbara.

– Contou-me que, ferido em uma das correrias a que saíam à noite, um dos chefes a quem chegara a sua fama como médico, mandou lhe pedir fosse prestar-lhe os socorros de sua arte. Homem dotado das mais altas qualidades da alma, jamais se negou Jacques Dumond a socorrer os enfermos, e descontinuando as suas ocupações, foi curar o rebelde. Viu nessa ocasião umas figuras que eu havia rabiscado a carvão nos pergaminhos de um tambor deixado perto de mim. Representavam Palmira em dois momentos de sua vida: quando ainda pequena vinha brincar no quintal para ver-me e sorrir-me, e quando eu a vi pela última vez, pálida e triste, à entrada da cadeia, de onde lançou-me um olhar semelhante ao fulgor de duas estrelas que se atufassem numa nuvem de tempestade. Perguntando o naturalista aos rebeldes quem os havia traçado, eles lhe responderam: – Foi um diabo que aqui tínhamos e que a esta hora não come mais farinha. – Sob pretexto de querer examinar-me o crânio, pediu-lhes para me ver, e dirigindo-se ao lugar onde estavam os falecidos mais recentes, achou que eu ainda não era de todo um cadáver. Condoeu-se da minha triste sorte, e, como inspirado por um raio de cima, concebeu o único plano exequível para afugentar dali os rebeldes, e depois restituir-me à vida. Nesse intento, falou-lhes da imprudência que cometeriam se se demorassem muito tempo na caverna, assustando-os com a notícia, aliás fundada, de que não tardariam chegar àquelas recônditas brenhas as forças imperiais, e acrescentando que toda a demora em lugar tão desvantajoso podia ser-lhes fatal.

– Surtiu o plano o desejado efeito: sem mais curarem de repouso, e ensacando as virtualhas que haviam amontoado no covil, alevantaram os foragidos o acampamento, e como assombrados pelas apreensões do medo, lá se foram em direção à Serra da Urtiga, passando ao sul da Montanha do Jabre, pelo lugar chamado *Garganta da Onça*. Desta arte nos achamos a sós, a Providência, ele e eu. E no dia seguinte, já as minhas forças me permitiam abrir os olhos e ver a natureza que, ridente, me afagava o espírito, e derramava-me no coração o hálito benigno da primavera nascente.

– Eis, Bárbara, por qual milagre ainda me vês de pé diante de ti, caminhando para ver Palmira que, provavelmente, não terá sonhado que ainda vivo sobre a terra.

E os três viajantes foram passar a noite a poucas léguas do lugar em que o naturalista havia salvo Agavino. Não quis este passar adiante sem ter o gosto de rever a craibeira sobre cujas raízes se deitara febricitante, e debaixo de cujo folhame sentia passar o sueste, úmido e regelado, quando pelas horas mortas da noite ia zunir pelas sumidades da montanha, e açoitar enfurecido, as urzes dos pedregosos recôncavos. Foi só, que a Zangão repugnavam tais prazeres, e chegou às proximidades da caverna pelo correr das mesmas horas em que acordara da febre.

Era manhã. A ossada dos mortos alvejava aqui e ali pela encosta da serra, e principalmente pelas vizinhanças da gruta. Em um dos recessos desta estava, aplicada sobre um esqueleto e corroída dos vermes, a sua farda de capitão dos voluntários. O insensato que a vestira, provavelmente moribundo no momento da fuga dos companheiros, fora abandonado à solidão, e devorado pelas larvas das moscas, talvez ainda em vida. Mais adiante, os ossos de um recém-nascido, juntos a uns restos de mulher, atestava ter sido a gruta testemunha de um horribilíssimo drama, passado entre uma mãe, desamparada e um inocente filhinho, o qual só viera a este mundo para aumentar as amarguras da infeliz, e depois chamá-la ao Céu, aonde os serafins formam o cortejo dos justos e

tecem a palma do martírio. No fundo, em um dos ressaltos da rocha estava, coberto de pó, o tambor em que debuxara Agavino o retrato de Palmira. O moço despregou do instrumento os pergaminhos, já estruídos da umidade e dos insetos, e atravessando a galeria longa e tortuosa que dava acesso à gruta pelo lado da serra, foi assentar-se à espécie de terraço de onde espreitavam os rebeldes os campos circunvizinhos. Ali nenhum objeto novo recordava os tristes sucessos da revolução, a não serem os troncos encarvoados de algumas árvores, que atestavam a passagem não muito remota da mão destruidora do homem.

Depois de contemplar as planícies e tabuleiros, que se dilatam ao sul até as montanhas daquele lado, as matas virgens que bordam os cabeços de granito empinados pelas alturas mais próximas, os recôncavos profundos onde sussurram as torrentes, o arruído dos ventos, a transparência do ar, a profundidade do céu, a imensidade enfim, Agavino levantou-se, e descendo quase verticalmente, foi visitar a afeiçoada craibeira. No tronco da árvore estavam gravados dois nomes, cujas letras mais graciosas de um do que do outro, entrelaçavam-se: era o primeiro o de Palmira, e o segundo o dele próprio. Por um singular acaso, todos os caracteres deste último haviam sido literalmente ofendidos, ou desfigurados, quer pelos insetos, quer pelas vergôntes que tinham rebentado na ferida.

Todos esses objetos traziam-lhe recordações amargas, pensamentos dolorosos. Cruzou os braços e assentou-se nas raízes da árvore. Então, uma a uma foram-lhe passando pela mente as imagens negras do passado; após as do presente, que lhe sorriam meigas e encantadoras; após as do futuro, grandes, fantásticas, indelineáveis. Agavino cogitava do que lhe havia revelado a velha Bárbara a respeito da projetada união de Palmira com o mais vil dos revolucionários. Tremia quando este pensamento lhe passava pela mente, e afastando-se daquele triste lugar, invocou ideias menos sombrias. As águas de um regato próximo, que outrora

ele só vira turvas e revoltas, e que agora contemplava cristalinas e tranquilas, favoreciam-lhe a desejada transição de ideias. No mundo de imaginárias aventuras que se desdobrou então ao seu espírito, ele sentia a voz da consciência pregoar-lhe largos destinos. E nas doces profecias de sua jovem alma, a loura figura de Palmira surgia-lhe serena e luminosa por entre as mais risonhas e voluptuosas da imaginação; e essa imagem era pura como a de um anjo, como a de um anjo formosa, meiga, encantadora. Subiam-lhe à face as rosas do pudor, a modéstia baixava-lhe os olhos, grandes e azuis, donde desprendiam-se os raios de um amor celestial; o recolhimento embargava-lhe o sorriso, que brincava tímido em torno dos mimosos lábios; e o véu flutuante da inocência, ondeando em torno dos membros, escondia-lhe as formas divinais, fazendo porventura suspeitá-las menos perfeitas do que as havia esculpido o Criador.

Mas não tardava alevantarem-se castelos de nuvens afogueadas e turvas no horizonte do sentimento, e essas nuvens cresciam rápidas, e toldavam a face clara e ridente do firmamento da Esperança, semelhantes às tempestades do deserto, que arrastando pela superfície da terra os bulções de areia fervente, revolvem num instante os plantios das costas habitadas, e torram a verdura dos felizes oásis.

É que lá no fundo daquela grande alma, fecunda como a imaginação que a balouçava, tinham de se encontrar, repelir e batalhar as procelas do amor, as torrentes vorticosas da vida, e as lavas turvas, revoltas e candentes da sociedade, para depois de tudo isto deixarem após si um sulco indelével de estragos!

XI  
CASTA REPULSA





Alguns dias se tinham passado depois da partida dos três companheiros de viagem da casa do naturalista. Agavino, a quem o receio de ser surpreendido pelos foragidos que tinha aconselhado o disfarçar-se em boiadeiro, e desviar-se da linha mais reta para chegar a Areia, trajava camisa de algodão, perneiras, gibão e sandálias de couro curtido, trazendo ao ombro a clavina do viajante do sertão, da qual pendia-lhe pelas costas um surrãozinho com a pouca roupa que levava, e por cima dele a sua rede de linho, cujos punhos, caídos até as pernas, cobriam-lhe parte da cinta, onde tinha metida a faca de ponta, dentro da sua bainha de prata artesoadada – presente dos fazendeiros da Serra do Teixeira –, e pendurada a cabacinha de pólvora, que vinha completar a fisionomia de quem quisesse passar por genuíno filho dos sertões da Paraíba. Além destes objetos, levava uma pequena bolsa de couro, na qual ia depositando, como em uma arca preciosa, as gemas que encontrava no caminho, e que, juntas às que já havia colhido nas gargantas das serras e, nos leitos dos rios durante a sua viagem com o naturalista, tinham de formar um dia o inesgotável tesouro, que foi mais tarde o alento material de sua existência.

Zangão trajava quase identicamente, mas além de levar muito mais armas, mais roupa (e um grande molho de *erva de rato*) tinha na cabeça a sua fiel e indispensável barretina militar, nobre distintivo a que atribuía a virtude de fascinar a humanidade, e que, realmente havia produzido uma sensação extraordinária nas povoações que atravessara. Não levavam cavalos, e esta circunstância, se por um lado tornava-lhes o disfarce mais seguro, tinha por outro a desvantagem de dificultar-lhes a progressão do caminhar, bem que, fossem os dias radiantes, as noites claras, e as estradas assaz transitáveis.

Quando, porém, chegaram ao lugar chamado *Pedra d'Água*, onde os caminhos tornam-se menos ladeirentos mas o piso difícilimo, Agavino – cuja palavra culta e cujos modos delicados traíam-lhe a origem superior à dos companheiros – não se pôde eximir de receber hospedagem de um dos mais ricos fazendeiros da Província, e com essa hospedagem favores que seriam extraordinários e até inconcebíveis em qualquer outro país, mas que no interior do Brasil eram, e nos lugares mais afastados das grandes cidades ainda são a coisa mais natural do mundo; como, por exemplo, presentes de queijos e outros comestíveis próprios para mantimentos de viagem, de pedras preciosas brutas, de um bonito punhal com bainha de prata, e, finalmente, de um magnífico cavalo como os há por aqueles sertões, onde o homem parece ter os membros amputados quando lhe falta a competente montaria. Assim, da *Pedra d'Água* em diante uma das personagens ia montada, personagem que o leitor cuidará sem dúvida fosse Agavino, ou pelo menos o nosso conhecido da barretina, e que na realidade não passava da preta Bárbara. O areiense insistiu para que a pobre velha, a quem eram sobremodo penosas as jornadas por caminhos sulcados das águas do inverno, coberto de seixos rolados, e semeados dos espinhos dos cactos, cavalgasse o elegante ginete; com grande descontentamento de Zangão, que não cessou de protestar contra aquela, para ele, insultuosa preferência. “Amazona antediluviana!”, murmurava continuamente o soldado, para o qual o generoso ato de Agavino não passava de uma ridícula originalidade. Foi necessário que o moço o presentasse com a clavina que levava, e com o rico punhal que aceitara do fazendeiro da *Pedra d'Água*, para que se reconciassem os dois pretos, e ficasse restabelecida a primitiva harmonia na pequena campanha.

Ora, tudo continuava em paz, quando, pelo cair de uma linda noite em que se iam acomodar sob um frondoso umbuzeiro que avistavam a pouca distância, encontraram-se com duas mulheres desconhecidas. Era no meio de um tabuleiro recozido

do calor do sol, e tendo por quase única vegetação nas suas partes menos estéreis o ósseo *mandacaru*, com sua forma meio vegetal meio de esqueleto humano, as tomentosas *barbas-de-velho*, as articuladas *palmatórias*, que têm o que quer que seja do crustáceo, os rasteiros *chic-chics*, as esféricas *coroas de frade*, e outras espécies diferentes da grande família dos cactos, que por toda aquela zona estendem o seu império, alastrando o solo de milhões e milhões de espinhos, que sacodem dos membros esguios ao açoitá-los as chuvas e as ventanias outonais.

Vinham as desconhecidas na mesma direção dos três viajantes, sendo por isso natural lhes ficassem reunidas até divergirem de rumo. Demais, passado o umbuzeiro, careciam atravessar vastas campinas antes de encontrar outra árvore, sob a qual pudessem armar as suas redes e pernoitar sem receio dos espinhos e das serpentes cascavéis, que enchem de susto a quem dorme no chão.

Ao branco crepúsculo dos últimos instantes da tarde, a que se juntou ess'outro crepúsculo da *luz zodiacal*, que por aquelas latitudes o prolonga por muitas horas, era difícil distinguir as feições das duas companheiras, cuja voz, entretanto, de uma rápida e vibrante, de outra meiga e sonora, atestava serem bem diversas na idade, e tinha o que quer que era de voz conhecida, assim de Agavino como da velha Bárbara. Logo, porém, que, juntos em fogueira, os galhos secos do umbuzeiro e os espinhos dos cactos arderam, ao chegar-se-lhes o fogo, a viva claridade da chama, cintilante e esbranquiçada, desvendou o mistério: eram a velha Radamina e sua filha, que regressavam de *Piranhas* para o litoral da Província, por onde era público que a moça havia sido obrigada pelos foragidos da guerra civil a pôr em mercado a sua livre e consciente inocência.

Oh, quanto é triste o despenhar de criatura tenra e formosa no imundo charco da extrema depravação moral! A fascinadora Rachel estava na flor da mais exuberante juventude, e nos seus

lindos traços, realçados pela claridade da fogueira, patenteava-se o brotar da mocidade a mais plena e viçosa a desafiar o amor e a provocar o desejo dos mais voluptuosos deleites.

Todavia, tudo já era material nessa ofuscante beleza. Semelhante à soberba passiflora, que amarrotada das pontas do touro selvagem se balança doidamente nas espirais do seu delgado pedúnculo, e feridas as pétalas e as nectáreas destila aromas inebriantes por todos os poros da caprichosa corola, porém já sem o mimo do primeiro perfume nem o brilho dos primitivos matizes, assim estava Rachel em sua extraordinária formosura. Privada da antiga pureza que, embora física, envolvia-lhe a fronte numa auréola de encantos, ela não era mais que um conjunto de perfeições em que se sentia a passagem de bafo profanador e grosseiro. É que o lábio do homem impudico assemelha-se à ponta do touro: flor de inocência por onde ele roçou não se erguerá mais no tênue pecíolo, não se fechará mais em botão ao rociar da madrugada. E o perfume da sua corola ofendida não atrairá mais a abelha que busca o néctar no fundo do cálice ilibado, mas somente o rasteiro escarabeu, cujo devorador apetite se contenta com os restos das alheias orgias.

Durante a última colação do dia, que os cinco viajantes tomaram juntos, os olhos da cigana encontraram-se diversas vezes com os de Agavino, e esses movimentos, aparentemente casuais e impensados a princípio, foram-se tornando cada vez mais frequentes, como se o demônio se comprazesse em os multiplicar com misteriosos desígnios.

O olhar da cigana era brilhante como o da serpente, e, como o desta, atraente e magnético. Mas porventura, essa comparação é grosseira, porque havia naquele olhar o encanto dos promettimentos profundos como o infinito, e suaves como uma noite de inverno passada no regaço do amor sem restrição nem mistério. Por mais de uma vez, a face do mancebo pareceu tingir-se de rubro, e de contínuo os seus olhos desviavam-se

dos da moça, como movidos do receio de se embotarem na contemplação deles, com que de novo se encontravam, para de novo repelirem a irresistível fascinação.

A cara de Zangão – o qual nada perdera de toda esta cena – tinha-se dilatado, brunido, e tomado expressões de uma impaciência mal contida. Por fim, suspira o soldado, e tangendo com a língua os pedaços de medula de *chic-chic* ensopados no mel, que a todos serviam de sobremesa, arregala os olhos e exclama em voz chilreante:

– Ai, ai, meu Deus, vós só dais nozes a quem não tem dentes!  
– referindo-se a Agavino, em quem descobrira a perturbação resultante das olhadas da cigana.

Terminada a refeição, foi Rachel assentar-se na sua rede de linho adornada de rendas e do famoso *labirinto*, com que guarnecem as roupas brancas de mais luxo no interior do Brasil, e tirando do surrão uma graciosa guitarra, pôs-se a cantar a seguinte modinha de sua própria lavra, que se achava então nos lábios de quanta moça havia nos sertões do Ceará, da Paraíba e do Piauí:

Só eu não tenho esperança  
Que me alente o coração;  
És de gelo, e eu cratera  
Ao referver do vulcão.

A louca, perdida Aimor,  
Do gigante perseguida,  
Erra em busca da ventura  
Nos teus olhos escondida.

Sob a negra cabeleira,  
Sob o peito do gibão  
Tens a mente endurecida,  
Escondes a ingratidão.

Só eu não tenho esperança  
Que me alente o coração;  
És de gelo, e eu cratera  
Ao referver do vulcão.

Nesta jacará, notaram todos que a feiticeira rapariga havia substituído a expressão de *loura* cabeleira, que era a verdadeira, pela de *negra* cabeleira, muito mais adequada ao caso. Com as inflexões a um tempo significativas e canoras que soube dar à voz, era uma das mil maneiras que imaginou, para manifestar a Agavino toda a sinceridade do seu antigo amor. Longe, porém, estava o moço de deleitar-se com semelhantes revelações, e antes se mostrava contrariado. E bem pode imaginar o leitor quanta torvação lhe trariam ao espírito aquelas claríssimas provas de um afeto digno das filhas dos ardentes sertões da Província. Que cada um de nós, ainda velho e gasto, retrocedendo pela imaginação aos vinte anos, à idade das aspirações, do amor e da poesia, à época em que o mais infeliz animal da criação sente na alma o oscular dos anjos, e nos lábios a sede dos abrasantes deleites, ponha diante de si a cigana Rachel, formosa, cheia de vida, e provocadora como as antigas bacantes em bosque solitário, e confesse se não se sentiria escorregar à borda da deliciosa voragem.

Entretanto, o fogo havia consumido o pouco combustível que foi possível apanhar sob a árvore; a luz zodiacal, que até então brilhara no horizonte em forma de uma imensa pirâmide, havia desaparecido; e o fulgor das estrelas se tornava cada vez mais tênue, pela condensação e resolução dos vapores do dia, os quais, toldando a limpidez da atmosfera, caíam para a terra orvalhando as tépidas campinas. Passadas algumas horas em que todos pareciam dormir, menos Agavino – cuja rede, muito mais afastada das outras do que estas entre si, não passara um instante quieta, – este levantou-se para vigiar o albor da aurora, e depois de fitar por muito tempo o planeta Vênus, que a precedera, foi deitar-se de novo. Qual, porém, não foi a sua surpresa quando, ao pender para a rede, deparou-se-lhe ali um corpo estranho!? O moço recuou assustado, sem poder logo assenhorear-se da agitação em que aquele fato o lançara. Olhou depois para o lado oposto da árvore, e, não sem dificuldade, pôde ver que a camilha

de Rachel, a mais ampla de todas por trazer pendentes duas largas franjas guarnecidas de labirintos, flutuava lânguida ao soprar da aragem. Não havia dúvida: era ela quem estava ali. Recobrando a serenidade de ânimo naquele momento em que qualquer outro a perderia, chega-se para a sua rede e murmura:

– Quem se enganou de leito tenha a bondade de levantar-se, que a noite está a findar, e eu ainda tenho sono!

Então, dois formosos braços, atirando-se-lhe ao colo, tentaram faze-lo cair para a rede, e a melíflua voz de Rachel assim soou aos seus ouvidos:

– Cala-te, tentação! Pois não me reconheceste ainda? Eu sou a filha da cigana Radamina, e tu, bem o sei, és o ingrato Agavino lá de Areia, em busca de quem – animada por singular pressentimento – andei durante meses, perdida, louca, qual rola a quem houvessem roubado o ninho ou matado a companheira na estação dos abrasados amores. Não me faças mais sofrer, coração de gelo... e dize-me ao menos que não me detestas!

– Mas, que vindes fazer, insensata, na minha rede a estas horas com risco de vos expordes à irrisão dos meus companheiros e ao desprezo de vossa mãe? Ide-vos, ide-vos, e não caveis num instante a ruína da vossa honra, nem queirais nodoar a candidez da vossa pureza!

– Criança! – balbuciou sorrindo-se a cigana, depois assentou-se na rede, e apertando entre as suas as mãos de Agavino, disse-lhe com voz resoluta e imperiosa: – Um beijo! Ou então ficarei aqui até o alvorecer, para que vejas que não temo expor-me à irrisão de duas velhas e de um néscio, pelo amor que me queima. – E...

E os dois corpos penderam um para o outro, o de Agavino mais frouxamente, trêmulo, irresoluto, como o de um ente que caminha na escuridão; o dela com arrebatamento, procurando coser-se ao dele, com a implacável ânsia da aranha quando enrola um inseto tenro e volumoso na sua teia elástica, que se

vai encurtando à medida que aumenta o número de suas voltas. Depois a cigana levantou-se, e enquanto o mancebo se atirava no leito perfumado daquele hálito embriagante, e escondia a cara entre as palmas das mãos, ela se foi retirando lentamente, com as espáduas nuas, os cabelos soltos e caídos até o meio das pernas, e arrastando a espécie de roupão branco que trajava e que, varrendo as folhas secas do umbuzeiro, produzia um soído semelhante ao de serpente que rojasse por baixo das redes.

– Ai, ai! – tornou Zangão, que estava atento ao que se passava. – Cuidei que só houvesse um Santo Antônio! Este há de ir para o céu direitinho!...

– Que é isto, Manoel? Que tens para estares assim a falar com o vento! – disse-lhe Agavino, despertando do torpor em que o puseram os lábios de Rachel.

– Nada não, senhor. Estou sonhando cá uma coisa, – respondeu-lhe ceceando um longo suspiro.

Mas os raios do sol começavam a repintar no horizonte uma facha pardacenta, cada vez mais clara, e depois sucessivamente violácea, rubra, e marchetada das mais brilhantes gemas. Agavino ergueu-se, e acordando a velha Bárbara, mandou que ela e o soldado se apresentassem para se porem a caminho antes do nascer do sol, e assim aproveitarem a frescura da manhã. Apressando a partida mais do que costumava em atenção aos sofrimentos da pobre liberta, procurava evitar a companhia das duas ciganas, calculando quantas dificuldades lhe não acarretaria ela durante os últimos dias que tinha de caminhar para chegar a sua desejada Areia. O cálculo do moço foi, porém, depressa malogrado, porque erguendo-se ao mesmo tempo e pretextando os inconvenientes de continuarem a sós a viagem, as ciganas o acompanharam na resolução de partirem cedo daquele lugar.

– Aproveite, senhor Agavino! – repetia Zangão pelo caminho, cochichando-lhe ao ouvido: – Aproveite! Uma moça tão bonita! Ora, se fosse comigo!... E ela que está pelo beízo!...

– Cala-te, Manoel, que eu bem sei o que faço. – Tal era a resposta invariável do areiense.

O pequeno troço de viajantes havia mudado sensivelmente de aspecto. A velha Bárbara recusara naquele dia a elegante cavalgadura, e nesse caso era natural que o moço a oferecesse à formosa cigana, que de bom grado a aceitou. Cavaleira até onde o pode ser uma descendente dos errantes *felahs* e uma filha dos ardentes sertões do Piauí, parecia ela formar com o cavalo uma só criatura, uma encantadora amazona, esbelta, grande, ampla em todos os seus lineamentos, graciosa nos seus meneios, trazendo o cabelo repartido em duas tranças, o roupão flutuante, os pés calçados com borzequins de marroquim castanho, e o punho direito adornado com uma pulseira de prata, em cuja parte mais larga estavam gravadas as iniciais de Ruines Gama.

Caminhavam na frente as duas velhas com a formosa amazona, atrás o moço e o soldado. De contínuo entregue aos seus pensamentos, cuja seriedade o leitor bem poderá avaliar, Agavino conservava-se mudo, parecendo umas vezes abstrato, outras alegre, outras acabrunhado sob os abalos que o assaltavam. Enquanto a cigana, lançando-lhe de vez em quando um olhar langoroso e oblíquo, suspirava profundamente, cantarolando com voz quase sumida as modinhas com que muitas vezes divertira o público nas ruas de Areia, e de balde tentara titilar o coração do adolescente Agavino.

E sem mais incidentes notáveis passou-se aquele dia, calmo, insípido e monótono, como o são quase todos para quem viaja pelos sertões, quer a cavalo, quer a pé, progredindo de oito a dez e, quando muito, doze léguas, no espaço que separa os dois crepúsculos de uma mesma revolução terrestre.



XII  
DECRETOS DO ALTÍSSIMO





Quando baixou a noite, pouco depois de haver a acauã pela última vez saudado o sol, chegaram os nossos viajantes ao lugar denominado *Lagarto*, pátria da célebre dona Cláudia, mulher opulenta e de boa família, mas cujos maus instintos e notáveis crimes foram tais, que ainda estão na memória dos paraibanos.

Pelo tempo em que passavam os sucessos contidos nesta história, formava o *Lagarto* um refúgio de assassinos, um verdadeiro valhacouto onde não entrava a manca e pusilânime polícia da Província. Sabia-o Agavino, porém a notícia, infelizmente falsa, de se terem demorado ali as forças do Governo, fê-lo preferir aquele caminho, por onde aliás não era provável encontrar-se mais dificuldades, nem maiores perigos do que pela estrada direta que havia para chegar a Areia.

Foram pernoitar sob vasta palhoça, a dois passos de uma casa grande e regularmente arquitetada. Por aqueles países ninguém estranha que o viajante por desconhecido que seja, desça do cavalo, arme as redes, e se demore sob o alheio teto, sem mesmo pedir hospedagem aos donos deste. E antes vêm-lhe eles ao encontro oferecendo-lhe os cômodos de que podem dispor, e insistindo para que os aceite. A casa tinha luz dentro, e alguns vultos apareceram à janela, enquanto os cinco viajantes armavam as redes e faziam as abluções indispensáveis para se porem à mesa.

– Quem é o dono do comboio!? – grita da janela um homem magro, cuja voz soou aos ouvidos de Agavino e das duas ciganas como o chocalhar de cascavel que desliza em traiçoeira sombra.

– É de paz! – respondeu Zangão. – É gente boa, lá da capital... e de Areia.

– Cala-te, Manoel! – acudiu Agavino, puxando-lhe significativamente pela veste de couro; e levantando a voz: – É gente do naturalista Dumond, que vai à capital da Província.

E o homem desapareceu, pronunciando palavras que os viajantes não puderam perceber. Daí a meia hora surgiu na porta da casa um vulto de mulher, e depois o mesmo homem magro, ambos acompanhados de um pardo alto e possante, que alumiaava o caminho com uma candeia de metal amarelo. Ainda não haviam dado um passo no terreiro da casa, quando Bárbara e as ciganas já exclamavam uníssonas: – Deus de Misericórdia! – Era que tinham reconhecido a terrível dona Cláudia, de quem todos tremiam, e com ela Ruines Gama, cujos traços estavam pouco alterados, não obstante trazer o cabelo até os ombros, e a pele bronzeada pelo sol dos sertões. Todos três vinham armados; o homem magro trazendo na mão um bacamarte, o pardo uma baioneta, e a mulher um punhal na cinta, de onde também pendia um pequeno crucifixo de latão, lembrança de frei Serafim, que lho havia dado no dia em que lhe abençoara a primeira união conjugal.

Nesta apertada conjuntura quem poderia achar pretexto para esconder o rosto, e como inventar motivos para evitar o perigoso encontro?

– Pega na tua espingarda! – disse Agavino a Zangão, e aproximando-se da sua própria: – Ora tenham muito boas noites! – continuou para os da fazenda, imitando a rudeza de voz dos sertanejos; ao que lhe responderam a um tempo: – Deus lhe dê as mesmas.

– Então não querem se arrancar cá para a casa? Olhem que estariam mais agasalhados – prosseguiu dona Cláudia, enquanto Bárbara balbuciava o Pai-Nosso, com as mãos sobre o rosário, e a velha Radamina se esforçava para encobrir o rosto e projetar a própria sombra na cigana moça, que assentada na rede fitava

assombrada o vulto esbelto e imponente da temível sertaneja. – E aquela senhora, por que não vem cá para dentro? Ora, venha descansar e conversar um pouco! – E encaminhando-se para a moça, parou como terrificada: – Que vejo!?, Rachel, a miserável cigana em minha casa!?! – Depois, puxando da cinta o punhal: – Maldita! – gritou descarregando o braço nos labirintos da rede, de onde saíra rápida a cigana, para travar da espingarda de Zangão e dispará-la à queima-roupa na sua agressora, que tomba com o peito ferido, e bradando ao pardo: – Santana, vingame que me mataram!

No mesmo instante, porém, o robusto escravo baqueava ainda melhor que sua senhora, porque, armando o bote para a cigana moça e tentando trespassá-la com a baioneta, sentira vibrar-lhe no occipício uma arma pesada e brandida por braço possante. Apenas tombados por terra, lançaram-se sobre eles as duas ciganas, a velha cravando no coração do pardo, que estava de bruços, a própria baioneta com que ele tentara varar-lhe a filha; esta sobre dona Cláudia, que, pouco ferida, conseguiu prender entre os dentes a mão de Rachel, até perder o fôlego ao pesar-lhe na garganta a botina da cigana, com a força de uma mola metálica irresistível.

E os homens o que faziam? Manoel Zangão estava na mesma postura em que o achara a moça quando arrebatou-lhe das mãos a espingarda. Ruines Gama tinha apenas levado a mão aos fechos da sua arma, e demais não teve tempo, porque, assestando-lhe para a cara a clavina depois de havê-la vibrado na nuca do escravo, Agavino o continha aterrado e mudo, comprimindo-lhe o respirar apressado, e, infelizmente!, fazendo-o abandonar o bacamarte, que lhe cai aos pés, soltando um tiro rouco que foi ferir mortalmente a pobre Bárbara. Muda e humilde como um cordeiro, caiu esta estrebuchando, com a face contraída pela dor, e depois, risonha e beata, disse olhando para cima: – Deus seja louvado! – Foram as suas últimas palavras.

Sem dar tino desta triste cena, Agavino manda Zangão apanhar a arma caída, pega na candeia, que ardia por terra com a mecha saída da cratera, deita para trás o chapéu para melhor iluminar o rosto, e aproximando-se de Ruines Gama, em cuja cara derramou-se a palidez do medo, disse-lhe acerbamente:

– Reconheces-me covarde, traidor, coisa infame e sem préstimo, que abusaste da minha boa fé no dia em que te aceitei por companheiro de armas? Eu sou o teu prisioneiro, que teus vis parceiros não quiseram assassinar logo para que a sua agonia fosse mais longa. Eu o pretendente da mão da mulher que tu desejas por ser rica e formosa; e a quem nunca deveras amaste, porque sempre detestou a tua estupidez e maldade. Olha bem para mim! Reconheces-me? Queres a minha espingarda para te bateres agora comigo? Eu ta dou! – E esfregando-a nas mãos de Ruines Gama: – Vês como estás trêmulo? Já reparaste em uma estampa de hiena? Pois é a tua cara, é assim mesmo: a de um animal que não acomete pela frente, à espera de dez e doze hienas para com elas atacar um só homem. Sai-te daqui, coisa vil, e vai-te embora, que eu te desprezo, e não te levo preso porque tenho nojo de ti!

Assombrado daquela inopinada e terrível aparição, o traidor se havia pouco a pouco encostado a um dos esteios que sustentavam a palhoça, e estava com as pernas, abertas, os braços pendidos, e a cabeça caída para diante, na posição de um condenado que fosse subir ao patíbulo. Dessa postura tirou-o um subitâneo tremor, bambaleando-lhe as pernas e o fazendo cair de joelhos aos pés do seu antigo prisioneiro, que ele cuidava estivesse desde muito na eternidade.

– Manoel, sela já o meu cavalo! – disse Agavino sem relaxar o adversário, ou melhor, o vil inimigo. – E partamos todos, companheiros, deste covil de assassinos!

Zangão inspirou e expirou desafogadamente. A lembrança do moço pareceu-lhe felicíssima, incomparável, a única verdadeiramente útil e oportuna naquela terrível conjuntura.

Correu para o lado da palhoça, onde tinha o chocalho do cavalo; e selar o animal, tirar-lhe as peias, e pôr-lhe na garupa a roupa, as cordas, e as redes que encontrou foi coisa de uns segundos. Depois veio pé ante pé, e olhando por cima das orelhas do animal, atrás do qual se escondia, disse baixinho como dominado do receio de ser ouvido:

– Está tudo pronto, tudo! Vamos depressa, senhor Agavino!”

Este, afastando-se de Ruines Gama, sem todavia lhe voltar as costas, olhou em roda de si. Radamina estava encostada a uma das forquilhas que sustentavam o teto, com a rede de Rachel nas costas, posta de tiracolo, a guitarra na mão esquerda, e a baioneta ensanguentada na direita. A moça estava em pé, com os braços meio cruzados, afagando com os lábios as feridas do punho, e tendo o pé direito sobre a garganta de dona Cláudia, de cuja boca saía-lhe a língua, comprida e violácea. Mais para diante estava a preta Bárbara, deitada e imóvel. Tinha a cara voltada para o céu, os olhos cerrados, as pernas estiradas, e as duas mãos no peito, com os dedos trançados por cima do rosário e de uma profunda ferida, de onde ainda borbilhava o sangue frouxamente.

– Minha Bárbara! Minha pobre Bárbara! – exclama amargamente Agavino, em cujo coração o aspecto daquele cadáver havia coado as dores da saudade mescladas da mais implacável cólera. E levando a destra ao cão da arma, volve o rosto ao esteio em que se equilibrara Ruines Gama para não cair. O lugar, porém, estava vazio, e para o lado da casa apontava Zangão gritando: – Foi buscar mais gente! Vamo-nos embora, senhor Agavino!

A cigana moça já tinha entretanto montado, e a velha, segurando nas rédeas do animal, puxava-o com força na direção da estrada. Então, disse-lhes Agavino, soluçando:

– Tenham paciência, minhas senhoras: é necessário colocarmos a pobre morta na garupa deste cavalo, para lhe darmos sepultura onde pudermos.

Depois fez sinal a Zangão para que o ajudasse a carregar o corpo da infeliz Bárbara. E pegando ele pelos ombros e o soldado pelos joelhos, atravessaram-no por detrás da cigana, que ajudou a amarrá-lo com as cordas de sua própria rede. Puseram-lhe depois um lenço por cima do rosto, ligaram-lhe as pontas, e partiram.

Apenas a uns duzentos passos de distância da casa de dona Cláudia, os quatro companheiros olharam para trás, despertados por um clarão avermelhado que vinha daquela parte. Era a palhoça, que ardia espalhando ao longe uma luz cada vez mais intensa. O vestido branco de Rachel tinha tomado uma tinta rósea, mosqueada aqui e ali de manchas negras, formadas do sangue que coalhara ao frescor da aragem. Havia o que quer que fosse fantástico e medonho na associação, ou, como diriam os pintores e os escultores, no *grupamento* daquela graciosa figura com o vulto informe do cadáver sobre o brioso animal. E os cabelos do mais destemido se haviam de ouriçar, se, em lugar ermo como aquele, e numa hora morta como aquela, o acaso lhe deparasse tão estranha realidade. Os mais eram uns vultos escuros, tristes, caminhando rápidos, sumindo-se por entre os troncos dos cactos, subindo e descendo as ribanceiras dos leitos secos das torrentes, desaparecendo nas gargantas dos serrotes e reaparecendo nas campinas alvacentas, para de novo se encobrirem à sombra das opalas que bordam as colinas, e cujas folhas lustrosas e ressonantes são as únicas de todas as dicotiledôneas, que triunfam do ardor do sol na estação verdadeiramente tórrida dos sertões. E era tétrico o ver assim caminharem aqueles inocentes fugitivos ao som metálico das patas do cavalo batendo nos seixos do caminho, ao estalar dos espinhos secos sob os passos de todos, e ao regougar dos *jucurutus*, que esperavam sobre os galhos dos cactos a passagem dos morcegos, que naquela estação vêm comer o fruto do *mandacaru*.

Assim continuaram até a hora em que, se retirando a luz zodiacal da banda do ocidente, começou a reaparecer menos bela do lado oposto, deixando um momento a escuridão noturna atingir

sua maior intensidade. Achavam-se então nas margens do rio Paraíba, cujo leito estava enxuto, e cujas ribanceiras, onde vegetam as craibeiras e as oiticicas, não tardaram desenhar-se tortuosas ao pé dos outeiros, como uma serpente negra que escondesse as extremidades nos dois segmentos opostos do horizonte.

– Paremos aqui – disse Agavino aos companheiros – e sepultemos este cadáver.

Rachel apeou-se, e com a velha Radamina o ajudou a desatar as cordas que sustinham o corpo, depois puseram este no chão. E enquanto Agavino e o soldado fizeram uma cova à beira da estrada e sepultaram a desgraçada, as duas mulheres colheram os galhos e ramos secos que encontraram, deitaram-lhes fogo, cavaram o leito do rio, e com a água que apareceu a dois ou três palmos de profundidade, lavaram o cavalo, o rosto e os cabelos. Feito isto, mudaram as roupas, escondendo na covinha de onde haviam tirado água as que estavam ensanguentadas e cobrindo-as com a mesma areia que tinham cavado. Concluiu Agavino a sua obra de caridade erguendo à cabeceira da cova uma cruz feita de galhos de aroeira, e ajoelhando, com o soldado, para orar pela paz eterna daquela virtuosa e desventurada criatura.



XIII  
MULHER MODELO





Não só para melhor se compreender as cenas narradas no precedente capítulo, como para inteligência de alguns sucessos posteriores, será bom retrocedermos à fazenda do Lagarto, e darmos ao leitor algumas explicações.

A chama da candeia tombada das mãos de Agavino no momento em que este avistou o cadáver de Bárbara, ateou-se a uma das paredes da palhoça, formada de palmas de carnaubeira presas entre duas carreiras de ripas, e trepando até o teto com uma rapidez meteórica, espalhou-se por baixo dele, enquanto uma densa nuvem de fumo rolava por cima em espirais, e subia obliquamente para as alturas do céu. Em breve as labaredas romperam em línguas trêmulas e aprumadas, iluminando a coluna de fumo que as precedera, e espalhando ao longe a sua sinistra claridade.

Despertada assim pela quentura daquela espécie de tocheiro disforme como pelas fagulhas que caíam no rosto, e sentindo nos pulmões o sopro do ar agitado pelo calor, dona Cláudia foi se erguendo nos braços até assentar-se no chão da palhoça, onde ardiam e cintilavam os mil fragmentos caídos da coberta. E olhando assombrada em torno de si, como se ainda não houvesse despertado de um mau sonho, ao mesmo tempo que levava a mão à ferida que tinha no seio direito – ferida superficial, graças à pouca velocidade dos chumbos lançados à queima-roupa –, o seu primeiro grito foi para chamar pelo pardo Santana, seu pajem, cuja imobilidade revocaram-na logo ao sentimento da realidade. Levantou-se, correu para fora daquela fogueira enorme, e, depois de mirar-se de cima a baixo e sacudir as centelhas que lhe ardiam no vestido, encaminhou-se para a porta da casa, que

encontrou fechada. Batendo-lhe com força e gritando pelo seu amante, este acudiu de dentro, perguntando-lhe se ela estava só.

– Abre, covarde! – respondeu-lhe a mulher com inflexão de uma cólera terrível.

Dona Cláudia ignorava o complexo das cenas sucedidas após o baquear do pajem. A pergunta, porém, de Ruines Gama, feita com voz trêmula e sumida, fê-la compreender que ele havia fugido às lutas subsequentes, abandonando-a semimorta debaixo da fogueira. E era quanto bastava para estourar de fúria.

– Abre, senão lanço fogo à casa! – bradou desesperadamente.

A porta ia se movendo lentamente, quando os braços da mulher, pesando-lhe em cima, fizeram-na abrir-se de todo, dando em terra com Ruines Gama, que surgiu a medo. Sem mais preâmbulo, a resoluta sertaneja lançou-se ao mancebo, e colando-lhe os membros contra o pavimento:

– Ah, é assim, meu vil namorado – rugiu espumando – que tu pretendes ser o meu predileto, abandonando-me ferida, a mim, fraca mulher, à fúria dos guarda-costas da tua maldita cigana? A mim, que te protejo e tirei-te das mãos da gente do Governo, à sanha da miserável a quem ensinaste a desonra e a devassidão?”

E depois, alumiados pelo reflexo da luz do incêndio, que afrouxava rapidamente, os dois corpos se coseram numa luta diabólica. Durante alguns minutos só soava de vez em quando o escorregar de um pé, de um joelho, de um cotovelo no ladrilho da sala; depois começou um como bater de palmas, rápido, estridente, cada vez mais acelerado, como se, movido por máquina giratória, terrível látigo flagelasse as faces de um cadáver. E tudo pareceu sossegar. As mãos de dona Cláudia tinham, enfim, encontrado a jeito a cara de Ruines Gama.

Não cansaremos o leitor com a descrição de todas as cenas sucedidas na fazenda do Lagarto naquela noite de juízo, porque isso, ainda que escrevêssemos um capítulo por assim dizer vazado sobre a realidade, seria demasiado longo, monstruoso,

quase inverossímil. Diremos somente que, no momento em que soavam as palmas da fazendeira nas faces do amante, voltavam à casa desta quatro dos seus mais robustos escravos, por quem ela mandara assassinar o segundo marido; que terrificado, tanto pela energia daquela mulher que um momento antes ele crera morta, quanto pela presença dos assassinos, o antigo capitão dos rebeldes tremeu, humilhou-se, e pondo-se de joelhos aos pés dela, implorou perdão, depois de haver protestado a sua inocência acerca da presença da cigana naquele lugar, e o seu ódio profundo ao homem que vibrara o primeiro golpe no escravo Santana; que, finalmente, naquela posição e na presença dos quatro assassinos, o covarde jurara perseguir Agavino até a morte, sob pena de ela própria o mandar assassinar, a ele Ruines Gama.

Passadas semelhantes cenas, cujos pormenores também não descreveremos, foi dona Cláudia reclinar-se em uma poltrona de couro – único objeto que ainda lhe recordaria, talvez, a casa do infeliz e último marido, de onde provinha. E enquanto, ajudada por um dos escravos, deitava bálsamo na ferida, mandou Ruines Gama abrir um armário, tirar dele papel e tinta, e foi-lhe ditando a seguinte carta:

Excelentíssima Senhora!

Praza aos céus que a preciosa saúde de V. Ex. continua a ser o prêmio das suas virtudes, para felicidade daqueles que a estimam, e veneram. Se não fosse de tanta importância para mim, não me atreveria a escrever esta, porém a urgência do caso me desculpa, e a grande alma de V. Ex. saberá calcular quanta dor, em a escrevendo, não me cerra o coração.

Passou hoje por aqui o liberto Agavino em companhia da cigana Rachel, com quem vive intimamente. Tive por ele notícias gratas dessa heroica cidade, porém da família de V. Ex., em particular de sua filha Palmira, tive-as das mais consternadoras. E se não ligasse

importância às palavras daquele pobre rapaz, cujo apego à verdade aprecio desde o tempo em que foi meu escravo, custar-me-ia crer na pintura que me fez dessa casa, que representa como um lupanar dos soldados do Governo, onde faz aquela infeliz menina as maiores honras das orgias noturnas. E confesso, Senhora, que ainda me parece impossível se tivesse em tão pouco tempo apoderado a devassidão da alma de tão tenra criança. Mas uma vez que pesam tamanhas suspeitas sobre a sua honra, não posso deixar de cumprir o doloroso dever de declarar a V. Ex. que desde hoje me considere desligado de todos os compromissos que me vinculavam a sua família. E, para descanso desta pobre alma torturada das perseguições dos maus, sirva-se V. Ex. de não inquirir mais da existência de quem, com respeito e veneração, se assina,

De V. Ex.  
o mais humilde criado  
RUINES GAMA

Rio do Peixe,...de março de...

Ruines Gama escreveu e assinou sem dar tino do que fazia. Estava esmagado; doíam-lhe os membros e a cabeça; tinha os beijos entumecidos, e nos lados da cara estampadas, em figuras vermelhas muitas vezes superpostas, as mãos da terrível dona Cláudia.

Concluída aquela tarefa, em que nem de antedatar oportunamente a carta esqueceu-se, a astuta sertaneja pediu o papel, pegou na pena, escreveu outra carta, leu-as ambas, e colocando-as nos respectivos invólucros, disse a um dos escravos:

– Simão, chama Virgílio e Raimundo, e vai já com eles à fazenda do Beiju, ao qual dirás que me mande sem demora três homens *bons* para te acompanharem a ti e aos teus parceiros até o riacho das Covas. Entendes? Se encontrarem a cigana Rachel, e mais duas mulheres e dois homens, façam-lhes fogo imediatamente, que acabam de assassinar o meu Santana depois de me ferirem mortalmente. Não passem além, a menos que não haja receio de encontrarem tropas. – Depois, voltando-se para o escravo

que a ajudara a curar a ferida: – Toma estas cartas, segue os teus parceiros, pede ao Beiju que te empreste chapéu, gibão e perneiras diferentes das tuas, e parte logo e logo para Areia, onde entregarás esta carta maior à dona Amélia, a quem não declararás que foste mandado por mim, porém por este senhor, *que ficou no Rio do Peixe*. E esta menor ao major Lalau da Gama, a quem dirás que vais da minha parte. Ouviste? Muda de nome, finge-te gente lá de riba, e não fales de mim a mais ninguém. Não percas tempo, vai, que eu te darei a recompensa. Partam juntos!

E os quatro escravos partiram; partiram, mas irresolutos e constrangidos. Tinham velado à noite antecedente e estavam cansados. Além disto, aquelas infernais empresas em que, para satisfazerem ódios que não esposavam, e vingarem ofensas que não aquilatavam, eram obrigados a arriscar de contínuo a própria vida, repugnava à confusa consciência deles, a quem, forçoso é dizê-lo, também já se ia transformando em desengano a esperança de possuírem um dia a carta de alforria, cuja promessa tinha dona Cláudia o cuidado de reiterar naquelas ocasiões para ela de grande momento. Foram à fazenda do Beiju, mas não lhe achando o proprietário, passaram o resto da noite a dormir, e só no outro dia às dez horas da manhã partiram a caminho de Areia. Encontrando, porém, pessoas que os assustaram com a nova de que a polícia daquela cidade havia mandado alguns homens ao lugar do assassinato do marido de dona Cláudia, que distava pouco daquele lugar, e ouvindo de outras, que Agavino e o soldado que o acompanhava já se achavam nas proximidades de Areia, sem poderem saber, entretanto, o que era feito das três mulheres, os escravos retrocederam, prosseguindo somente em seu caminho o portador da missiva para dona Amélia e o major Lalau.



XIV  
PRESENTIMENTO





Não há espetáculo mais risonho para quem, na estação canicular, desce das alturas sertanejas em direção do mar, do que seja o luxuriante vegetar das selvas, desde que começa a avistar as formosas penedias da Serra dos Bois. Aos tabuleiros calvos, nus, formados pela maior parte de xistos micáceos recobertos de sílex rolados e fragmentos de granito, e tendo por única vegetação nas suas partes menos estéreis duas ou três espécies de gramíneas delgadíssimas, outras tantas de mimosas, e os tristes representantes da grande família dos cactos, que atingem ali a sua maior altura; a um vegetar tímido, enfezado, raquítico, em que cada planta tem a fisionomia de um tísico, e às vezes de um esqueleto coberto de cinza; em que os troncos parecem fêmures e úmeros retorcidos e fossilizados, e as folhas, reduzidas a uma simples nervura silicosa, pelos e unhas de alguma espécie das primitivas faunas; a um ar abrasador, pesado e vulcânico, que torrifica os arbustos e queima a epiderme do círio, o mais robusto de todos os *cardos*, que afugenta os animais, disseca as fontes e ameaça sufocar os homens. Aos férvidos páramos sertanejos, enfim, sucedem as lombadas férteis, arejadas e úmidas das penedias ocidentais da Serra dos Bois, onde o viajante que vem cansado daquela cor terráquea e monótona do sertão, e do brilho coruscante dos mil fragmentos de mica, que desde o alvorecer até a noite refletem os raios do ardentíssimo sol daquelas regiões, encontra finalmente a sombra, a frescura e o desejado verde-negro das matas virgens.

Nestas, os gêneros vegetais não se contam, as espécies são inumeráveis, as variedades infinitas. As grandes florestas tropicais têm para o poeta a fisionomia umas vezes risonha e

serena, outras voluptuosa e prometedora, outras sobreceinha e tétrica. Elas vivem pelo murmurinho do arroio, pelo cicio da aragem, pelo pio das aves, pelos mil verbos da solidão. Elas têm expressões plangentes como o pio do *alma-de-gato* e o arrulho da juriti, ameaçadoras como o ranger das árvores e o rojar traiçoeiro das serpentes; veementes ou coléricas como o rugido da pantera e o estrondear das cachoeiras; eloquentes ou aterradoras, como o canto dos corruptos e o arruído desesperado das ventanias.

Mas no meio dos sentimentos que nascem ao seu aspecto há uma doce melancolia, um grandioso mistério, uma como saudade vaga, sem objeto, que empalidece e domina os outros sentimentos, convidando a alma às prolongadas contemplações. E balouçado nessa inefável embriaguez, causada nele, pequenino e fraco, pela imensa vida das coisas, o poeta vê o ilimitado no brando marulhar da linfa que se desliza da rocha, o infinito no raio do sol que oscula o seio tépido e perfumado do arvoredado, a manifestação esplêndida da grande Potência Criadora no maravilhoso refletir das asas da falena, que habita o eterno crepúsculo. Então, tanto o que é mimoso e pequeno, como a bonina e o seu aroma, ou a gota de néctar e o colibri que a bebe, quanto o que é gigantesco e incomensurável, como o tronco da palmeira e a vastidão da selva, ou o viso dos alcantis e os ecos da tempestade, tudo se dilata em sua alma, eleva-se e parece-lhe falar da poesia, do ideal e da imensidade, contidos nas suas infinitas aspirações.

Para o botânico, ou o naturalista, o espetáculo é diferente, mas porventura igualmente grandioso. Ao cultor das ciências da natureza, as florestas brasileiras impressionam, principalmente, pela variedade das espécies, pela pujança da vegetação, pela originalidade e magnificência das flores, pela estranheza dos frutos. A mata virgem, como as há na Paraíba, é um caos de verdura, um acervo de florestas entrelaçadas, onde o olhar buscaria em vão distinguir ao primeiro aspecto as inúmeras formas vegetais típicas. Acima das vastas comas de folhagem de uma e muitas espécies,

superpõem-se outras comas diferentes, e se empinam as palmeiras, amarradas umas às outras por inextricáveis redes de cipós, aqui os ramos quebrados e suspensos nas frondes do arvoredado bambaleiam no espaço ao menor sopro da aragem; ali rompem os pandanos e os bambus, quais repuxos de verdura, por entre as franças enoveladas das árvores mais vetustas, superando em altura aquela multidão de folhas dispostas em umbelas, panículas, corimbos e grinaldas, enquanto dos troncos e galhos das árvores dez e vinte vezes seculares pendem viçosas as soberbas parasitas, entre as quais as úmidas bromélias e as caprichosas orquídeas ostentam, ao lado das bauhinias, das anacardiáceas e das passifloras as pompas do seu rico vegetal, como princesas desse reino de perenes delícias. Abaixo, na noite da selva e ao pé das euterpes e das balsaminas crescem os narcisos, os nenúfares, as musas e as ninfas, cujas flores destilam o néctar e a ambrosia, que inebriam os colibris e servem de banquete aos multicores insetos. Pendidos de velhice, os fetos e as palmeiras desaparecem sobre verdadeiros tapetes de verdura e de flores, e a maior parte dos troncos, ainda em pé, são envolvidos num como novo córtex de musgos, de parmélias e de talos retorcidos ou espalmados das mais graciosas epífitas. No meio dessa majestosa opulência, dessa aparente desordem, cada grande objeto perdendo, por assim dizer, a individualidade que lhe é própria, curva-se diante da sublimidade daquele vegetal grandioso, cobre-se de flores estranhas, de *spathaspora*, cálices, pétalas, de todas as formas, de folhas e ramos de todos os aspectos, de mantos de veludo níveos, amarelos, verdes, roxos, carmesins, sob os quais se escondem centenares de espécies microscópicas dos três reinos que compõem o império da terra. E os altos bálsamos, as formosas araucárias e os elegantes pirauás, reunidos uns aos outros pelas meadas que formam juntas as hastes das sapindáceas, das begônias e de outras plantas igualmente singulares, que as serram voluptuosamente, não parecem mais do que simples moléculas, átomos indistintos no meio do imenso organismo da natureza.

Não há sentimentos mais suaves nem ideias mais solenes do que são as que nascem ante o espetáculo da floresta virgem, isto é, da natureza fecunda, reprodutora, formosa e livre. Nos afetos que desperta há o que quer que é mais profundo, mais belo, mais harmônico e mais completo, porque mais humano, do que nas mestas cogitações de que nos enchem o espírito a contemplação do deserto, ou do mar. Eis o que sentiu quem já viu nas sombras, e sondou as profundidades, e escrutou os mistérios, e ouviu as vozes, e sorveu os perfumes da mata virgem. Sombras, mistérios, fragrâncias e vozes sempre capazes de encher nossa alma de todas as harmonias que sentimos faltar na monótona sublimidade do deserto e na assombrosa facúndia do oceano!

É que esse vicejar de milhões e milhões de organismos reunidos pelos voluptuosos laços da vida comum, não tem somente a sua realidade interna: ele tem também o seu verbo, a sua eloquência, a irradiação própria das grandes existências. Tal é a razão porque entre tamanho objeto e a alma humana se estabelecem relações tão íntimas de afeto e concordância, impossíveis de explicar pelo simples fato da nossa sensibilidade subjetiva.

Durante os primeiros tempos do estio, quando o sol passando pelo céu não acha uma nuvem que lhe diminua o brilho, e o firmamento, de uma transparência absoluta, parece abrir o seio às místicas meditações, permitindo às águias descubram a preá a uma distância telescópica, e aos instrumentos de astronomia decuplem a potência do seu alcance, então a natureza virgem ostenta a máxima beleza de suas galas. Então, as vozes da floresta tornam-se o eco das melodias da alma, e a luz batendo no tronco da palmeira, a cigarra zumbindo a sua canção monótona, o arroio murmurando o seu idílio melancólico, ou a brisa derramando nos convas o perfume dos mirtos da colina, tudo fala de poesia, tudo unge o coração de sacrossantos enlevos.

Foi por um desses dias felizes que Agavino, transpondo pela banda do sul as ladeiras em que daquela parte termina a Serra da Caxexa, descansou sobre um outeiro de onde se avistavam as primeiras casas do subúrbio ocidental de Areia.

Apesar do seu traje sertanejo, foi depressa reconhecido pelos que passavam, e como lhe era inútil o disfarce, não tardou muito se espalhasse a notícia de sua chegada à terra natal. Então os concidadãos, os amigos de infância, as famílias que o prezavam, a gente miúda que conhecia a sua bondade, todos os seus conterrâneos, enfim, que o criam morto e honravam-lhe a memória, sentiram uma alegria imensa. E, uns enfeitando a frente das suas casas, outros provendo-se de flores, outros mandando selar os seus melhores cavalos, todos se prepararam para receber dignamente aquele a quem, pela maior parte, deviam a honra de suas famílias.

Era um dia santo. Sabendo da grata nova, os habitantes dos contornos, que tinham vindo à missa do meio-dia, demoraram-se mais na cidade, e unindo-se aos muitos cavaleiros que se haviam ajuntado, partiram ao encontro do jovem e bravo filho de Areia. O sol da tarde iluminava os caminhos avermelhados que conduzem ao alto da serra, e doirava os troncos das árvores e as fragas dos outeiros, deixando avistar de longe toda a rua hoje chamada de Pedro Américo, e por detrás dela os últimos galhos da grande gameleira, cujo majestoso vulto se desenhava no horizonte oriental, onde reverberava-se a luz afogueada do poente.

Ao avistar a multidão de cavaleiros a descerem as ladeiras da saudosa Areia, as casas onde ele próprio se criara, a árvore sob a qual combatera, a igreja das festas dos tempos da sua infância, e ao lado desta última a morada da querida Palmira, Agavino sentiu povoar-se-lhe a alma dos júbilos causados pelas serenas recordações que lhe traziam à mente aqueles caros objetos. Mas, lembrando-se dos dolorosos sucessos da revolução, em que mais de um dos seus companheiros de infância terminou desastrosamente

a sua carreira; da recente morte da velha Bárbara, daquela que o criara e protegera, e que por último lhe dera a certeza de que o amor de Palmira ainda não tinha enfraquecido com a convicção do falecimento do antigo prisioneiro dos rebeldes, o mancebo baixou a cabeça e pôs-se a chorar.

Mas por que era que, no meio daqueles sentimentos variados e opostos, entre os quais deviam sobressair a esperança, a glória, a alegria de tornar a ver objetos tão caros, as lágrimas da tristeza rebentavam-lhe dos olhos? Ele próprio não o saberia dizer. Tal acontece na superfície do mar, que calma e lisa reflete os esplendores do céu, porém que ao menor sopro da aragem se encrespa em ondas em que predominam os sombrios reflexos do fundo, assim no seu espírito as imagens da felicidade eram passageiras, e logo substituídas pelas muito mais duradouras miragens da desventura. E do mesmo modo que no mar é a calma um estado excepcional, nele o era a serenidade de espírito, desejada bonança que muitas vezes é impossível nas consciências dotadas do *pressentimento*.

E a sua profunda filosofia, esclarecida pelas ciências positivas, que estudam as leis do mundo físico, e pelas ciências psicológicas, que estudam as do mundo intelectual, ainda não pode explicar o instinto providente dos irracionais, os fatos do magnetismo, do espiritismo e da *dupla visão*, como poderá explicar essa misteriosa presciência do bem e do mal, tão frequente ao aproximarem-se as grandes vicissitudes?

Ciência humana, tu és o objeto mais maravilhoso do mundo quando as tuas afirmações, como as do pananteísmo racional de Krause\*, abrangem a confissão da tua ignorância. Quando, porém, como as do materialismo, do idealismo cético, do positivismo psicológico, e de outros sistemas igualmente exclusivos, elas são absolutas e arrogantes, então tu não é mais do que uma coisa desabridamente ridícula!

XV  
O CAPITÓLIO  
E A ROCHA TARPEIA





Pela volta das quatro horas da tarde, uma nuvem de poeira, que se elevava da banda do sertão parecendo mover-se na direção da cidade, anunciava aos habitantes desta que os cavaleiros estavam próximos. Foi um imenso alvoroço: homens, mulheres e crianças, gente grada e gente do povo, tudo correu a ver o defensor de Areia, cuja ressurreição parecia um fato inacreditável, maravilhoso. Vinte minutos depois, surgiu das ladeiras do ocidente o galhardo cortejo. Vinha na frente Agavino. Trazia o cabelo curto e um pouco frisado pelo calor do sol, o rosto mais longo do que quando o haviam visto pela última vez em Areia, o buço mais cerrado, e barba a despontar-lhe no queixo. Montava um bonito cavalo ruço que lhe oferecera Cléodon, o seu mais bravo companheiro de armas na defesa da cidade; estava airoso, tinha leda a fisionomia, e a tez crestada pelo sol dos sertões. Aos lados vinham os seus amigos de infância, e imediatamente atrás Manuel Zangão cavalgando o animal que servira de montaria à velha Bárbara e à cigana Rachel, e tendo a fisionomia expandida pela grata e inesperada notícia que o governo da Província acabava de o promover a alferes. Atrás caminhavam os outros cavaleiros, e uma multidão de crianças, que completava a bizzarria daquele luzido séquito.

Comovido pelo aspecto de todos os semblantes que lhe sorriam, de todas as janelas e calçadas que se enchiam de gente, Agavino não deixou, entretanto, de reparar que a casa de dona Amélia, aquela para a qual os seus olhos se tinham volvido logo que transpôs o topo da rua de Pedro Américo, estava fechada, e a gente dela ausente daquela alegre reunião, que o saudava, e

alcatifava-lhe de flores o caminho. Encobrimo a ansiedade que isto lhe causara, perguntou ingenuamente onde estava aquela família.

– Aí mesmo – responderam-lhe –, porém, parece que está tudo triste com uma notícia má que chegou hoje do sertão, sem dúvida a notícia da morte da preta Bárbara, a quem estimavam muito –, resposta cuja insuficiência para explicar aquela espécie de enojo profundo, que de ordinário não causa a morte de um servo, por mais desastrada, não lhe escapou.

Sem deixar transparecer nem na fisionomia, nem nas inflexões da voz a comoção que lhe causou este pequeno, mas significativo incidente, continuou Agavino a série de narrativas com que, desde o seu encontro com os cavaleiros, quase não cessara de responder às perguntas que lhe eram dirigidas; até o momento em que, convidado pelos companheiros, apeou-se para pernoitar no aposento que lhe destinaram. Era este no sobrado da cadeia onde se haviam refugiado as famílias no dia do combate, e cujas espaçosas salas serviam ordinariamente para as reuniões da Câmara Municipal.

Apesar de fatigado da viagem, continuou por mais de uma hora a entreter, tão jovialmente quanto lhe permitia a recordação de sua passagem pela fazenda do Lagarto, a multidão de pessoas que tinham vindo saudá-lo, narrando-lhes as peripécias da sua prisão, como fora salvo pelo naturalista, as suas viagens com este, os fatos ocorridos na antevéspera em casa de dona Cláudia, etc. etc., informando-se, por seu turno, dos acontecimentos sucedidos em Areia desde o dia em que caíra ele entre as mãos dos rebeldes. Narrativas ora alegres, ora tristes, que de vez em quando arrancavam-lhe um rápido suspiro, único indício de que não era absoluto o contentamento causado no seu ânimo pelo júbilo de tantos.

Ao passo que isto se passava, Manuel Zangão – que estava ansioso por saber com certeza se seria ou não convidado para

a lauta ceia que via estarem preparando em honra de Agavino – dirigiu-se a um dos circunstantes, e com voz menos rude que sabia:

– Far-me-á Vossa Senhoria o favor de dizer se todos os alferes serão convidados? – perguntou-lhe.

– Pois não!? Todos os oficiais – respondeu-lhe o homem alongando a cara e levantando as sobrancelhas.

O alferes olhou de roda, e não vendo nenhum dos tais *oficiais* a quem aludia o homem, disse lá para si próprio:

– Que diabo! Os *oficiais*!... E onde estão esses oficiais?... Quem sabe se ele se referiu a mim só?... Sim, tudo aqui já sabe que eu tenho *senhoria*... Mas alguém há de comandar a guarda desta cadeia!... O que é verdade é que eu não hei de ir para a mesa sem farda de oficial. Não tinha mais que ver!... Agora, meus amigos, hei de ser “seu alferes, Vossa Senhoria,” quer queiram, quer não!

Feitas estas judiciosas reflexões, desceu Manoel as escadas sem reparar nas pessoas que passavam e o olhavam com espanto. Chegou ao pavimento térreo, olhou com entono ao redor de si, puxou o beço inferior, inchou as ventas como quem ia sorver o vapor das iguarias que passavam, levantou a cabeça, empertigou-se, dando maior vulto à sua estatura enorme, e bradou à sentinela:

– Olá, imbecil! Quê da continência?! Saiba d’hoje em diante que eu sou colega do seu comandante!... Onde está ele? Já, que lhe quero falar!

– Perdoe, seu tenente – respondeu-lhe o soldado apresentando-lhe a arma. – O comandante está com o major Lalau da Gama em casa da dona Amélia. Olhe, é aquele sobrado grande que fica à mão canhota da igreja.

Sem mais demora, encaminhou-se Manoel para o ponto indigitado, atravessou em dois minutos a maior largura da cidade, chegou ao topo da escada do sobrado, subiu galgando-a de seis em seis degraus, parou junto ao lampião que a iluminava, e bateu as palmas de maneira que de dentro todos o ouvissem.

– Quero falar ao seu colega, comandante da guarda! – disse tartamudeando a uma esbelta mulata que lhe apareceu.

– Faça o favor de esperar – respondeu-lhe a mulher, em cuja cara passou um sorriso provocado pela aparição daquele colosso. E tornou a desaparecer.

– Hum!... – rosnou o militar, arregalando os olhos e mordendo os beiços como se fosse despertado por alguma inspiração feliz. – Se nenhuma me resistiu enquanto eu era simplesmente *o camarada*, como, ó ninfa cor de canela, me resistirás agora, que sou *o seu alferes*?

Enquanto, porém, exordia um muito mais explanado discurso mental, foi interrompido por alguém que, do lado de dentro, soluçava, e ouviu distintamente estas palavras, pronunciadas por uma argentada voz de mulher.

– Pois eu me hei de opor à que se persiga injustamente o recém-chegado!

– Oh, c'os diabos! – exclamou o alferes recuando espantado. – Perseguiem a mim?! Eu não lhe fiz mal nenhum a ela; disse-lhe somente que queria falar ao comandante. Olhem como é valente o demônio da mulata, e, sobretudo, como já está namorada!...

Ainda não havia concluído este curto solilóquio, e já transpunha a ombreira da porta da rua, quando alguém, gritando-lhe da varanda do sobrado, interrompeu-lhe a precipitada fuga: era o tenente-comandante da guarda.

– Quer me falar, senhor alferes? Suba, que estou às suas ordens!

– Não careço subir, não, meu colega. Eu queria saber somente se o colega me poderia emprestar a sua farda...

– Com todo o prazer, colega – respondeu-lhe o comandante. – Eu só sinto que deseje tão pouca coisa, porque estou à sua disposição para o que mandar.

– Diga-me, porém: quer a diária ou a de gala?

– Seria melhor a de gala, sim senhor.

– Suba sempre para prová-la.

O comandante, um folgazão tenente de polícia, desejava rir-se.

– Não careço provar, não, seu comandante. Estou apressado. Vossa Senhoria não poderá mandar-me à casa da Câmara?

Ainda com maior amabilidade, respondeu-lhe afirmativamente o oficial, cujas últimas palavras foram mal percebidas por Zangão, que já ia à distância de uns cinquenta passos, daqueles passos dele.

Entretanto, soaram dez horas da noite, e convidado pelo doutor Araruna, presidente da Câmara, assentou-se Agavino à cabeceira da mesa, a cujos lados se foram colocando as pessoas que abrilhantavam aquela espontânea demonstração, entre as quais figuravam muitas das damas que no dia do combate se haviam refugiado no edifício. Apenas nos seus lugares, e enquanto uns e outros contemplavam a bela renque de convivas que orlava os dois lados da grande mesa, ou os apetitosos manjares que tinham diante de si, perguntou o presidente a Agavino, a cuja direita estava, se com efeito era verdade o que se dizia acerca dos relevantes serviços prestados à Nação por aquele militar que estava na extremidade oposta. O moço olhou para o lugar indigitado, e por mais sincero que sentisse o desejo de responder com a sua natural gravidade, não pode conter o sorriso. Seus olhos se haviam encontrado com os de Zangão, que tal era o personagem a quem se referia o doutor Araruna.

Seria difícil dizer se o gigante enganara-se ou não acerca da época do entrudo, que não distava demasiado para o passado, época em que, já naquele tempo, eram usados os disfarces burlescos, não obstante estarem ainda em plena moda as saturnais de água fria. Com uma farda de grande gala feita para estatura muito menor que a sua, e cujos punhos apenas chegavam-lhe ao

meio do braço; com as veias do pescoço e as da cara inchadas pelo aperto da gola, e o boné e a espada diante de si, Zangão percebera que se falava dele em quase toda a mesa. E enquanto ia trinçando uma empada de palmito e camarão que o acaso lhe pusera na frente, dilatava a fisionomia e começava a cativar a atenção geral, pela narrativa de suas favoritas proezas. Comendo, bebendo, falando e gesticulando quase a um tempo, o herói contava as suas caçadas de onças, de antas, de tamanduás-bandeiras, de outros animais terríveis, cujos nomes havia esquecido, apontando de vez em quando para numerosas cicatrizes que tinha nas mãos, nos braços e na face, para ver se punha termo às risadas com que por muitas vezes fora encoberta a sua voz grasnante. A expressão veemente dos olhos do soldado, as incríveis visagens deste no exercício da mastigação e da deglutição, os murros que dava na mesa e com que fazia tinir a espada e toda a louça, a enormidade de sua boca vermelha, onde a alvura dos dentes fazia o efeito de faíscas que coruscassem numa fornalha, tinham absorvido a atenção de todos e excitado uma hilaridade quase unânime.

O doutor Araruna, porém, a quem semelhante espetáculo pareceu impróprio naquele banquete, lembrando-se que uma ocupação qualquer mais ou menos culinária absorveria talvez a atividade do antigo cozinheiro e despenseiro de Jacques Dumond, pediu a um dos moços da copa que passasse para a outra extremidade da mesa um belíssimo peru recheado, que tinham colocado diante de Agavino. Foi pior. Entornando na garganta um copo de vinho do Porto com a mão direita, Zangão foi com a esquerda puxando o peru para junto de si. Depois pegou o garfo, e assentando-o com força em cima de um dos ossos da rechonchuda ave, correu-lhe a faca com tamanha fúria, que o animal, revirando-se na trincha como se quisesse mostrar o que era ideal de uma verdadeira *pirueta*, resvalou por cima do prato, e foi deitar por terra duas ou três garrafas de champanhe, que já estavam a tremer com os murros do orador.

– Esta faca não corta! – disse este, em cujo semblante a expressão de habitual jucundidade se tinha transformado em visível perturbação.

Durante o tempo que servira a Jacques Dumond o nosso soldado aprendeu que o trinchar bem uma galinha era um dos maiores dotes da educação elegante, e doía-lhe agora (que era alferes) o não saber em que lugares do corpo eram as articulações da galinha; porque se o soubesse, cuidava ele, adivinharia logo onde estavam as da galinácea que tinha entre as mãos. Ocorreu-lhe a ideia de que se substituísse por instrumento melhor a faca que tinha na mão direita – espécie de agomia com que ensaiara mais duas ou três vezes, porém sempre em vão, cortar um pedaço do peru –, talvez conseguisse separar deste ao menos um dos mais tenros pedaços. Puxou então da espada que tinha em cima da mesa, e assentando-a sobre o peito do animal, forcejou com toda a energia dos seus músculos possantes. Mas, por fatalidade, o gume da espada encontrou o esterno, e não podendo passar além, não fez mais que achatar o corpo da galinácea! Nesse momento, começaram a soar em diversos pontos da mesa umas risadas comprimidas, abafadas, mas tão significativas, que partiram o coração do gigante. As forças começaram a abandoná-lo. Não sabia mais o que fizesse: estava no paroxismo da perturbação; tinha os beiços esbranquiçados, a boca amarga e o suor a manar-lhe da fronte! Quisera falar, mas fora-lhe impossível, porque a garganta estava seca e a língua presa. O guerreiro tremia deveras! Mas – ó lampejo de gênio! – teve uma lembrança feliz, que poria termo àquele tremendo martírio: foi de despedaçar com as mãos o pobre peru, cujo recheio já alastrava até um palmo em torno. Infelizmente (para a beleza do caso) um cadete que ali estava, o moço Cléodon, não o deixou consumir semelhante atentado contra o decoro da mesa, verdadeiro crime de lesa gastronomia, que não podia deixar de indignar qualquer estômago em que ardesse a paixão abrasadora do peru recheado.

Enquanto Cléodon puxava-lhe o prato, e ele, deixando-se cair na cadeira o via fugir com um prazer comparável ao de quem acorda de um sonho assombroso, uma voz chamava a atenção para a extremidade oposta da mesa. Era a voz do presidente da Câmara, que fazia um brinde a Agavino: – Àquele que soube formar um exército com um punhado de moços inexpertos, ainda que resolutos e esforçados, e a quem deviam muitos dos areienses ali presentes a conservação da paz e da honra no seio das suas famílias.

Pronunciadas com clareza, findaram estas palavras entre numerosos bravos, e ao brado unânime de – Viva o invencível Agavino! – todos os copos se empinaram a um tempo, tiniram uníssonos, e se esvaziaram.

Tal o peru de roda, que nos terreiros de criação incha e se apavona, gorgolejando soberbo para chamar a atenção das suas congêneres, e retumbando ainda com maior fatuidade quando elas o miram, passa-lhes arrogante pela frente, arrastando as asas e pisando nos dedos das que não se arredam para deixá-lo passar; mas que sentindo na crista o ferrão da mais pequena formiga, murcha de repente, como se lhe extravasasse o vento comprimido no papo, e parece de súbito duas vezes menor. Assim o esforçado Zangão, despenhado das suas queridas ilusões de heroicidade pelas insuperáveis dificuldades que achara em trinchar a ave, caíra numa espécie de abatimento moral e físico, ficando quedo, mudo, pequenino, sumido e quase chato, sob os raios visuais que, não obstante a alocação do presidente, de todos os lados dardejavam-lhe importunos à face contraída.

Essa situação cruel durou, felizmente, bem pouco, graças a um breve porém eloquente discurso em que, fazendo reverter sobre os seus companheiros de armas toda a glória de haverem demorado a passagem dos rebeldes e, por consequência, de evitarem a realização das covardias e atrocidades que estes traziam escritas no seu programa. E celebrando os generosos

sentimentos dos seus concidadãos, as belezas e as riquezas naturais que lhes havia fadado a Providência e que ele, pela convivência com Jacques Dumond, aprendera a apreciar, Agavino concluía, agradecendo a, no seu dizer imerecida, saudação que lhe fora dirigida, e o banquete que lhe fora dado; bebendo depois à saúde de todas as pessoas que compunham aquela festiva e cordial reunião, e das que, por algum motivo, estavam ausentes dela.

Calorosamente aplaudido, foi esse brinde seguido de outros igualmente próprios para o complemento daquela mais lauta que abstêmia refeição noturna.

E todos já se iam levantar, quando uma voz tornou a chamar a atenção para um dos lados da mesa, onde se havia erguido da cadeira um dos oficiais destacados em Areia. Era o major Lalau da Gama, que, conforme o leitor se lembrará, alguns momentos antes estava em casa de dona Amélia, e a quem dona Cláudia havia endereçado uma das cartas que escrevera naquela triste noite em que pela fazenda do Lagarto passara Agavino.

Durante a ceia, o major Lalau soube conservar-se calado, ainda que ironicamente risonho, defronte do comandante da guarda, com quem não cessou de trocar repetidos olhares singularmente significativos. O que, porém, não soube foi moderar a paixão pelos vinhos, nem descontinuar o costume de misturar estes, com o que muitas vezes alterava o juízo, e desvendava os seus mais recônditos pensamentos.

– Eu bebo à saúde daquele que souber repelir dignamente a calúnia atirada à sua face por assassino cruel e ousado..., e bebo igualmente a quem não der couro a vis cortejadores de ciganas, que depois de lançarem o crepe fúnebre nas fazendas da Província, ainda se arrojam a assacar aleives a briosos militares, e levantar infames suspeitas contra a honra das famílias!... – disse o major com inflexão desigual, ora trêmula, ora mais firme, e atirando de relance o olhar para os lados, e mais amiudadas vezes para aquele onde estava o antigo capitão dos voluntários.

Logo que começaram a ouvir estas estranhas palavras todos se olharam e emudeceram, procurando tossir, arrastando os pés e as cadeiras, movendo os copos e fazendo-os tinir, com força, tal era o geral desagradado que elas iam causando, e a vergonha inculcada nos ânimos pela convicção de que o velho militar subia às exaltações de uma terrível embriaguez. E ter-se-ia talvez de assistir a alguma tragicomédia, se não fosse a inalterável presença de espírito do doutor Araruna que, simulando não ter dado atenção às palavras do exaltado major, fez aos convivas um gesto exprimindo-lhes que era tempo de se levantarem, acrescentando que o recém-chegado a quem fora oferecida aquela *breve consoada*, devia estar fatigado da viagem, desejando e carecendo de repouso. Razão porque ele, presidente, não julgava que se devesse fazer outro brinde além deste último, que propunha, esperando fosse unanimemente aplaudido.

– À concórdia e à paz entre todos os brasileiros, e ainda mais entre aqueles que, nos difíceis momentos, sabem cingir a espada e expor voluntariamente a própria vida pelo bem geral.

– Muito bem! À concórdia e à paz de todos! – responderam quase uníssonos os comensais.

Enquanto, porém, cavaleiros e damas, depois de cumprimentarem com afeto a Agavino, aprestavam-se para sair da sala, o cadete Cléodon chegou-se ao seu antigo comandante e disse-lhe ao ouvido:

– Não se demore aqui, senhor capitão; trama-se contra sua vida!... Parta para longe antes do romper da aurora!

Uns minutos depois, Agavino e Zangão achavam-se a sós no sobrado da Câmara Municipal.

XVI  
RAPTOR





Semelhante ao canto da patativa branca, que começa brando e ameno e vai se tornando mais e mais alegre e estridente, para logo transformar-se em uma sucessão de pios cada vez mais melancólicos, até morrer num gemido abafado e tético, assim eram os melhores momentos de Agavino.

Predisposto à tristeza pelo temperamento, e às grandes contemplações pela elevação moral, porém sensível aos ósculos da glória pelas aspirações de poeta, e aos sorrisos da felicidade pela juventude, e, principalmente, pela desdita, Agavino nunca teve momento de ventura, que não fosse o prelúdio de tédio dez vezes mais duradouro, nunca teve sonho de glória, que depressa se não transformasse em realidade cruel. E eis porque, avistando a sua querida Areia e a multidão de cavaleiros que o vinham receber, ao mesmo tempo que sua alma se dilatava com inefáveis júbilos; o infeliz sentia confranger-se-lhe o coração.

– Eu fugir daqui antes do romper da aurora?... mas por quê?! – dizia entre si o mancebo, que maquinalmente se havia recostado a uma das janelas fronteiras à grande gameleira, cujo vulto desenhava-se na baça claridade do horizonte. – Vis cortejadores de ciganas..., que depois de enlutarem as fazendas da Província... Eu? Impossível! Aquele pobre homem não estava no uso das suas faculdades quando proferiu estas palavras... Porém, Cléodon? Cléodon é meu amigo, e no pouco que me disse havia inflexões da sinceridade. Mas eu partir-me de Areia sem te ver, ó minha querida Palmira, por quem deixei a liberdade dos sertões, e a companhia das bestas-feras, porventura mais pacífica e menos travada de perigos que a convivência dos homens?!

E estes pensamentos o transportaram aos campos sertanejos, que ele havia regado com as lágrimas da saudade, aos visos alcantilados das serras ermas, onde, sem temer traição, se demorava até alta noite, ouvindo às vezes rugir a pantera. Às abrasadas campinas do Ceará, onde lhe aprazia provocar o touro indômito, que não acomete pelas costas, e onde, montado no seu brioso ginete, sentia-se livre como as emas e as seriemas que se lhe atravessavam velozes por diante, assustadas daquela inopinada aparição, e o moço pôs-se de novo a chorar. No dia em que pela primeira vez aparecia sorrir-lhe a glória, começou ele a sentir saudades das plácidas tristezas da solidão!

De repente, um rumor tirou-o daquela espécie de depressão moral que produz o choro: era Zangão, que surgia de um dos quartos de dormir, trazendo nas mãos dois grandes sacos onde havia posto as redes e a roupa de ambos.

– Arre, seu Agavino, que eu antes quisera estar comendo carne de onça e raiz de umbu lá no sertão, do que aqui peru recheado! E que gente da pele do tinhoso! Pois não me querem matar só porque eu... eu nem pisquei o olho à mulata da tal dona Amélia. Mas que gente bonita e valente, c'ôs diabos! Depois de me declarar que estava apaixonada, foi lá pra dentro e pôs-se de faca de ponta na mão, a gritar que havia de enfiá-la no primeiro que me assassinasse. E isto combina com certo sintoma da fala daquele major do diabo... Nada, seu Agavino, vamo-nos embora. Vamos, que só falta selar os cavalos.

– Pois mande selar um deles e parta só, que eu partirei mais tarde.

– Lá isso não! Eu atirado por esses caminhos de assassinos, e meu capitão sozinho aqui?! Nada, que o filho de minha mãe ainda não perdeu o juízo... O melhor é partirmos já, e um ao lado do outro. Inda bem que a minha espingarda está carregada com duas balas. Vamo-nos embora, seu Agavino!

Este pequeno diálogo foi interrompido por um como altercar de vozes dessemelhantes, partidas do pavimento térreo do edifício. Os dois interlocutores debruçaram-se da janela, para escutarem o que diziam.

– Aqui não entra nem sai gente à paisana, a não ser o capitão Agavino e o alferes que veio em sua companhia. Não posso deixá-la entrar! – dizia a sentinela a uma mulher, cujos trajes, que mal se enxergavam à frouxa luz de um lampião, denotavam ser uma escrava, ou, pelo menos, pessoa de condição humilde.

– Pois é mesmo pra falar c’o seu capitão, e venho da parte do comandante da guarda.

– Deixe-a entrar, camarada! – disse Agavino à sentinela. E a mulher subiu.

– C’os diabos! O que será? – exclamou assustado Zangão. – Isto há de ser pra mim, que é a mulata da dona Amélia...

A mulher não tardou a aparecer no topo superior da escada, e a perguntar ao alferes – que se tinha adiantado para a receber – se aquele senhor que ali estava era Agavino.

– É ele sim, e eu sou o alferes Manoel Guerreiro. Então a mulata, uma linda e esbelta criatura de seus 22 anos, em cujos olhos lia-se a tristeza e a resignação, dirigindo-se rápida para Agavino, o saudou com um gesto e ao mesmo tempo um sorriso, depois tirou do seio uma carta e lha entregou.

O moço rasgou o invólucro, onde não havia palavra escrita, e tirando de dentro o papel disse ansioso, beijando-o: – É dela! Que palpito tive eu! – E falando à escrava, que ia partir: – Não partas já, espera um instante!

A mulata inclinou a cabeça e pôs-se a esperar.

Senhor! – dizia a carta.

Desculpai-me esta ousadia sem exemplo na minha família, ousadia de escrever uma menina a um cavalheiro, por mais distinto que ele fosse, bem que na conjuntura presente não possais acusar-me de demasiado arrojada. Uma carta do maldito Ruines Gama

à minha mãe, datada do Rio do Peixe, assevera de vós baixezas e atrocidades tão grandes como o são vossa alma e vosso coração, ao mesmo tempo que as mais pérfidas denúncias às autoridades chamam sobre vós o rigor da justiça, assim ludibriada. Querem perseguir-vos e lançar sobre o vosso nome ilibado a nódoa da desonra. Querem talvez assassinar-vos! Fugi, fugi sem mais demora. E se ainda me tendes um resto daquele amor que me tínheis, não hesiteis em fazer o sacrifício de dilatar já e já a distância que ora vos separa da sempre vossa

PALMIRA

Areia, às 12 horas da noite.

Fora difícil descrever a amarga perplexidade, a indignação, e ao mesmo tempo a ternura e os novos sentimentos que derramou-lhe na alma a leitura destas linhas, primeiro objeto que possuía de Palmira, e primeira prova de que era, e como!, correspondido o seu amor. Ele fugir de Areia qual um criminoso?! De sua querida Areia que umas horas antes o saudara com tanto júbilo?! Afastar-se de sua terra natal sem ao menos ver sua adorada Palmira, aquela por quem se conservara sempre puro, e por quem deixara o seu amigo Jacques Dumond e a paz dos desertos sertanejos; aquela em cuja idolatria concentrara todos os pensamentos dos mais suaves dias de sua adolescência, e cuja imagem, sonhada nas solidões do seu espírito, desenhada como um astro radiante no horizonte de todas as suas aspirações, e gravada como um selo de saudade em todas as suas recordações desde que fora traído? Aquela, enfim, que amada desde a mais tenra idade, só agora ousava provar-lhe que não era surda à voz do seu imenso amor?! Agavino cruzou os braços e pôs-se a olhar para o chão a modo de quem procura uma ideia, ou pondera com ansiedade. Depois levantou a cabeça, fitou a face da mulata como se a esguardasse, e perguntou-lhe:

– Sabes quem escreveu-me esta carta?

Sim, meu senhor – disse-lhe a escrava –, foi minha senhora Palmira que a escreveu chorando, no momento em que as irmãs viam da varanda passar a gente que voltava do banquete.

E poderia ela falar-me hoje no quintal da sua casa?

Será difícil, meu senhor, mas o que é que não pode moça apaixonada?

Pois bem: volta depressa, e dize-lhe que daqui a pouco eu lá estarei, no jardim que desejo uma entrevista; que não ma negue, do contrário não partirei de Areia, para onde só vim pelo muito amor que lhe tenho. Vai, vai depressa, que dentro de meia hora lá estarei. Adeus!

A mulata abaixou os olhos, atirou para cima do ombro a ponta do xale, e partiu.

– Ah que demônio de mulata cruel! – disse tristemente Zangão, que, a certa distância de ambos, tivera sobre ela cravados os olhos durante o tempo que gastou Agavino em ler a carta. – Nem ao menos um olharzinho com o rabo do olho! Arre! Mas deixa estar que eu ainda hei de quebrar-te a castanha. E seu Agavino tão indiferente pra mulata!... Ah meu Deus, vós só dais nozes a quem não tem dentes!

Desde que presenciara as cenas passadas embaixo do umbuzeiro, Manoel estava firmemente convencido que Agavino era um ser incompleto, um homem privado daqueles ardores materiais que lhe acendia nele próprio a presença de uma mulher bonita.

– Senhor alferes – disse-lhe o moço –, é mister que eu me parta daqui antes do amanhecer. Primeiro, porém, careço falar a sós com pessoa importante: se quiser, fique e descanse, que não há nada contra o senhor, e se não quiser ficar, mande selar o cavalo e vá me esperar embaixo daquela gameleira, que não me demorarei muito.

– Já e já, seu capitão. Vou já selar os cavalos, que eu sem o meu comandante é que não fico.

– Pois bem, desçamos e nada de rumor, que não será justo incomodar os que dormem...

E os dois companheiros desceram as escadas, Agavino levando à cinta a sua bolsa de couro, e Zangão os dois sacos em que traziam ambos alguma roupa e ultimamente algumas magras virtualhas. Chegaram ao pavimento térreo, pegaram nas suas selas, passaram pela sentinela sem falar, e tomaram para o lado de um cercado que ficava por detrás da cadeia e onde ouviam nitrir os cavalos. Dois minutos depois saíram montados, foram juntos até abaixo da gameleira, onde era completa a escuridão, e de onde era fácil distinguir-se o que se passava em torno. Trocaram ali algumas palavras, entre as quais quem estivesse a uns vinte passos de distância ouviria bem estas: – Tenha um pouco de coragem, senhor alferes! –, e separando-se do outro, um dos cavaleiros, o de vulto menor, tomou na direção da rua chamada atualmente *das Flores*, e que naquele tempo era um simples atalho entre dois pontos da tortuosa cidade. Desceu a terrível ladeira do Caxilé, desapareceu entre as matas de limoeiros, rícinos e pseudo-sândalos, que bordam os quintais por aquela parte, e em um minuto surgiu no beco que fica fronteiro à igreja matriz. Atravessou o pátio do cruzeiro por entre as cabras e as ovelhas que ali faziam a sua malhada, e foi colocar-se junto ao muro ocidental da igreja, em cuja frente estavam depositados dois cadáveres, dentro de suas redes, para serem sepultados no dia seguinte. Dali podia ele espreitar o sobrado de dona Amélia antes de arriscar-se a entrar no quintal, cujo ingresso pela parte dos fundos julgava ser difícil pelas suas recordações de infância. Uns vultos humanos, porém, que lobrigara em sua frente, fizeram-no retroceder; passar de novo pelo pátio do cruzeiro, mas na direção do *beco do Jorge*, onde o subterrâneo adjacente comunica às pisadas de quem caminha ou à voz de quem fala um som metálico e ressoante. Atravessou-o rápido, deixando após si um eco semelhante ao retumbar das patas de dezenas de cavalos batendo numa chapa de bronze, e depois de dar volta pela

rua *da palha* para evitar a curiosidade de uns tocadores de viola, que divisara ao sair do beco, chegou finalmente ao valado em que terminava o quintal de dona Amélia. Parou junto ao portão, para o qual dava acesso uma espécie de estiva feita de troncos de palmeira, por onde fora insensato arriscar o cavalo, olhou para dentro como interrogando a absoluta escuridão em que se ia internar. Nem um vulto, nem um sinal animador. O cantar dos grilos e o fulgir dos pirilampos eram o único indício de que em torno dele a natureza tinha uma vida, além dess'outra vida revelada no farfalhar das folhas e no rescender das flores.

Para que entrar no solitário recinto? – refletiu então Agavino. A mulher a quem mandara o recado era uma criança, e talvez ainda não tivesse afoiteza bastante para aventurar-se a tais horas às contingências de uma entrevista amorosa. E demais, amá-lo-ia bastante para o julgar merecedor de tamanho sacrifício? A carta que lhe escrevera só provava com evidência uma coisa, e vinha a ser a grande compaixão que inspirara a sua desgraça a um coração bem formado. Uma progressão rápida e precipitada de reflexões desta natureza produziu-lhe no ânimo o receio de expôr-se a desconhecidas venturas, que podiam comprometer a imaculada reputação da mulher que o queria salvar. Exprobrou-se quase de ter-lhe mandado pedir uma entrevista, e um momento julgou que devia dar volta às rédeas, e não mais tentar o misterioso silêncio, mas este prematuro pensamento pareceu-lhe expressivo de uma exagerada timidez. Recobrando o necessário ardimento, apeou-se para melhor ajuizar da largura do valado, e montando de novo, recuou alguns passos, esporeou o cavalo, e de um pulo transpôs a barreira que o separava do desejado recinto.

Era este um magnífico pomar onde as ramas dos cajueiros e dos jameiros, entrelaçando-se com as franças das cidreiras, dos limoeiros e das laranjeiras, repartiam-se pelas quatro estações do ano as galas e a fragrância de suas respectivas florescências, como em uma antese perpétua, e onde o perfume da rosa amélia, do

reseda e do jasmim, exalando-se ao longe misturado ao aroma das outras plantas, advertia aos que passavam, que ali havia uma verdadeira “tempe” cultivada por mãos mimosas. Na parte mais alta, duas grandes cajazeiras elevavam seus galhos até além da cumeeira do sobrado, e projetavam a fresca sombra por cima de um lagozinho, em cuja superfície o cândido nenúfar cingia a sua coroa de prata, rodeado dos lírios d’água e das alvas açucenas do brejo, que realizavam ali a sua maior beleza. Junto do lago estava o pequeno espaço de terreno onde desde tenra idade cultivava Palmira as flores de sua predileção. Era um circuito formado da grande manjerona, e tendo por orla interna outro circuito da malva-rosa e da pequena perpétua. Depois vinha o jasmim, a violeta, a saudade, o cravo roxo, o junquilha e o lírio branco, cujo nobre perianto brilhava no meio das suas companheiras como uma rica princesa entre as damas da sua corte. Por uma natural inclinação do espírito, por uma espécie de convivência com a melancolia e a saudade impressas desde a puerícia na sua alma cândida, a linda areiense preferia aquelas flores singelas, aquele vegetal delicado e modesto ao voluptuoso vicejar da rosa de Alexandria, da maravilha dobrada, das dalias e das grandes orquídeas, que constituem o principal e não raramente espontâneo ornamento dos jardins da Província.

Muitas vezes, durante a sua infância, Agavino parara junto ao portão, e pusera-se a olhar para a menina Palmira que, lá dentro, por entre as ramas dos arbustos e os colmos dos lírios, aparecia e sorria-lhe a furto, regando ou colhendo as flores prediletas, enquanto as irmãs folgavam travessas. E naquela tímida e inquieta contemplação como que ouvia uma voz predizer-lhe futuras e misteriosas penas. E agora, que estava ali, recordava-se de tudo isto, e das imagens vagas, ora alegres, ora inquietadoras, que na sua imaginação associavam-se àquele cismar inocente. Eis porque sentira um momento passar-lhe pela mente a ideia de fugir daquele lugar.

Ao transpor, porém, o valado, ouviu um grito partir quase debaixo das patas do cavalo, e exclamou ele próprio: – Meu Deus! – cuidando ter esmagado alguém, talvez o objeto que lhe era mais caro no mundo.

– Nossa Senhora! Ia me matando... – acudiu a mulata com inflexão entre meiga e amedrontada, ao mesmo tempo que o animal resfolegava com violência.

– Vem ou não vem? – perguntou-lhe Agavino, inclinándose para o lado onde via o vulto da mulata.

– Vem, sim senhor. Mas espere um instante, que eu vou já avisá-la. Para aqui! – acrescentou a escrava, pegando-lhe nas rédeas do cavalo e guiando-o para baixo de um frondoso jambeiro, sob cuja folhagem nem um raio penetrava da frouxa luz do firmamento. Depois desapareceu para os lados da casa.

Numa impaciência devoradora passou-se um minuto, dois, três, daqueles que parecem horas, ou dias, no vagaroso caminhar da fleumática realidade por cima do desmesurado quadrante que delineia em tais momentos a imaginação. O moço desmontou, amarrou na árvore as rédeas do cavalo, e adiantando-se para o lado por onde tomara a mulata, pôs-se a fitar as figuras negras e indecisas dos troncos e arbustos, que pela perspectiva desenhavam-se na parede alvacenta do sobrado, até que, finalmente, por entre aquelas sombras e meios claros, pareceu-lhe ver coisa que se movia e caminhava. Eram, com efeito, dois vultos humanos, dos quais o que vinha na frente era o da escrava.

Se naquela situação fosse possível perceber os fenômenos fisiológicos internos, Agavino ter-se-ia julgado mais gravemente doente do que se sentira quando o amarraram febricitante embaixo da craibeira, tal era o número e a violência das sístoles e diástoles que se sucediam no seu coração durante cada minuto.

Um momento depois, um único vulto, o de Palmira, era o que estava diante de si.

Parado, mudo, frio de comoção e quase insciente do que fazia, Agavino apertava as mãos da donzela entre as suas, e sem proferirem palavra, quedos, como os troncos das árvores e as touceiras dos arbustos, assim ficaram muito tempo diante um do outro, sem respirar audivelmente, nem dar outro sinal da paixão que laborava tempestuosa em seus corações; semelhantes a dois seres incorpóreos, que se tivessem erguido à fenda de um vulcão para ocultar-lhe o coruscar das lavas.

Um profundo suspiro, um desses suspiros que partem de um ânimo comprimido como em busca da imensidade do espaço, rebentou do peito do moço: foi a peroração daquele discurso que pronunciam no mistério do silêncio o homem e a mulher que deveras se amam. Então Agavino, apertando contra seu peito a destra de Palmira, começou com ternura:

– Eu vos agradeço profundamente, senhora, os dois grandes sacrifícios que acabais de fazer para salvar-me: o sacrifício de me haverdes escrito, e o de me terdes concedido esta entrevista, que ficará gravada como um selo de ventura em todas as minhas recordações. Quantos anos sucederam-se de amor proceloso e desesperada soledade, antes que este desgraçado que tendes diante de vós pudesse dizer-vos, como agora, que vos ama desde a infância com todas as forças da alma?! Quantas dores físicas e quantos sofrimentos morais, antes de poder dizer-vos, como agora, que desde a infância sois vós o objeto de todos os seus sonhos, o alvo de todos os seus pensamentos, e o fim único de todas as suas aspirações, de modo que se lhe tirassem da mente a vossa imagem, a vida se lhe converteria em deserto sem oásis, em oceano sem horizonte, em túmulo sem imortalidade. Com ela, ao contrário, o combater corpo a corpo com assassinos traiçoeiros, parecia-lhe um cometimento nobre e útil; o lutar com o tigre faminto, um passatempo para as horas de tédio; o caminhar a pé pelas agruras sertanejas, sem achar água durante dias inteiros para saciar a sede, nem alma a quem pudesse abrir o coração e mostrar-lhe as chagas que o magoavam, o transmigrar inevitável

dos predestinados em busca da máxima felicidade encerrada num coração de anjo. E agora, que me foi dado dizer-vos uma milésima parte do que tenho sofrido por amor de vós, agora que, obedecendo à ordem que me mandastes de dilatar, não sei se por meses ou anos, os tormentos da saudade, vou de novo separar-me de vós, dizei-me, oh, eu vos suplico! dizei-me que não foi só a compaixão quem vos inspirou as últimas expressões da vossa carta, movendo-vos depois a conceder-me esta deliciosa entrevista. E que, amada por mim, que jamais tive outra afeição igual, também me amais, embora com ardor cem vezes menos consumidor que o meu.

– Cem vezes menos consumidor que o vosso?! – respondeu-lhe Palmira em voz baixa e trêmula. – Quanto não vos tendes enganado acerca do maior afeto deste pobre coração, que arde por vós desde a infância, enclausurado na túnica do silêncio e da aflição! O vosso amor é mui grande, e o meu pequeno... Tendes razão; ignorais que desde que não existe meu pai, e vós nos salvastes das mãos dos rebeldes, nem um só dia deixou a vossa imagem de brilhar como um fanal de esperança no meio dos meus sonhos de saudade. E coisa singular: Eu vos cria morto, e, entretanto, o vosso fantasma era sempre belo e sempre risonho. Via-o no espelho em que me mirava, pasmada do rápido definhar do meu semblante; via-o naquele lagozinho por entre as corolas dos nenúfares e as hastes dos lírios, a suplicar-me que me atirasse n'água; via-o à tarde nos derradeiros raios do sol que se escondia por detrás dos montes do sertão, deixando a terra envolta numa como irremediável melancolia. Na lua que passava pelo céu para se encobrir quase no mesmo ponto do horizonte, deixando-se os olhos umedecidos de inexplicável pranto; nas estrelas, nas nuvens, e até nos ventos que passavam lentos ou rápidos por aquela parte – onde voz íntima dizia-me que um coração batia por mim – eu o via sempre a mirar-me com inefável sorriso. E quando, fatigada do contínuo velar em que vivia, eu procurava o repouso na solidão e no sono, era ainda o mesmo fantasma que me aparecia através das minhas pálpebras cerradas,

a balouçar as cortinas do meu leito, ou a doirar os sonhos que me agitavam. O despertar, porém, era tanto mais cruel, quanto para mim se ia entenebrecendo a realidade com a convicção crescente de que eu não vos tornaria mais a ver. Em vão procurei iludir-me com a ideia de uma eterna separação: o vosso túmulo se abria de contínuo diante dos meus passos, e em vez de escuridão e vermes, eram flores e luz o que eu via dentro dele rodeando-vos a cabeça, onde brilhava a coroa da glória e da virtude. E em vez igualmente de um anelar pela morte, eu, a infeliz Palmira, no meio das angústias que me laceravam, sentia o desejo da felicidade, a convidar-me para a vida, porque a vida e a possessão do vosso amor confundiam-se nesse convocar delirante. Debalde minha boa mãe procurava mitigar-me os efeitos desse existir alimentado de aspirações insensatas, e cortado de transes dolorosos: para que o hei de negar? O seu amor, que é muito grande, já não bastava para saciar-me a sede do coração, porque, sabei-o: eu não sou mais uma criança, e o desgosto, a saudade, as aspirações e a desesperação ensinaram-me mais durante estes últimos doze meses, do que o havia feito a experiência durante os dezesseis anos passados da minha vida. Grata a esse querido fantasma que me alimentava a esperança, eis porque lhe escrevi quando ele se transformou em realidade; grata a esse amigo, que me salvou do opróbrio, e que poderá salvar-me ainda de desgraça porventura igual, eis porque eu vim dizer-lhe que o amo, venero-o, e que é ele o meu maior afeto, a minha grande e única esperança no mundo.

A formosa areiense, cujo enérgico sentir só poderia compreender quem, como Agavino, não ignorasse a história das suas mágoas durante os últimos doze meses, inspirou e expirou profundamente ao terminar este discurso, como quem resfolega depois de um longo e doloroso padecer. Havia, nas suas palavras o impetuoso e veemente desafogar de um peito condenado ao silêncio durante muito tempo, quando encontra afinal um coração em que pode derramar sem medo parte das lavas que o abrasam e consomem. Enquanto o moço, a quem por vezes as palavras de

Palmira embargaram a voz na garganta – tamanha era a ventura em que umas após outras o lançavam –, tirando de sobre os lábios a destra da moça, que apertava nas suas mãos geladas, perguntou-lhe com ansiedade:

– E que posso eu fazer, eu a quem vós, anjo da minha alma, haveis ordenado de partir-me daqui hoje mesmo, eu que sou perseguido sem saber por qual razão, e que, em lugar de ir pessoalmente pedir vossa mão a dona Amélia, fui obrigado a pedir-vos esta entrevista, não sei se deliciosa ou cruel, para depois, devorado de saudade, deixar a minha terra natal como um foragido para o qual não houvesse justiça no mundo?

Pronunciando estas palavras, cujo tom exprimia tanta ternura, quanta consternação, o primeiro impulso de sua vontade foi de arrebatá-lo o objeto do seu amor e fugir com ele. Reteve-o, entretanto, a generosa prudência da sua grande alma, talvez também a timidez da idade, e com voz lenta e grave prosseguiu:

– Vós sabeis que nenhum crime mancha o meu nome, e o homem que tem a consciência tranquila não deve recear que o abandone Aquele que tudo lê no coração humano. Palmira, eu não faria mal se desaparecesse depois das afetuosas demonstrações de que acabo de ser objeto? Permanecendo aqui, pelo contrário, como se de mim não se tratasse, as atrozidades acusações de que gente vil me julga merecedor baqueariam por si mesmas, e é impossível que peitos humanos possam aninhar por muito tempo o desejo de perseguir a um inocente.

– Ah, não prossegui! – atalhou Palmira com ansiedade, apertando por seu turno as mãos do moço. – Não prossegui, que as vossas palavras, desculpai-me vô-lo diga, são as de uma criança que ignora quanta malvadez há neste mundo! Quem vos persegue é dona Cláudia e seus amigos, a quem escreveu que daria tudo quanto exigissem dela, que é rica e temida, àquele que vos perdesse! E tudo está tramado, pronto para o crime horroroso!... Meu amado Agavino – continuou Palmira em voz trêmula e sentida –, pois quereis perder

a vida, para ficar eu abandonada, órfã de pai, sem protetor nem amigo, e ser talvez entregue antes de morrer ao vosso miserável rival, cujo detestável nome nem ao menos posso pronunciar? Oh, não! Conservai-vos, existi; vive, existe, meu irmão, meu único amigo, para me tornares feliz, para eu te amar, e depois, quando tu, inocente, triunfador dos teus vis inimigos, voltares à tua terra natal, eu te abraçar sem medo, e poder dizer-te: Agavino, sou tua!

Apesar de mal compreender todo o alcance destas últimas palavras, deu-lhes Palmira uma inflexão afetuosamente tão íntima, tão entusiástica, que o mancebo caiu de joelhos aos pés dela, como fulminado por excessiva ventura, sem poder responder-lhe, sem lhe poder demonstrar a gratidão de sua alma, senão na linguagem muda, impetuosa, magnética, que sai do peito em ansioso anélito nesses momentos solenes. Louco de amor, o moço levantou-se, apertou contra os lábios a face da moça, e cobriu-a de beijos.

Aqui, porém, um grito agudo e involuntário, semelhante ao que foge dos pulmões de quem de súbito se acha à borda de um despenhadeiro, rompeu da boca da donzela que, depois de uma pequena pausa, exclamou com veemência: – Parte! Parte! Vai-te depressa, e deixa-me, que ouvi abrir a porta do jardim... Meu Deus, estou perdida! Foge, fuge visão encantadora; salva-te, que eu estou desgraçada! – E enquanto ambos fitavam a porta indicada, de onde iam saindo diversas luzes, e Palmira forcejava por tirar as mãos de entre as de Agavino, este, retendo-as com energia, murmurou-lhe arrebatado: – Posso ainda salvar-te?! Vem, vem, minha adorada Palmira, e partamos juntos! – E lançando-lhe o braço esquerdo em torno da cintura, ao passo que tirava da bolsa uma das pedras que havia colecionado: – Toma – disse rápido à escrava que se havia aproximado deles –, vende esta pedra, e liberta-te. Adeus! Depois montou, ergueu nos braços a moça, assentou-a sobre a sua capa, que estendera atrás da sela, esporeou o animal, e de um pulo achou-se com Palmira do lado de fora do valado.

XVII  
ASSASSINO E BARREGÃ





O dia amanheceu esplêndido, como o são ali quase todos os dias do outono. Semelhantes a um enxame de maribondos que doudejassem assanhados em torno do ninho, sobre o qual criança adestrada tivesse atirado uma pedra, os habitantes de Areia corriam de uma para outra parte da cidade, mormente pelas proximidades da cadeia, como tomados de inexplicável delírio. Era a exaltação estúpida que se apodera das multidões quando ouvem acusar de infâmia os homens que lhes dão brilho e glória; era essa alegria plebeia, furiosa e alvar, que nunca deixou de sancionar com seu prasme feroz as maiores atrocidades contra as almas puras e virtuosas, contanto que essas atrocidades, como as da antiga Roma e as da Espanha inquisitorial, promettessem aos ociosos espetáculo na praça pública. Era, finalmente, a ansiosa curiosidade de verem uma raptada e um assassino, escoltados pelos esbirros da polícia, atravessarem a cidade em meio da vozeria insultuosa da baixa ralé. Despertada nos seus instintos de gozo pela festa da véspera, festa toda de serena concórdia, aquela gente de ordinário tão pacífica sentia o apetite da variedade, do *contraste*, no meio da monotonia de sua existência. E ficaria seriamente contrariada, se – como a plebe da culta Florença quando viu a chuva apagar a fogueira em que devia perecer Savonarola\* – lhe fosse frustrada a escandalosa cena, isto é, aquele belo complemento do tipo ideal da vida feliz. Nunca os dois ou três mil bípedes, que compunham então a população areiense, se parecera tanto com o resto da humanidade!

Entretanto, passavam-se as horas, o sol subia para o zênite, e os poucos relógios que existiam em Areia mostravam que a

primeira metade do dia já pertencia ao passado. A impaciência era, pois, extrema, e cada qual parafusava a seu modo no intelecto procurando explicação de semelhante tardança. Ora, há em Areia uma rua cujo nome a Câmara Municipal achou-se com dever de mudar: chamava-se então *rua do Grude*. E sabeis vós, leitor, por que aquele ilustre apelido? Porque os moradores dela, gente mais que qualquer outra *de bofes*, por agravos que não pertencem à história, andavam sempre agarrados uns com os outros, *grudados* aos trambolhões. Foi dessa rua popular que partiu o sinal de que começara o desejado espetáculo.

Uma multidão de mulheres, velhos e meninos surgiu de dentro das casas de taipa que formavam a *rua do Grude*, e aos gritos de – Lá vem, lá vem, é ela mesmo! Olha a manhosa como vem de cabeça enterrada... E o que é verdade é que não é nenhuma asneira!... Mas o amante, onde terá ficado depois da gostosa noite que passou? etc. – ao som, dizemos, dessa cruel apupada foi formando alas para ver passar o bárbaro cortejo. Vinha na frente a infeliz Palmira montada num quartão alto, e tendo atravessada por diante das andilhas a capa sobre a qual a assentara Agavino quando a colocou no seu ginete. Trazia vestido de sarja preta, botinas da mesma cor, e pulseiras de sândalo negro, traje que lhe realçava o doirado dos cabelos, que lhe pendiam até quase os pés em duas magníficas tranças. Após, vinham doze soldados, o comandante da guarda da cadeia, e mais doze homens armados, porém vestidos à paisana, e cujo aspecto resoluto denunciava serem daqueles a quem dona Claudia chamava bons. Depois seguia-se o povo.

Com o coração lacerado de saudade, por um lado, por outro acabrunhada de vergonha, abatida das mil comoções por que havia passado durante a noite, e com a alma angustiada por aquele espetáculo infernal às duas horas da tarde, hora em que o sol afugenta todos os crepúsculos, a infeliz soluçava debaixo do lenço com que velava a face, ao mesmo tempo que a multidão

vociferava contente, e os mais insultuosos e mordazes dictérios choviam-lhe nos castos ouvidos. – Minha cara – diziam-lhe as mulheres – quem não quer ser lobo não lhe veste a pele. Moça que foge com assassino, adeus inocência... se é que ainda a tinha!

O séquito continuou lentamente passando por baixo da gameleira, pelo terreiro que fica defronte da cadeia, percorrendo no mesmo andar de procissão toda a distância que vai dali ao centro comercial da cidade, e parando afinal diante de uma loja de fazendas pertencente ao delegado de polícia, que era ao mesmo tempo mestre de latim e fabricante de gaiolas de passarinho.

Apeada do cavalo e interrogada por este funcionário acerca do como fora *rasada*, e, minuciosamente, das circunstâncias sucessivas, da maneira por que se *evadira o seu violador*, e ainda de outras suposições insolentes com que o bom do homem queria provar à gente de dona Cláudia a sua resoluta dedicação à justiça, Palmira por única resposta empalideceu. E deixando pender as mãos e cair o lenço com que escondia o rosto, baqueou sem sentidos no ladrilho da loja. Nesse momento, porém, um ancião rompeu pelo meio dos circunstantes, bradando contra aquela violação do acatamento devido a uma donzela, à filha de um homem cuja memória devia ser venerada, e de uma senhora como dona Amélia. Era o doutor Araruna, cuja vontade de ferro e inflexível retidão todos conheciam e respeitavam, e cuja influência política na Província dispensava nele os grandes rodeios e as marchas oblíquas com que davam a entender os próprios pensamentos os amigos de Dona Cláudia. – Sr. delegado – disse – mande embora estes homens já e já, e acabe com semelhante espetáculo, que é indigno e cruel! Vamos, meus senhores: rua, e deixem-nos em paz!

Daí a vinte minutos nem sinal restava de todas aquelas cenas de premeditado escândalo. O que, porém, estava provado era a culpa do assassino e a desonra da raptada. Eis o que fora impossível pôr em dúvida depois dos fatos ocorridos durante a

noite antecedente, fatos entre os quais avultava a notória fuga do moço, o rapto e o abandono da filha de dona Amélia. Tal é às vezes a eloquência dos acontecimentos!

Providência, Providência eterna, porque tão raramente é imediata a tua ação?!

Em vez, porém, destas filosóficas apóstrofes, será melhor dizermos ao leitor por qual razão não veio Agavino, onde ficou, como desamparou sua querida Palmira, e, finalmente, o que foi feito do valente Zangão, que deixamos às escuras debaixo da gameleira. É o que vamos agora explicar.

No momento em que, tomada de susto, Palmira exclamou que estava desgraçada, e, para a salvar, Agavino suspendeu-a nos braços e a colocou na garupa do ginete, talvez nem a um nem a outro ocorresse uma ideia determinada a respeito do que lhes convinha fazer. Uma vez, porém, escapos do perigo que os ameaçava naquele lugar, cuidaram que, continuando rapidamente para as bandas da capital da Província, encontrariam vila ou povoação onde, diante do altar, se pudessem unir pelos laços indissolúveis do matrimônio; e conquanto conhecesse mal os caminhos por aqueles lados, o moço dirigiu o cavalo para a vila da *Lagoa Grande*, que não dista muito de Areia. Chegando àquele lugar, encontrariam, sem dúvida, proteção na pessoa do vigário, respeitável homem a quem devia Agavino o quanto aprendera da literatura latina. E ser-lhes-ia fácil realizar o doirado sonho de ambos, porque, conforme imaginavam, a perseguição não estenderia naquela noite até tão longe a sua teia.

Apeados à porta do sacerdote, a qual a muito custo se lhes abriu, apareceu-lhes um preto velho, que lhes disse ter ido seu amo ouvir de confissão uma rica fazendeira que se finava em lugar distante dali quatro ou cinco léguas, mas que, sendo ele o sacristão e criado particular de Sua Reverendíssima, achava que podia dar gasalhado aos dois noivos até o amanhecer, acrescentando que o padre, por diversas razões, antes da noite seguinte não

regressaria. Com protestos de gratidão aceitou Agavino para Palmira a hospedagem, e depois de se informar dos caminhos que conduziam à fazenda da moribunda, partiu-se para ali com toda a rapidez que ainda lhe permitiam as forças do cavalo.

Quando, porém, lá chegou, não obstante já ser dia, o vigário estava roncando, e por mais que pedisse e instasse para ir pessoalmente acordá-lo, procurando convencer da urgência do caso a gente que velava à cabeceira da doente, só obteve a resposta, uniformemente a mesma, que Sua Reverendíssima dera ordem formal que ninguém o acordasse antes das dez horas do dia, exceto se fosse para serviço da fazendeira.

Enquanto isto sucedia outros fatos já se consumavam na vila da Lagoa Grande, para dificultar, impossibilitar talvez, a almejada união dos dois noivos. Tanto é certo que nem sempre é dado ao homem julgar e avaliar a justiça contida nos misteriosos desígnios da Divina Providência. Com efeito, duas horas ou pouco menos depois da partida de Agavino da casa do vigário, um rumor desacostumado despertava os habitantes da vila, onde, sem haver telégrafo nem quase alma que dele tivesse notícia, todos souberam em poucos segundos, que se tratava da captura de um assassino e de sua amásia.

O pobre sacristão tremeu quando viu entrarem uns vinte e cinco homens armados de espingarda, espada e faca de ponta, naquela casa toda de paz e esperança. Quisera duvidar das culpas daquela mulher tão moça e tão bela, cuja pureza ele cria ler na angélica fisionomia da areiense. Quisera mesmo protestar contra as acusações que pesavam sobre o raptor, cuja palavra soara-lhe aos ouvidos quais as de um homem educado e distinto, mas estava assombrado do espetáculo das caras ferozes que tinha diante de si, do brilhar dos ferros à luz dos brandões que acendera, do tinir das espadas e das esporas que arrastavam no pavimento, e sobretudo dos gritos e imprecações que o atordoavam. E, por consequência, foi tratando os ferozes beleguins com a maior

humildade e veneração, até os ver pelas costas e poder sem medo levantar as mãos ao céu.

Antes de partir, quiseram comer: o velho foi lhes buscar o que sobrara da ceia do amo. Descontentes da parcimônia das iguarias, foram à despensa, aos armários, à cozinha, e beberam não só o vinho da mesa, mas ainda o que era destinado ao sacrifício da missa.

– Ah negro do diabo! – bradou um deles ao transpor a última rua donde se avistava a casa do vigário –, se tu deres coito ao assassino, eu mesmo é que hei de vir meter-te duas balas na cabeça! Já basta nos teres escondido as sobremesas do padre, que não há padre que não tenha em casa queijo e goiabada!

Entretanto, o velho lhes havia dito a verdade acerca de Agavino; eles é que tomaram a partida do moço por um estratagema próprio de malvado para evadir-se mais facilmente, e ao mesmo tempo abandonar sua última vítima. Para inteligência da verdade, diremos também que nem todos levavam as mesmas instruções, e ao passo que os da polícia uniformizada, indolentes pela míngua do soldo, queriam voltar depressa para Areia, fosse qual fosse o resultado da busca, os de dona Cláudia – cujo plano era pretextar resistências do que eles chamavam réu, para assassinar-no, caso o encontrassem – temiam ultrapassar a área por onde os amigos daquela terrível mulher estendiam sua funesta influência. E eis a razão porque acharam grato duvidar que o moço voltaria.

Ora, pelo mesmo tempo em que Palmira atravessava as ruas de Areia debaixo da apupada geral, Agavino regressava com o vigário à vila da Lagoa Grande. Vinha airoso, alegre, com a fronte levantada, os olhos brilhantes, o semblante expandido, a postura de um triunfador. Todos o olhavam singularmente, falavam dele, e sorriam-se. Pela consciência passavam-lhe as profecias do noivado, e ele sorria-se também. Estava seguro que ia possuir o objeto da sua idolatria; e esta persuasão dissipava-

lhe todas as dúvidas, todos os temores. Daí a poucos minutos os sinos haviam de entoar os hinos singelos consagrados aos ofícios divinos e às festas santificadas; a estola do sacerdote os havia de unir para sempre no almejado amplexo, e só Deus os poderia separar. E porque isto não havia de ser assim, se ele era tão religioso, tão crente, tão puro de consciência, e sua noiva tão inocente, tão cândida, e se ambos se amavam tanto?...

Há na história do amor um momento mais que todos os outros de íntimas e desacostumadas comoções. É o que precede a possessão do objeto amado, e em que, embriagada no gozo ideal de uma felicidade futura, a alma não enxerga no ilimitado horizonte que a cerca a grosseira realidade do mundo, porém só poesia, ventura, inefáveis sorrisos. É a época da extrema felicidade humana. Aquele que uma vez a transpôs lembrar-se-á sempre que nunca mais o seu coração bateu com tanta violência, nunca mais a sua imaginação foi tão criadora, nem tão transcendentos os júbilos de sua alma.

Havia apenas alguns dias que Agavino começava a sentir aproximar-se esse delicioso período da existência; e a esperança, alternativamente crescente, estacionaria e esmorecida, chegara afinal ao apogeu da sua credulidade. Eis porque ele só distinguiu uma simpática curiosidade naquelas caras franzidas pelo riso da ironia e do escárnio.

A ilusão, porém, não durou muito, porque, apeados os dois companheiros na casa onde esperavam encontrar a noiva, só acharam o pobre velho, que com os olhos arrasados em lágrimas narrou-lhes o que havia sucedido.

Dizer o tumulto de sentimentos, a perturbação moral, o caos de íntimas agonias que lhe causou ver tão monstruoso atentado perpetrado, a despeito da sua pureza e da sua inocência, ou descrever a ânsia extrema, a angústia e a indignação com que ouviu da boca do sacristão, que Palmira voltara para Areia prisioneira de mais de vinte homens, fora uma tarefa muito

superior à linguagem da pena, limitada e grosseira, para exprimir os indelneáveis estados da alma, no infinito da dor e do mistério! Agavino rugiu um – Ah! – terrível, e atirando-se de bruços sobre a mesa, batia com a fronte e arrancava os cabelos, repetindo com voz gutural e quase sumida: – Meu Deus, matai-me! Matai-me! Esteve assim durante alguns minutos, depois levantou a cabeça, olhou de redor com singular expressão, ergueu-se e disse para o padre, que o observava compadecido:

– É impossível que não haja um Deus, não é verdade? Esse Deus permitirá que me assassinem, me desonrem, sendo eu inocente? Onde estaria, então, a sua Providência, a sua Justiça? Padre, eu vou buscar a minha noiva! – E estendendo a mão ao vigário, este pegou nela com ambas as suas, e retendo-as com firmeza, respondeu-lhe afetuosa e pausadamente:

– Acalmai-vos, meu amigo, ouvi-me primeiro, e refleti antes de obrar. Fora, sem dúvida, terrível blasfêmia negar a Deus e a sua eterna Providência, só porque lá um ou outro fato parece desdizer daquela absoluta Justiça, que é um dos principais atributos da divindade, quando a multidão dos fenômenos morais nos está provando a todos os instantes a sua presença em toda a parte. São Tomás de Aquino soberanamente o disse:

O que a mente não sabe, olho não vê,  
Porque a ordem transcende da natura,  
Torna-se claro a fé, que adora e crê  
Firme e segura.

*Quod non capis, quod non vides  
Animosa firmat fides  
Praeter rerum ordinem.*

Se, pois, a nós, mesquinhos pecadores, foi dado como um favor do Céu o reconhecer a existência de tão augustas verdades, também nos foi vedado o interrogar o Ente Supremo acerca do

momento em que se deve manifestar o seu infinito poder; e seria temeridade tentar a Deus, cuja presciência abraça o universo inteiro, e sonda a cada instante os arcanos da consciência humana. Se sois inocente, como estou certo, tende fé na Justiça Divina, que cedo ou tarde fulminará os autores da iníqua perseguição de que sois vítima, e recompensar-vos-á largamente, derramando em vosso coração os benefícios da esperança e da fé. Mas para isso é necessário terdes paciência, coragem, resignação, e não quererdes precipitar a ordem natural de fatos que já estão decretados lá em cima. Lutar contra mais de vinte homens armados seria buscar uma morte certa e inglória, deixando coberta de luto e dor a mulher por quem faríeis o sacrifício da vossa vida. Morrer! E por quê? Sois moço, e amais; sois cristão e credes. Fazendo o homem à sua imagem e semelhança o Criador colocou-lhe no coração um raio das suas infinitas perfeições, e por isso nunca o abandona na desgraça, exceto se ele é mau e ímpio. Ide primeiro pedir justiça aos homens. Ide à capital da Província, ide à Corte: eu pedirei ao Altíssimo que vos proteja. É impossível que não obtenhais desagravo. O caso não é de desesperar: ide, tende fé em Deus, que Ele protege os inocentes!

Com esta persuasiva exortação, o prudente sacerdote não queria mais do que lavar as mãos perante a própria consciência, e ao mesmo tempo ver-se livre daquele homem suspeito, ainda que aparentemente limpo de culpa, cujas narrativas durante o caminho que fizeram juntos pareceram-lhe tão estranhas, e cuja presença em sua casa podia acarretar-lhe sérios desares. Por seu lado, ouviu-o Agavino com a máxima docilidade, e conquanto estivesse naquela hora debaixo da exaltação produzida pela mais excruciante pena de amor, a perda inopinada do objeto que se vai possuir, pôde subjugar-se, curvar-se ante a animadora luz que lhe avivaram na alma as inspiradas reflexões do padre: a luz da esperança na justiça dos homens unida à confiança na Providência divina.

Aquela ideia de ir à Corte, à majestosa capital onde deviam estar reunidas e congregadas as mais sublimes forças morais do país, onde residiam o Imperador, o ministro da Justiça e os tribunais supremos, sorriu-lhe de feito à imaginação como o aparecimento repentino do desejado farol sorri ao nauta desnortado. E semelhante ao náufrago, que no meio do espadanar das vagas agarra-se aos fragmentos do vaso despedaçado, e que não achando resistência neles, ainda estende a mão às fragas que avista ao longe, Agavino pegou-se a ela como à sua última tábua de salvação. E elevando as mãos para o céu, exclamou com inflexão de uma profunda confiança: – Graças vos sejam dadas, meu Deus, porque abristes ao mais indigno dos vossos servos os tesouros da fé!

Pelo entenebrecer do dia seguinte, o moço havia chegado à capital da Província.

O seu primeiro intento foi de ali mesmo, requerendo desagravo, pôr em obra o conselho que lhe dera o padre. Recordava-se, porém, de mais de uma iniquidade praticada, no tempo em que era criança, por autoridades da capital para com honradas e inofensivas pessoas da sua terra, as quais em vão clamaram invocando a justiça do Presidente. E a memória de semelhantes fatos, – cuja penosa impressão ficara-lhe vivamente exarada no espírito – quase o dissuadia de recorrer à Sua Excelência. Acrescia que S. Ex. – que era deputado à Assembleia Geral e acabava de ser convidado pelo Presidente do Conselho de Ministros para aceitar a pasta da Marinha – estava aprontando as malas para embarcar, razão porque não podia atender a queixosos, ainda menos a um pobre e obscuro matuto; e que, atravessando a famosa ponte do *Sanhauá*, por onde se chega ao topo ocidental da cidade, o sertanejo avistara o vapor que, segundo lhe disseram, devia levar aquele importante funcionário ao Rio de Janeiro. Tais foram os motivos que no dia imediato decidiram-no a embarcar.

E agora, que o nosso viajante poderá deitar a cabeça e repousar das vigílias, fadigas, e tormentos morais dos dias e noites antecedentes, digamos duas palavras a respeito de Zangão.

Há de lembrar-se o leitor, que fora contra a própria vontade, e, como vulgarmente se diz, por honra da firma, que o ilustre alferes ficara só, esperando por seu companheiro embaixo da grande árvore. Ora, entre as crianças e os escravos de Areia corriam por aquele tempo os mais assombrosos boatos a respeito dos perigos a que se expunha quem quer que se atrevesse a aproximar-se-lhe da base, mormente de noite. Dizia-se que nos dois grandes ninhos de himenópteros, que ainda se veem nos seus galhos, habitavam dois morcegos de forma e tamanho nunca vistos; que na espessura da sua folhagem escondiam-se os urubus e os caracarás, para lançarem-se às horas mortas sobre os incautos que passassem; que nas cavidades do tronco aparecia de vez em quando uma gigantesca jiboia a armar o bote para quem se atrevesse a olhar para lá. E, finalmente, que o *dedão*, o *bravo-luxo*, os *lobisomens*, as *burrinhas*, e outros tais duendes da imaginação popular, ali se congregavam em tripúdios infernais, ao som dos uivos e guinchos das almas dos rebeldes, que saíam das cicatrizes da árvore a voltear-lhe em torno dos galhos, desde as dez horas da noite até o romper da aurora.

E o mais engraçado era ver a credulidade com que certas pessoas velhas ouviam e repetiam semelhantes histórias, aliás muito conformes ao sistema geral de fábulas e invenções, com que os mais espertos afugentavam de onde lhes convinha os curiosos ou indiscretos. O que, porém, havia certo no quanto se refere àquela arvore célebre, era que a fenomenal grossura do tronco, a vertiginosa altura dos galhos, as parasitas que enredavam-se nestes, e sobretudo as miríadas e miríadas de terríveis abelhas que ali têm suas enormes colmeias, dificultam sobremodo a ascensão na desmedida figueira, ao mesmo tempo que as jandaias, os papagaios, os urubus e as aves noturnas ali

reunidas, ajuntando seus pios e grasnados ao farfalhar das folhas e ao chiar dos morcegos – que na estação dos frutos vêm comer-lhe a succulenta calátide – dão ao grandioso vegetal uma como personificação, venerável durante o dia e assombrosa durante a noite, parecendo até envolvê-lo numa espécie de inviolabilidade, que de algum modo explica a afeição e o respeito com que o consideram os areienses. E tanto isto é assim, que por ter-lhe cortado um dos galhos maiores um certo Silvestre, proprietário de boas terras nas vizinhanças da cidade, a Câmara Municipal de Areia julgou dever tomar a magnífica figueira debaixo da sua proteção, mandando cuidar dela um homem prático, e proibindo que se repetissem tão grandes crimes de lesa majestade contra um dos maiores príncipes do reino vegetal.

Apenas cessaram as vozes dos dois cavaleiros embaixo da árvore, começou dentro das ramas desta o assombroso sussurro. Ora, Zangão, cujos conhecimentos só abrangiam a parte fantástica e medonha do quanto acabamos de referir, creu-se logo rodeado de entes sobrenaturais, e para escapar às unhas deles, açoitou o cavalo e foi se colocar na espécie de esplanada que fica entre a gameleira e a parte oriental da cidade. Cismando nos novos perigos a que estava exposto naquele lugar descoberto e solitário, e dando com os olhos nos galões da farda que refletiam os raios da lua nascente: – Sou alferes! – disse mentalmente como reanimado pela nova dignidade. – E por qual razão não hei de eu ir buscar um inferior para me fazer companhia? Ah, maldito capitão de voluntários que me deixaste aqui sozinho, tu merecias que no caminho algum caracará te arrancasse os olhos!

A dificuldade era tornar a passar por baixo da árvore, para chegar à cadeia, que lhe ficava do outro lado, porque, bem que de muito prestígio entre os soldados, os seus cairéis de oficial de nada podiam servir entre os seres extraordinários que povoavam a gameleira mal-assombrada. Manoel começou, então, um rodeio, uma curva descrita com um raio imenso, pela direita do ponto em

que se achava. Mas pondo por ali o animal, foi dar com a cabeça nas ramas de um gitozeiro, em cuja basta folhagem ouviu farfalhar o que quer que fosse. – Nada! – tornou a dizer entre si – por aqui não vou bem. – Deu volta às rédeas, desfez o caminho andado, e endireitando as orelhas do cavalo para o lado oposto, porventura o mais terrível (mas onde felizmente não havia nenhum pé de gitó), chegou à borda das ladeiras que demoram do lado da Macaíba, e parando ali, procurou reconhecer os obstáculos que devia superar para chegar ao outro lado. Eram estes de diversa natureza, avultando a escuridão em que todo aquele profundo vale, ou gruta, como ali se diz, estava mergulhado, e os medonhos algares por cima dos quais era necessário passar com extrema cautela, para se não despenhar no abismo.

Manoel entregava às vezes a Deus o seu destino: nessa noite entregou-o ao animal que cavalgava. E açoitando-o sem piedade, ao mesmo tempo que com a mão esquerda agarrava-se ao arção da sela, contou achar-se de dois ou três pulos fora daquele terrível passo. Enganou-se: vergado o cavalo sob o peso do cavaleiro, apenas moveu as patas para obedecer escorregou num dos barrancos que lhe ficavam por diante, fugiu de entre as pernas do colosso, deixando-as abertas, e com os pés colocados nas duas ribanceiras laterais. Zangão puxou-lhe as rédeas, querendo-o libertar daquele fojo misterioso, mas fê-lo com tanta força, que o pobre animal ficou quase pendurado pela garganta, sacudindo as patas e as orelhas, e roncando quanto o permitia o arrocho das correias, que por um infeliz acaso laçaram-lhe o pescoço e iam-no enforcando. – Às armas! – gritou então o alferes com energia. – Às armas que estou perdido! Acode! Acode! – Às armas! – repetiu a sentinela despertando do sono que já começava a desfrutar. – Às armas, que pedem socorro!

Daí a alguns segundos mais de doze soldados rodeavam Zangão, e ao som das zombarias libertavam da cova o cavalo, voltando para a cadeia com o valoroso guerreiro, que já havia

recobrado ânimo, vendo-se em companhia de tantos homens alegres.

Ao chegar ao edifício, foi-lhe porém necessário despir a farda do comandante, e à voz de prisão que lhe deu este, recolher-se ao sobrado donde meia hora antes saíra com Agavino. Não quis a sorte que o burlesco findasse aqui.

Entre os soldados que guardavam a cadeia, havia um caboclo que, por maiores astúcias que empregasse, não conseguiu vender para o banquete, e por frango castrado e tenro, um velho galo da Índia, pelado e esguio, que se suspeitava contaminado de gogo. Apenas partidos do aposento os dois companheiros de viagem, o caboclo, que estava muito incomodado com o galo por não ter corda para o amarrar nem licença para ir dá-lo a guardar a alguém, e que os vira passar de sela e surrão às costas, subiu ao sobrado, fechou-lhe as janelas, e soltou a ave. Ora, estava Zangão diante da candeia a cogitar nas desgraças humanas, quando repara no que quer que era, de feitio meio galináceo, e meio fantástico, que debaixo da mesa e mal iluminado armava o pulo para a cadeira era que ele próprio estivera assentado durante a ceia. O que havia de vir-lhe à cabeça? Que era a alma do peru com o qual, pode-se dizer, na última refeição daquele dia extraordinário lutara corpo a corpo, sem poder vencer-lhe a rigidez enorme, e sobre cujos restos lançara todas as maldições necessárias, para que o espírito da indômita ave jamais pudesse achar repouso nos eternos poleiros. Tinha razão o naturalista quando opugnava o automatismo cartesiano: era realmente o peru que estava diante de Zangão, mas o peru transformado pelo martírio, o peru sem roda, sem escova e sem as vãs ostentações deste mundo de lodo; o peru em espírito e, em verdade, errante pelos cárceres humanos, imortal, gigantesco, medonho, a clamar vingança contra a covarde profanação do seu inofensivo cadáver, e a pedir preces para o sossego do seu ser coberto de maldições!

Não teve dúvida, não: abriu a vidraça mais próxima, pulou por cima da janela como para atirar-se aos chãos, mas falecendo-lhe a coragem, ficou agarrado aos alisares, pendurado, e por assim dizer suspenso entre dois objetos igualmente terríveis: o abismo de um lado, e do outro a alma do peru. Já lhe ia faltando a força dos dedos que o sustinham, quando, despertada pelo rumor dos membros do gigante batendo na parede, a sentinela chama às armas, gritando que um preso tentava fugir.

Na manhã seguinte achava-se o recém-alferes cercado de autoridades de diverso aspecto, assim no traje como no semblante, as quais o interrogavam acerca do rapto da donzela, dos crimes e da fuga de Agavino, e da manifesta cumplicidade dele, Zangão, em tudo isto.



**XVIII**  
**GRANDE IGNORANTE**





Nenhuns dos grandes objetos da natureza impressionam tão profundamente a quem pela primeira vez os contempla, como sejam o céu, o deserto e o mar. Eis os três verbos verdadeiramente expressivos da Potência Criadora, harmônica, gigantesca e incomensurável nos caprichos de sua incessante e prodigiosa fecundidade.

Mas se porventura algum destes objetos sobreleva aos dois outros em profunda gravidade, é sem dúvida o mar. Por uma ilusão ótica imenso como o céu, a que serve de alicerce, calmo às vezes como o deserto, e mais que ele exposto às tempestades, mudando de aspecto ao menor movimento das camadas invisíveis do ar, e sempre grandioso e monótono em sua infinita variedade, sempre terrível no desconhecido dos abismos e dos monstros que esconde debaixo de sua face lustrosa e privada de sorrisos, o mar possui a assombrosa propriedade de absorver em seu seio, de fazer desaparecer no mesmo instante quem quer que lhe ponha os pés sobre o dorso movediço. É uma traição perpétua, uma devoradora sepultura, que podia servir de hipogeu à humanidade de mil mundos como o nosso, sem que a sua lousa nua de epitáfios e de goivos subisse um milímetro acima do seu nível ordinário, e sem que no seu insondável bojo minguisse o apetite da morte.

Essa não sabemos se pasmosa matriz ou assombrosa cova tem, como o céu, a sua multidão de estrelas, que brilham à noite espalhando na atmosfera um clarão semelhante ao da aurora boreal, e como o deserto a sua voz terrível, voz veemente e recortada de bramidos, como o ronco de leão imenso que tentasse despedaçar os promontórios e devorar os continentes.

Nem os limites das costas, nem a profundidade dos leitos, nem a força dos ventos, nem as leis das tempestades, das trombas e dos ciclones, ou ainda das correntes, dos redemoinhos e do oscilar das vagas são apreciáveis à vista humana, a cuja percepção se furtam as harmonias geognósticas e as verdadeiras proporções do oceano. E eis porque o espetáculo do alto mar é sempre mesto, sempre misterioso, ainda para os homens em quem o efeito moral de sua eloquente beleza sobreexcede ao terror, que lhes incute na alma aquela grandiosa e sublime desordem.

Os ânimos avassalados às paixões melancólicas – nesse estado em que as sensações e os sentimentos adquirem maior intensidade – acham no existir do oceano mais de uma nota acorde com os tumultos internos da consciência e do coração. Aquele mover incessante e monótono, aquele seio profundo e negro, onde brotam, vivem e se apascentam milhões de organismos de todas as formas e tamanhos, desde o bíforo microscópico até o cetáceo gigantesco; aquele horizonte apenas distante algumas milhas, e que parece fugir à medida que avançamos; aquele inquieto e difuso refletir das águas, em cujo plano serpeiam a revezes os bandos dos golfinhos e o dorso da baleia; aquela constante mobilidade da superfície, que se encrespa ao soprar dos ventos, tentando submergir o madeiro sobre o qual deitou-se o homem na confiança de sua perícia; todo esse viver desassossegado, anormal, cheio de ameaças e terrores, privado de flores e perfumes, e das santas alegrias da terra firme, tem o que quer que seja conforme com o padecer dos desgraçados.

Eis porque certas pessoas deleitam-se tanto na contemplação do mar, em cuja misteriosa austeridade sentem o reflexo de mágoas inconsoláveis; e eis também porque durante a viagem da capital da Província à do Império, raras foram as vezes que desceu Agavino à câmara do vapor para tomar a refeição comum, contentando-se as mais das vezes com as parcas iguarias, que se dignavam de levar-lhe os quase sempre desatenciosos e arrogantes criados dos *paquetes* brasileiros.

Debruçado à amurada da popa durante o dia, e recostado num dos bancos gradeados que rodeavam a grande escotilha da câmara, durante a noite, o pobre sertanejo curtia saudades daquela por quem se ausentava da sua terra natal, sem tirar os olhos do horizonte, onde via de contínuo a imagem de sua querida Palmira, como um astro de amor e esperança.

Pela altura dos Abrolhos, e dois dias depois de deixarem a pitoresca Bahia, uns estudantes que viajavam em companhia de um dos seus ex-colegas, o bacharel Guaiamus, a quem o Governo confiara a administração da Província da Paraíba – justamente a pessoa a quem devera Agavino pedir justiça, caso não partissem ambos para o Rio de Janeiro –, simpatizando talvez com aquela fisionomia melancólica, ou com a doce expressão de mágoa estampada em todo o aspecto do jovem provinciano, convidaram-no, instando para participar dos jogos e folguedos com que tentavam mitigar o tédio da viagem. Queriam dançar e cantar, e recitar versos, ao som de um violão que esquecera a bordo um passageiro desembarcado em Maceió, mas que nenhum deles sabia tanger.

– Ora, vejamos se o nosso *corumba* toca este instrumento, que está sempre em moda lá pelo centro – exclamou o ex-estudante, com aquela inflexão de autorizada zombaria própria de um presidente de província quando vai de viagem.

– Muito pouco, Excelentíssimo – respondeu-lhe o moço inclinando a cabeça e descobrindo-se. E depois de ferir com força dois ou três acordes em menor, começou a tocar uns tonilhos e ritornelos de sua invenção.

– Tá, tá, tá! – disse-lhe Guaiamus – isto é uma verdadeira ladainha. Toque-nos antes uma valsa, um lundu, uma coisa alegre.

– Uma contradança – gritou um estudante.

– O miudinho – exclamou outro.

– O *Era no outono* do Furtado Coelho\* – disse um terceiro.

– Eu só sei músicas tristes – respondeu-lhes Agavino – músicas toscas, lá do sertão.

– Oh, homem! – replicou o bacharel. – Pois nem o lundu? Que diabo vai você buscar à Corte, se nem ao menos sabe tocar o lundu?!

– Eu não vou à Corte exercer a profissão de menestrel – tornou-lhe o moço levantando-se e pondo sobre o banco o violão –, vou pedir justiça.

– Pedir justiça! Então leva empenhos.

– Pois a justiça se peita?

– Não quero dizer isto, mas para obter-se justiça no Rio de Janeiro é necessário.

– Ter-se razão – acudiu Agavino.

– E mais alguma coisa, que é justamente aquilo que todos nós mais ambicionamos.

– A virtude? Ó essa é que eu não tenho...

– Aquilo com que se compram os melões – gritou-lhe da esquerda um estudante em voz de falsete agudo.

– E tocar músicas alegres – gritou-lhe da direita outro.

– Os senhores estão gracejando...

– Gracejando! – responderam-lhe sorrindo os estudantes.

– Aqui tudo conhece o Rio de Janeiro e estuda o direito. E Sua Excelência, que é mestre na matéria, sabe o que diz. Estude o direito, que verá como as coisas se fazem.

O presidente empertigou-se, tossiu, puxou os colarinhos, tirou da charuteira meia dúzia de bons baianos, e os foi distribuindo aos rapazes.

– Não sinto vocação para o estudo das leis. Se eu estudasse havia de ser as belas-artes, a poesia...

– Ah, ah, ah! Então era para morrer desgraçado – atalhou o futuro ministro d'Estado, com um riso alvar a que pretendia dar a máxima graça –, que ainda não houve artista, nem poeta, que não acabasse miserável.

– Mas Alfieri\*, Byron\*, Rubens\*, Michelangelo\*... – respondeu-lhe timidamente o sertanejo.

– Tudo isso morreu na miséria, grande ignorante!

E nem podia ser de outra maneira. Súcia de malucos que não sabiam uma palavra, ao menos, da ciência administrativa e da economia política, que são a base de toda e qualquer civilização. Não caia nessa, meu menino – continuou didaticamente o legista, depois de inchar as bochechas e expelir pelo nariz um resto de fumaça que tinha nos pulmões. – O artista é o ente mais inútil e abjeto da sociedade, ainda mais que o poeta, porque esse ao menos carece de estudos preparatórios para escrever com gramática. Ai, ai, que o meu *corumba* parece sofrer da bola!

– E acaba na Praia Vermelha – acudiu a voz de tiple.

– Ah, ah, ah! – aplaudiram todos, acordando do êxtase em que os haviam arrebatado as eloquentes palavras do autorizado regista. – E não será daqui a muito tempo. Ah, ah, ah!

Apenas começou esta espirituosa vaia, Agavino foi-se afastando até a borda do navio, de onde se pôs a olhar para a lua, que brilhava serena do lado do oriente, argentando com seus raios a superfície buliçosa das ondas, de modo que, transportado pela beleza do astro a outros pensamentos, mal ouviu as últimas gentilezas que lhe dirigiram os futuros bacharéis.

– Não quer um baiano? – perguntou-lhe ainda Guaiamus, oferecendo-lhe um charuto.

– Deixe-o, Excelentíssimo, que ele há de ter com que fumar no Rio de Janeiro – atalhou a voz de tiple engasgando-se com uma baforada de fumo que lançara-lhe Sua Excelência.

Agavino nem sequer percebeu que ainda lhe falavam, e engolfado nas suas cogitações, continuou a considerar o céu, onde o brilho da lua só deixava ver alguns planetas e as estrelas das duas maiores grandezas.

No meio, porém, da sua meditação, ocorreu-lhe uma ideia prática, e vinha a ser de sondar os conhecimentos do presidente fora da história da arte, assim como das ciências econômicas e administrativas, em que o futuro ministro da Marinha – que

acabava de o chamar *grande ignorante* – pretendia basear a civilização. E simulando nada conhecer da cosmografia – em cujos princípios estava, entretanto, iniciado – dirigiu-se-lhe em tom singelo e submisso:

– Quando ponho-me assim a contemplar o céu, Excelentíssimo, que pena tenho de ignorar a ciência que trata dos astros, das suas distâncias à terra, da natureza de cada um deles, e da razão porque não caem, nem sofrem perturbação nos seus movimentos gerais.

– Lá isso é da matemática – responde-lhe Guaiamus em tom e gesto de orador. – É ela que nos demonstra, firmada na experiência, que os astros são imensos, e que a lua, por exemplo, é mil vezes maior que a terra. É ela que nos ensina a distinguir os planetas, que são o que o vulgo ignorante chama estrelas, dos cometas e dos astros atmosféricos como, *verbi gratia*, Vênus, Saturno, e outros da antiga fábula. As distâncias, essas é que ninguém lhes sabe ao certo, porque ainda não houve matemático, nem filósofo, que lá fosse para medi-las. E demais estão tão longe! Só a lua e o sol distam de nós mais de dez ou vinte mil léguas. Quanto ao não caírem, isso não, que no tempo de calor vêm eles abaixo como qualquer outra coisa.

– E o mar, Excelentíssimo?

– Isso agora é com os botânicos, ou físicos. Eles é que têm tentado saber da profundidade do oceano, mas sempre em vão, porque ainda não houve sonda que lhe chegasse ao fundo, nem ninguém que explicasse donde vem tanta água, se das nuvens, se dos rios. E, depois, as baleias, os tubarões, e todos os mais peixes monstros que o povoam, e ainda outros desconhecidos e muito maiores, chamados antediluvianos, como o mastodonte e os golfinhos da fábula, tudo dificulta a sintética investigação dos botânicos, ou físicos que querem desvendar os impenetráveis mistérios da criação. E eis porque só Deus, até agora, é o único botânico, ou físico indubitavelmente perfeito.

Estas atiladas respostas geraram em Agavino dois sentimentos que lhe eram desconhecidos: de um lado o prazer de sentir-se, ainda que pouco culto, superior a um futuro ministro d'Estado; de outro a tristeza de ver a que homens estava, talvez muitas vezes, confiado o destino da sua pátria. O moço continuou.

– E o vapor, Excelentíssimo?

– Descoberto na antiga Roma por Aristóteles\* senhores, tornou-se, o vapor a principal força dos tempos modernos. É com ele que os astrólogos têm reconhecido a redondeza do Globo, porque (como já tive a honra de declarar perante a augusta Assembleia) a terra não é plana, como a supõem os ignorantes, porém redonda na superfície e chata nos polos, pouco mais ou menos como a roda deste vapor. Sim, senhores, provada essa rotundidade pelo imortal Mirabeau\*, fácil tornou-se passar ao descobrimento do telégrafo, que não é mais do que a aplicação que fez Shakespeare\* do vapor à construção desses arames por onde passa diariamente o pensamento dos povos. Navegação, matemática, vias férreas, impressão dos debates da Câmara, tudo é resultado dessa grande invenção, que enche de glória aqueles grandes astrólogos. De modo que já não é permitido pensar, nem falar, nem obrar lentamente. E é por isso que eu sempre digo na augusta Câmara: o progresso consiste em pensar, falar e obrar a vapor.

– Mas a primeira ideia de utilizar o vapor não foi de Leonardo de Vinci\*, ou de Salomon de Caus\*; e não foram Papin\*, Savery\*, Miller\*, Fitch\* e Fulton\* os primeiros que o aplicaram à navegação? – perguntou-lhe um médico que ali se achava, e a quem sobremodo surpreenderam as estranhas improvisações do deputado.

– Não me interrompa! Segundo alguns autores é, com efeito, invenção desses matemáticos; mas está hoje provado que foi Aristóteles, nas suas *Bucólicas\**, quem primeiro teve a ideia de aplicar o seu descobrimento à navegação entre Alba Longa\* e a Cidade eterna.

– E os eclipses? – continuou Agavino.

– É fácil explicá-los por meio da eletricidade. Todas as vezes que passa uma camada elétrica por diante do sol, temos o eclipse da lua; todas as vezes que passa uma nuvem na atmosfera eletrizada da lua, temos a diminuição do seu brilho, e por consequência o eclipse do sol.

– E a jurisprudência, Excelentíssimo, trata de tudo isso?

– Trata a economia política no capítulo intitulado: *distribuição das riquezas na superfície do universo*. Um astro, um filósofo, um eclipse, o dom da palavra, a eletricidade, um voto eleitoral, são *riquezas* como uma nota de banco ou uma letra de câmbio. E eis, senhores, a razão porque o homem que penetra os segredos dessa profunda ciência, está habilitado para julgar, dirigir os povos, e – como se acha escrito na *Instituta de Justiniano*\* – fazer deles, se necessário for, matéria de suas experiências políticas.

Guaïamus terminou este pequeno mas profundíssimo discurso em tom e postura de quem estivesse orando no Parlamento: comovido, lento, de pé, com a mão direita sobre uma tina d'água, em que, sem sentir, mergulhava os dedos, e a esquerda levantada para o céu, onde naquele momento passou uma bólide, deixando após si um traço luminoso.

– Olhem! Eu não disse? Aí está uma estrela que acaba de cair no mar!

Os calouros, que estavam boquiabertos e como suspensos nas vertiginosas alturas de tanta sabedoria, esticaram o pescoço e olharam para o ponto do mar que ficava na direção do asteroide e da constelação de Hércules, de onde ele parecia vir. O sertanejo foi o único que não se moveu, e inclinando-se numa graciosa cortesia, limitou-se a responder ao presidente: – Muito agradecido, Excelentíssimo, pelas explicações que se dignou de me dar –, ao mesmo tempo que pela consciência lhe passava a satisfação de não ter podido pedir justiça a Sua Excelência.

XIX  
VAGABUNDO





Ao cabo de nove dias de viagem chegou o nosso viajante à capital do Império, cujo aspecto causou-lhe um grande desânimo. Com efeito, o panorama que se desdobrava diante dos seus olhos, composto da aproximação ótica ou real de montes escavados e pequenos edifícios de disparatados contornos e absurda arquitetura, e tendo

por fundo as sombrias montanhas da Tijuca. A grande quantidade de gaiivotas da mais desgraciosa espécie, que adejavam em torno dos navios, ou pousavam na superfície turva do mar, onde boiavam as fezes dos mercados e as impurezas de uma cidade privada de esgotos; o inumerável cardume de pequenas embarcações, que rodeavam o vapor tripuladas de negros esfarrapados e homens brancos falando a branda língua dos brasileiros com um acento estranho. As broncas faluas, com sua maruja de escravos cobertos apenas com a tanga e remando ao som do azorrague do contramestre; aquelas praias esquálidas e despidas de qualquer artefato hidráulico, das quais os estrangeiros se compraziam em tirar a fotografia, para zombarem do nosso pouco asseio; a multidão de gente maltrapilha e asquerosa, que se via em cima das rústicas pontes de desembarque. Tudo isto junto a um calor superior ao dos sertões, a um horizonte cor de barro, a uma atmosfera úmida, pesada e impregnada dos mais ambíguos perfumes, e às notícias que por toda a parte soavam de febres, carestia, crises comerciais, e calamidades de todo o gênero, impressionou Agavino de modo bem diverso do que esperava sê-lo, mormente depois de ouvir as histórias contadas a bordo pelo presidente – em cujo conceito era o Rio de Janeiro uma capital digna do reino das utopias –, e de admirar a costa desde Cabo Frio

até a Gávea, a grandiosa entrada da barra, a vasta e pitoresca baía, que se encurva até a base da incomparável serra de Petrópolis, em uma palavra, o espetáculo de uma natureza opulenta, e pródiga dos mais augustos splendores. Natureza digna, por consequência, de inspirar os legisladores e os arquitetos brasileiros, assim como as pompas fluminenses inspiravam o presidente em seus sublimados arrojados oratórios.

Porque, na sua desculpável ignorância de provinciano, julgara que, no todo, a populosa cidade se aproximava mais de um certo ideal, que não saberia bem definir, mas que era a um tempo magnífico e nobre, como esse formoso país de que, de algum modo, ela devia ser a imagem, e como o vasto e riquíssimo império de que era capital. Além disto, fora ali que ele colocara, finalmente, todas as suas esperanças, e essa grata ilusão ainda mais lhe iriara a convicção de que encontraria uma cidade suntuosa e alegre.

Desembarcando, e indo da Prainha ao largo do Paço – aonde o chamava a curiosidade de ver a Residência Imperial –, o sertanejo sentiu confranger-se-lhe ainda mais o coração, e como que de todo escurecer a luz interna de confiança e esperança, que lhe acendera na alma o vigário da Lagoa Grande.

Aqueles que desde muito conhecem o Rio de Janeiro, e se recordam do que ainda era quinze, e mesmo dez anos antes da Guerra do Paraguai, avaliarão a legitimidade de semelhante desânimo, porque o verdadeiro calçamento das ruas, a edificação dos mais elegantes palacetes, o aformoseamento e ajardinamento das praças, a construção dos esgotos, da grandiosa alfândega, a ereção das memórias de bronze que imortalizam a heroicidade e o gênio, tudo ou quase tudo do quanto vai prestando à nossa capital uma feição menos discorde com a dignidade de uma grande nação, foi obra destes últimos vinte anos. E entretanto, considerada na sua exterioridade quer arquitetônica quer higiênica, a famigerada Corte ainda está bem longe de corresponder às necessidades e, principalmente, ao ideal da vida civilizada.

Todavia era preciso não se deixar aviltar pelo simples aspecto das coisas, e ao contrário tentar ir ao ministro, e esquecer a fisionomia, por toda a parte a mesma, de uma cidade sem arquitetos, sem higiene e sem polícia, e só digna de um povo mentecapto, até convencer-se que a justiça podia ser, como muitas vezes a virtude, aparentemente mesquinha e desprezível.

Agavino voltou por onde viera, até a célebre rua do Ouvidor, que ouvira decantar lá na Província pelos deputados que regressavam da Corte, como uma rua monumental e fecunda em maravilhas de todo o gênero. Ia, porém, chegando à rua dos Ourives, quando se viu obrigado a retroceder e entrar em uma loja francesa, para escapar à fúria de uma alcateia de *capoeiras*, que vinham ferindo de navalha a quantos encontravam. Atrás dos *capoeiras*, mas a uma respeitável distância, ia um bando de pedestres, quase tão andrajosos como eles, e após uma multidão de gente, em cuja fisionomia lia-se menos a compaixão causada pelos feridos que caíam, do que a curiosidade do observar as novas façanhas dos malvados que iam na frente. Admirado daquele sucesso – para ele sem precedente – perguntou a um velho que passava, o que significava.

– São as eleições para vereadores – respondeu-lhe o homem mirando-o de cima a baixo.

– Uns facinorosos, perpetrando pelas ruas crimes capitais, e as eleições para vereadores! – disse entre si o recém-chegado. – Este homem não entendeu a minha pergunta. – Ele, porém, é que, na sua seráfica simpleza de sertanejo, não compreendia o quanto havia íntimo e essencial entre objetos na aparência tão dessemelhantes, e, por consequência, a profunda justeza da explicação metonímica que lhe dera o velho.

A uns duzentos passos mais adiante, e sempre debaixo de impressões idênticas, perguntou a um homem gordo e barbado, que em mangas de camisa e calçado de tamancos palitava os dentes à porta de uma loja de sapatos, onde era a melhor hospedaria do Rio de Janeiro.

– Va à casa do Zé Carqueja – respondeu-lhe o homem pondo o palito atrás da orelha, – que é melhor que quanta casa francesa e brasileira há por aí assim. Está vendo ali aquela esquina? É a rua da Quitanda. Siga por ela, e em lhe chegando ao fim pergunte, que qualquer um o encaminhará.

O provinciano retrocedeu de novo, dobrou à esquina indigitada, percorreu a rua da Quitanda, e depois desta mais duas ou três, antes de avistar o seguinte letreiro, que estava escrito com tintas vivas em uma grande chapa de ferro batido:

JUZÉ CRAQUEJA  
 com caza de otel e ospe-  
 DARIA  
 DE CUMER CUM ASSEIO  
 e Sabão  
*e também ce dá pois*  
 ADA PARTICULAR A NOITE PEDINDO  
 (e tem ritiro)  
 CUM BOA PETISQEIRA.  
 Dobrada de grande gala  
 e  
 BaTaTas do novo cistema.

Sem ponderar demasiado a sinceridade do homem que reputava aquela estalagem a melhor do Rio de Janeiro, entrou nela, alojou-se no melhor quarto devoluto que achou, depois de se entender com o tal José Carqueja. Era este um homem dos seus 40 anos, da ilha do Corvo, antes curto do que baixo, de olhos claros, e apenas separados um do outro pela grossura de um nariz quase reduzido a uma hipótese anatômica, excetuadas as ventas, que eram assaz grandes para dar ideia – sujas de tabaco como sempre estavam – de dois formigueiros no meio de uma cara humana. Além disto, tinha o nosso homem o queixo largo, grandíssimas as orelhas, e tão rasgada a boca, que quem pela primeira vez o visse bocejar, teria como problemático se

estava ou não fazendo esforços sobrenaturais para se mostrar pelo avesso. E a testa? A testa parecia vastíssima, não porque efetivamente o fosse, mas porque a falta de cabelos que caracteriza esta parte da face, prolongando-se até o occipital, formava uma dessas calvas intermináveis, que muita gente confunde com as fronte verdadeiramente denunciadoras da inteligência, apesar de serem muitas vezes o sinal infalível da escassez dela. O resto do homem era conforme à cara, principalmente o ventre e os pés, onde pareciam concentrados os produtos materiais de todos os esforços do estalajadeiro para conquistar palmo a palmo e, poder-se-ia dizer, libra a libra, a suma bem-aventurança terreal. Tal era a configuração geral do indivíduo para quem, como para Zangão, não podíamos deixar de chamar a atenção do leitor.

Depois de cear, o moço recolheu-se ao quarto, de cuja única janela avistava-se o largo de Moira, e os *moirões* a que, em época pouco remota, amarravam-se os escravos delinquentes para serem açoitados diante de quem passava. Tirou da bolsa onde guardava as preciosas gemas a carta de Palmira, e enquanto pelas faces deslizavam-lhe duas lágrimas, pôs-se a ler e reler cada palavra, procurando esgotar todas as consolações que lhe trazia aquele inapreciável objeto. E depois de estar assim durante mais de meia hora, pegou na pena e escreveu uma espécie de memorial em que expunha ao ministro da Justiça a causa de sua vinda ao Rio de Janeiro. E foi se deitar em uma marquesa de configuração medieval e não menos venerável estofo, esperando que o sono e a fadiga lhe entorpecessem os membros e a cabeça.

Tinha dormido durante cerca de três ou quatro horas, quando uns gritos pungentes, como de pessoa atormentada por bárbaro castigo, o acordaram de repente.

– É sonho ou realidade? – disse Agavino, levantando-se e escutando com apurada atenção. E a voz continuou a chamar em

grita por quantos santos há, sem que ninguém parecesse despertar com aquele arruído sinistro. Então, o mancebo abriu a porta, desceu as escadas e exclamou para o dono da estalagem, que lhe apareceu de mangas arregaçadas, com um grande látego na mão, e os braços salpicados de sangue.

– Onde são estes gritos? Acudamos! De onde partem não sabe?

– Ora vejam só o meu caro senhor! E o que tem *vosmincê* com isso? Nunca viu castigar um escravo, não? Tenha a bondade de não se meter c'os negócios da minha hospedaria! – respondeu-lhe enfadado o homem dos formigueiros na cara, volvendo-lhe as costas.

– Pois eu protesto contra esta inaudita barbaridade, e juro que amanhã as autoridades hão de saber deste fato atroz!

– Jure lá e proteste quantas vezes quiser, que eu todos os dias castigo os meus escravos, e nunca autoridade nenhuma se introduziu cá no governo da minha casa! E demais não há quem não faça o mesmo por aí assim na sua terra – tornou-lhe José Carqueja, batendo-lhe a porta donde tinha saído, e dando volta à chave.

E os gritos continuaram mais agudos e mais desesperados! Então, o provinciano compreendeu que não devia demorar-se ali nem mais um instante: tornou a descer as escadas, bateu de novo as palmas e disse ao mesmo homem que lhe aparecera:

– Faça-me o favor de dizer: quanto lhe devo?

– Ó meu rico senhor da minha alma! – respondeu-lhe Carqueja em tom melífluo e humilde. – Pois quer se retirar a esta hora, por causa de uma coisa à toa? Não se escandalize com as chicotadas que dei no negro, o diabo de um velho que nunca se emenda, e à boquinha da noite ia-me chupando todo o resto das batatas de ontem. E que boas batatas: feitas com manteiga!

O moço insistiu, pagou o que devia, e saiu à procura de outro albergue, parecendo-lhe impossível que na capital do

Império, de onde devia partir para as províncias o exemplo da boa polícia, dos costumes brandos, da civilização, enfim, se deixassem impunes semelhantes e tão vergonhosos fatos – já pouco frequentes em outros pontos do país. Essa sua resolução provava, entretanto, que ele os supunha incomparavelmente mais raros do que na realidade o eram.

De feito, apenas a uns trezentos passos da casa de José Carqueja, encontra dois *pedestres* a espancaram uma preta, a quem haviam ligado as mãos com uma das correias da farda. A um tempo compadecido e indignado, assim fala aos policiais:

– Ó camaradas, então o que é isso? Não há autoridades, para estarem assim a maltratar esta pobre mulher?!

– Nós samo otoridade! – responderam-lhe quase uníssonos.  
– E está preso cumo arrecoluta – continuou um deles gaguejando –, pra não se metê còs ciúme cá da gente! Arruma, Zé dos tamanco, que enquanto aturá as eleição não há quem possa com nós!

E depois do tal *Zé dos tamancos* dar ainda muito na preta, levaram ambos o moço à estação de polícia, onde até quase cinco horas e meia da manhã esperaram pelo comandante, um fresco e rubro alferes, rapaz dos seus dezenove anos, de lenço perfumado e buço de veludo, que fora jogar as prendas com umas pardas floristas que moravam nos sótãos de uma casa no largo de São Francisco de Paula. Antes, porém, de chegar aquela veneranda autoridade, um dos pedestres foi-se arrastando por cima de um banco, sobre o qual se deitara, até aproximar-se o mais que podia do sertanejo, e mirando bem este da cabeça aos pés, disse-lhe ceceoso e brando: – Vossa Senhoria não é daqui? E dizê que que está assim à espera do diabo do arfere. O arfere não vem cá hoje. Ora, Vossa Senhoria não terá aí uma moedinha de quinhento réis pros camaradinha? Dispois os camaradinha dormia, e Vossa Senhoria podia fugi a gosto!

Agavino não moveu os lábios. Poucos minutos depois chegou o comandante. Entrou tossindo, rosnando, e fumando um cigarro que tinha um insuportável cheiro de couve.

– Então, que diabo é isso?! Mais um vadio? – gritou arrogante, arrastando uma cadeira de palhinha, e colocando-a no chão com tanta força, que os três pés que ela tinha ficaram reduzidos a dois.

– Sim, sinhô, seu cumandante – respondeu-lhe o gago tirando da boca um pedaço de charuto que mascava e colocando-o no bolso da calça. – Este roceiro fartou o respeito à otoridade, e nós prendeu pra arrecoluta.

– Ah, seu tabaréu, então você pensa que está lá na sua tapera? – perguntou-lhe em grita o rubicundo alferes.

– Tanto é lá a minha pátria como aqui, senhor alferes. E demais eu não faltei respeito a autoridade alguma. Estranhei, sim, a estes guardas o procedimento deles, porque à hora em que fui preso estavam maltratando de pancadas uma pobre mulher, o que na verdade é um ato impróprio de agentes da polícia.

– Não era pancada não, seu arfere – acudiu um dos policiais –, era uns cafuné que nós tava dando na Chica dos Canudo, pra mode ela não se virá de repente pros liberá inimigo do seu tenente Perneta.

– Desaforo deste vagabundo! Já e já o levem pros fuzileiros! E nem mais uma palavra, roceiro do diabo! – redarguiu furioso o comandante, levantando-se de um escabelo em que se havia assentado, e dando na cadeira quebrada uma grande bordoadada com a espada dentro da bainha.

O sertanejo fitou o olhar naquele estovado, mediu-o de alto a baixo, e sorriu-se vendo-o empertigar-se, arregalar os olhos, franzir as sobrancelhas e desembainhar a espada, cuja ponta ficou dentro do forro, onde a havia quebrado com a pancada que dera na cadeira.

Era quase manhã quando chegaram ao Campo de Santana. Nessa hora de orvalho e perfume, em que a alma humana imagina estar rodeada de uma atmosfera de poesia, nessa hora de alvorecer, em que os pássaros começam a gorjear, o sol a dourar o cume dos montes, e em que, despertando do sono, a inteligência deleitava-se em considerar a fragrância dos ares, a luz que reaparece e a natureza inteira que sorri ao homem, sempre sentira-se Agavino mais alegre, mais disposto aos supremos afetos, ainda mesmo quando era prisioneiro dos rebeldes, ou quando da popa do vapor contemplava saudoso o horizonte, onde uns após outros se iam atufando os astros da noite, como outros tantos luzeiros de consolação e saudade irremediavelmente perdidos. Naquele dia, porém, o alvorecer só lhe trouxe desânimo, tédio, indefiníveis antipatias. E como não havia de ser assim para quem amava a frescura do orvalho, o aroma das flores, os afagos da natureza, a paz da solidão e da liberdade, e em vez destes gratos objetos sentia a mormaceira noturna, o bafo dos cães e gatos mortos, que para ali se atiravam, e ali mesmo desapareciam comidos dos vermes; e em vez do trinar dos pássaros ouvia o grasnar dos sapos e o arruído agoureiro das casuarinas, tudo isto à frente de dois pedestres?

Por vezes o sertanejo voltou-se para os raquíticos e mal amanhados policiais que o acompanhavam, e quis duvidar que tinha efetivamente diante de si dois agentes da ordem e segurança públicas da capital do Império. Continuou, entretanto, até o quartel, onde foi entregue à guarda incumbida de vigiar os vagabundos recrutados à noite; e com seis ou oito que já ali estavam esperou que soassem dez horas no relógio da caserna – que atrasava quarenta minutos –, para ser posto à disposição do coronel Bruno, comandante dos fuzileiros.

Apresentado a este valente e honrado oficial – cuja fama conhecia desde que as tropas imperiais, de que era um dos mais denodados cabos, aproximou-se de Areia na perseguição dos rebeldes –, pediu-lhe licença para narrar o fato que ocasionara a sua

prisão. E depois de o fazer, acrescentou que era capitão honorário do Exército desde o tempo da revolução, e que até nesse caráter comandara os voluntários areienses quando entraram na sua terra natal as forças do Governo.

– Ó! O senhor é um bravo da Pátria! – disse-lhe com surpresa o coronel, levantando-se e apertando-lhe afetuosamente a mão. – Recordo-me perfeitamente do seu nome, que se achava na boca de todos os seus concidadãos, no dia em que entramos em Areia. Então estavam todos cheios de admiração pelo seu esforço, e pela sua bravura. Preso para jurar bandeira! Se eu fosse Governo havia de dar-lhe uma pensão equivalente ao soldo de capitão, embora o senhor não seguisse a carreira das armas; tal é o conceito em que tenho o grande serviço que prestou à Nação.

Agavino agradeceu com efusão estas e outras benévolas expressões com que o queria consolar o egrégio oficial, e declinando a honra que este lhe fizera de convidá-lo para jantar, despediu-se dele, prometendo-lhe voltar ao quartel logo que se achasse hospedado.

– Como? – perguntou-lhe o coronel. – Pois ainda não está agasalhado?

O moço relatou-lhe o caso sucedido na estalagem, e o motivo que o obrigara a sair daquela maldita casa às duas horas da madrugada.

– Ah, meu bravo capitão, com quem foi brigar! José Carqueja é uma potência aqui na Corte; é quem trata dos negócios particulares do ministro da Justiça; quem põe e dispõe das colunas do primeiro jornal desta cidade, potência maior que o Imperador, as câmaras, os sete ministros e todos os brasileiros reunidos... E demais, a respeito de açoites, o senhor está mal no Rio de Janeiro, porque raras são as casas onde não acontece o mesmo. Não conhece ainda a *Casa de Correção*? Pois nem Carqueja, nem eu, que todos os dias mando castigar os meus soldados, praticamos um vigésimo do que ali se pratica. Está ouvindo esta música e estes gritos? Ora,

venha ver um espetáculo que talvez nunca visse lá na sua terra natal.

E os dois interlocutores chegaram a uma janela que dava para o grande pátio do quartel. No meio de um quadrado de soldados, e ao som do hino nacional, da heroica música de Francisco Manoel\* – desse soleníssimo cântico em que ressumbram os sentimentos patrióticos dos brasileiros, e que Agavino cuidava fosse exclusivamente destinado a saudar o monarca ou acender o entusiasmo popular nos dias de regozijo nacional —, um corneta sem farda e de mangas arregaçadas açoitava um rapaz ainda imberbe.

– Coitado! – exclamou comovido o provinciano – Tão moço e já desertor?!

– Qual desertor! – respondeu-lhe sorrindo-se o coronel — É um recruta que não quer jurar bandeira.

Agavino emudeceu, e com as faces enrubescidas de vergonha, pode apenas cortejar o oficial como quem lhe agradecia a luminosa revelação.



**XX**  
**SUPPLICANTE**





Em uma pequena sala de uma das vulgaríssimas casas do Campo de Santana, situada defronte do Quartel dos Fuzileiros, quem entrasse em certas horas de certas e raras quintas-feiras do ano a que nos referimos, veria assentado em uma poltrona de palhinha, e com os cotovelos postos sobre uma grande mesa forrada de pano verde, uma espécie de taberneiro avermelhado, quadrangular e robusto, as mais das vezes a conversar intimamente com outro homem, porventura o primeiro caixeiro de sua casa.

Teria o primeiro 55 anos, e pouco menos o segundo, e não obstante faltar à fisionomia deste a frescura da cor, a vivacidade dos olhos e a mobilidade do taberneiro principal – cuja pequena testa, sulcada apenas por uma ruga transversal, desaparecia entre as sobrancelhas e o cabelo nos momentos em que ele arregalava os olhos –, tinham ambos tamanho parentesco na expressão, que despertariam quase idênticas reflexões em quem quer que se pusesse a considerá-los depois de ler com atenção certos capítulos de Gal, de Lavater\* ou de Darwin\*. Se, porém, as aptidões de cada indivíduo se podem inferir das protuberâncias frontais, da forma da cabeça, da expressão do rosto e em particular dos olhos e da boca, assim como da configuração geral do corpo, o taberneiro mais velho era seguramente o de piores entranhas. Havia nos seus lábios, sempre abertos, nas suas pequenas pupilas pretas e inquietas, e no sorriso bestial e perene que lhe expandia a cara larga e opada, o que quer que era dos decapitados de Maratona expostos não há muito em Atenas, ou das máscaras dos grandes criminosos conservadas nos museus da Europa. E se é verdade que pela mão também se pode conjecturar, até certo ponto, a

qualidade do caráter, as mãos curtas e boçais do indivíduo de quem falíamos, se não eram as de um aleijão, eram com toda a certeza as de um carrasco.

O outro homem era, debaixo de certo aspecto, muito semelhante ao que acabamos de esboçar, contudo os traços característicos do mercador estavam nele sensivelmente modificados. Assim, ao passo que o primeiro tinha a tez rosada, o cabelo cortado à escovinha, e o semblante menineiro, este agora era trigueiro, com reflexos verdes na cara, triste no aspecto, e trazia o cabelo à nazarena, untuoso e cuidadosamente penteado. Além disto, o primeiro trajava elegantemente: estava sempre à moda, de barba feita, perfumado, enquanto o segundo, com a barba crescida e a vestimenta sovada e velha, bem mostrava não passar de um abutre resignado à alheação das próprias garras. Tinha tão luzidia a gola da sobrecasaca, que, para rirem-se, os outros empregados da casa fingiam mirar-se nela como em um espelho, quando penteavam o cabelo ou endireitavam a gravata. Usava de um chapéu tão pelado e vermelho, que os subalternos o chamavam o “fogareiro da secretaria”. E o apelidavam assim porque – como será bom que desde já o saiba o leitor – o primeiro desses dois indivíduos era nada menos que o ministro da Justiça, e o segundo um dos oficiais superiores da secretaria a seu cargo.

– Ó homem – dizia-lhe uma vez o ministro –, cinquenta e oito contos para a eleição de um simples vereador, e ainda não bastam?!

– Mas Vossa Excelência não se lembra da promessa que fez de recompensar o tenente Perneta? É a ele que mais devemos nesta eleição.

– Ora, o Perneta, contenta-se, e até há de ficar muito inchado com o hábito da Rosa.

– E aquela senhora, Excelentíssimo?

– Deixe dona Elvira, que ainda tenho *outros negócios* com ela – respondeu o ministro dando ao olhar uma maliciosa obliquidade.

– Compreendo, mas mesmo assim os cinquenta e oito contos não chegarão para satisfazer todos os compromissos. Se Vossa Excelência não quiser dar ao Manduca a presidência de Pernambuco, dê-lhe ao menos a carta de conselho, que é o que ele almeja.

– Isso não custa nada: é questão de um pedaço de pele. Lavre o decreto que eu o submeterei sábado à assinatura do Patrão-Mor.

Tal era o gracioso apelido com que (naqueles bárbaros tempos) era uso denominar o Imperador do Brasil em todas as secretarias d’Estado da capital do Império.

– E mande-lhe dizer, a ela – continuou o ministro – que estou louco, louco! E a espero amanhã na Tijuca. Este recado é essencial.

– Como, Excelentíssimo, se o marido acaba de me dizer que parte esta noite para Petrópolis?

– Parte só, está tudo combinado sem eu lhe dizer uma palavra. É curto de senso, porém sabe que não meto prego sem estopa. Não o fiz vereador à toa, entende, meu doutor? Você já não é noviço nesta quitanda...

E soltou uma dessas risadas a um tempo velhacas e sem pejo, que exprimem tão bem o cinismo libidinoso e impune, no momento em que começa a saborear uma vitória futura.

– Passando a outro assunto: Não acha Vossa Excelência que é pouco um hábito para o doutor Ascânio?

– Pouco para um escrevinhador de folhetos?! Ouça, meu caro doutor, esta poesia, que eu compus para recitar ao piano nas ocasiões em que devo tapar a boca a um plebeu desse gênero.

E começou a murmurar entre os dentes cantarolando baixinho:

Nunca deve um bom ministro  
Distinguir demasiado  
Do talento ou da virtude  
Qualquer camelo enfeitado...

– Excelentíssimo, o doutor Ascânio é um homem muito notável – interrompeu a medo o oficial.

O ministro levantou as sobranceiras, afetou desdém, e continuou, pegando em uma régua e percutindo-a com os dedos como se o fizera a instrumento de corda:

Se d'esforço ele é notável  
E d'ilustre fama goza,  
Seja mesmo um semi-deus,  
Dê-se-lhe o hábito da Rosa.

– E depois de ter o hábito, terá também o emprego? Vossa Excelência sabe que ele é pobre...

As honras da fidalguia  
São da vida as santas cunhas:  
Se tiver fome o fidalgo,  
Ponha o hábito e roa as unhas.

O homem sorriu-se, e continuou:

– Virá assim a ter a mesma honra o pintor Guaraná...

– O Guaraná? – disse o ministro – Pois esse sujeito é eleitor para desejar honras?...

– Não, senhor, mas é um artista notável...

– Mande-o plantar batatas! Homem que não vota não é homem. A pátria não carece de pintores.

– Bem, Excelentíssimo. E quanto ao Bocanegra, não acha inoportuno condecorá-lo agora, que ele está furioso contra o governo e a monarquia?...

– É justamente o momento de abaixar-lhe a crista, e lançar o ciúme entre ele e os amigos – respondeu o ministro. – E demais, meu doutor, as graças do Imperante foram inventadas para abaixar o orgulho dos tolos que as aceitam. Eles creem que se elevam, quando na realidade descem pela classificação, e prendem a consciência nas malhas do reconhecimento. Pois você ainda crê no contrário?

– E se ele rejeitasse? – perguntou o doutor.

– Basta ser republicano para não rejeitar. Olhe, no Brasil a palavra *república* significa o sistema daqueles que só desejam a igualdade entre grandes e pequenos, para de um pulo se tornarem mais altos que todos.

– E os amigos dele não seria bom reprimi-los? São provincianos, e Vossa Excelência sabe que os tabaréus são tenazes...

– As repressões têm os seus inconvenientes; além disso, eles não passam de crianças. A guerra civil – continuou o ministro dando ao discurso uma sentenciosa gravidade – acaba de nos provar que é necessário combatermos o inimigo com armas de veludo: sem violência. Quer seja do norte, quer do sul, o brasileiro é vaidoso como o ibérico, sensual como o africano, ambicioso como todo o homem, e invejoso como ninguém. Além disso, vive abrasado em uma estufa que o aniquila, e a que só resiste um ou outro temperamento especial. Eis o que é indispensável não esquecermos em política. De modo que para dominar este país e tornar impossíveis as revoluções é necessário entreter a vaidade, iludir a ambição, alimentar a inveja, e, principalmente, dar azo às paixões da mocidade; tudo isto com arte e perseverança. Nessa obra de prevenção falta-nos, é verdade, um poderosíssimo elemento, que é preciso importarmos o quanto antes, e vem a ser mulheres a um tempo bonitas e devassas em grande quantidade, que transformem a nossa capital em um vasto bairro de Suburra\*, e nos braços das quais se extingam as últimas energias. Esta

última ideia é do Carqueja, mas eu a reputo profundamente política, e o julgo só por isso digno de uma estátua. O exemplo há de ser imitado pelas províncias, e daqui a quinze ou vinte anos poderemos dormir sossegados, sem medo dos tabaréus.

Agavino não pode perceber, por causa da distância e dos sussurros, tudo quanto disse o ministro. O pouco, porém, que lhe chegou aos ouvidos era bastante para fazê-lo tremer.

– O gradual aniquilamento das resistências, eis a tarefa que incumbirá eternamente aos governos deste país. Tudo o mais não passará de atavios, para seduzir os basbaques e suavizar o sistema.

Concluía o homem estas palavras, quando aparece à entrada da sala o guarda-porta, que, pedindo vênias a Sua Excelência, diz-lhe haver muita gente para a audiência, e que até diversas pessoas – entre as quais um certo Miguel Pita, muito *renitente* na secretaria – já se estavam esquentando, porque ele, pobre subalterno, não as deixava passar.

Antes de irmos adiante será mister explicar ao leitor quem era esse Miguel Pita, segundo a expressão do subalterno “muito *renitente* na secretaria”.

O nome de Agavino fizera espécie entre os mais moços empregados desta. Acharam-no original, e porventura demasiado eufônico para um desgraçado que pedia justiça. Desde então não tiveram outro pensamento senão o de lho trocar por uma alcunha ridícula, e nesse intuito foram buscar nos léxicos algum nome, alguma ideia que os socorresse. Não a acharam; e já se iam resignando ao exercício do próprio engenho, quando um deles – que rompia os cotovelos a escrever ditirambos epigramáticos contra o professor de francês do Colégio de Pedro II, que tempos antes o havia reprovado – lembrou-se de ter ouvido uma conversa em que o autor do *Colombo*\* e das *Brasilianas*\*, então no esplendor do talento, nomeara certo personagem dos seus *Toltecas* gerado durante a embriaguez produzida em Huemaco\*,

rei de Tolan, pelo *pulque*, licor extraído do agave americano. Lembrou-se desses nomes próprios, porém sem a necessária conexão entre si.

O que, pois, será *agave*? Será gente ou bicho? Eis outra dificuldade. Para a remover, foram ao Museu Nacional em busca do empalhador de pássaros – obscuro estrangeiro que reputavam um Aristóteles em sabedoria, por lhes ter dito tempos antes que a química podia transformar em açúcar uma camisa de algodão –, mas não o achando no lugar onde costumava trabalhar, voltaram pela sala dos minerais, em cujo teto deram com os olhos nas figuras coloridas dos grandes animais das épocas primitivas da Terra. Depois de um pasmo indescritível causado por aqueles vulcões terríveis, pelas grutas medonhas, pelos crocodilos enormes, pelos elefantes cabeludos, e os grandes ursos, e os veadinhos, e as cegonhas, e mais figuras estranhas de animais fósseis com que decorara o hábil pintor a maior sala do museu, saíram apostando que, ou o plesiossauro, ou o pterodátilo, que lhe serve de presa, era o tal *agave* misterioso.

Mas quando mesmo o fosse, como tirar de tamanho descobrimento uma aplicação adequada? Lembraram-se de invocar a inspiração do ator Martinho, ou do deputado Wanderley, os dois homens mais espirituosos que conheciam, porém esmoreceram refletindo em que o Martinho não era literato, e o Wanderley era capaz de virar contra eles a inexaurível e sempre cordata facécia. Já tinham proposto entre si os grosseiros apelidos de *Asnovino*, *Burrovino*, *Canovino*, a que por último ajuntaram o de *Antediluviano* – e que não pegaram por demasiado sensaborões, quando, finalmente, entrando naquela repartição o doutor Freire Alemão explicou-lhes, que *agave* era a planta que eles chamavam *pita*. Só faltou darem vivas ao ilustrado naturalista, e daí em diante não passaram mais por ele sem o cortejar.

*Pita!* Que excelente alcunha! Foi a primeira, e porventura a única vez, que os empregados de uma secretaria d'estado do Império sul-americano se dignaram de manifestar a um homem douto a admiração de que é credora a sabedoria.

Isto posto, prossigamos no fio da nossa história.

– Com mil diabos! – respondeu em grito o ministro ao porteiro da sala, dando na mesa um murro tão violento, que os tinteiros pularam, e a tinta salpicou-lhe a face e o peito da camisa de pontos pretos e azuis. – Pois você ainda não conhece as pessoas a quem dou licença de entrar?!

– O homem desapareceu, sumiu-se, coitado!, como uma barata à noite, quando sente estalar o fósforo na mão do perseguidor. É que não havia na secretaria quem não conhecesse o caráter violento e terrível do ministro, e sabia-se que quando este dava um murro na mesa era para fazer tudo estremecer, e muitas vezes inutilizar, com a tinta que sem querer derramava, dezenas de requerimentos, ofícios e mais papelada com que (naqueles remotos tempos) era uso sofismar a razão pública, delongando e embrulhando os mais simples, claros e urgentes negócios. A força do murro era tal que, passado o caso, quem quisesse ver coisa curiosa não tinha mais que levantar o tapete da mesa, e olhar para o lugar onde o homem batera com o punho. Como as marcas fósseis da chuva no xisto, ou os sinais de bexiga maligna em cara adiposa, assim estava a madeira ferreteada dos dedos daquela mão de uma força fenomenal.

Esse móvel da secretaria da Justiça não era, ainda, a prova mais ilustre da robustez dos músculos e dos ossos do ministro. Sua Excelência deixara em Pernambuco, de cuja Província fora presidente, um monumento que está hoje na obscuridade, porém que os vindouros, se lerem esta história, hão de colocar em algum museu de antiguidades, para dar aos estrangeiros uma ideia da força descomunal dos primeiros estadistas que existiram neste país. E vem a ser uma mesa de jacarandá, sobre a qual o profundo

político pregou um murro no momento em que, dizendo-lhe a viúva de um notável e falecido patriota, que ficaria desamparada se ele obrigasse a assentar praça o único filho que ela tinha, Sua Excelência respondeu-lhe enfurecido que fosse “plantar batatas”, dando assim origem à locução chula e às vezes impiedosa, de que hoje tanto se usa sem se lhe saber ao certo a proveniência.

Então o cicerone, guiando os forasteiros, chegará finalmente à mesa de jacarandá, e ancho de lhe mostrar um móvel tão célebre como a mesa sobre a qual Napoleão I\* assinou a sua abdicação em Fontainebleau, ou aquela em que foi assinada a paz de Westfalia, ou ainda aquela sobre a qual escreveu Byron as *Profecias de Dante*, o *Marino Faliero*, o *Caim*, e que serviu depois a Garibaldi\* para retocar as suas *Memórias*, em Ravena, levantará a voz, e com inflexões de um justo orgulho, dir-lhes-á comovido: – Eis, senhores, este precioso fóssil, no qual um dos preclaros ministros d’El Rei Empenho, que presidiu aos destinos dos botocudos durante mais de meio século, se dignou de imprimir as falanges da sua vigorosa destra, em um momento de patriótico entusiasmo!

E o inglês franzirá o sobrolho, e o francês, o norte-americano, o holandês e o russo endireitarão a luneta, ou se curvarão sobre a mesa, para ver de perto os quatro buracos feitos na férrea madeira pelas fenomenais falanges dos dedos de Sua Excelência, e, no lugar correspondente ao polegar, a marca da unha do glorioso índio, que lhes aparecerá ao espírito como um rebentão de bronze da heroica família que circunda o pedestal da estátua equestre do Largo do Rocio.

Acima desta mesa como objeto de alto interesse histórico, só existirá, talvez, a chave – infelizmente perdida, hoje – com que o legendário presidente, de uma só pancada, ia mandando para a eternidade um cidadão que *sem licença das autoridades se atrevera* a cortar os galhos de uma grande árvore que, num dia

de enchente do rio Capibaribe, derivara pela corrente ameaçando de ruína o arco central da famosa ponte do Caxangá.

E, pois, era um homem extraordinário o que o doutor tinha diante de si, e por isso também não deixou, este, de estremecer, como os tinteiros, quando Sua Excelência tropejou enraivado contra o pobre subalterno.

– Mas, como ia dizendo – continuou o ministro com voz suave, e lambendo um pingo de tinta que lhe caíra sobre o beijo, – como ia dizendo, não quero que o demônio da mulher me roa a corda: amanhã e amanhã sem falta!

Custava ao doutor, homem resignado pela necessidade, porém de bons costumes, descer a representar o humilhante papel a que, dando um exemplo inaudito e felizmente nunca seguido nas nossas repartições, o constrangia o ousado funcionário. Mas o que poderia fazer ali, onde, guardadas as proporções de classe, não era mais do que o fiel daquele estouvado e prepotente taberneiro?

Abaixou a cabeça e disse-lhe:

– Sim, senhor Conselheiro. Vossa Excelência não ordena mais nada?

– Que não me roa a corda! – respondeu-lhe o ministro, dando a cada uma das suas palavras a cadência de um *ultimatum*.

Enquanto estas cenas se consumavam, um homem curto, vermelho, de olhos esverdeados, nariz pequeno, e ventas rasgadas, bem trajado e de venera ao peito, subia as escadas da secretaria, atravessava bufando a sala de espera – onde foi logo confundido com um deputado de Mato Grosso, com quem se parecia, não obstante ter este último um nariz muito menos contraditório –, e rompendo por entre as pessoas que se comprimiam à entrada da sala de audiência, penetrava no santuário do ministro, de quem se ouviu este brilhante improviso:

– Como vais, Comendador?  
Tão gentil e namorado,  
Tão romântico e perfumado,  
Como um cravo enfeitado  
Que no peito acende amor...

Parabéns, parabéns, já sei que conquistaste mais uma ninfa etíope, a Chica dos Canudos, para te deleitares no teu harém...

– Qual, meu caro, – respondeu-lhe o homem da insígnia – tu é que estás para te regalar com tua linda *vereadora*, que não me escaparia se já não te pertencesse (apesar de eu não gostar muito de pele ruça).

Crendo reconhecê-lo, mas querendo disto certificar-se, perguntou Agavino a um velho militar que ali estava, e fora até um dos primeiros a chegar para a audiência:

– Quem é este figurão?

– É o comendador José Carqueja, que trata dos negócios lucrativos de Sua Excelência, como vendas, açougues, hospedarias...

– E o ministro é negociante?

– Só lhe falta a matrícula.

Então o moço estendeu o braço, e vencendo a fraca resistência que lhe opunha o ombro do homem do reposteiro, disse em boa voz para dentro da sala:

– Desculpe-me, Excelentíssimo, já é a décima vez que venho pedir-lhe audiência, e que Vossa Excelência me nega sem razão aparente, como a tem negado a estes meus companheiros de espera, há mais de um mês. Se não me pode ouvir, porque sabe que sou um desgraçado, tenha ao menos a bondade de despachar o meu requerimento, em que só peço justiça.

Quando Agavino acabou de pronunciar estas palavras, e volveu os olhos em torno para ver a impressão que causaram nos companheiros, estava só. Prevendo as consequências a que

o expunha a subitânea resolução daquele desesperado, que ele estava acostumado a ver submisso e paciente, o homem da porta havia descido as escadas para se apadrinhar com o estalajadeiro no momento em que este saísse da secretaria. E as partes, os humildes requerentes, que tremiam dos gritos e dos murros de Sua Excelência, tinham-se sumido pelas salas e corredores contíguos.

Só o comendador, que logo o reconhecera, havia-se aproximado dele, como para obstar-lhe a passagem, mas o sertanejo, encarando fito o ministro, penetrou rápido na sala, e desprezando o insulano foi direito à mesa, sobre a qual achou o seu memorial, em cuja margem estavam escritas a lápis estas três palavras, com que o estadista costumava responder a todo e qualquer arrazoado que o importunasse: – *Vá plantar batatas.*

– Já, já dois pedestres aqui! Vamos, dez, vinte, que me despedacem, me enforcuem este réu de polícia! – gritou Sua Excelência, despertando do torpor convulso em que o pusera a ousadia do sertanejo, e dando uma punhada na mesa, mas sem energia, sem mais o entusiástico arremesso, com que costumava fazer os medrosos fecharem os olhos antes de ouvirem a pancada.

José Carqueja quis sair da sala, porém Agavino recuou até tolher-lhe o passo, e vendo-o arregaçar a manga da casaca e levantar a bengala, como quem tentava lha descarregar sobre a cabeça, cravou os olhos na cara daquela figura ignóbil, e medindo-o depois de alto a baixo, ceceou uma risada sisuda, tão expressiva do desprezo e da consciência da própria força, que o albergueiro deixou cair o braço, semelhante a estafermo sobre cuja espada giratória tivesse cessado de repente a ação do vento. Depois voltou-se para o ministro, e apontando para as palavras que achara escritas à margem do seu memorial, disse-lhe com voz pausada:

– Dez soldados para despedaçarem um homem que conhece os seus direitos, Excelentíssimo? Pois eu creio que

bastaria um só desses poucos homens para despedaçar um ministro que se atrevesse a escarnecer assim do povo brasileiro, se todavia, existisse consciência da própria força nesta terra de cordeiros, e se acima da glória de ter despedaçado um funcionário covarde não houvesse ess'outra glória muito mais serena – de desprezá-lo do fundo d'alma!

Sua Excelência viu desaparecer nesse momento o vulto de José Carqueja por detrás do reposteiro. Semelhante à pantera colhida na furna estranha, que parece despojada da ferocidade nativa, e deixa avançar o vaqueiro sem agredi-lo, assim o poderoso político esquecera a altivez do esforço brutal, de que tantas vezes na sua vida dera não equívocas provas. O atrevimento do provinciano, cuja história íntima ele não sabia, de certo, mas cujas recentes contrariedades não devia ignorar, como já ninguém ignorava na secretaria; a expressão e o gesto resolutos de um homem que não descorava, não balbuciava na sua presença, nem tremera do gesto ameaçador do robusto estalajadeiro. E, principalmente, o fato inaudito de se haver apoderado do seu próprio requerimento, onde estava escrito o insulto com que Sua Excelência costumava confutar as razões dos que lhe pediam justiça –, e que os empregados superiores da repartição tinham sempre o cuidado de ocultar aos suplicantes. Todas estas circunstâncias unidas a ess'outra de achar-se finalmente a sós com o corajoso mancebo, tolheram-lhe a natural veemência; e disfarçando mal os efeitos de tão excepcional situação, titubeava uma conciliativa resposta, quando as vozes dos subalternos – que nesse momento entravam na sala precedidos de José Carqueja – vieram revocá-lo ao sentimento da sua autoridade.

– Já e já preso e processado este galé, este... enforcado! Não me ouvem?! – gritou, assentando na mesa um daqueles murros de fazer cova na madeira.

Mais maravilhados, porém, de verem seu chefe com a cara salpicada de pingos pretos e azuis, do que compenetrados

da gravidade dos delitos do moço, com quem até certo ponto já estavam familiarizados e, se pode dizer, simpatizavam, os empregados não se moveram, e antes tiveram vontade de rir-se do epíteto de *enforcado*, que o ministro lhe lançara como a máxima afronta humana.

– Coitadinho! – disse Carqueja, dando à sua voz flautada toda a aparência de uma compaixão profunda. – Deixe-o, meu excelentíssimo amigo, que ele está doido, já o conheço da minha hospedaria. Este só estará bem agasalhado no hospício da Praia Vermelha.

– Sobra-vos razão, meus ilustres aristocratas! Insultai ainda mais um homem ingênuo, que transpôs uma distância de quatrocentas léguas para pedir justiça ao ministro, e que, desesperado de obter esse saldo devido a todo o cidadão profundamente ofendido, veio buscar com suas próprias mãos a prova escrita irrefragável do escárnio com que Sua Excelência trata o povo, de quem entretanto não é mais que um delegado.

– Com que trato a plebe baixa e desprezível como tu, que és um maluco!

– E estes e mais estes despachos idênticos ao que Vossa Excelência ousou escrever no meu memorial, exprimirão porventura um juízo são? – interrompeu Agavino, lançando mão de outros memoriais que ali estavam, e em cuja margem tinha o ministro escrito as três palavras que já conhecemos. – Mas se o exprimem, muita gente baixa, e desprezível, e *maluca* ainda crê na justiça de Vossa Excelência. Pois escarneça ainda mais de mim, porque vou agora representar o papel de correio desta secretaria, levando eu próprio estes requerimentos, que já estão despachados, a essa pobre gente abjeta e conculcável, a quem Deus deu por máxima virtude a paciência. Apresse-se porém, senhor conselheiro, porque hoje mesmo os há de ler o Imperador.

Concluindo estas palavras, o sertanejo volveu as costas ao ministro, e rompendo por entre os curiosos que se conchegavam à saída da sala, atravessou rápido o pequeno quarto de espera, e desceu as escadas da rua, sem curar da trovoada que nesse curto lapso de tempo roncava furiosa atrás dele.

– Eis aqui, meus senhores – disse sorrindo-se às pessoas que ainda esperavam pela audiência –, a consideração que temos merecido de Sua Excelência!

– Ó! – exclamaram todos lendo o singular despacho escrito à margem dos seus requerimentos. – Bem nos disse o comendador: é doido, coitado!

Neste momento, avultando na larga porta do saguão que servia de peristilo ao edifício da secretaria, um dos empregados desta chamava uma sege que se avistava parada à sombra de outro igualmente vulgar edifício – nada menos que o *palácio* do Senado brasileiro. Era o carro de Sua Excelência.

– É o ministro que sai! – disseram assustados.

Com efeito, daí a poucos segundos surgiu na porta o conselheiro que, acompanhado do seu fiel protegido, entrou na carruagem. Antes, porém, de partir inclinou-se para fora, e avistando Agavino rodeado de gente e ainda com os papéis na mão, disse em tom alto e claro, que não deixasse dúvida:

– Está louco! Não façam caso dele!

– É doido, doido *varrido*! – ecoou José Carqueja.

E enquanto gritavam as crianças: – *Miguel Pita*, gira, maluco! – a carruagem partia para os lados de São Cristóvão.



**XXI**  
**ERRANTE**





Devemos dizer ao leitor que, conhecendo a índole tolerante do Imperador e tendo ciência de que, mantenedor do respeito à autoridade, Sua Majestade não sacrificaria nunca um ministro d’Estado a um pobre mancebo que pedia justiça, dera-lhe vontade de rir quando este o ameaçou com a cólera imperial. Não era, porém, homem que desprezasse monção de perder inimigo, por menor que fosse, e tinha como máxima que se devia dormir com o rosto coberto de visco, porque se durante o sono o espírito não podia velar sobre inimigos maiores, ao menos os mosquitos ficavam perdidos. Ora, a ideia que teve o administrador dos albergues, açougues, tabernas, e outras fontes de rédito das quais Sua Excelência tirava a sua verdadeira força como político, tratando de *doido* o sertanejo, fora um felicíssimo lampejo: apenas sugerida pelo insulano, essa ideia desenvolveu-se, organizou-se em trama cruel no cérebro do ministro. Suspeito de loucura, além de não poder entrar na residência imperial perderia o desgraçado todo o crédito, passaria por autor dos extravagantes despachos que o leitor conhece, e tudo se explicaria sem o menor desar para Sua Excelência, por mais cruel que fosse a vingança do alto funcionário.

Não restava dúvida: o homem que mandava o povo plantar batatas ia ao Paço de São Cristóvão, onde, aliás, costumava achar-se todas as quintas-feiras depois de dar audiência na secretaria. Ora, às cinco horas da tarde lá estava também Agavino. Em vez porém de achar a entrada franca e desimpedida, como ouvira dizer que fosse sempre – e realmente o era e continua a sê-lo –, as sentinelas das duas portas, onde sucessivamente pediu licença para entrar, puseram-se a zombar dele, negando-lhe a permissão

de transpô-las, e atravessando-lhe por diante a arma todas as vezes que ousava aproximar-se.

Em vão o pobre moço, que estava irrepreensivelmente trajado, mas em cuja voz reslumbava um grande ressentimento, pedia que o deixassem acompanhar outras pessoas que entravam, expondo-lhes a eles, broncos soldados, o motivo que o levava à presença do Imperador: as suas razões, a sua insistência, e principalmente o grande número de memoriais que trazia, eram provas incontestáveis de que o ministro da Justiça ao entrar no Paço, tinha razão dando ordem para obstarem as sentinelas a passagem a um doido. Com a insistência, porém de Agavino, as zombarias se foram transmutando em insultos, ameaças físicas, até que dois cadetes de cavalaria, que ali estavam, e faziam mister de batedores quando saía Sua Majestade, desembainhando os espadões e aproximando-se do sertanejo, cuspiram-lhe em cima.

Há momentos na vida humana, em que a admirável paciência de Cristo reproduz-se tão completa em intensidade, que se ela durasse sempre, aquele que a possuísse seria um ente superior ao próprio Messias, o qual em mais de uma ocasião, entretanto, sentiu ela falecer-lhe, e prorrompeu sublime em terríveis increpações, e até em atos positivos de cólera. Olhando para o todo e as caras dos dois desavergonhados, e limpando com o lenço as vestes e o cabelo, onde caíra o esputo que lhe fora destinado ao rosto, o infeliz sentiu em si a passagem do espírito evangélico em toda a sua pasmosa e inexaurível mansidão. E à palavra do Divino Cordeiro, que ele conhecia e venerava desde a infância, ouviu em consciência associarem-se os angélicos rogos de sua adorada Palmira, para defendê-lo dos legítimos furores em que, a seu pesar, era arrojado pela tremenda afronta.

Com esta é que não contava o ministro, e antes calculara que, irritado com a ordem que achou, daria Agavino motivo a que o prendessem, e prontamente o baldeassem no magnífico hospital que acabava de ser construído para os alienados de juízo

na então triste e deserta Praia Vermelha. Ele, pois, não respondeu. Aparentemente plácido e sereno de espírito – o qual, entretanto, tumultuava e bradava de indignação –, volveu as costas à guarda do palácio, desceu a ladeira sem dar tino das carruagens que passavam para ambos os lados, e depois de errar durante horas pelas soturnas alamedas de bambu, com que se ornou o horto imperial, então despido de outro qualquer vestígio da arte humana, passou pelos soldados do portão, entre os quais já se havia espalhado a notícia de que um louco vagava na Quinta. E desprezando as grosseiras contumélias que lhe dirigiram, encaminhou-se para o morro de Santa Teresa, onde, para fugir ao tumulto, às exalações e às cenas de barbaria que o incomodavam na cidade, tomara de aluguel um quarto a uma família inglesa, que morava a meia altura da parte habitada da deliciosa colina.

Ali ao menos podia, contemplando a natureza e o céu, retemperar o espírito na serenidade de uma consciência que crê, admira, ama e espera. Ali ele podia invocar livremente a divina misericórdia e, diante dos esplendores da criação, prostrar a face e pedir ao Criador força bastante para resistir aos dolorosos trances por que o faziam passar os que não conheciam a sua eterna justiça.

Em vez, porém, de ir repousar tranquilo no seu aposento, limitou-se a entrar nele para tomar um manto, e continuou na direção em que ia, até chegar ao lugar onde, apartando-se do Aqueduto da Carioca, a estrada bifurcava-se e serpeava pelos dois declives da lombada que serve de base ao penhasco aprumado do Corcovado. Chegando àquele ponto, tomou o caminho da esquerda, simples vereda recente, que tornea o monte pelo lado do mar, passou pela pequena e saudosa fonte denominada *A chorosa*, e tornando a ganhar o Aqueduto, seguiu por ele até as nascentes da Carioca, em cuja murmurante linfa banhavam-se uns seis ou oito homens de más vozes, e provavelmente não melhor catadura, conforme pareciam os vultos deles, mal iluminados pelos raios da lua, que coavam furtivos por entre a folhagem do

arvoredo. Eram desertores e escravos fugidos, que tinham pela montanha seus coitos misteriosos, e vinham todas as noites se refrescar impunemente naquela onda puríssima, mandando aos habitantes da cidade, a modo de um legítimo prêmio da sua incúria, os elementos necessários para que a deliciosa água da Carioca não fosse totalmente estreme de princípios nocivos. Para evitá-los, o moço internou-se nas matas que bordavam por ambos os lados o caminho das Paineiras, e depois de descrever uma grande curva pelo lado oposto ao fundíssimo vale, sobre o qual parecia suspensa a antiga caixa d'água, desceu em busca do caminho que ia até o alto do Corcovado.

Então as florestas que cingiam todo o sistema de montes e colinas, que vai de Santa Teresa à Tijuca e à Gávea, e cujo aspecto daí para cima começava a modificar-se pela altitude, ainda se podiam chamar *virgens*, porque foi neste último quarto de século que a iconoclástica e estúpida mania de derribar as matas para assentar no lugar delas a ridícula chacinha, a venda de molhados, e até os pestíferos *cortiços* de colonos, onde o estrangeiro que foge assombrado da atmosfera da cidade vai encontrar o miasma em vez do perfume, a lama em vez da catadupa, a varejeira em vez do colibri e o cevado em vez da borboleta. Foi nestes últimos vinte e cinco anos, dizemos, que essa bárbara mania atingiu o seu atual e assustador desenvolvimento. De modo que naquela época, quem olhasse da planície para cima, veria os montes literalmente cobertos de verdura, e de espaço a espaço esmaltados de orquídeas, serjanias, cesalpinas, de uma cor rubenesca maravilhosa. Hoje, ao contrário, quem olha para lá não avista mais tapetes de flores, nem o verde matizado de outrora, mas a pedreira parda e nua, a cinzenta derribada, as leiras de hortaliça realçando as belas tintas de alguns retalhos de antiga floresta, as fitas de pó por onde sobem os carros, e finalmente as renques de casinhas caiadas, que parecem as costuras do capote velho e remendado em que se tem transformado o esplêndido manto da natureza. Infelizmente,

esse horrendo vandalismo continua a adquirir em todo o Brasil proporções tão colossais que, se lhe não puserem freio, os futuros naturalistas hão de duvidar muito da sinceridade dos historiadores que, desde a descoberta da América do Sul, têm descrito com tamanho entusiasmo as nossas matas. E até se hão de instituir prêmios para quem descobrir em que lugar do capote, então ruço e pelado, existiu realmente um vegetal diferente da couve, da urtiga e da erva-de-santa-maria, que hão de ser, incontestavelmente, os mais ilustres representantes da futura flora brasiliense.

Por um acaso providencial não se passaram ontem os sucessos que narramos nesta verídica história, porém há mais de vinte anos. E eis porque o nosso louco sentia algum alívio para as suas mágoas naquele vaguar às horas do repouso e da escuridão, apesar de se ter perdido na mata, onde em vão buscou o caminho até convencer-se, que o deleite de subir ao visio do monte seria talvez maior se o fizesse pela espessura dela.

Então não procurou mais vereda, e cosendo-se com a gleba úmida, agarrando-se ao colo dos cipós e aos ressaltos dos penedos, escorregando à borda dos precipícios, e tornando a pegar-se aos objetos que suas mãos encontravam na caligem da noite, para de novo progredir na sua vertiginosa ascensão, rasgando os dedos nos espinhos, sentindo faltar-lhe o terreno sob a folhagem e os troncos movediços, e ouvindo o sibilar das serpentes e o rolar das catadupas, foi assim continuando, até o último penedo, em cujas fendas verticais entrou e sumiu-se, para daí a meia hora reaparecer no cume da montanha, onde zunia o vento e reboava estrondoso o arruído do mar.

Com o coração sangrando de dor, e a alma ferida dos desgostos por que passara na tarde antecedente, Agavino conseguiu, entretanto, que os afagos daquele sopro tépido do calor da terra e perfumado dos mil aromas das florestas o adormecessem até o romper da aurora. Ai dos homens, porém, cujo senso íntimo vela enquanto dorme a matéria! Durante o sono afigurou-se-

lhe estar rodeado de um povo imenso de doidos, que depois de o injuriarem em vozeria, desceram do penhasco montados em grandes serpentes aladas, e puseram-se a cavar-lhe a base até esboroá-lo completamente, ao tempo que, para salvar-se, o moço tentava agarrar-se às róseas nuvens que passavam, e a velha Radamina esvaía-se em intermináveis gargalhadas.

Foi a primeira vez que nos seus sonhos entrou reminiscência das terríveis predições daquela mulher singular.

Quando alevantou a cabeça e avistou os montes, os vales, o oceano, a baía, o lago e as florestas que compunham o grandioso panorama, pareceu-lhe ter encontrado uma antiga e consoladora confidente, e achar-se de novo em algum dos visos escavados da Borborema. Duas coisas, sobretudo, o comoveram, por serem-lhe novas: o rugido do mar ouvido de longe a multiplicar os ecos pelos recôncavos da serra, e o oscilar daquela rocha aprumada, sob o peso das vagas que lhe batiam na base. Absorto na consideração de tantos e tão admiráveis fenômenos, o moço deleitava-se na contemplação dos caprichosos contornos da Serra dos Órgãos, comparados com as linhas brandas e continuadas das planícies que lhe ficavam mais próximas, quando antolhou-se-lhe a cidade, frouxamente iluminada pelo astro do dia, que já começava a espalhar pela terra o ouro dos seus raios esplêndidos. E ele pôs-se a olhar para aquela aglomeração de casinhas irregulares, e a comparar a realidade com a ideia que dela formava antes de a ter diante dos olhos. O amanhecer era por toda a parte sorriso e perfume, cântico e luz, menos ali. Como um regimento de cavalaria, que, ao passar pelo campo de batalha, deixa após si um rolo de pó, que em vez de se dilatar para as alturas recai sobre a cabeça dos combatentes, abafando-lhes a respiração e velando-lhes a luz do dia, assim os primeiros raios solares, resvalando por cima da cidade, iam-lhe arrancando dos tetos, das praças, dos morros e até dos campos incultos que a cingem do lado da terra, um vapor avermelhado e densíssimo, uma verdadeira nuvem de

fumo que, longe de continuar na sua lenta ascensão para o céu, acamava-se sobre os edifícios, parecendo indiferente à dupla ação do calor progressivo da atmosfera e do sopro ainda rijo do terral. Observando tão singular fenômeno, sentia Agavino um inefável prazer em comparar a imensidade dos serros, das planícies, dos alcantis, da baía, de uma natureza em tudo grandiosa, com a insignificância das habitações em que dormiam os vermes que tanto o ofenderam. E no ridículo patenteado pela aproximação ótica e real de objetos entre si tão desconformes, o seu coração de poeta achava todas as consolações de uma vingança completa.

Bem diferentes eram as reflexões de um frade de Guaratuba, gordo e rubro, que chegara pela manhã ao cimo do monte em companhia de dois cônegos paulistas, e que não cessava de imprecar contra o esquecimento de umas pimentas malaguetas, destinadas a realçar as delícias do magnífico almoço que mandara trazer, para saborear com os amigos ali na região das nuvens, e a dois passos do céu! As pimentas, as incomparáveis bagas olvidadas pelo maldito fâmulos à meia altura do Corcovado, eis o objeto de todos os seus discursos, o assunto de todos os seus pensamentos e o invencível obstáculo à paz do seu espírito diante do incomparável panorama! O frade não viu nada, não admirou nada, nem quis que lhe falassem de coisa diversa da falta que o apetecido cáustico lhe fazia naquela insuportável situação, em que, avistando na planície tantas hortas, não podia estender a mão para colher uma malagueta, sequer.

De repente deixou o ar sobrececho, e pôs-se a olhar atento para o lado da Tijuca tangencialmente a uns arbustos floridos que tremiam ao vento, como quem se libertara afinal do tirânico pensamento.

– Está admirando a Potência Divina, que elevou aos ares esta imensa mole de granito, não é verdade? – perguntou-lhe um dos companheiros.

– Qual mole de granito nem Potência Divina, padre!?! Estava vendo se eram pimentas o diabo daquelas frutinhas ou

flores encarnadas, que já duas vezes me enganaram – respondeu-lhe o frade recaído na sua expressão de enfado.

Agavino – que jamais invejara bem alheio, e que, não obstante estar em jejum desde o dia antecedente só em ouvindo as imprecações do guaratubano lembrou-se desta circunstância –, teve inveja do santo homem, a quem bastava descer do Corcovado para possuir à saciedade o objeto dos seus desejos.

Entretanto era-lhe necessário tentar um meio de – sem mais confiar na justiça humana – reconquistar a sua almejada Palmira, cuja imagem lhe estava sempre presente ao espírito, por mais vivos que fossem os pensamentos que tentavam o cativar. Não sem pena de deixar tão depressa a deliciosa grimpá, o paraibano desceu pelo caminho das Paineiras, entrou no seu aposento, onde, depois de almoçar, escreveu uma longa carta, que foi logo pôr no correio, à saída de cujo edifício prenderam-no como louco, no meio de um grande ajuntamento de povo. No dia imediato, o *Jornal do Progresso* – diário que tinha então por fim principal eternizar no Brasil a condição moral de colônia e o respeito ao estrangeiro – sob o título “Um doido furioso”, publicava a seguinte notícia:

Anteontem, pela volta das duas horas da tarde, estando o Excelentíssimo Sr. Ministro da Justiça na respectiva secretaria a ouvir os muitos que tinham recorrido à sua excelsa bondade, foi de repente agredido por um possesso, que entrou na sala de audiência esbravejando contra céu e terra, e não satisfeito com o ter praticado tal delito dirigiu-se à mesa de S. Ex., lançando mão dos requerimentos que ali achou, e inutilizando-os com frases escritas a modo de despacho, insultando depois o Ministro, e graças à clemência de S. Ex., saindo ileso da secretaria. Animado com a impunidade de semelhantes façanhas, dirigiu-se à tardinha ao palácio de S. Cristóvão, em cuja entrada achincalhou as sentinelas, ameaçando-as de as desarmar, porque não o deixavam ir fazer as mesmas gentilezas dentro do Paço. Felizmente, porém, foi ontem internado no hospício de P. II, onde acham os infelizes alienados de espírito a brandura e o tratamento convenientes, para que pos-

sam recobrar o uso das suas faculdades. Informa-nos um nosso distinto amigo, que o doido é um tal Miguel Pita, natural da Paraíba do Norte, donde, depois de cometer os mais nefandos crimes, veio à Corte para se vingar das suas pretendidas desgraças na augusta pessoa de S. M. o Imperador, segundo afirmou no momento de entrar para o hospital.

E eis como naquele tempo se escrevia a história.



XXII  
O DOIDO





Quem conheceu o primeiro porteiro que foi do atual hospício da Praia Vermelha, um velho português, que depois de sair daquele estabelecimento habitou uma casinha pintada de azul e situada ao pé do monte da Babilônia, há de lembrar-se de o ter ouvido contar a história de um doido, que depois de um ano de clausura fugiu do hospital, sem que jamais se viesse a saber como o fizera, e nem para onde fora.

– Era um doido singular – dizia o velho –, tinha um semblante tão bondoso, uma resignação, uma serenidade, que a todos impressionava. E não obstante fazerem-lhe enfermeiros e fâmulos tudo quanto permitia o despotismo interno do hospital, ele não se agastava, não dava sinais de impaciência, e muitas vezes sorria-se para nós, que admirávamos a sua inalterável mansidão no meio de tantos sofrimentos. Destes, um dos mais cruéis era o lhe porem a camisa de força quando chegava o comendador José Carqueja, fornecedor das comedorias, roupas e mais necessários ao pessoal do hospício. Então aquele mau homem começava a insultá-lo, a cuspir-lhe na face, a tocar-lhe com a bengala como quem tange o boi com a vara de ferrão. Até lhe pedirmos que deixasse em paz o pobre moço, cuja nunca desmentida paciência parecia nos estar dizendo que, a muitos respeitos, as suas faculdades eram perfeitas como as de um santo. Somente uma coisa provava a sua alienação mental: era a singular mania que tinha de trazer sempre consigo uma bolsa cheia de pedrinhas à toa, de que mostrava tanto ciúme, que nunca se apartava dela, e até não a deixou no hospício quando se foi embora.

– Um mês depois de entrar para aquela casa, recebeu uma carta, que eu lhe entreguei, por crer que fosse dos seus parentes, e já lhe ter muita afeição: fez-lhe tanta pena a tal carta, que ele pôs-se a chorar como uma criança, e durante muitos dias não quis comer nem beber. O que lhe ela rezava não sei, só sei que desde esse momento ninguém mais o viu sorrir-se. Quando, cedendo às razões do doutor, tornou a tomar alimento, pediu-me que lhe comprasse uns livros de que já nem sei o título, que era um título levado da pele, e mais uns lápis; e desde então passava os dias a ler, e a rabiscar na parede, que era mesmo uma loucura.

– E desenhava coisas bonitas o doido, mas que não eram de doido para quem se punha a reparar nelas. Eram serpentes enroscadas em crianças, e casas a incendiarem-se; eram árvores imensas com guerreiros trepados, e outros embaixo; eram montanhas, e campos, e rios, e um defunto em cima de um cavalo, seguido de uns vultos ao luar; e coisas fantásticas, que causavam pasmo. Havia no meio daquilo tudo uma figura de mulher sustida por dois anjos, que a levavam pelos ares, de uma perfeição como nunca vi assim. E embaixo, de joelhos, o retrato dele, tão vivo, tão próprio, com o seu ar triste... E ainda muitas outras coisas primorosas, que foi mesmo pena o ter-se caído as paredes onde estavam estampadas.

– O segredo daquela espécie de loucura nunca o pude eu penetrar, não obstante parecer-me sempre que não era loucura de remorsos, como a chamavam. Verdade é que o arrependimento pode gerar virtudes ainda no pior assassino... Viveu ele no hospital durante um ano, sendo a princípio muito vigiado, porque se temia que fugisse, porém com o tempo as precauções foram parecendo escusadas, e por fim já se lhe não trancava a porta da cela.

– Ora, um dia em que o doutor Feliciano visitava a enfermaria, pareceu-me que se retirava cedo demais, porque uma boa meia hora antes de acabar o tempo que costumava demorar-se na visita, vi-o passar por mim, cortejar-me e mais às pessoas que estavam na portaria, e ir-se embora. Estávamos a conversar

sobre coisas diferentes, quando vimo-lo surgir segunda vez na porta interna, saudar-nos ao perpassar, e sair na mesma direção. Daí a poucos minutos todos sabiam que o doido se evadira.

– E não se parecia nada com o doutor, que era um homem de mais idade, barbado, e tinha outra figura... Como arremedou-lhe com tanta naturalidade a cara, os gestos, o fato, e até um certo jeito do corpo, é o que eu não sei, e nem parece coisa de doido. O que sei é que o ministro da Justiça lá foi nesse mesmo dia acompanhado do comendador José Carqueja e do provedor do hospital, e depois de enfurecer-se, e esbravejar muito contra todos os empregados, virou-se para mim, descompôs-me, e expulsou-me da portaria, deixando-me sem vintém para dar pão a meus filhos, e sem esperança de me libertar daquele aperto, até o dia em que não sei qual mão benfazeja mandou-me de Portugal seis contos de reis, com que comprei a pequena loja de molhados, de que tenho vivido até hoje.

A esta narrativa simples e despida dos ornamentos próprios do noveleiro, mas suficiente para dar-nos uma ideia do como eram tratados os desgraçados, loucos ou sãos, que entravam para o vistoso palácio da Praia Vermelha, poderíamos ajuntar muitas outras circunstâncias interessantes, se o amor da concisão e da simplicidade não nos aconselhasse conservá-la inartificial, qual saía da boca de quem a relatava. Pede, porém, a exação histórica completemo-la pela exposição de alguns fatos, que a iluminam no que ela tem essencial, deixando de parte muitos outros que, apesar de pertencerem ao passado, não nos parecem indispensáveis ao interesse deste livro.

Enquanto do cimo do Corcovado admirava o grandioso panorama que se desdobrava em torno, Agavino, que nem um instante deixara de buscar na imaginação um meio de reconquistar o precioso objeto dos seus sonhos de felicidade, cuidou que, escrevendo à dona Amélia para lhe explicar as circunstâncias que o obrigaram a raptar Palmira, protestar-lhe a inocência de ambos, narrar-lhe o como a deixara na Lagoa Grande, e as suas próprias

contrariedades desde aquela cruel separação, pedindo-lhe que, no caso de ainda o aceitar por esposo de sua filha, determinasse tudo para que a união se pudesse efetuar em Pernambuco, e, finalmente, declarando-lhe que não pretendia dote nenhum, porque ele possuía o quanto bastava para viverem felizes. Cuidou, dizemos, que dessa maneira conseguiria enternecer o coração da virtuosa senhora, e pôr termo, talvez, às suas próprias penas.

Sem outro pensamento desceu do monte, escreveu a carta projetada, e foi assegurá-la no correio. Naquela época apenas metade das cartas seguras chegavam ao seu destino, e quando isto acontecia era quase sempre por felizes e providenciais acasos. A missiva de Agavino seria, porventura, contemplada nesta hipótese se, por uma coincidência diabólica, não fosse cair justamente nas mãos de quem menos a deveria ler.

Ruines Gama, cuja intimidade com dona Cláudia garantia-lhe a impunidade de tudo quanto praticasse, e cuja esperança de esposar a moça mais rica de Areia não esmorecera, apesar da carta que sua feroz amásia fê-lo escrever à dona Amélia, e das torpes calúnias de que fora objeto a inocente Palmira – calúnias nas quais ele acreditava piamente –, foi quem em Areia se ofereceu para entregar o papel. Em vez, porém, de o fazer, rompeu-lhe a capa, leu-o e releu-o em confidência com alguns amigos; depois pegou na pena, e simulando a letra da veneranda viúva respondeu, que apreciava aquela tardia prova do arrependimento do moço, arrependimento que, infelizmente, nenhum lenitivo podia trazer-lhe ao seu coração de mãe, porque, tomada de um justo desgosto pelas consequências da prostituição à que a forçara o raptor, a sua querida filha falecera vinte dias depois de tão nefando acontecimento, acrescentando que só lhe respondia a ele Agavino, para que cessasse definitivamente toda a sua insistência em relacionar-se com a família da falecida, e terminando com a declaração formal de que não desejava mais ter notícia do homem que tantas mágoas, aflições e luto lhe havia causado.

Entregue esta resposta ao dono da casa que habitava o provinciano no morro de Santa Teresa, e levada depois ao hospício, pouco tardou em chegar ao seu destino final. Semelhante à gigantesca adansônia das florestas canadenses, que ferida do raio dez e mais vezes ainda está erguida, e eleva a altiva coma a uma altura desmarcada, mas que pende e baqueia desde que assegure do ímpio colono cortar-lhe a base, Agavino – cujo grande coração tinha sabido superar todos os obstáculos, todos os padecimentos morais enquanto o alentavam as louras ilusões de um imenso amor – caía fulminado pela leitura daquele maldito papel. O conteúdo dele punha termo a todas as suas esperanças, a todas as suas aspirações. Era um lençol de finado que se estendia sobre o seu peito de fogo, e o reduzia a arcabouço do que fora até então!

O infortunado quis se deixar morrer de fome, e, como vimos, durante muitos dias recusou alimento, depois do que as forças do corpo ficaram exaustas, e com elas a energia moral. Então pareceu-lhe indiferente viver ou morrer, e instado pelo doutor Feliciano, que já o amava, consentiu em deglutir os alimentos que se lhe deitavam na boca. Recobrando, porém, toda a clareza do seu juízo – momentaneamente toldado pelos efeitos da fome – concebeu um indizível horror à ideia de que ele não era mais que um suicida. E essa ideia fê-lo desejar a vida, como o penitente deseja as mortificações da disciplina e do cilício: para se purificar... E, demais, viver para chorar a sua querida Palmira, sofrer por amor de sua memória, oferecer-se em holocausto aos Céus, onde porventura lhe seria dado encontrar-se com aquela que soubera passar tão pura e tão angélica por este charco de podridão e torpeza, pareceu-lhe um sacrifício necessário e suave. E Agavino o aceitou do mesmo modo que o cravo roxo aceita a existência à borda da sepultura, onde vegeta adornando a terra e destilando perfumes, isto é, como um testemunho perene de tristeza e saudade.

Quando tornou a aparecer no pátio do hospício, aonde duas vezes por semana se lhe permitia fosse respirar o ar livre, ninguém o

reconheceu. Tal a craibeira frondosa das taludes fluviais, que, aluída pelas águas da enchente, tomba na corrente revolta, e alguns dias depois não é mais que uma sombra do que foi, assim o aspecto do moço havia mudado, exprimindo antes a fantástica existência de um espectro, de um ser que passara, do que a palpitante realidade daquela plena juventude que, a despeito das grandes provações que a abalaram, ainda ostentava, havia poucos dias, toda a sua harmônica fortaleza. Por uma dessas revoluções fisiológicas até agora mal explicadas pelos que sabem a ciência da vida, os cabelos de Agavino tinham passado do negro cerúleo ao grisalho claro, o seu rosto juvenil se havia sulcado de rugas semelhantes às de um velho, as órbitas tinham-se-lhe afundado, enegrecido, e o brilho dos olhos desaparecera debaixo das pálpebras, cujos despertos movimentos a dor havia substituído por uma languidez, que exprimia bem o desalento de uma grande alma despenhada, depois de muito sofrer, na viuvez do sentimento.

Tudo nele estava, pois, modificado. A atividade porém do ser humano nem dessa vez desmentiu a sua tendência ao ideal, à progressão da perfectibilidade. E assim como a límpida corrente achando diante dela um obstáculo insuperável muda de curso e ainda vai fertilizar os vales por onde passa, bem que já turva, assim também sua alma, em cujas convicções estava até agora a esperança de um porvir não toldado de amarguras, mas que atingiu afinal o termo de suas ternas e santas ilusões, cedia ao impulso da atividade íntima, criando-se novo e vasto horizonte, onde, libertada dos sonhos do amor, não encontrava mais os enganosos fantasmas do sentimento.

Sacerdote... pensou Agavino em sê-lo, mas na sua humilde resignação, já ia sentindo despontarem as dúvidas geradas nas reveladoras cogitações do homem que sofre; e sua consciência reta repugnava a um sacrifício que fora ímpio porque fementido, e inútil porque nenhum amor, nenhuma convicção lançaria mais em sua alma tão fundas raízes que o merecesse. Além disso, a sua inteligência, a sua imaginação, e uma inquieta curiosidade do bem

e do mal, estavam de contínuo concertadas para lhe reproduzirem diante do espírito os tristes quadros de sua existência passada, e interrogarem o universo acerca do fim para que Deus, que tudo pode dispor a bem das criaturas feitas à sua imagem, lançou a vítima incauta na pira do sacrifício, qual se, monstruosamente egoísta, guardasse para si o monopólio da felicidade. Era ímpio esse pensar temerário, era-o; mas quem é que nunca o teve uma e cem vezes durante o curso da vida, principalmente se a vida lhe foi amarga?

A arte e a ciência apareceram-lhe então ao espírito como duas estrelas benditas em céu despovoado de luzes, para o confortar na resignação, guiá-lo no caminho do ideal, e o reconciliar com a Santa Causa das coisas, sem sacrifício da consciência e da liberdade, de contínuo ameaçadas das dúvidas núncias de irremediáveis descrenças. Uma explicar-lhe-ia a beleza, outra o problema da existência. Porventura trar-lhe-iam elas algum alívio nesta grande forja de desgostos a que se chama vida social.

Animado desta esperança, pediu que lhe comprassem uns lápis, algumas folhas de papel, e dois livros, dois únicos que ele cria poder entender como se entende um compêndio de lógica ou os *Últimos cantos* de Gonçalves Dias\*, e que não foram mais que um incentivo, como já o havia sido a viagem com o naturalista, para que encetasse com a indispensável coragem os profundos estudos que são necessários a quem os quer compreender claramente. Eram esses dois livros a *Ilíada* de Homero\*, vertida em latim, e a *Crítica da razão pura* de Kant, em francês.

Não obstante ser mui versado nas línguas de Virgílio e de Racine\*, desde a leitura das primeiras páginas desses escritos convenceu-se que não bastava conhecer a gramática, e mesmo a história da literatura, quer de uma, quer de outra destas línguas, para penetrar no âmago de obras de semelhante profundidade. E sem perder tempo rodeou-se de outras mais elementares, cujo estudo o fosse preparando devagar para poder um dia interpretar o pensamento daqueles sublimes autores. Eis como pouco a pouco

foi-lhe invadindo a consciência uma ideia nova, a da superioridade real do homem instruído. Um amor ardente diverso do amor da mulher, o do verdadeiro e do belo; uma convicção diversa da crença viva dos teólogos, a convicção de que a noção teológica de Deus e do universo carecia ser convertida em princípio científico, para se manter perante as formidáveis dúvidas do criticismo. Um sentimento congênere e entretanto superior ao estreito e exclusivo patriotismo dos políticos, o amor da humanidade. Uma virtude, enfim, mais nobre do que aquela de que fazem timbre os que temem as penas eternas, isto é, a contínua prática do bem por amor do bem, sem preocupação de temores do inferno nem de esperanças das celestes beatitudes.

Despertadas assim, as forças morais e intelectuais da sua alma começaram a desenvolver-se, a se aperfeiçoar, a sentir a sede de liberdade, condição essencial da perfectibilidade humana. E eis como à impaciência da fuga veio ajuntar-se no seu ânimo o desejo de frequentar as mais célebres escolas da ciência europeia.

Apenas escapo do hospital, cuidou Agavino em recompensar o porteiro, que mais de uma vez lhe provara a sua dedicação, e que, conforme anunciavam os diários do dia seguinte, fora despedido do seu emprego em consequência da fuga do mancebo. Todavia, não podendo fazê-lo imediatamente por se não arriscar a cair de novo nas garras da polícia fluminense, limitou-se a escrever-lhe de bordo de um navio genovês no qual embarcou-se logo, anunciando-lhe a próxima remessa de Portugal, e por meio seguro, de uma boa soma que lhe tocava por herança de um parente remoto, sem contudo se revelar, e pondo no lugar da assinatura a palavra *Onivaga*, isto é, o nome do navio, de que formou um anagrama pela simples inversão das letras do próprio nome.

O homem recebeu a misteriosa missiva das mãos de um marinheiro tão atilado quanto lacônico, e por mais que parafusasse no sacrário das suas recordações, para ver se atinava com o elo genealógico donde poderia desprender-se aquele saco de guinéus,

coroas, dobrões e meias coroas, que na sua imaginação já não cabia de grande e se descosia de cheio. Por mais que aproximasse fatos e hipóteses, invocando com todas as forças de sua alma o gênio da perspicácia, não pode adivinhar quem fosse o tal parente rico, e ainda menos aquele obsequioso *Orivaga*, que se lhe deparara nos jornais como sendo um simples navio que partia para Lisboa.

Entretanto, Agavino confiava no futuro, e no dia seguinte respirava o ar livre e saturado de elementos vitais do oceano que separa a América da África e da Europa.

Traspondo a Ilha Rasa, e antes de tomar o seu verdadeiro rumo, o navio velejou para o sudeste até achar-se fronteiro à Gávea, porventura o mais alto de todos os montes que, juntos e vistos de longe, formam, pela casual coincidência dos seus contornos chanfrados e rudes, o célebre gigante da barra, verdadeiro monstro da natureza, cujas anatômicas proporções são muito antes as de um anão que as de um gigante – na verdadeira aceção artística a teratológica destas duas palavras –; e que, mergulhando os calcanhares na baía do Rio de Janeiro, dorme com a cabeça deitada entre os capivaras e os jacarés, nos pântanos de Camorim. Com uma comoção semelhante à de quem acaba de descobrir a chave de um grande enigma, pôs-se Agavino a considerar a espécie de ironia com que a Providência parecia ter esculpido à entrada da barra da capital do vasto Império sul-americano, aquela colossal estátua de adormentado anão.



XXIII  
NO PAÍS DOS ANTEPASSADOS





Todo o homem que deveras sofreu sente um doce refrigério em afastar-se dos objetos que lhe recordam o sofrimento, ainda que lhe sejam caros como o santo lar da infância, a pátria, a convivência dos próprios concidadãos. É depois, muito depois da separação, que aparece a saudade junta ao desejo de rever esses objetos por sua natureza amáveis, e com ela o generoso perdão com que as almas grandes respondem às pungentes injúrias.

Mas se isto assim é para os ânimos normais, para aqueles em quem a sensibilidade é melindrosa, a imaginação desperta, e o coração predisposto aos sentimentos extremos, este fato atinge as proporções mais exageradas, e por assim dizer, mais estranhas ao comum dos homens. Neles, cada nuvem escura que voa pelo céu lembra as passadas negruras que lhes toldaram a nitidez do firmamento moral; cada árvore que verga ao sopro da tempestade, é a imagem da própria alma vergada sob o peso das dores íntimas. E nessas tristes miragens a faculdade criadora faz-lhes surgir do nada, em quadros semelhantes aos de um assombroso caleidoscópio, criações tão opulentas de fantasia como as que ela gera nos seus arroubamentos de amor, ou no êxtase da mais sonhada felicidade. Por um laço misterioso e íntimo entre o bem e o mal virtualmente encerrados na alma humana, o homem verdadeiramente generoso esquece depressa a ofensa, acontecendo não raramente chorar a perda do objeto que profundamente o magoou.

Foi por semelhante associação, de sentimentos e ideias que, saindo da majestosa baía do Rio de Janeiro, e contemplando de longe os contornos angulosos e como violentados das costas

adjacentes, ora graníticas e calvas, ora argilosas e cobertas de vegetação, passando pela serra de Cabo Frio, e depois pelo farol dos Abrolhos, e pelas baixas e férteis costas de Pernambuco, onde o mar, batendo no grandioso recife, espalha uma como franja relevada de prata e aljofares pelas raízes do coqueiral que as orna a perder de vista, Agavino sentia ora o que quer que era da doçura do repouso, porque se ausentava do seu imenso Gethsêmani\*, e ora, porque se ausentava dele, a pungente saudade de quem perde os santos tesouros encerrados na doce ideia de *Pátria*. E naquele céu tão belo, onde durante o dia sucediam-se os maiores esplendores da atmosfera, e durante a noite brilhavam as grandes constelações e as nebulosas do hemisfério austral; naquele profundíssimo horizonte, onde a luz zodiacal substituía-se imediatamente aos últimos fulgores do pôr do sol. Naquele mar onde, à noite, em cada vaga que rumorejava luziam milhões e milhões de estrelas animadas e sensíveis, o seu espírito cria descobrir alternativamente, de uma parte a imagem da suprema beatitude, da vida dos seres incorpóreos, do amor, da virtude, de outra a da perseguição da injustiça, da covardia... E entre esses objetos tão opostos, uma figura ideal, um delicioso centro de atração, numa palavra, o inefável fantasma da mulher por quem ele tanto sofrera, e à borda de cujo túmulo apagara-se a última grande esperança que lhe restava.

No fim de vinte dias dessa existência enferma, desse pensar alienado, desse imaginar hiperbólico, em que o único alívio era a leitura de alguns livros que havia na embarcação, chegou a Lisboa. Era noite. A formosa capital estava esplendidamente iluminada. Era noite de festa, e grande festa! Os guardas que vieram velar a bordo estavam contentes. Dir-se-ia que festejavam as barbas do próximo, tão grande era o desejo que sentiam da descarregar nas caras alheias, em intermináveis histórias das maravilhas do Reino, o hálito avinagrado do mais positivo entusiasmo.

Entre eles havia um comunicativo, porém grave, espécie de antigo piloto acostumado a deitar-se no primeiro beliche desocupado que encontrava, e cujo único defeito era embriagar-se todas as vezes que podia dispor do que ganhava. Apelidava-se Gibraltar, nome de um vaso espanhol de costagem em que andara embarcado. Deu duas ou três voltas pelo convés do navio, procurando algum passageiro disposto a conversar; mas em vão balbuciou em torno dos que se haviam reunido para falar da cidade, do Tejo, do soberbo espetáculo. Só um passageiro não discorria, e estava só, olhando para o lado de Belém, de cuja praia o clarão de umas fogueiras refletia-se nas águas do rio, tingindo de vermelho de um lado a célebre torre de Dom Manoel, e do outro o grandioso Mosteiro dos Jerônimos.

– O meu caro patrão é brasileiro? – perguntou-lhe Gibraltar familiarmente.

– Diz bem, sou-o – respondeu-lhe o solitário.

– Brasileiro mesmo do Império do Brasil – tornou-lhe o velho como quem reparara na maneira de pronunciar a palavra *bem*. – E como acha cá a nossa terra, hem?

– Ainda não a conheço, por isso nada poderei dizer.

– Mas já viu daqui a iluminação a gás, a gás! Têm Vossas Excelências lá pelo Brasil a iluminação a gás?

Agavino olhou em torno de si cuidando estar rodeado de ministros de estado e presidentes de província, e não vendo ninguém a quem pudesse convir o respeitoso tratamento de excelência, lembrou-se de Manoel Zangão, imaginando o prazer que sentiria o antigo cozinheiro do naturalista se conversasse com um homem tão lisonjeiro.

– Não, mas tê-la-emos brevemente – respondeu.

– Eu logo o vi! E que nós cá marchamos na vanguarda da civilização. Mas é uma luz catita, não é?

– É esplêndida.

– Esplêndida só não, senhor, que se engana: é uma luz que não carece de azeite nem torcida, e quando se lhe chega o lume, isso lá é para nunca mais se apagar, só mesmo se lhe fechando a torneira. Mas diga-me: não haverá aí assim um golinho de vinho português pra beber à saúde d’El-Rei? É que El-Rei é um santo, e mais a santa da sua esposa!

Nos dias de regozijo nacional a ideia do vinho acende na alma dos homens simples um angélico entusiasmo.

– Há de haver – respondeu-lhe o moço –, porque a parte que me é devida nas refeições nunca a bebo, e creio que não ma negarão, apesar de ser tarde.

– À saúde d’el-Rei e da Rainha deste heroico Reino; e mais à do senhor dom Pedro Segundo, que é tio d’el-Rei.

– À saúde d’el-Rei e da Rainha de Portugal – disse Agavino, tocando apenas com os lábios no cálice de vinho.

– Então não bebe? – perguntou-lhe Gibraltar.

– Não costume.

– Diga-me que não tem entusiasmo. Pois eu vou propor uma saúde à que Vossa Excelência não deixará de beber virando o copo. À saúde de quem, daquela a quem mais queremos, e que mais nos quer neste mundo!

Pronunciadas estas palavras, um longo suspiro ciciou nos lábios do passageiro, que abaixou a cabeça, pô-la entre as mãos, e com os cotovelos firmados nos joelhos, ficou imóvel e mudo, durante muitos segundos. O homem pôs-se a olhar para ele, sem também proferir palavra, e depois de virar mais dois ou três copos, disse-lhe gravemente:

– Vossa Excelência tem grande mágoa na sua vida. Eu também a tive, porque fui moço e amei, e o diabo da mulher que eu mais amei também me foi infiel, e pérfida, fugindo até pro Alentejo com um espanhol que lhe prometera uns cordões de ouro, e que em vez de dar-lhe o prometido passou-lhe um grande calote, que é o que ela merecia... Porém cada vez eu a amava

mais, e tinha vontade de acabar com a vida, quando fui obrigado a marchar em defesa da Coroa da senhora Dona Maria II\*, que aquilo é que era mesmo uma santa criatura... Inda depois disso amei outra, mas era pior que a primeira. Era uma loba capaz de engolir a espada do Duque de Saldanha\*... Logo, esqueça-se lá da sua, que ela há de achar quem o vingue, assim como o achou aquela excomungada!

– Nenhuma mulher eu deixei que mereça o meu desprezo – disse Agavino olhando com simpatia para o velho, em cuja face o clarão das luzes deixava-lhe ver os traços expressivos de um coração aberto e de uma alma chã. – A mulher que eu amei, anjo de pureza e bondade como segunda não formara Deus, sofreu e morreu, por mim. E se há vida e recompensas além do túmulo, ela deve estar na eterna bem-aventurança, esposa dos sublimes afetos e das deslumbrantes venturas.

Gibraltar assentou-se junto ao moço, bebeu o último trago de vinho que restava na garrafa, e pôs-se-lhe a contar longamente a sua própria história. Era uma sucessão de amores contrariados, de labores militares, de curiosíssimos episódios da vida do pescador, de sofrimentos de todo o gênero, de dias e dias da mais absoluta penúria, concluindo pela perda de toda a esperança de obter o magro pão da velhice, recompensa patriótica à que, conforme parecia, tinha irrefragável direito pelos seus serviços à Nação, de que davam testemunho as cicatrizes que lhe cobriam o corpo. – Só me consola um pensamento – dizia rematando a longa narrativa –, é ver este grande Portugal governado pelo filho daquela santa Rainha e do senhor Dom Fernando, que isso é que é mesmo um homem! Só de uma vez deu-me oito moedas por um papagaio vermelho e grande que lhe eu dei, chamado *arara*... Sem falar num ministro que temos aí assim, o qual tem feito coisas e coisas, que se lhas fosse eu contar não acabaria hoje, tantas maravilhas tem ele obrado. Porém não venha isso ao caso, que o que eu queria é que Vossa Excelência também me

contasse a sua vida, assim como lhe eu contei a minha, tão certo e leal como a palavra d'El-Rei.

Animado pela franqueza daquela alma simples e expansiva, o viajante, cujo desejo de desafogo aumentara, ouvindo a história do velho patriota, principiou a lhe narrar a sua. Era isso mesmo o que o homem desejava. Atento e comovido por ver quantas tempestades haviam revolvido a curta existência do estrangeiro, e sobretudo maravilhado de ver que os homens da América – que mais de um compatriota lhe havia pintado como selvagens e ferozes até a medula dos ossos – eram, como ele próprio, sensíveis e capazes de alguma eloquência, ouviu tudo silencioso e sério como quem ouve a leitura da suprema sentença de um grande criminoso.

– E eis porque – concluiu Agavino – eu não bebo, como não canto nem rio. Eis porque acabou-se para mim a esperança, e com ela todos os contentamentos do coração. Condenado à perpétua vividez do afeto, mais alquebrado de espírito do que os chamados velhos, eis porque só o estudo, que descobre a verdade, ou a prática das artes, que desvenda o belo, poderá mitigar as penas da minha saudade, trasvasando algum sentimento de amor puramente ideal neste coração vazio... completamente vazio dos ardores mundanos.

– E por que não se naturaliza súdito português?! – perguntou-lhe, afinal, o bom do velho como quem acabava de achar o remédio para tanta desventura. – Quando mais nada lhe restasse, como a mim, restavam-lhe ainda a satisfação e o orgulho de ser cidadão desta santa e invencível terra de Portugal, terra mais que qualquer outra invejada e cobiçada do castelhano, do inglês, do francês, e de todo o mundo que sabe da riqueza desta grande cidade e do tamanho dela, que tem tanta casa, que ainda não houve quem fosse capaz de as contar. Está vendo ali assim o bairro de Belém? Pois não é um quarto de Lisboa, e entretanto tem mais de três dobros do Rio de Janeiro, ou mesmo dessa Londres, que dizem ser a maior capital do mundo.

O moço não respondeu. Prestando o ouvido da consciência ao eco íntimo das dolorosas recordações, só depois pode acordar-se da original lembrança do homem, admirando a energia que, ainda nos ânimos mais rudes, nas almas mais desalentadas, atinge o ardente patriotismo dos portugueses, sentimento inquebrantável, que foi sempre a mais invencível fortaleza que encontraram os invasores na pequena mas nobilíssima terra de Portugal. Sentimento frequentemente exagerado na sua expressão, hiperbólico, e cujo característico otimismo não deixa de revelar ausência de ideal na mente dos seus propugnadores, porém admirável quanto à sua intensidade, e sublime quanto à sinceridade que o converte em uma patética aspiração de fortaleza e de vida. Sentimento, finalmente, a um tempo cândido e heroico, que invocando o passado para iriar e sagrar o presente – irremediavelmente carcomido –, tem por um lado o inconveniente de entreter na imaginação pública mais de uma ilusão fatal ao progresso, prestando além disso de vez em quando ao velho Portugal o aspecto de um esqueleto que se levantasse da sepultura para empunhar a taça dos prazeres e cantar as belezas da vida. Por outro, as vantagens dos sentimentos autônomos, que abalizam as tendências nacionais, enobrecem a memória dos extintos, e imortalizam as grandes virtudes que serviram à ereção, ao aperfeiçoamento e à expansão da Pátria. Sob este último aspecto, essa paixão dos portugueses devera servir de exemplo aos descendentes deles na América, para que fossem menos perseguidores dos próprios compatriotas e amesquinhadores das glórias do país de que são filhos.

Entretanto, avivava-se no brasileiro o desejo nascido desde muito em sua alma de visitar a terra dos seus avós, terra de gloriosas tradições, de esforçados cavaleiros, de guerreiros indomáveis, de fadas e maias, de histórias encantadas de todo o gênero, terra de comoções vulcânicas e transformações políticas, para saudar de mais perto os descendentes do heroico povo que

soube torná-la tão famosa. Desembarcou no dia imediato ao da festa, foi à casa de um judeu que lhe indigitaram como o único homem que havia na cidade conhecedor e comprador de gemas não lapidadas, e depois de lhe vender dois pequenos diamantes, cuja importância mandou logo ao porteiro do hospício de Pedro II por intermédio de um banco anglo-português, voltou a atenção para as memórias históricas que o rodeavam.

Os primeiros passos que deu naquele país de tradições insignes ocasionaram-lhe uma sucessão de prazeres inefáveis, quais os do neto educado e bom que pela primeira vez contempla os gloriosos e venerandos brasões dos seus preclaros avós. Desde o Terreiro do Paço até os limites da ínclita cidade, tantas vezes abalada pelas forças subterrâneas, pelos incêndios, pelas revoluções sociais, e pela muito mais fatal mania de arrasar tudo quanto é monumental e respeitável, foi procurando descobrir os padrões da antiga glória portuguesa, os vestígios dos terremotos e das alternativas políticas, as memórias dos grandes júbilos, dos grandes desastres nacionais, e, finalmente, a pegada profunda e retangular do célebre Marquês de Pombal\*.

Passou três dias na deleitosa contemplação, vendo, ouvindo, admirando, aplaudindo, objetando mentalmente, e lançando por fim nas páginas das suas recordações imenso cabedal de impressões indeléveis.

Não satisfeito desse primeiro exame – em que o viajante não vê, nem pode, o que há íntimo, recôndito, excelente ou defeituoso em um país estrangeiro – encaminhou-se para a Real Academia das Ciências, onde conforme lera no primeiro diário da cidade, devia efetuar-se uma importante preleção acerca de um fato da história portuguesa, fato que a tradição, os acadêmicos de má fé, a gente apegada ao maravilhoso e os historiadores superficiais tinham ataviado das mais ilocáveis e ridículas ficções.

Quando chegou à entrada da sala chamada “das conferências” receou transpô-la, tal foi o acanhamento do moço

em se vendo observado quase como uma raridade, tanto pelo orador quanto pelo auditório, apenas composto do presidente da Academia e de um bedel do estabelecimento.

Sábio, e até certo ponto formoso, com voz sonora e educada nas graves inflexões da tribuna, com gesto comedido e nobre, e por cima de tudo isto eloquente, expunha o orador o seu objeto com a sinceridade do verdadeiro cultor da ciência: simplesmente e sem fábula, natural e logicamente, segundo o sistema da natureza e a singela procriação dos fatos. Nunca a probidade científica achou consagração mais esplêndida em lábios dotados de tão fácil e persuasiva elocução! Neles a simplicidade do pensamento se revestia de tal magnificência de linguagem, de tal energia de expressão, de tais opulências oratórias, que produziam espanto em quem pela primeira vez ouvisse falar assim a língua de Camões\*. Poder-se-ia quase dizer que na boca do orador os esplendores do discurso ofuscavam as belezas da ideia.

Esse traço notável do grande pensador – talvez, o seu único defeito – era uma razão de mais para atrair o público lisbonense, que, como o de toda a península e seus consanguíneos da América, ama antes de tudo a retórica, o estilo, a forma, isto é, o invólucro material do pensamento.

Entretanto, a sala estava erma! As proposições, que compunham a estupenda prática, nasciam e expiravam como uma catadupa de pérolas que se despenhasse em lago escuro e solitário. Talvez só o desconhecido – venturoso mineiro em beta inexaurível – tentasse sotopor-lhe a bateia, para que nem todas desaparecessem no sumidouro.

Concluída a lição, dirigiu-se Agavino ao orador, o saudou respeitosamente, e perguntou-lhe se não imprimiria o sábio discurso.

Já estava impresso. Acostumado à indiferença pública em matéria de ciência, e para que não se perdesse totalmente o fruto de suas vigílias, o douto historiador costumava chamar em seu

socorro o prodigioso invento de Gutenberg\* – último asilo das verdades destinadas a sobreviver às gerações madraças.

Ganhava o estrangeiro o caminho da hospedaria meditando na sorte do ilustre solitário, quando topa com os olhos em um grande e variegado cartaz em que estava anunciado para o mesmo dia uma corrida de bois à maneira de Espanha.

– Um espetáculo de touros... ó que achado! – disse entre si o viajante. – Isto deve ser espetáculo para a plebe. Bem, já que tive a infelicidade de achar deserto o templo da ciência – onde eu cria encontrar uma parte, ao menos, da classe douta deste nobre país –, vou agora mirar a pior gente dele em seus ainda bárbaros folguedos.

Para o singelo e original sertanejo só a ínfima plebe de Portugal poderia deleitar-se em semelhantes divertimentos. Com uma curiosidade mesclada de repugnância, mas alimentada pelo desejo de observar, alugou uma carruagem e foi ao célebre corro do campo de Santana, circo vasto porém tosco e de madeira, único e frágil monumento que resta, felizmente, da crueza do último príncipe português inimigo da liberdade.

– Bravo o Marquês de Castel-mor\*! Como lhe meteu a garrocha! – diziam uns.

– Assim! assim! Olha o Conde do Figal como lhe agarrou o corno sem pestanejar! – diziam outros, enquanto El-Rei, toda a corte de Portugal, e a parte mais brilhante daquela nação de ilustre pretérito, uníssonos com a incrível vozeria da multidão, batiam as palmas, em um delírio de entusiasmo, e os pobres touros urravam de dor e espanto, sentindo nas carnes as pontas dos ferros, e nos ouvidos os estouros das bombas incendiadas.

A notícia do descobrimento de novo caminho para as Índias não causou, por certo, maior transporte entre a antiga sociedade nobre de Lisboa, do que entre a moderna arte consumada com que os fidalgos capinhas atormentavam os infelizes irracionais!

– Como! Não é o povo baixo, porém a gente ilustrada e nobre que eu encontro aqui! – disse entre si Agavino. – Ó, portugueses de outrora, são estes os homens que herdaram os vossos nomes ilustres? Compreendo que nos tempos de ignorância, em que a força bruta era o único argumento persuasivo entre homens e povos que litigavam, um príncipe empunhasse a massa, para satisfazer os interesses dos seus concidadãos, ou suas próprias aspirações de heroicidade. Compreendo as lutas do anfiteatro romano, na época em que era necessário fazer-se com que os dominadores do mundo se tornassem cruentos, e insensíveis ao clamor das multidões escravizadas. Admito que o amor da glória fosse e seja capaz de arrebatam um homem à sua pátria, para o atirar às procelas oceânicas em busca de espetáculos novos e mundos desconhecidos. Que uma vontade de ferro, estimulada pela visão da imortalidade, tenha levado um e mais viajantes até o centro de assombrosos desertos ou até às regiões mais frias e inóspitas da terra, onde há esperança de encontrar a solução de problemas de algum alto interesse intelectual ou moral. Tudo isto me parece grande e digno de admiração, porque fortalece em minha alma a confiança que tenho no valor humano, mas que vós, gentis homens de tão ilustre linhagem, desçais da posição em que vos colocou o vosso alto nascimento, para tingir no sangue de um pobre boi – que de antemão irritais cruelmente para que passe por touro indomável – a espada dos vossos grandes antepassados, aos ferozes aplausos da multidão, isso, deixai-me que vô-lo diga, só é digno de um povo profundamente degenerado. Ó não, vós não sois os herdeiros de Afonso Henriques\*, de Álvaro Vaz de Almada\*, de Dom João I\*, de Vasco da Gama\* e do condestável Nuno Pereira\*, porque esses se compraziam nas situações nobres e excepcionais, desprezando as desestimáveis. Mas os netos legítimos do marido de Dona Maria Teles\*, de Dom João III\* e dos ferozes e abjetos queimadores de cristãos novos!? Já não me admira ver deserto o templo da ciência, nem que preferisse fabricar moeda falsa a

trabalhar honestamente o último descendente do mais honrado dos antigos portugueses. E não me vinde dizer que quereis, com esses bárbaros combates, patentear a superioridade intelectual e moral do homem comparada com a força bruta dos irracionais, porque se tal fosse, de efeito, o vosso intento, erigiríeis estátuas e altares ao saloio boçal que, jungindo o boi à charrua, lavrando o campo e tirando da terra o pão com que vós vos alimentais, dá um muito mais edificativo exemplo dessa superioridade.

Como qualquer dos seus conterrâneos sertanejos, o paraibano conhecia a pouca inteligência, a grande coragem e a lealdade do touro, e sabia que, dotado de uma força prodigiosa, este animal possui pouca flexibilidade; que a constituição anatômica dos seus membros, o volume do tronco, e a curteza relativa do colo o tornam quase impróprio para os movimentos laterais; do que resulta ser retilínea a sua velocíssima carreira, e pouco extenso o seu arremesso em direção diversa à desta. Acresce que a colocação dos chifres o obriga, a abaixar demasiado a cabeça e, até, a perder de vista, quando marra, o objeto que espera atingir. É o momento em que o homem perseguido pode desviar-se dele, e o deve ferir sendo necessário. O que acontece com um, acontece nas mesmas circunstâncias com qualquer touro. De modo que provocar um destes animais, falsear-lhe as pontas e meter-lhe um ferro no vasto toutiço, é uma façanha totalmente despida de prestígio maravilhoso para quem um instante refletiu em todas estas circunstâncias. Ora, muitas vezes na sua terra natal Agavino vira rapazes débeis e ainda imberbes, quer montados, quer a pé, emparelhar carreira com robustos novilhos, e, com um simples movimento do braço em direção perpendicular a esta, os derribar sem esforço. E ele próprio, ensaiando esse útil exercício nos lugares onde não raro se é acometido dos bois bravos, convencera-se da facilidade com que o homem se pode livrar desses temidos animais. Admirava-se, pois, que fidalgos de uma nação culta se capacitassem de dar prova de inteligência e superioridade,

exibindo mera destreza corporal em uma praça apinhada de espectadores, onde, coato pela atonia do espanto, nem ao menos pode o bicho usar livremente das pontas dos cornos – por estarem prudentemente emboladas – contra dez e mais homens que a um tempo o atormentam, e divertindo-o se protegem.

Apesar de rápidas, ainda não estavam feitas estas reflexões, e fervia o entusiasmo pela valentia dos fidalgos toureadores, quando cai o aparelho que tornava menos ofensivas as pontas de um dos touros: nem mais um capinha atreveu-se a transpor a trincheira que o separava da arena. E para recolherem o animal, foi necessário soltarem-lhe as chocas, com que sempre os levam d'envolta!

Satisfeita no forasteiro a curiosidade de ver a primeira sociedade da sua segunda pátria, restava-lhe o desejo de admirar alguns monumentos notáveis, antes de se retirar de tão amado país, e nesse intento foi a Cintra, a Mafra, a Santarém, a Batalha.

– Quem foi o autor desta estátua, deste quadro, daquele edifício? – perguntava Agavino às pessoas mais gradas com quem se encontrava nas suas instrutivas jornadas.

– Ó senhor, – respondiam-lhe invariavelmente –, quem lhe sabe lá o nome se já morreu há tanto tempo?!...

A mesma ignorância acerca dos assuntos e do mérito das obras de arte. *O arcanjo da Lusitânia*, do imortal Canova\*, jaz ignorado na grandiosa capela de Mafra entre outros primores da escultura italiana, como os serafins de Bernini\* na Igreja do Loreto<sup>2</sup> em Lisboa. Os zeladores do mosteiro vos farão observar o número de sinos e campas dos carrilhões, a vastidão dos eirados, a extensão dos corredores, a riqueza dos paramentos sacerdotais, a finura dos tapetes dos aposentos régios, e até a qualidade dos

---

2 A Igreja do Loreto, no bairro Chiado, em Lisboa, também conhecida por “igreja dos italianos”, tem, na fachada, esculturas de Francesco Borromini, um dos principais arquitetos do barroco italiano. Não consta que lá existam peças do conhecido artista italiano Gian Lorenzo Bernini.

colchões em que dorme El-Rei quando vai montar à Mafra. Entretanto, passam indiferentes e mudos por diante de tantas estátuas, baixos e altos relevos interessantes, de tantos primores arquitetônicos reunidos pela força do ouro na admirável capela do gigantesco edifício!

Finalmente, até diante de um afresco do ilustrado professor Fonseca, que em Lisboa desfrutava nessa época a mais invejável fama e saúde, obtive o paraibano a mesma resposta de um deputado às cortes do Reino. Observando-lhe, então, que a perfeição de muitas das obras que admirava atestava um mérito digno da admiração e do reconhecimento dos pósteros.

– De boa terra vem Vossa Excelência – respondeu-lhe o figurão –, para fazer tanto caso desses miseráveis artistas. Pois a pintores, cantores e poetas nós cá, em Portugal, não temos em nenhuma conta. E nem nô-lo permite a filosofia do século, cujos irrefutáveis postulados encerram todo o progresso era duas palavras: interesses positivos. Ora, diga-me uma coisa: de que nos serve a nós, povo essencialmente moderno, os *Lusíadas* de Camões ou o Mosteiro da Batalha\*? Tem nos servido tanto quanto a Roma, por exemplo, a *Eneida* desse famoso Homero, o qual, apesar de descrever em latim as derrotas de Cartago, nem por isso pode desviar a corrente dos bárbaros, que arrasou a cidade eterna. Por isso é que eu nunca pude sofrer literatos, nem estatuários, nem jornalistas, nem escrevinhadores de qualidade alguma, e quando passo pela estátua de Dom José ou entro na Torre do Tombo, faz-me pena ver tanto metal sem cunho, e perdido tanto papel que poderia servir para fabricar cigarros e desenvolver a lucrativa indústria dos tabacos! E tenho carradas de razão, pois não tenho?

Agavino o mediu rapidamente de alto a baixo, olhando-o ao soslaio, e acrescentou:

– Por consequência é contrário à história, à conservação do grandioso monumento das tradições, cujo estudo ainda há poucos dias, em uma sábia e brilhante leitura na Academia das

Ciências, recomendou calorosamente aquele sábio professor e grande moralista que tanto honra este ilustre país, e que...

– Já sei de quem quer falar; aquilo é um ímpio, um maluco. Pois até não quer negar o milagre dos campos de Ourique?

– Deus das vergonhas! – murmurou consigo o sertanejo, recordando-se do bacharel Guaiamus, ex-presidente da Paraíba, – quem poderá negar que somos filhos legítimos desta boa gente?!

No dia seguinte, tornou a passar pela célebre torre de São Vicente, e recordando os gloriosos fatos que precederam a ereção daquele elegante edifício e motivaram a construção do soberbo mosteiro que lhe fica próximo, saía das águas do Tejo em direção às ilhas britânicas.



XXIV  
NO PAÍS DAS CALDEIRAS





A opulenta Inglaterra é pouco feita para inspirar o poeta. Tanto nos seus vastos estaleiros, quanto nas artérias das suas industriosas cidades, assim nos seus templos denegridos, como nos seus riquíssimos mercados, e nestes como no ar, na escassez do sol, e até nos seus formosos campos, há o que quer que é pesado, triste, sufocante, como a neblina gerada na sua atmosfera pela grande corrente equatorial, que banha as costas britânicas depois de passar pela foz do Amazonas e arrastar consigo as tépidas águas do monarca dos rios. Como, finalmente, as nuvens de fumo, que se levantando de centenares de laboratórios gigantescos, acamam-se no horizonte das suas grandes cidades, aumentando-lhes a impureza da túrbida atmosfera.

Nem a desmarcada vastidão de Londres, nem a magnificência dos castelos feudais da Escócia, nem a prodigiosa atividade das fábricas de Glasgow, de Manchester e de Dublin, nem mesmo a amena frescura dos parques da mais vasta capital do mundo satisfaz as inteligências predispostas à poesia. Porque no castelo, na rua, no parque, e até nas riquíssimas galerias e nos suntuosos museus da Inglaterra, sente-se a mesma tirania do mercantilismo insular, o qual tudo compra, e amontoa em grandíssimos acervos, unicamente para decoro de sua descomunal opulência.

O próprio Palácio de Cristal\*, e o Museu Britânico –, onde ao lado da reveladora Pedra de Rosetta\* o mau gosto colocou amostras dos minérios preciosos da Índia, e ao lado das múmias e sarcófagos dos antigos peruanos, os grandes esqueletos do mamute e do dinotério – têm traços comuns com a alfândega e

os grandes armazéns de Santa Catarina. E eis porque Byron dizia que a Inglaterra, para ter alguma beleza carecia, como os esboços dos grandes mestres, ser considerada de longe.

Foi por uma relativamente bela manhã de domingo que chegou Agavino à capital da indomável nação. Com a imaginação desperta pela leitura de diversas notícias sobre a grande cidade, esperava avistá-la de longe qual já a havia admirado nas representações diorâmicas<sup>3</sup>, isto é, grave, simplificada pela perspectiva, com seus altos edifícios agrupados em torno da Torre de Londres, do Parlamento, da Westminster, e no meio São Paulo, a catedral imensa, como a coroa imortal daquele majestoso colosso. Quem chega a Londres, porém, e como o nosso viajante entra pelo Tâmis, não pode abranger com a vista a totalidade do vastíssimo e variado panorama, ou, por outras palavras, dominar, como acontece nas imagens gráficas, todo o horizonte. Pelo contrário, é então que as cenas se multiplicam, os aspectos variam, os espetáculos se complicam, e a unidade ótica mais e mais desaparece. De modo que o estrangeiro procura em vão descobrir os edifícios mais notáveis, as formas essenciais e sumárias da edificação inglesa, e só vê pontes enormes, selvas de mastros, ousadas construções hidráulicas, e no meio de tudo isto o animal bípede por miríadas e miríadas, relativamente pequenino e insignificante, quais miúdos crustáceos à beira de um mangue, ou formigas no meio de uma floresta.

Naquele dia, porém, tudo estava queto, mudo, beato e quase galvanizado: parecia que o coração de semelhante multidão de homens tinha cessado de bater. De entre o povo apinhado no cais

---

3 O diorama é um dispositivo de visualização de imagens, inventado por Daguerre e Charles Marie Bouton, e foi exibido pela primeira vez em Londres, em 29 de setembro de 1823. O dispositivo consistiu de um pedaço de tecido pintado sobre ambos os lados. Quando iluminado a partir da frente, a cena seria exibida em um estado, e se iluminado por trás outra fase ou aspecto seria visto. Imagens na luz do dia, por exemplo, seriam alteradas para cena de luar, ou um terremoto seria mostrado em fotos antes e depois do cataclismo.

para ver passarem os navios, caiu um menino ao rio. Os curiosos se debruçaram, as mulheres murmuraram, e o pequeno desapareceu, sem que do meio de tamanha quantidade de embarcações de todo o gênero um só marinheiro corresse a salvá-lo. O moço quis atirar-se ao rio, mas não lho permitiram os companheiros de viagem, e por mais que gritasse e gesticulasse, apontando para o ponto onde passara a rápida e triste cena, nenhum dos que podiam socorrer o inocente se dignou de mover-se.

É que o domingo em Inglaterra é consagrado ao descanso, e não às obras de misericórdia.

Desde esse dia, Agavino começou a duvidar que a guerra dos ingleses ao tráfico da escravatura fosse, como antes cuidava, fruto gerado puramente da piedade e da filantropia.

Não pode desembarcar. Polícia do porto, guardas da alfândega, agentes das companhias de navegação, autoridades e barqueiros, tudo se achava ausente ou de braços cruzados, e só apareceria ou se moveria no dia seguinte. E aquela cidade colossal, imensa, tão ruidosa e ativa nos dias de trabalho, estava paralisada, muda e como absorta na beatitude do ortodoxo repouso. O Gênesis a tinha petrificado.

A segunda-feira restituiu-lhe todas as suas forças prodigiosas: os ares se encheram de fumo, as multidões balouçaram, as carruagens rolaram, as bigornas soaram sob o peso de centenas e centenas de martelos movidos pelo vapor gerado em milhares de máquinas. E o colosso pareceu, afinal, erguer-se em toda a grave magnificência da sua estatura enorme.

Desembarcado, rompeu Agavino com dificuldade por entre o tropel de rapazes maltrapilhos, velhos repugnantes e raparigas esfarrapadas, que durante mais de vinte minutos o importunaram com pedidos e oferecimentos *de todo o gênero*. Foi a uma das mais próximas casas de pasto, onde serviram-lhe o prato nacional dos ingleses, um suculento *roast beef* com batatas, porventura o alimento mais substancial, ou, como o diria Liebig\*, mais rico

de princípios plásticos que se conhece. E depois de delinear mentalmente a rota que lhe convinha seguir no meio daquele labirinto de ruas, becos, travessas, atalhos, túneis e pontes, para ver o mais que lhe fosse possível de quanto há grandioso e admirável na maior cidade do mundo, pôs-se em caminho, começando pelos bairros silenciosos e sombrios que ainda restam da primitiva Londres.

Ao cabo de quarenta dias de uma atividade verdadeiramente prodigiosa tinha ele visto, tinha quase estudado o que havia notável na vasta metrópole. A Abadia do Oeste, o Parlamento, a Galeria Nacional, São Paulo, a Torre de Londres, o Coliseu<sup>4</sup>, o Museu Britânico, a coleção de South Kensington, na grandiosa cidade. Ou, nas suas proximidades, as grandes manufaturas, o Palácio de Cristal, os magníficos parques e jardins botânicos, a galeria de Hampton Court, onde estão seis dos mais admiráveis cartões de Rafaello, o castelo de Windsor, o observatório astronômico de Greenwich. Tudo, enfim, quanto despertava-lhe a curiosidade, ou podia distraí-lo dignamente das cruéis recordações que por toda a parte o perseguiram, foi objeto da sua atenção e do seu estudo.

Quando concluiu a instrutiva peregrinação e viu chegado o momento de partir-se da pasmosa capital, estava moralmente abatido. Havia-o prostrado a observação constante de uma infinidade de objetos e fatos que jamais imaginara. Como quase todos os estrangeiros ali recém-chegados, fora vítima da rapacidade dos albergueiros, das artimanhas dos gatunos, da exigência dos cocheiros, da má fé dos mercadores, e até da astúcia dos mendigos, entre os quais figuravam crianças de ambos os sexos admiravelmente adestradas na arte de granjear o alheio.

A capital da Inglaterra é, na verdade, a todos os respeitos um abismo, uma horrorosa vertigem para quem pela primeira

---

4 Referência ao teatro London Coliseum, também conhecido como Coliseum Theatre, localizado na rua Martin's Lane, próximo da famosa praça de Trafalgar Square, no distrito de Westminster, em Londres.

vez se acha diante dos seus inescrutáveis arcanos. Essencialmente diferente das cidades americanas, e ainda de quantas existem no continente europeu, ela não resulta, como Roma, da associação de edifícios monumentais em que cada pedra lembra um capítulo de história insigne. Nem, como Nápoles, do “grupamento” de uma grande cidade composta de fábricas multicores com a mais ridente paisagem que se pode idear, e desta com uma população vozeadora e alegre. Ou, como Paris, do suntuoso ligado quase sempre ao delicado, e do vasto ao gracioso. Nem, como Constantinopla, da mais pictórica arquitetura que se conhece, unida aos brilhantes vestuários e aos formosos tipos orientais, que completam os traços da sua fantástica fisionomia. Mas da aglomeração incoerente de incalculável multidão de construções burguesas, nobres, hidráulicas, ferroviárias, navais, em outras palavras, de palácios, templos, pontes, quartéis, prisões, torres medievais, góticas, romanas, gregas, lombardas, tudo denegrido pelo carvão de pedra, e uniformizado pela pesada seriedade de um povo sem imaginação.

Atentamente observada, afigura-se a grande capital uma justaposição de cidades profundamente diversas assim no aspecto como nas condições íntimas da existência, cidades vastas como Bruxelas, Milão, Nantes ou Madri, e cuja população total, superior em número à de muitas nações notáveis da Europa e da América tomadas separadamente, encerra a um tempo tudo quanto no mundo existe mais opulento e mais miserável. É a pátria das oposições, dos contrastes, do extraordinário. Ao lado da mais rica aristocracia que existe, aristocracia cujo esplendor ultrapassa tudo quanto pode imaginar quem nunca a contemplou, ao lado dos possuidores das maiores fortunas que há, dos credores hereditários de muitas nações da Ásia, da Europa e da América, arrasta tristemente a existência uma multidão de pobres maltrapilhos composta de velhos, rapazes, moças e crianças a curtirem fome e frio, pálidos e cambaleantes, sem invocar nem despertar compaixão

na alma dos seus compatriotas, acostumados a transitar indiferentes diante daquela espantosa caterva de desgraçados.

Em vão procurava Agavino erguer a mente à contemplação exclusiva dos grandes objetos: a realidade o tinha como agrilhado ao triste cenário, onde simultaneamente figuravam os eleitos e os réprobos da ventura, que em Londres constituem dois mundos na realidade baralhados, mas na essência separados um do outro por um abismo. Aqui é o orgulhoso *lord* que passa em sua nobre carruagem puxada a quatro cavalos, acompanhado dos seus criados vestidos de ricas librés. Ali, um mendigo maltratado de pancadas por um pretense desconhecido, para granjear artificialmente a compaixão dos transeuntes. Acolá, a filha do opulento banqueiro, que desce à loja das modistas ou dos joalheiros, onde, em poucos minutos, gasta em escusados atavios quanto sobraria a centenares de necessitados para saciarem a fome durante muitas semanas. A um lado, o embotado burguês a oscilar resmoneando, alterado pela cerveja em que afoga as aflições diárias, ou a arrefecida matrona, que, enfeitada das graças de outra idade, se esforça por atrair ao leito nupcial o primeiro que encontra, para que ao raiar do dia seguinte não lhe falte nos cálculos domésticos o produto pecuniário da cotidiana desonra. Ao outro, a mórbida criança atirada às calçadas, para, depois de pisada pelos que transitam, ser transportada ao hospital e nutrida, talvez, gratuitamente durante alguns dias. Além, os apregoadores de divertimentos noturnos, que vos agarram e levam a sórdidas espeluncas, onde sussurram os beijos mercenários e rugem as babilônicas orgias, ou os vendedores de estampas clandestinas a vos persuadirem que possuem revelações fotográficas das maiores belezas do Reino Unido. Ou, finalmente, o judeu, o árabe, o chim, o indiano, o cafre, isto é, o inglês disfarçado e tinto para figurar todas as nacionalidades excêntricas do Globo – sem, contudo, renunciar à clássica suíça –, puxando-vos à força para que lhe compreis mil objetos exóticos, verdadeiros ou falsos, como joias orientais,

plantas raras da Austrália, ídolos peruanos, vasos etruscos, cabeças humanas mumificadas, roupas velhas de personagens ilustres, e – o que mais surpreende – a preço às vezes inferior aos demais objetos postos em mercado, moças formosas e inculcadas por donzelas!

Uma destas, cujos traços até certo ponto americanos, inspiraram ao brasileiro uma visível curiosidade, arrojou-se-lhe ao colo com grandes mostras de entusiasmo, enquanto a mãe, com veemente loquacidade, pedia ao desconhecido que aceitasse para sempre a rapariga pelo módico preço de dois guinéus. Confrangido pelo lastimoso espetáculo, atirou o moço à mercadora o custo da linda mercadoria, e foi-se afastando de ambas rapidamente, como quem não tinha cordura nem ânimo para arrostar tamanho abismo. Observaram-no as outras vestais, e em alguns segundos achou-se o forasteiro preso nos braços de dezenas delas, das quais as menos tímidas o beijavam, rogando-lhe que as levasse por amásias, pasmadas daquela ação e ao mesmo tempo fascinadas por semelhante estrangeiro. O entusiasmo feminino subiu a tal ponto, que ele, para libertar-se de tais admiradoras, foi obrigado a invocar a autoridade de uns policiais que ali estacionavam, e a quem começava a causar riso o vê-lo flutuar perturbado na virginal espuma. Constrangidas a deixarem-no partir sem novos atestados da generosa castidade – que se lhes afigurava, como outrora a Zangão, o sinal evidente de uma natureza incompleta, – ficaram umas rindo, outras pesarosas de não poderem consociar-se àquele homem verdadeiramente excepcional.

Durante muitos dias não lhe foi possível distrair do espírito as recordações da miséria em que se abisma tão grande parte da insular Babilônia, miséria de que já havia admirado eloquentes quadros nas obras de Dickens\*, de Mayhew e de Jerrold\*, e cuja realidade sempre lhe parecera improvável. Começou então a crer nas estatísticas em que lera, que na capital da riquíssima e orgulhosa Inglaterra morriam por ano à mingua mais de dez mil pessoas; que cem mil homens válidos e fortes percorriam as ruas da cidade de

manhã à noite sem achar, sequer, o pão necessário à subsistência de uma criança; que quinze mil mendigos vagavam famintos pelas praças, pelas pontes, pelos cais, pelas passagens, pelas portas dos jardins, mostrando ao estrangeiro a aflitiva nudez dos seus corpos cadavéricos; que mais de oitenta mil mães de família trabalhavam durante toda a semana em obras de agulha, para ganhar apenas quanto lhes bastava a retemperar o tênue fio da existência dos míseros filhinhos; que, finalmente, as cento e vinte mil prostitutas confessas de que foliavam os escritores franceses como de uma coisa extraordinária, repartidas pelas suas seis mil casas, pelas ruas, pelos cafés, pelas quinze mil tabernas que as acolhiam como engodo aos transeuntes, ainda não representavam a quinta parte das desgraçadas que em Londres professavam obrigadas à extrema abjecção.

Presenciando, cotidianamente, o espetáculo dos infelizes, que por não terem teto dormiam em rumas debaixo das pontes, em horrendas cavas, à foz dos esgotos, à porta das alfândegas, e em todos os lugares onde os sofria a tolerância das coisas; assistindo às muitas vezes iníquas condenações sumárias com que os juízes especiais da ínfima classe punham termo às mais enredadas pendências; considerando o espantoso número de suicídios, estupros, homicídios, furtos, roubos e crimes de toda a espécie, cujos autores, amiúde alienados pela embriaguez, eram em grande parte simples adolescentes, e não raro velhos decrépitos; meditando, em suma, nesse assombroso conjunto de infortúnios de que são passíveis tantos enjeitados da Providência, o moço sentia passarem-lhe pela consciência as tristes profecias da descrença, que vela ao homem cruelmente desenganado a infinita misericórdia do Ser Eterno.

O Conselho Metropolitano tem nestes últimos vinte anos modificado profundamente o aspecto de Londres, quer abrindo ou prolongando grandiosas artérias, aterrando perenes lamaçais, trasladando para longe laboratórios industriais, matadouros e

outros focos de impureza atmosférica, construindo hospícios, recolhimentos e outros estabelecimentos pios, esgotos, jardins, vastos passeios, aperfeiçoando e completando a iluminação noturna, a polícia e a higiene urbanas, quer atenuando muitas das causas econômicas de semelhante pauperismo. Apesar disso, porém, ainda hão de ser precisos muitos anos, e talvez séculos, para que penetre o progresso em todos os poros orgânicos da grande cidade, cujas ruas, já na época à que nos referimos, se postas umas com as outras em contato por suas extremidades, formariam uma linha de 1300 léguas, ultrapassando, assim, em comprimento a distância que vai de Edimburgo ao Equador, ou das nascentes à foz do Amazonas.

Quem reparasse no estrangeiro a ver e a admirar os primores das belas-artes, a observar os prodígios da mecânica, os esplendores da opulência inglesa, ou a contemplar a íntima coexistência desta com a mais absoluta miséria. Quem o visse assim, desacompanhado, sem confidente, concentrado num existir insulado das grandes expansões características da raça latina, raça mais que qualquer outra comunicativa. Quem estivesse de parte a observar aquele mancebo grave, triste e como resignado a uma preciosíssima senectude tanto do espírito quanto do caráter, creia estar vendo algum desses aparentemente frios e indiferentes príncipes orientais, que a Inglaterra tem reduzido à miséria e obrigado a se expatriarem, à força de iníquos ajustes comerciais e políticos.

E, de efeito, saindo do magnífico Jardim de Kew, caminho de Londres, o estrangeiro percebeu que era seguido por um natural do país, cujo desejo de lhe falar traduzia-se desde alguns minutos por um perpassar entremeado de gestos e cotoveladas tão significativo da simpatia inglesa, em lugar largo como era, que o moço parou afinal e pôs-se a olhar para ele.

– Desculpai-me, senhor, – disse-lhe o inglês afastando os lábios de modo a mostrar-lhe as magníficas arcadas dentárias – não

sois o rajá Wayid Ali Schah, que veio à nossa metrópole protestar pessoalmente contra a ocupação inglesa do reino de Ud?

– Engana-se: sou simplesmente um obscuro americano, que veio por acaso à Inglaterra.

– Argentino? chileno?

– Brasileiro.

– Do Rio de Janeiro?

– De uma província, mas venho do Rio.

Depois de discorrerem durante um quarto d’hora a respeito do Brasil, versou a conversação sobre a capital do Império.

– Miserável cidade, não acha? – perguntou o inglês.

– A alguns respeitos parecida com Londres – respondeu-lhe Agavino.

– Com Londres!? Pois compara o Rio com esta maravilhosa capital, admiração do mundo inteiro?!

– Não comparo os tamanhos, porque sei que aquilo que na maior cidade do Brasil é pequeno, aqui é grande...

– Alude à nossa opulência, não é assim?

– Aludia justamente à sua contrária. Os mendigos de lá, por exemplo, encheriam talvez a plateia do Teatro Adelphi, que não é das maiores, ao passo que os mendigos de Londres encheriam a cidade do Rio de Janeiro, que não é das menores.

– E quantas cidades como Londres seriam necessárias para conter os escravos da sua capital, e os de todas as cidades e vilas do seu grande Império? – tornou-lhe o inglês com ar da mais vitoriosa ironia.

– Tantas quantas enchessem reunidos os cadáveres dos desgraçados que na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda têm falecido à fome nestes últimos cinco anos.

– E por que não fala dos infelizes gentios, que o bárbaro governo brasileiro tem deixado extinguir à força de sevícias?...

– Porque a verdadeira sorte deles parecer-vos-ia uma invejável ventura se fosse comparada às muito menos contestáveis

crueldades, com que o ilustrado governo da graciosa Rainha tem sufocado as patrióticas rebeliões dos indianos.

– Pois adeus, meu espirituoso botocudo! Antes, porém, de nos separarmos, aceite este bilhete, e até lá no seu Rio de Janeiro, onde talvez possamos um dia conversar melhor a respeito da Inglaterra e do Brasil.

O brasileiro pegou no papel e leu o nome – Christie\* –; e depois de considerar a originalidade da oferta, disse entre si:

– Deus do céu! Será possível que desta montanha nascesse semelhante toupeira?!



XXV  
NO PAÍS DAS IDEIAS





A França é a pátria das ideias, como a Inglaterra e o Brasil o são da liberdade, e Portugal das tradições heroicas. Quem nunca foi à França poderá ter lido muito, visto muito, admirado muito, não poderá dizer, porém, que esteve no centro intelectual do Globo, nem que viu dar a última forma à inspiração abrasada na grande forja da perfectibilidade. Aquela grande nação tem o que quer que é invasor das altas inteligências: o homem que a estuda sente-lhe o delicioso hálito inundar-lhe o coração e encher-lhe de gratos perfumes o fundo da consciência. É nela que as almas eleitas vão buscar a suprema sabedoria, e as robustas vocações experimentar as próprias forças, para depois lançarem-se sem receio aos desmedidos arrojados. Rossini\* recebia de sua pátria uma pensão para viver em Paris, e Humboldt\*, depois de escrever o *Cosmos*, não se deu por satisfeito enquanto não publicou em língua francesa a soberba tradução do seu amigo Faye.

Essa importância, essa incontestável supremacia da mais ilustre das nações neolatinas, tem sido ultimamente obscurecida por homens que julgam das coisas morais pelo fiel da enganadora balança das batalhas. Para esses, o canhão krupp é o metro infalível da civilização, e a violência material, veementemente condenada como contrária à justiça e à liberdade quando exercida na esfera individual, é consagrada com o incenso da imortalidade desde que se trata de multiplicar-lhe as consequências e a monstruosa hediondez.

Não, porém, assim para o infeliz de quem descrevemos a acabrunhada vida, porque a sua consciência era limpa, e nenhuma iníqua ilustração havia-lhe subvertido na alma as faculdades que julgam das supremas verdades.

Com a avidez do romeiro que busca saciar a sede no lago produzido pela miragem filha do próprio calor que o requeima, começou ele na formosa capital da França a longa peregrinação com que em Londres buscara instruir-se, e suavizar as mágoas do coração. A elegância e os prazeres, esses dois ídolos da mocidade, passaram por diante dos seus olhos como passa no ar a poeira das estradas ou o fumo dos mercados: eles nem se moveram, sequer, nas suas órbitas ensombradas do sofrimento. Poeta, ele sustinha a constante aspiração da sua mente nas purificadoras partidas do incriado; artista, a sua imaginação pairava sobranceira nas etéreas regiões das incorpóreas belezas.

Dois lugares tornaram-se em Paris o oásis do seu espírito: o Museu do Louvre e os bancos da Sorbonne. Consagrando a sua existência à pesquisa da verdade e à interpretação do belo, Agavino esperava afugentar dos seus sonhos os mirrados e pálidos fantasmas que lhe recordavam o passado. Para ter mais presa a imaginação, começou a estudar a arte de Fídias\*, cujas belezas haviam-no fascinado desde que vira no Museu Britânico os admiráveis fragmentos do *Pártenon*. Uma saudade pungente, às vezes concreta, outras sem objeto determinado, afastava-o, porém, de contínuo da realidade, interrompendo-lhe no semblante os passageiros sorrisos.

De quando em quando, para fugir ao burburinho da laboriosa capital, internava-se nos umbríferos arvoredos dos bosques que a avizinham, e ali sobre a relva, envolto na vaporosa sombra e no suave olor, banhava a alma nas recordações das selvas brasileiras e dos campos sertanejos. Então, sentia deveras a tristeza apertar-lhe o coração, e exprobava-se de não ter ido à sua terra natal verter o pranto da saudade sobre a gleba que escondia o corpo de Palmira. Às vezes encostava a cabeça nas raízes dos carvalhos, e conseguia dormir, mas era-lhe curto o sono, porque aquela por quem chorava aparecia-lhe em sonhos a lançar-lhe o doce olhar e os lindíssimos braços. Alevantava-

se, limpava o suor frio que lhe descia da fronte, e voltava para a elétrica cidade.

Nesta o acaso fizera-o conhecer um certo Antônio Braz, moço que o governo de uma das nossas províncias mandara à Paris estudar construções ferro-hidráulicas – e que abandonou depressa esse ramo de instrução, para entregar-se ao estudo da escultura, que julgava muito menos escabroso, mas para o qual manifestava tão pouca disposição, que tornou-se prestes o objeto favorito das zombarias dos novos colegas. A essa qualidade negativa ajuntava ess’outra – muito menos digna da alheia indulgência – de espiar constantemente os discípulos, cujos atos e palavras envenenava, para urdir histórias interessantes e deleitar os ouvidos dos seus superiores na disciplina do estudo. Naturalmente cândido e benévolo, nunca quis, porém, Agavino ver no pensionista senão um compatriota, um artista incapaz de semelhante vileza, e por isso nunca lhe ocultou o que havia mais íntimo em sua vida.

Antônio Braz era magro, ossudo, pequenino, e tinha no andar, no todo, na fisionomia, no gesto, o que quer que era do chagal. Muitas eram as alcunhas que lhe haviam posto em Paris os estudantes, alcunhas entre as quais prevaleceu definitivamente a de *hipopótamo*, que a expressão estúpida particular, o prognatismo da boca e a pequenez dos olhos avermelhados de Antônio Braz justificavam largamente. – Lá vai o *hipopótamo*, lá vem o *hipopótamo* – diziam os colegas e os conhecidos quando viam-no passar.

Entre estes últimos havia um certo Pastor, médico que residira durante seis anos em Pernambuco, e na Itália – sua pátria – se tornara depois disso conhecido pelos seus luminosos e elegantes escritos sobre o espiritismo. Ora, um dia veio o doutor Pastor ter com Agavino, a quem confidencialmente preveniu de que o *hipopótamo* era um mau homem.

– Que provas há disso? – perguntou-lhe o moço.

– Começa por ser invejoso, e a inveja é um defeito que pode gerar grandes crimes.

– Contra quem é digno de inveja. Eu não estou neste caso, logo...

– Com o seu talento e os seus diamantes?... – disse-lhe o italiano sem completar a resposta.

Agavino sentiu correr-lhe pelo peito o calafrio precursor dos grandes perigos. – Quem sabe, porém?! – refletiu; – acusado por todas as aparências, eu já não passei por assassino e por doido?

Nesse mesmo dia, à tardinha, veio o pensionado à sua casa e disse-lhe que estava perdido se não achasse um amigo que lhe emprestasse uma avultada soma. Agavino abriu a carteira e deu-lhe o que podia, e, pela primeira vez desde que transpôs a barra do Rio de Janeiro, sentiu algum contentamento no íntimo de sua alma.

Entretanto, continuava Antônio Braz a mostrar-se seu amigo, parecendo ter serena a consciência. Muitas vezes modelara-lhe Agavino estátuas que ele mandou para o Brasil como atestado do seu aproveitamento, o qual na realidade era nenhum, porque sua curta inteligência era incapaz de compreender os princípios de abstrata beleza que servem de guia ao escultor. Uma irresistível inclinação arrastava-o para os tipos e as formas vulgares e ignóbeis. Começou uma vez a modelar na argila um Cristo de sua composição: quando concluiu-lhe a face, todos quantos a vissem jurariam que era a de Dumolard, um dos mais célebres criminosos de França, decapitado em Lyon depois do seu quadragésimo assassinato. Agavino tomou a si o corrigir o busto, cuja sublime doçura elevou-o, quando pronto, ao valor de nove mil francos, preço pelo qual foi vendido à cidade de Blois, pátria de Denis Papin, onde se achou até a invasão alemã. Desde esse momento teve o paraibano um colega cuja aparente gratidão conciliava-lhe plenamente a confiança, mas cuja assiduidade em

seu aposento – onde parecia não haver especial atrativo para aquela alma rasteira – começou a tornar-se-lhe suspeitosa. E que o falso amigo, como a serpente que espreita a incauta vítima, só aguardava o momento propício para dar-lhe o bote traiçoeiro.

Mas de que natureza seria esse bote? Antônio Braz bocejara muito todas as vezes que da boca do seu ilustrado colega ouvira palavras de história, de filosofia, de ideal, ou ainda quando, por mera e penosa deferência, prestara o ouvido à leitura de umas páginas que o moço ia dar à estampa, e onde estava grande soma de saber e poesia. Mas seus olhos, orlados de rubro e amarelo, fisciaram estranhamente quando, por diversas ocasiões, deixou-lhe Agavino entrever o segredo de sua existência material, encerrado na bolsa das pedras preciosas. E trocando por cabedais imaginários a pureza das meninas desvalidas, contraindo inúmeras dívidas, sustentando uma das mais formosas bailarinas da Ópera Cômica, dizia aos credores que estava à espera de uns diamantes e outras gemas que mandara buscar nas inexauríveis minas que possuía no Brasil.

E o mais curioso era ver a facilidade com que aqueles bons parisienses, tão perspicazes, tão finos, deixavam-se burlar pela lábia do intitulado possuidor de ricas minas de topázios e diamantes!

Um deles, que era zelador do Museu de Artilharia veio perguntar a Agavino – como à pessoa de suficiente critério – se o Imperador do Brasil lhe compraria uma vestimenta à europeia, muito bonita, que, segundo afirmava, pertencera ao célebre marechal Ney\*. Vendo que não era bem compreendido, ponderou-lhe o francês que Sua Majestade tencionava, conforme se dizia em França, casar suas augustas filhas com príncipes europeus.

– Pois bem... – disse-lhe o moço.

– E há de se apresentar na festa vestido de penas?!

Outro que não Agavino ter-lhe-ia respondido com vantajoso espírito, não o quis porém ele, atendendo à maior conveniência de explicar a um estrangeiro os costumes da sua pátria, expondo-lhe o estado da civilização brasileira, e dando-lhe a conhecer a ilustração do Imperador, e em geral dos homens eminentes da sua terra. O que causou grande admiração ao interlocutor, até então persuadido – como muitos dos seus compatriotas não totalmente ignorantes – que, saindo-se da França, encontrava-se de um lado a barbaria e do outro as florestas virgens.

– Desculpai-me a ignorância – respondeu envergonhado o zelador, – a qual, motivada pelas infieis descrições do vosso formoso país lidas na minha infância, entretida pela constante exposição de jaguares, serpentes e quadrúmanos do Brasil nas nossas coleções zoológicas, e do arco e flecha dos selvagens nos museus de armas, era em grande parte causada pela indiferença dos vossos diplomatas, que não aparecem, não se revelam nem se dignam de esclarecer a opinião pública a respeito desse Império, como acabais de dizer, tão livre, tão majestoso, e tão digno de estudo. Império que, não somente em França mas ainda em todo o Velho Continente, é geralmente considerado tão bárbaro como, pelo menos, Marrocos e o Japão. O governo do Brasil tem, pois, pouquíssimo patriotismo!..

– Menos teria – respondeu-lhe o artista – se deixasse a mocidade brasileira imbuir-se em erros tão elementares a respeito dos países da Europa.

XXVI  
NO PAÍS DO BELO





Em sua vertiginosa carreira, os acontecimentos políticos da Europa iam a pouco e pouco tecendo as coroas de louro que, num próximo futuro, tinham de cingir na Crimeia e na Lombardia a imperiosa frente da águia napoleônica. Nessa época as viagens, os fortes estudos, e o tumultuar das ideias predominantes haviam rasgado na alma do sertanejo novos e vastos horizontes por um lado, e por outro toldado profundamente a pureza das crenças que lhe embalaram os últimos sonhos da adolescência. A espécie de bonança moral em que o lançara uma rápida transição de hábitos e pensamentos, parecia às vezes reerguer-lhe o espírito, ao passo que a descrença e o cepticismo, inseparáveis companheiros dos ânimos abatidos e das inteligências laboradas da reflexão, revocavam-no logo às desconsoladoras intuições da realidade. E o artista despejava nos quadros de sua imaginação todo o fel de sua curta história, enquanto o poeta cairelava com fitas de sangue as portas da imortalidade, que se lhe afiguravam eternamente aferrolhadas ao filho da desdita.

Do fundo daquela consciência assombrada erguiam-se às vezes os vultos da fé, da teologia, das virtudes monacais, do fervor religioso, de todos os sentimentos e de todos os dogmas, ou ciências, que lhe falavam das harmonias da criação, e da necessidade de uma vida futura para satisfazer as exigências da lei moral. Mas logo após o terrível espectro da moderna filosofia, a qual, armada da química, da fisiologia, da astronomia e, principalmente, da razão livre de Copérnico\*, Galileu\*, Voltaire\* e Kant derreou desapiedadamente os formosos castelos edificadas pelas suas antigênicas irmãs sobre a ossada de centenares e

centenares de gerações desaparecidas. Então uma risada seca, sem modulações, uma espécie de estrídulo agoureiro partido de árvore cavernosa ao resvalar-lhe pelo córtex a última brisa do crepúsculo, interrompia o passageiro silêncio daquela desnorteada existência. E o lábio do infeliz murmurava amargamente:

– Palmira, oh, anjo que me sustinhas na candura da minha antiga ignorância, para que desapareceste aos meus olhos cheios de amor? Eras tu a vida da minha vida, a essência da minha essência. Por ti eu sofria, e era feliz no meu sofrer, porque alentava-me a esperança. Sem ti sinto na vida o braço da morte a arrancar-me as entranhas da existência, para lançá-las ao abismo da destruição. Sem ti, eu, mártir sem fé, holocausto sem objeto nem altar, não sou mais que um grande desgraçado!

Depois seu olhar, um instante entenebrecido pela desesperação, errava abstrato por todos os pontos do espaço até encontrar a imagem de Palmira, que o infeliz começara a esculpir em mármore puríssimo, para que lhe adornasse a solitária morada, e apascentasse-lhe a paixão do belo, a única que podia trazer-lhe algum deleite no doloroso insulamento moral em que vivia.

Era uma figura grande, ampla, largamente talhada na alabastrina rocha, e sustida por dois anjos adolescentes, que formavam com ela um majestoso grupo, cujos traços gerais estavam determinados e patentes, mas cujos pormenores não passavam de esboço, exceto a principal cabeça, a qual de uma semelhança e perfeição extraordinárias. Não obstante esta última circunstância, e tudo lhe estar pressagiando uma conclusão digna do assunto, temia Agavino ultimar a magnífica tríada, sem primeiramente ter contemplado os imensos primores com que a piedade, o ouro, a política e a magnificência dos príncipes e dos papas exornaram as cidades italianas, verdadeiros berços da moderna civilização. Porque desejava que seu estilo, onde devia transluzir a grandeza do seu amor e da sua saudade, não

fosse indigno dos grandes mestres, que seus profundos estudos estéticos habilitavam-no a compreender.

Ora, aquela nobre terra de luz e harmonia, que já nos fins da Idade Média começava a deslumbrar a Europa pelo esplendor dos encantos que encerra, é o complemento da instrução do artista, a realização dos seus dourados sonhos de inalterada ventura, a albanesa fascinadora e robusta que de contínuo o atrai com prometedores sorrisos. As altas e exímias graças da Itália residem tanto na variedade de aspecto e de fisionomia das antigas e magníficas capitais da privilegiada península, quanto nesse plano geral de beleza, nesse *crescendo* de maravilhas que vai dos Alpes ao Etna, e que, celebradas pelos historiadores, decantadas pelos poetas, e iriadas pela imaginação dos viajantes saudosos, constituem há mais de quatro séculos o apetecido pomo dos que, fora dela, ardem de amor do belo.

Na época em que se consumaram os sucessos que aqui relatamos, ainda não estavam concluídas as grandes linhas férreas, que atravessam ou cingem pela penedia marítima a serra dos Alpes antes de penetrarem no encantado coturno. O viajante que ia de Lyon para Turim era obrigado a passar lentamente, de carro ou a cavalo, por cima de montes altíssimos e despenhadeiros terríveis desde São Miguel até Susa, mas aquilo que perdia em rapidez, ganhava em encanto, em inefáveis surpresas. Passada Susa cessam as neves perpétuas, e encontra-se um primeiro repouso cheio de gratas comoções na graciosa majestade da planície lombarda, verdadeira corbelha de verdura, flores e frutos como não os há mais viçosos. Passada a Lombardia, com seus lagos profundos e sua grandiosa catedral, colosso que domina toda a vasta planura, ouve-se o rumorejar do Adriático e avista-se Veneza, a mágica princesa da Laguna, adornada de palácios de mármore, campanários bizantinos e zimbórios orientais. Depois encontra-se a região das mulheres formosas e dos maiores gênios das belas-artes: Bolonha, Ravena, Rimini, Pesaro, Urbino, de onde se

avistam os mais altos píncaros do Apenino, os quais, transpostos, desvendam a nobre Toscana, com as colinas de Florença, tão bem delineadas e inspiradoras de um sentimento de delicada elegância, que a trágica solenidade dos grandes monumentos e da estranha paisagem de Roma transforma em silenciosa veneração. Da cúpula de Brunelleschi\* a vista alcança as penedias da Ligúria dominadas das atléticas montanhas de Carrara, e os lineamentos da Gorgonha, donde o espírito voa naturalmente à ilha d'Elba, depois de retroceder a Pisa e cogitar rapidamente nas imprecações de Dante\* contra essa cidade outrora poderosa e ilustre. Rompe até os montes umbrianos e as nascentes do Tibre, e cheio dos encantos que lhe presta a imaginação reanimando os exércitos romanos contra as falanges vitoriosas de Aníbal\*, ou fazendo surgirem dos seus gloriosos túmulos os grandes artistas que desde o fim dos tempos góticos começaram a vida moral dos habitantes daquela deleitosa região, vai em demanda da cidade eterna, cuja majestosa catedral encontraria, talvez, se não o detivessem as alturas de Siena, e muito mais ao longe as crateras extintas de Viterbo, com suas ruínas etruscas, suas torres lombardas sua cidade submersa, suas gargantas selvagens, que recordam mil sucessos, a começar da potência dos ostrogodos e das graças de Amalasantha\*, filha e herdeira de Teodorico\*. É tudo? Não: um paraíso mais doce espera o viajante em Nápoles, onde a natureza e o céu atingem a maior beleza, e onde os rudes camponeses, vestidos com uma graça extrema, improvisam melopeias tão suaves, que parecem raptadas aos rouxinóis dos vizinhos e intermináveis pinhais. Após, finalmente, vem a ponta ocidental do célebre coturno, com suas comoções especiais, em que a alma, remontando à altura dos Alpes, extasia-se contemplando o colosso fumegante da Sicília.

Diante de tantos quadros da natureza, daqueles palácios de mosaico, daquelas vinhas deliciosas povoadas de estátuas e bordadas de flores, foi sempre tão irresistível a fascinação, que os antigos conquistadores, atravessando a península para submetê-la,

sentiam-se conquistados nos seus próprios afetos, e como vencidos pelo admirável país que a ferro subjugavam. Daí a saudade que lhes pungia o coração apenas se ausentavam dele, saudade que foi a origem primordial da expansão do renascimento italiano, como a razão e a consciência universais foram mais tarde a causa íntima da emigração dos princípios da revolução francesa em todas as direções.

França e Itália, eis as duas pátrias das inteligências apaixonadas, e ao mesmo tempo as duas páginas mais fulgentes da história dos povos modernos. A Inglaterra é dos ingleses, como a Alemanha dos alemães, ou a China dos chineses: ninguém as cobiça, ninguém lhes contesta a intelectual ou moral autonomia. Ao passo que a Itália pelos seus primores, pela sua prioridade cronológica no trabalho da civilização, e a França pela universalidade das suas ideias, que tudo resumem e simplificam, dilatam e aplicam, pertencem a todos os povos perfectíveis, mormente àqueles que tem os olhos e o cabelo cor do mistério, da noite, e do céu visto de um balão ou dos píncaros do Himalaia. De tal modo que se uma onda gigantesca submergisse a França, ou abismasse a Itália uma oscilação vulcânica, eu não sei que maior vácuo se poderia abrir no coração dos homens que se deleitam na contemplação dos esplendores da inteligência.

Agavino percorria a Itália com a avidez do febricitante que sente, enfim, nos lábios o gole saciador. Desde os grandes lagos do norte até o Etna e os recôncavos de Taranto, tudo quanto era grande, ou falava a linguagem do belo, ou cantava a epopeia do espírito humano foi objeto de sua penetrante observação.

Nesse platônico voo, em que sua alma librava-se nas asas da filosofia e da arte, nem sempre foi-lhe rósea a atmosfera. Ele, porém, aprendera na escola do infortúnio a esquivar por amor do belo a atenta consideração dos males que pungem a alma porque ulceram cruelmente as sociedades. E quando o esforço imaginativo se tornava ineficaz para o afastar das tristes verdades, era à ideia

da Pátria que ele se apegava como a única risonha no meio da universal realidade. Era a esperança de ser útil àquela formosa terra americana, que ele acariciava como a única vivificadora de uma existência tão profundamente alquebrada.

E quantas vezes desde que desembarcou na Europa, atravessando no manto do vapor os campos agricultados e floridos desse velho e afadigado continente, ou as entranhas das suas serras perfuradas, transpondo pelas pontes pênseis os leitos dos seus rios navegáveis e o seio dos seus vales ajardinados; avistando as suas costas artesoadas e a luz dos seus faróis elétricos; visitando os arsenais gigantescos, as grandiosas alfândegas, as vastíssimas fábricas, as galerias de arte, as coleções científicas, as doudas academias, e os estabelecimentos astronômicos, mecânicos e industriais que por toda a parte multiplicam-lhe a opulência. Ou interrogando os monumentos históricos, admirando os primores do gênio europeu, contemplando as maravilhas da inteligência e do estudo patenteados nos descobrimentos da química, da fisiologia, e em geral das ciências positivas e biológicas; conversando de viva voz com pessoas distantes dele centenares de quilômetros; vendo irrigadas e férteis planícies outrora adustas e áridas, achanadas as montanhas, cortados os continentes, e como suprimidas as distâncias que separam os diversos povos. Quantas vezes, enfim, cogitando em tantos prodígios da atividade humana, e procurando descobrir as leis da aspiração geral das sociedades à plenitude do direito e da liberdade, não lhe adejou o pensamento até o brasílico vergel, como a esperança em busca do vale da promessa, destinado a receber quanto ela encerrava mais grandioso nos seus inefáveis arrebatamentos de ideal?

Tudo então parecia-lhe pequeno comparado com a extraordinária magnificência dos grandes objetos encerrados na majestosa região que vai do Amazonas ao Prata. E ele se ufanava de ter nascido em uma terra tão rica de maravilhas, que parecia ter sido criada para abrigar um povo de gigantes. E de

novo sentia-se chamado aos credos da geração particular que o repelira, exprobrando-se quase o ter feito depender de uma paixão malograda todas as satisfações a que tinha direito como cidadão, e todos os contentamentos que derivam do cumprimento do apostolado político em uma sociedade que, semelhante à dos astecas, ainda carece de desumanos sacrifícios.

A legislação porém desse país em que ele tentava fixar a mente como em astro de alento, era um obstáculo invencível para que, simples operário do verdadeiro e do belo, fosse-lhe permitido colaborar diretamente com o estadista e o soldado no aperfeiçoamento e exornação da pátria. E semelhante ao nauta que aguarda o vento favorável para lançar-se aos mares onde talvez o traguem as tempestades, esperava nos decretos da Providência, como quem conhecia a irrefreável progressão do direito na consciência dos povos predestinados. Resignado, pois, a encerrar na aparentemente plácida esfera da cogitação e da arte as aspirações do patriotismo, era para os peregrinos tesouros da estética, que seu espírito de ordinário tornava como em busca de imortal serenidade, principalmente agora que calcava finalmente a terra deles, terra tão diferente das que já conhecia quão digna de estudo aos olhos dos homens superiores.

Se, porém, muitas das mais interessantes cidades da Itália a certos respeito encontram rivais no resto do Globo, nenhuma de certo existe em todo ele que se possa comparar à Roma no conjunto dos seus grandiosos títulos à universal admiração. Nenhuma, por isso, mais que ela devia cativar-lhe a atenção e o inspirar fortemente. Roma é uma cidade singular que, neste sentido, nunca teve predecessora na história, e, provavelmente, jamais será repetida na sucessão dos tempos. Ela é ilustre pela imensidade das tradições que lhe são peculiares, pelas glórias que resume, pela solenidade de sua história. Ela é majestosa pelos monumentos que encerra, pelos campos que a circundam, pelas ruínas que coroam as suas célebres colunas. Parece-vos ouvir ali

a voz dos séculos a vos convidar à meditação profunda, parece-vos estar ressoando aos ouvidos o desconsolado prantear das três idades da história, ao passar por cima delas os carros triunfantes das gerações que surgem. E d'envolta com os hinos sacrossantos entoados sob a abóbada da Sistina, o ranger dos ossos das legiões de atletas que deixaram a imagem do seu endurecido ânimo nos muros denegridos do Coliseu. E de tantas ruínas venerandas, de tantos túmulos vazios, de tantos templos desolados parece-vos ver surgirem as sombras dos Césares, dos Virgílios, dos Catões\* e dos Tácitos\*, acompanhadas das hordas invasoras, e dos trezentos mil deuses do Olimpo e da Tartária, para vos aterrem com seus contos formidáveis.

Roma é hoje uma arena de combates renhidos, onde debatem-se furiosos os exclusivos princípios sociais característicos das duas porções do tempo que tem por elo o presente. Como cidade e como sociedade encerra duas entidades irreduzíveis, profundamente contraditórias. Grandiosa pelas pompas do seu passado, e mesquinha pela destruição a que estão condenados esses seus venerandos brasões; eloquente no anelar pela liberdade, e muda na irremediável decadência em que fatalmente a arrojaram as vitórias da razão desencarcerada e, digamo-lo também, da política armada; bradando pela boca dos concílios contra as conquistas da consciência livre, e contaminada do ceticismo moderno, que tudo alui e desbarata, ela parece conter em si a alma de dois atletas sentenciados a se despedaçarem mutuamente. E, todavia, no meio dessa luta de titãs a que assiste o mundo com tamanha ansiedade, vereis que as forças abandonam a antiguidade; que no horizonte daquela cidade a um tempo de anjos e búfalos já refulgem as luzes núncias da universal concórdia, enquanto seus muros cor do crepúsculo, seus primitivos campanários, e seus altíssimos zimbórios vão protestando solenemente contra a violação dos sagrados direitos do Padre-Rei, sobre os quais convergem todos os raios dos seculares anátemas, como sobre

a proa das trirremes de Marcelo\* convergiam os raios do sol refletidos dos espelhos de Arquimedes\*.

De modo que a Roma antiga, a verdadeira Roma dos pontífices e dos arqueólogos, e a moderna capital da Itália vivem num doloroso antagonismo, que a simultaneidade dos acontecimentos transforma em traiçoeiro amplexo. A própria campanha romana parece repelir, como a algozes, o progresso e a civilização que pretendem modificá-la, e assiste indiferente ao duelo de morte entre a tradição, que a conserva intacta, e a profecia garibaldina, que lhe desvenda a própria fecundidade.

Aquele que do alto da cúpula de São Pedro olha para o lado do sul por cima da cidade eterna e dos montes albaneses, avista uma grande planície, que se estende desde a via Ápia até os “paludes pontinos”, à esquerda e um tanto acima das colunas de Tivoli os contornos dos Apeninos, à direita o Mediterrâneo. E aquele grandioso quadro em que estão reunidos três dos maiores objetos da natureza, a planície, a montanha e o mar, deixam-lhe na alma uma suave harmonia que ressoa saudosa enquanto lhe dura a recordação. Se, porém, demorar-se ali até a hora em que a friagem da tarde começa a precipitar os vapores para a terra, e a tanger os búfalos para os seus tugúrios, a impressão recebida antes de pôr-se o sol transformar-se-á profundamente. Nessa hora, o mar parece alongar-se desmesuradamente na direção do astro, porém vazio, sem ilhas, plano e aparentemente tranquilo como a superfície de um metal brunido. Ao sul vai-se tornando cada vez mais assombrosa a fatal planura, úmida e insalubre, semeada de toros de antigos aquedutos, e povoada de templos e túmulos pagãos, tudo em ruínas. Ao oriente o Apenino, escondendo o horizonte com sua cumeada de cor cerúlea e mesta. De modo que, dilatado por sentimentos gratos e suaves, começa o coração a confranger-se ante aquele espetáculo severo, aquela sombria variedade, aquela melancólica região por onde serpeia o Tibre,

região tão inimiga do homem, que quando se cobre com a clâmide solar só produz miasmas e febres em vez de frutos e boninas.

Nas sociedades modernas o artista ou o poeta é uma imagem de Roma: um complexo de orgulho e humildade, de luz e sombras, de aspirações e desenganos; um monumento que ergue as grimpas ao éter do espaço e esconde os alicerces no pó das estradas. Um anjo que canta com transporte os hinos do céu, enquanto arrasta pela superfície da terra a lira despedaçada nos combates com a miséria, porém mais que tudo é ele um venerando anacronismo.

Ciente de tudo isto, porém alentado pelo amor do belo, que cada vez ardia mais em sua alma, Agavino desceu da esfera que serve de base à cruz do zimbório, aonde pela primeira vez subira, e foi ver a Capela Sistina e as câmaras de Raffaello\*. Ora, quando um homem instruído e sensível entra no Vaticano, como que se apodera dele um grande espírito, como que lhe soa aos ouvidos um cântico indefinível; e ele caminha respeitoso, anelante, suspenso, como se o espetáculo das maravilhas que o rodeiam o desterrasse da realidade, e lhe enchesse de éter e luz o seio da consciência. É uma deliciosa vertigem, que dura enquanto dura o prodígio da perfeição. Por fim: a alma sente-se abatida, a sensibilidade exausta, a vaidade aniquilada. Aquela atmosfera vibrante, rarefeita, luminosa, é como a atmosfera das altas montanhas, que só convém às águias. Só essas outras chamadas águias da inteligência se comprazem nela, e podem receber sem fadiga os raios das deslumbrantes belezas em suas retinas de aço.

E era o ambiente que convinha ao nosso artista, o qual demorou-se na Capela Sistina até que os guardas pediram-lhe que saísse, à hora em que Pio IX\*, pela segunda vez no dia, passeava na sua esplêndida régia, de cujas galerias ilustradas pelo gênio de Raffaello abençoava a cidade eterna, já envolta no úmido manto do crepúsculo.

Daquele paço enorme, cujas câmaras sobem ao fabuloso número de onze mil, cujos magníficos museus encerram quanto há mais prodigioso entre os primores das belas-artistas, cujas tradições são a um tempo as mais formidáveis e as mais gloriosas, trouxe Agavino bem modificadas as suas ideias a respeito dos papas, e em particular do atual pontífice, cuja proteção às ciências, às letras e às artes liberais se parece tão pouco, em sua generosa munificência e em sua nobre modéstia, com o que a tal respeito imaginam muitos reputados políticos brasileiros.

Havia apenas chegado à hospedaria, quando lhe aparece um destes, natural de Cuiabá, a quem o acaso fizera ter notícias de Agavino. Que exclamações, que gritos, que hipérboles de alegria, quando viu o artista, não porque este o fosse, mas porque não tendo ele achado em Roma o ministro brasileiro (que costumava passar o verão na Suíça e o inverno em Túnis), encontrava afinal um homem a quem podia fazer-se compreender! O bom do burguês ficou gago, trêmulo, quase apatetado, tal era o contentamento em que o lançava a presença de um homem que podia servir-lhe de intérprete.

Começou a conversar. Estava assombrado da fealdade e da miséria das cidades europeias, do egoísmo dos seus habitantes, de tantas línguas que não compreendia (exceto felizmente o francês, dizia ele, se todavia lho falassem devagar); dos usos, a que não podia acostumar-se, e entre os quais avultava o de andarem os criados tão bem vestidos como os amos; das mesas, onde faltava-lhe o saboroso feijão e a deliciosa carne seca; da extrema etiqueta das hospedarias, em cujos salões não se tolerava o chinelo de tapete, tão cômodo para quem tem higrômetros nos pés; do aspecto lúgubre dos palácios, que nem ao menos eram caiados; da descortesia de todos, que nem ao menos o saudavam ao perpassar; e finalmente do pouco pudor do Pontífice, que consentia na nudez de estátuas que ele vira em lugares públicos, assim como na obscenidade das pinturas da Capela Sistina,

“pinturas muito ordinárias” e conforme lhe diziam, feitas por um certo Michelangelo\*, “sujeito bastante conhecido em Roma.”

A única cidade, a única onde passaria com prazer o resto da vida era Paris, por causa do “diabo das francesas”, e mesmo da boa mesa do hotel Camões, onde, a seu pedido, nunca lhe faltou a banana, a farinha de mandioca, e até o molhozinho de malaguetas... apesar do ar de mofa com que o serviam os moços da copa.

– Lá de pinturas – acrescentava o homem – não entendo, só uma, que vi em Haia, impressionou-me: representava um quarto de porco, umas cebolas e um garrafão caído... Mas tudo tão ao vivo, tão natural e tão próprio, que parecia estar falando! Cá, histórias de Pedro Botelho pintadas pelo tal Michelangelo... temos falado.

Agavino o escutava com a seriedade de um filósofo que ouvisse um camponês rude discorrer a respeito dos mistérios da natureza, ou clamar contra os erros da filosofia. Comprazia-se quase na companhia daquele homem chão, que lhe recordava o guarda da alfândega de Lisboa, e com a extrema doçura de sua palavra procurou ir persuadindo-o de que tal não era o modo conveniente de considerar a Europa, e maiormente as coisas de arte, que a par desses grandes defeitos – com tanta perspicácia notados pelo seu honrado interlocutor, e ainda sob muitos deles – estavam qualidades excelentes, que não convinha exagerar, mas também não era justo desconhecer, sob pena de se não compreender o que há grande e essencial no imenso trabalho da civilização.

– Qual civilização! – interrompeu o burguês – Fiquei horrorizado da decantada civilização europeia, desde que vi em Florença o povo de chapéu na cabeça dentro do batistério dos judeus!

Passou o sorriso pela face do moço ouvindo apelidar assim a magnífica sinagoga!

Na esperança, porém, de converter aos sentimentos estéticos a alma do compatriota, convidou-o para ir ambos no dia seguinte admirar São Pedro, São Paulo, o Vaticano, o Quirinal, os principais monumentos de Roma, enfim, cuja história conhecia, e cujas belezas lhe faria talvez compreender. E crendo despertar-lhe a curiosidade natural a todo o homem, mesmo pouco instruído, quando ouve celebrar os fatos que interessam à história, começou a contar-lhe alguns dos muitos sucessos que ilustraram as antiguidades mais venerandas da cidade eterna. Foi inútil: o homem estava horrorizado das ruínas de Roma. Tinha passado pelo Fórum romano e avistado de longe o vulto negro do Coliseu. Tinha-se mesmo deixado levar por um cicerone até o palácio onde estavam os *bonecos* de Michelangelo, e tanto lhe bastava para fazer ideia do resto. Voltar a Paris, a Paris! Era só o que desejava antes de regressar ao Brasil, onde estavam sofrendo com a ausência dele os maiores interesses do seu partido.

– Do meu partido unicamente – acrescentou –, que lá de pátrias é coisa que para mim não existe, desde que vi elevado a meu competidor em política o filho de um boticário!

Estas últimas frases geraram no moço o desejo de saber com quem tinha a honra de estar falando. O pejo derramou-se-lhe no semblante quando aquele pobre d'espírito disse-lhe ser nada menos que senador do Império!

Além disso – concluía este – era mister evitar o encontro do tal inimigo, perverso capaz de ensinar maldades a Satanás, e que nem usando de todas as artimanhas de Ignácio de Loyola\* pode levar-lhe a palma nas contendas eleitorais, de que dependeram os seus últimos triunfos.

A conclusão do diálogo foi-se protraindo até a hora do jantar, hora que se tornou aziaga para o paraibano, desde muito acostumado à polidez e ao decoro sociais. Assentados à mesa redonda de uma das mais frequentadas casas de pasto da cidade, tornaram-se desde logo, quer pelo tipo de ambos, quer pela

harmonia de sua língua, objeto da geral atenção, que os modos a um tempo acanhados e boçais do senador foram transformando rapidamente em viva curiosidade. Como outrora Zangão no banquete oferecido pelos areienses a Agavino, havia o cuiabano convertido em verdadeiro depósito dos restos das iguarias a toalha e o chão em torno de si. Vinho, ossos, cascas de frutas, folhas de salada, sal, pimenta, e até caixa e lenço de tabaco acompanhados de mal tangidos esputos, de tudo exhibia ele em seu lugar quanto bastava para dar aos comensais a ideia de que tinham diante deles não um senador brasileiro, porém um coroadado, um guaicuru, pela primeira vez saído da sua taba para assentar-se a uma mesa de gente educada. Agavino não sabia o que fizesse para recompor a fisionomia contraída pela vergonha, enquanto o seu compatriota continuava fleumaticamente a atrair a atenção dos circunstantes.

– O Brasil – dizia o cuiabano – é um país perdido. Quando morrer o Imperador aquilo há de ser retalhado em tantos pedaços quantos forem os pretendentes a regerem a república. Então é que os *progressistas* colherão o fruto das suas loucuras, entre as quais sobressai a de quererem suprimir a escravatura, como se fôssemos capazes de obter da terra um grão de café ou uma folha de fumo sem o apoio de um braço africano. – E continuou.

No seu conceito, o brasileiro era um ente privado de todas as energias que não derivam da pior das paixões: a inveja. Não podia ouvir louvar três vezes o próprio compatriota sem ímpar de raiva. Era por esta razão que ele senador só em último caso, estando fora do país natal, procurava os seus conterrâneos, fugindo deles como de insuportáveis intrigantes em todas as conjunturas em que o podia fazer. Para provar ao artista a sua benevolência, aconselhava-o a não travar relação alguma com tal gente, sob pena, se olvidasse o conselho, de expor-se a amaríssimos dissabores.

O paraibano dava graças ao céu não entendessem os estrangeiros semelhante discurso, digno complemento do espetáculo que acabavam de presenciar. E sem atribuir às palavras

do cuiabano maior importância do que a outras iguais que ouvira de seus patrícios em Paris, continuou a ouvi-lo atenciosamente, até que, recolhendo-se ao aposento, começou a refletir com tristeza nas consequências a que estaria exposto o país que fosse legislado por muitos políticos como aquele.

No dia seguinte, acompanhou-o ao caminho de ferro, onde a sorte depara-lhe o homem cujo encontro buscava o senador evitar, isto é, o coronel Bruno, seu antigo conhecido, que acabava de descer do trem, e a quem profundos desgostos políticos haviam quase expatriado. Foram juntos para a hospedaria.

Depois de conversarem largamente acerca das viagens de ambos, dos povos que haviam observado, dos objetos que haviam admirado, e de muitos outros assuntos dignos da atenção do viajante, começou o coronel a narrar, como a um fiel confidente, os tristes fatos que o obrigaram a ausentar-se da amada Pátria, talvez para sempre, ao cabo de 35 anos de serviço em que contava oito batalhas e três ferimentos.

Nas perspicazes observações do velho oficial, na sua admiração pelas artes, na expressão da sua saudade, bem como nas expansões do seu legítimo ressentimento pelas injustiças sofridas, achou Agavino outras tantas razões para ligar-se de funda amizade ao ilustre militar, tributando sincera admiração àquela nobre existência toda consagrada ao bem dos seus conterrâneos, e que o gênio do enredo conseguiu afastar constantemente dos parlamentos brasileiros, aonde a chamavam as necessidades da nação pela qual tantas vezes se sacrificara.

Assim, longe da Pátria, o acaso ainda proporcionava ao paraibano a contemplação dessas oposições, desse contrastar entre a ignorância e a abjeção premiadas, e a ilustração e o civismo perseguidos; como para lhe abrandar a saudade da sua terra natal, terra tão digna de amparar o talento e a virtude, e entretanto reduzida a servir de cenário a perpétuas injustiças.



**XXVII**  
**O TEMPLO DA ARTE**





Durante a ausência de Agavino, raro passou-se dia em que não fosse visitada a sua oficina em Paris. Havia um judeu, negociante de quadros e estátuas, que não passava semana sem lá ir. Os estudos em gesso, os esboços em argila ou em cera, e, principalmente, o grupo da donzela sustida nas asas dos anjos, encantavam-no. O homem comprazia-se em repetir que daria por aquele primor assim mesmo como estava, desbastado apenas, quanto lhe pedisse o autor. Este porém era o menos satisfeito com o próprio trabalho. Dotado de tanta modéstia quanto era brilhante o seu talento e completos os seus estudos, se já sentia-se diminuir notavelmente perante a própria consciência quando considerava a perfeição da *Vênus de Milo*\* e da *Diana a Caçadora*\*, que tantas vezes fora admirar no Museu do Louvre, como não devia sentir-se aniquilado diante de obras quais as de Sansovino\* ou Miguelangelo, cuja expressão, cuja vida, e cujas talvez meditadas desproporções lançam quem as contempla na mais singular perplexidade?

Apenas de volta em Paris, o artista empunhou de novo o cinzel e o maço, invocou as recordações de tudo quanto havia admirado nas suas instrutivas viagens, e começou a aperfeiçoar a grata imagem. E ei-lo restituído às santas lutas do pensamento, diante da sua criação predileta. Trabalha agora mais rápido, mais bem estribado nas suas próprias forças, e a inspiração, multiplicando-lhe os recursos imaginativos, fortalece-lhe o entusiasmo.

Pronta a tríada, todos os que a viram ficaram encantados: tal era a pureza das formas, o ritmo das linhas, a harmonia das proporções e do claro-escuro, que em todos gerava a mais entusiástica admiração. Pradier\*, Rude\*, e David d'Angers\* já não existiam. O velho Ingres\*, que o escultor brasileiro convidara para ir ver o seu trabalho, emudeceu enlevado em êxtase ante as imortais

figuras. Despertado daquela deliciosa embriaguez – em que o seu velho mas casto coração não ficou estranho aos efeitos da extrema beleza feminina –, o ilustre chefe da escola francesa abriu os braços e apertou o moço contra o peito, onde o forte palpitar mostrava quão profunda era a comoção causada pela imagem da mulher que Agavino amara. Desde esse dia, o modesto e sossegado laboratório tornou-se o ponto predileto de reunião de quanto havia inteligente e ilustrado na capital da França: artistas, amadores, literatos, tudo quanto admirava o talento de Ingres e as escolas idealistas, foi render homenagem ao gênio do brasileiro. Ao passo que ele, engolfado em pensamentos estranhos ao orgulho, corrigia os seus escritos, nos quais, em noites não dormidas, derramara larga cópia de saber e inspiração.

Um dia em que estava assim entregue àquele nobre exercício, bate-lhe à porta Antônio Braz, que parecia comovido. Trazia-lhe uma carta do judeu na qual este lhe oferecia cem mil francos pela estátua de Palmira, e logo esgotou a sua eloquência, para persuadir a Agavino que não havia bem equiparável à possessão de tamanha soma. O seu cálculo era ser portador dela, caso se efetuasse o negócio e confiasse nele o estrangeiro, coisas que no seu conceito não sofriam a menor dúvida. Mas Agavino abanou a cabeça e sorriu-se, respondendo a ambos que por dinheiro algum venderia aquele monumento elevado ao seu amor.

Entretanto, decorreram dois dias, e de novo bate-lhe à porta o falso possuidor de minas de brilhantes, mas desta vez acompanhado do rico negociante. Era este um homem alto e bem formado, britânico no aspecto, mas em cuja fisionomia estavam bem marcados os traços característicos de sua raça, e cujo nome não ignorava quem algumas vezes tivesse lido os catálogos de objetos de arte que se punham à venda no célebre Palácio Druot. Ora, se durante a ausência de Agavino, muitas vezes contemplara cobiçoso as formosas estátuas, agora, que as via concluídas, era natural que o seu desejo de possuí-las subisse de ponto.

– Cento e cinquenta mil francos – disse alisando a barba e olhando de esguelha para o artista.

– Eu sou um simples amador – respondeu-lhe este, – não esculpo por negócio.

– Pois dobre-se a primeira oferta: duzentos mil francos, e um verdadeiro triunfo na galeria Druot!

Antônio Braz estava ansioso, boquiaberto, e como enlevado na contemplação da plácida fisionomia do compatriota. Sua imaginação já havia espalhado sobre a mesa do trabalho as formosas notas do banco, e derramado os napoleões pelo soalho, ao passo que o negociante continuava a insistir.

Para convencer a este último de que não carecia trocar por moeda o seu trabalho, o artista abriu a pequena mala de viagem, tirou de dentro a bolsa onde guardava as pedras preciosas, e mostrou-lhe a soberba coleção.

– Na verdade – exclamou com pasmo o capitalista, – é preciso ter-se a mente tranquila pela posse de semelhantes primores da natureza, para poder-se fazer primores de arte como esta mulher e estes anjos!

Depois conversaram afavelmente, como entre próceres da fortuna. Falaram de viagens, de letras, das maravilhas da Itália, dos estudos e escritos de Agavino, das riquezas naturais da América e particularmente das do Brasil. E enquanto ambos se deleitavam em cortesias cumprimentos de despedida à porta do aposento, Antônio Braz voltou a este, murmurando haver esquecido a bengala. Daí a pouco saiu muito naturalmente, fumando o seu odoroso havana, e abotoando um magnífico sobretudo de peliça, de que usava.

Passados alguns segundos tornou Agavino ao quarto, fechou a mala, pô-la em uma antiga arca de carvalho entalhada que havia comprado em Veneza, e saiu até a margem do Sena, a ver se respirava o ar menos viciado que lhe trariam os sopros da tarde. Ao cair da noite foi à imprensa saber que sorte haviam duas obras que dera a

imprimir. O editor estava radiante de alegria a um canto da imensa oficina, onde brilhavam as luzes e gemiam as máquinas reprodutoras.

– Tanto o seu livro sobre a *flora brasileira* como o *Poema do precito* – disse-lhe afavelmente, – já foram lidos pelo nosso De Lamartine\*, o qual, principalmente ao *Poema* prenuncia o mais brilhante êxito. Estão quase prontos. Agora, o que é preciso é regularmos as nossas primeiras contas... lembra-se? É pouca coisa: despesas para o papel...

O homem referia-se a mil e poucos francos, que o moço obrigara-se a pagar-lhe logo que fosse em meio o trabalho.

– Não há dúvida – respondeu-lhe Agavino, – terá o prometido antes de findar-se a semana.

Passaram-se dois dias sem que aparecesse Antônio Braz. Estava talvez ocupado com algum trabalho destinado a ir atestar no Brasil o seu aproveitamento.

Entretanto, era necessário lançar mão de mais uma gema, e ir trocá-la por ouro. Agavino destinava para isso um grande topázio que colhera nas margens do rio Paraíba do Norte, e que poderia valer quanto lhe bastava para pagar a impressão dos dois escritos, e viver durante oito ou dez meses, singelamente como vivia. Vestiu-se para sair, abriu a arca onde guardava o que possuía melhor, abriu a mala de viagem, revolveu a roupa, e depois, com uma ansiedade progressiva, revistou as estantes, as gavetas onde tinha os instrumentos de trabalho, e em vão procurou minuciosamente o raro tesouro. Correu então ao porteiro da casa, aos mais próximos vizinhos, e contou-lhes o fato. O furto era evidente! Mas Agavino não ousava associar as ideias que lhe desvendavam o autor de semelhante infâmia, e tinha pejo quando se lembrava daquele a quem tão claramente acusavam todos os depoimentos da lógica e da memória.

O boato, porém, do atroz sucesso correu até a polícia, que embalde buscou o hipopótamo escultor, sobre o qual caíram logo as gerais suspeitas. O miserável tinha desaparecido!

**XXVIII**  
**OS FILHOS DA ALMA**





Convidado pela competente autoridade para esclarecê-la a respeito do misterioso furto, Agavino não acusou, antes defendeu Antônio Braz, cuja fuga repentina condenava-o, entretanto, com a evidência dos raios do sol. Disse-lhe que o seu compatriota, tempos antes, havia-lhe anunciando essa *viagem*, mas que distraído por outros pensamentos, ele Agavino não se recordava para onde a projetara.

No fundo de sua alma desprezava aquele péssimo colega, e estava firmemente convencido que não era outro o autor do crime, porém repugnava-lhe a ideia de denunciar um compatriota na terra estrangeira, e assim ministrar pretextos para que o nome brasileiro, então ridicularizado na Europa como sinônimo do de botocudo, fosse adquirindo acepção ainda mais injusta.

Volveu tranquilamente ao seu aposento. Era este na rua chamada do “Senhor Príncipe”, e no mesmo palácio onde há mais de três séculos morou o célebre escultor Jean Goujon\*. Palácio que dista pouco da Universidade das Ciências, da Escola de Medicina e da Galeria de Luxemburgo, onde estão as principais telas dos moderníssimos pintores de França.

Vendo-o passar tão sereno, o porteiro – um velho soldado de Napoleão I que já lhe conhecia a grandeza do ânimo – levantou-se da poltrona e fez-lhe uma profunda reverência. Através daquela externa placidez o homem via toda a profundidade das antigas mágoas. Exceto ele, ninguém ou quase ninguém acreditou na desgraça do moço, inclusivamente as autoridades policiais, que estavam acostumadas a ver as visagens e os ademanes veementes das pessoas que efetivamente haviam perdido algum tesouro.

Mas a dor de Agavino era como o leito de lago profundo, que raramente se reflete à superfície.

Entretanto, pôs-se ele a pensar na sua nova situação. Achava-a triste, mas não desesperada, porque era moço e sobrava-lhe coragem. A única coisa que lhe pesava realmente era ter prometido pagar ao editor dos seus escritos antes do fim da semana, e o penúltimo dia desta já estava a expirar. Nesta conjuntura não era possível ter-se orgulho. O artista dirigiu-se ao plenipotenciário do Brasil, um estrangeirado aristocrata a quem a Nação parecia pagar para que a desprezasse, e que à força de lisonjear com jantares e outros obséquios figurões brasileiros que passavam, e adular príncipes estrangeiros influentes ou bem aparentados, ia se conservando no seu importante emprego, a despeito das conveniências políticas e do decoro nacional. Não lhe pode falar, nem de uma longa carta que lhe escreveu obteve resposta. Sua Excelência estava sobremodo atarefado com a correspondência oficial, segundo afirmava, e durante quinze dias, pelo menos, não lhe era possível atender à coisa diversa. De modo que Agavino teve que desistir da sua triste pretensão, persuadido de ter passado por algum desses velhacos, que costumam em seus frequentes apertos recorrer aos respectivos representantes.

Ia transpondo os umbrais da antiga residência de Jean Goujon\*, e cogitando no modo de sair de tão apertado passo, quando encontra o médico italiano, que, ciente de quase todo o ocorrido, propõe-lhe a compra da propriedade *absoluta e total* dos escritos que estavam no prelo. Pastor era versado na língua portuguesa, e podia, se o quisesse, traduzir em verso o *Poema do precito*, – o que, porém, titilava-lhe a cobiça era a *Flora brasileira*, escrita em francês, e cheia de ideias novas e interessantíssimas observações.

Agavino costumava olhar de frente para as pessoas com quem falava, porém desde esse momento não pode mais encarar como d'antes aquele que tantas vezes censurara em sua presença

os maus sentimentos de Antônio Braz, não se pejando agora de dar-lhe uma tão triste ideia dos seus próprios. Pungia-o considerar que o seu antigo afeiçoado era filho daquela nobre Itália, cujos encantos pareciam-lhe deverem inspirar às criaturas nascidas no seu regaço o sentimento do generoso e do justo, mas resignava-se com a convicção de que a alma e o coração humanos, excetuadas as diferenças resultantes do temperamento e do caráter, são os mesmos por toda a parte.

O doutor era inteligente, porém pouco instruído, e de uma inexcedível vaidade no que tangia à sua reputação de médico ilustrado. No mais só o entusiasmo pelas artes e pelas letras da sua terra, e uma certa veemência no exprimir-se, assaz comum aos habitantes dos dois extremos opostos da península, distinguiam-no de qualquer vulgaríssimo burguês. Declarava que não era rico, e por isso não podia usar da munificência do capitalista judeu para com o autor dos escritos. Mil francos era quanto podia dar.

Por essa soma ínfima, mas suficiente para salvar o crédito de sua palavra, trocou Agavino os dois primeiros frutos sazonados do seu engenho e do seu saber. A honra foi satisfeita, porém ele sentiu pela primeira vez quanto dói a perda de um filho gerado no seio da alma!

No dia seguinte, embolsava o editor a quantia prometida, e o doutor Pastor substituía o seu nome ao do artista, já impresso no frontispício de cada tomo.

A pressa que presidiu à resolução de Agavino fê-lo depois refletir, que um pouco menos de precipitação, um pouco menos de amor próprio talvez, ter-lhe-ia permitido ceder as suas obras ao livreiro, sem vantagens pecuniárias embora, mas ao menos salvando-lhes a paternidade. E esse pensamento tornava-lhe a sua perda ainda mais inconsolável. O próprio médico comoveu-se, e consultando os chamados *espíritos*, estes lhe disseram que fosse propor ao artista a anulação do negócio. Era a voz do remorso que lhe inquietava a alma, ainda não acostumada

aos seus assombrosos brados. Mas a resposta do brasileiro foi que nenhum nome honraria mais que o do doutor Pastor o frontispício daqueles pobres opúsculos.

Acolhidas estas palavras com a ânsia de uma consciência frouxa, que se contenta da tranquilidade da sua superfície, quis o médico distraí-lo com a narrativa de quanto haviam predito os espíritos acerca da apertada situação de Agavino e dos atos praticados por Antônio Braz. E a lembrança de que fora o doutor Pastor quem primeiro o avisara do mau caráter do seu compatriota, excluiu do coração do brasileiro todo o ressentimento gerado pela inqualificável fraqueza daquele que não hesitara firmar o próprio nome no alheio escrito.

Não obstante estar então muito em moda o espiritismo nos salões parisienses, Agavino não acreditava nele. Achava que toda a doutrina *espírita* laborava sobre uma hipótese: a existência de seres incorpóreos soltos, intervindo nos atos da vida humana, coisa que nenhum exame, quer experimental, quer psicológico, tornava digno do crédito do homem acostumado às convicções científicas. Mas se por um lado julgava desnecessária a hipótese, por outro acreditava na possibilidade dos fatos, pela maior parte extraordinários, que a tinham motivado, e que nem a filosofia, nem a ciência a mais positiva poderiam negar.

Continuando a ouvir com a maior atenção as revelações do doutor Pastor, sentiu bater mais forte o coração quando percebeu que o italiano sabia da sua historia. Inflamou o brilho dos olhos, conchegou-se mais a ele, e instou para que continuasse.

– Foi tudo quanto pude colher de Galileu, que habita atualmente o planeta Júpiter – acrescentou o médico. – O mais é um segredo importante, um segredo de amor, que aquele grande espírito declarou só revelar na vossa presença.

– Segredo de amor! – disse sorrindo-se o artista. – Que amores estará imaginando a alma de Galileu?

– Não zombeis, que o caso é talvez mais sério do que cuidais. Quando o *médium* acabou de escrever, a mão tremia-lhe convulsa, e a força dos dedos encrespados fez o lápis estalar em rachas. Depois pôs-se a chorar e não quis mais responder.

As histórias de estalos, suspensões, luzes e revelações espontâneas acompanhadas dos mais estranhos fenômenos constituem para os espiritistas um complexo de doutrinas, cuja solidez, estribando-se em fatos repetidos, irrecusáveis, atestados por centenares de adeptos, e em princípios aceitos *a priori* e *a posteriori*, tornam-se incontroversos, axiomáticos. Por isso não se atrevia Agavino a opor a mínima objeção à realidade do sistema, limitando-se a perguntar ao doutor Pastor se o espiritismo já havia descoberto meios eficazes de apreciar o grau de sinceridade de cada *médium*, porque, dizia, a que montariam as revelações daquele que, tentando zombar da nossa boa-fé, nos fizesse joguetes da própria credulidade?

O médico respondeu-lhe simplesmente:

– Para prova de que a consciência do *médium* de que se trata merece a mais absoluta confiança, vede e lede esta comunicação escrita por ele na véspera de vossa chegada da Itália. É a resposta à última pergunta que lhe fez um circunstante.

Agavino começou a ler. O papel rezava assim:

Não, sua idade não excede a 33 anos. A cor encanecida do cabelo quer dizer que sofreu muito aquele que em breve...

– Mas, santo Deus! Para que dei-vos a ler este papel? – interrompeu o médico forcejando para tirar-lho da mão.

– Por favor, deixai-mo ler, deixai-me acabar...

que em breve cessará de sofrer por amor de Palmira, mulher que ele ama. O mais só lho revelará outro espírito, e há de ser na sua presença. – Galileu.

– Pois bem – continuou Agavino –, eu quero assistir a uma conferência espírita.

A expressão da sua fisionomia e as inflexões de sua voz exprimiam bem os sinistros rumores que em sua alma começavam a pressagiar-lhe novos infortúnios.

XXIX  
A FILHA DO AMOR





Na noite do dia seguinte achava-se Agavino em casa da senhora Blackwel, ilustrada autora da *Philosophy of re-incarnation*<sup>5</sup>, onde interrogou o *médium* – um jovem norte-americano de compleição débil e ar místico – a respeito do seu passado.

Em termos mais ou menos vagos para a generalidade dos circunstantes, porém concisos para o brasileiro, foi o *médium* escrevendo tudo exatamente, como se um espírito profético movesse-lhe a destra, visivelmente trêmula e contraída.

– E por que vim eu à Europa? – perguntou-lhe finalmente Agavino, curvando-se sobre a mesa para melhor ver o singular manuscrito.

A mão do mancebo continuou:

Porque vil inimigo fez-te crer que aquela por quem vivias era morta...

Os cabelos de Agavino arrepiaram-se de súbito, seus joelhos vergaram, e todos os que estavam presentes viram formar-se-lhe sobre a cabeça uma auréola de fogo, tendo um formoso lírio entre os raios que desprendia.

– Por quem é, continue! – murmurou em voz trêmula, enquanto pela sala rumorejava o espanto e o terror.

O *médium* prosseguiu:

E tu te ufanarias, de certo, se soubesses quanto o seu coração batia por ti quando desenhaste o seu retrato na tua cela de louco, quando descreveste a sua imagem divina no teu poema, e ainda quan-

---

5 *Filosofia da reencarnação.*

do esculpiste a sua estátua na solitária oficina. Durante o trabalho errava-te a imaginação em busca...

– Mas falai-me dela, dela somente!

Sempre fiel, sempre pura, arrastou de dia em dia e de hora em hora o lenho do sacrifício, até o momento em que, crendo-te também finado, encerrou-se no santuário das sublimes virtudes como em mortalha de virgindade, esperando das mãos do Altíssimo a sua coroa de mártir.

– Mas é morta, ou viva? – atalhou ansioso Agavino, cuja tez se tinha descorado qual a de um cadáver.

Vejo-te sobremodo perturbado. Aquieta-te, reza, e pede a Deus forças para poderes superar as comoções ainda mais fortes por que terás de passar.

O artista ajoelhou, e depois de orar levantou a cabeça e tornou a perguntar ao *médium*:

– Mas ainda vive?

Não to direi. Amanhã, pela volta da Ave-Maria, vai tu ao Liceu de São Luiz, e procura sabê-lo de dois moços do teu país, que ali estudam e poderão falar-te a essa hora. Um deles chama-se Carvalho, o outro Barreto. Adeus. Radamina.

Com imenso esforço levantou-se Agavino. Olhava fixo para o *médium*, estava trêmulo e mortalmente frio. Todos o cercavam de perto e tinham no rosto estampadas a compaixão e a simpatia.

No dia seguinte, à hora indicada e sem confessar a própria identidade, falava com os dois estudantes brasileiros, que lhe contaram a maior parte da antiga história dele, porém às avessas, isto é, conforme a tinham ouvido de pessoas da Paraíba. Nessa história figurava o areense como uma espécie de judeu errante, de

gênio maldito, cujo rasto de sangue gerava o incêndio e a morte, e cujo bafo empestado afugentava a virtude das matronas, e poluía a virgindade das donzelas.

– Uma das que ele desgraçou, consta-me que ainda vive – disse-lhe um dos moços, – a Palmira.

– Lembro-me dessa – acrescentou o outro; – é aquela a quem o Daniel dedicou uns versos intitulados “a Estrela despenhada”. Não te recordas?

– E o sedutor? – perguntou Agavino.

– Fugiu com medo que o processassem por esse e outros crimes.

Era tudo quanto sabiam.

Sem trair o abalo causado por semelhantes palavras, despediu-se Agavino dos seus jovens patrícios, e resolveu-se a regressar imediatamente à terra natal. Esperançoso, sentindo reavivar-se-lhe na alma a antiga fé na misericórdia divina, tornou à casa, acendeu a lâmpada do trabalho, e pôs-se a contemplar comovido a filha ideal do seu amor: a estátua de Palmira.

Pareceu-lhe que o mármore lhe sorria, que dos olhos ensombrados pela escassez da claridade partia o doce olhar da donzela no momento em que contempla o objeto do seu coração. E que da boca entreaberta, onde tremulava o clarão e as sombras do lume, exalava-se o hino do amor, ou ainda soavam os doces protestos da adolescente Palmira proferidos no saudoso pomar.

Banhada na luz lânguida e ligeiramente rósea, a incomparável figura parecia ter naquele instante despertado de um sono dormido nas asas dos anjos que a arrebatavam. – Não, tu ainda não morreste, não é assim? – exclamou ternamente o artista. – Tu não és só imagem, mas a cândida e loura realidade da minha vida, o orvalho da minha noite de insônias, e a alegria do meu despertar. Tu ouvias a minha voz enrouquecida pela dor, e vias o meu rosto abatido pela desesperação... e te animas agora, e palpitas, e sorris, para que essa dor e essa desesperação

se transformem em consciência de uma ventura sem igual. Pois vem, minha amiga, meu poema, tesouro dos meus afetos. Vem transfundir neste coração quase extinto, e nestas veias quase congeladas, a seiva da tua puríssima existência, e a beleza do teu angélico amor.

E os lábios de Agavino uniram-se com volúpia àqueles lábios insensíveis e mudos. Mas sua boca, que apertava a boca da estátua, e seu peito, que se justapunha ao peito dela, e seus braços, que cingiam-na com o entusiasmo do arrebatamento, sentiram prestes a frieza do mármore, e o artista voltou do sonho à realidade.

A hesitação não era mais possível: necessário tornava-se-lhe aceitar a proposta do israelita: trocar por ouro a formosa imagem, despedir-se dela, e com o produto de sua venda regressar à saudosa Pátria, onde o incessante progresso teria talvez modificado a índole dos homens e das instituições; ir finalmente à sua querida Areia, onde a Providência lhe reservava sem dúvida gozos proporcionados a tantos sofrimentos, e o prêmio condigno de tão inextinguível perseverança.

Os sonhos da noite foram-lhe festivos como os da primavera da vida. Ao romper da alva ele já estava de pé, impaciente, à espera da hora em que a aristocracia do dinheiro costuma levantar-se, para receber a homenagem e o tributo dos seus inúmeros vassalos.

Ao meio-dia achava-se nos suntuosos aposentos do judeu, e expunha a este a causa que o obrigava a aceitar o seu último oferecimento pela estátua de Palmira. Quer, porém, a mais elementar das regras de economia política, que o valor pecuniário de um mesmo objeto dependa da condição relativa de quem o vende e de quem o compra, e, como na vida ordinária, a coisa oferecida valha dez e cem vezes menos do que a coisa desejada.

O negociante ouviu-o com a impassibilidade de quem ouve uma história velha, respondendo-lhe em seguida que, deveras,

apreciava muito aquele trabalho, mas depois de bem refletir achara que, representando uma alegoria toda mística, um sujeito elegíaco, e de algum modo individual, vender-se-ia dificilmente em sua loja. Razão porque não lhe convinha agora dar pelo grupo mais do que dez a doze mil francos.

Pela primeira vez arrependeu-se Agavino de ter usado de tanta franqueza para com um mero especulador, mas logo acudiram-lhe as reflexões dignas de um homem da sua têmpera: doze mil francos chegavam e sobravam para ir ele à sua terra natal; e o judeu repetia que mais nem um soldo. Além disto, não havia rêmoras possíveis diante da ideia que toda a tardança em partir podia ser-lhe fatal.

Cedeu!

Às duas horas da tarde, vieram os carregadores especiais, puseram a sublime figura em cima de um forte carro puxado por dois cavalos robustos e ágeis. E o desditoso estatuário viu deslizar-se serenamente pela rua até desaparecer ao longe, suspensa nas asas dos anjos e acompanhada da multidão extasiada, aquela cândida imagem do seu casto e puro amor, aquela filha diletta da dor e da saudade, cuja beleza durante anos e anos povoara-lhe a alma e o coração na solitária oficina.

O Judeu não quis que a cobrissem durante o longo trajeto, para que todos a vissem, e perguntassem quem era o proprietário de tão extraordinário primor.



XXX  
DESTINO...!





Cuidará talvez o leitor, que, impaciente por tornar a ver o objeto dos seus sonhos, embarcou-se Agavino no primeiro vapor da Real Companhia Inglesa que estava a partir para o Brasil, desembarcou em Pernambuco, e foi à Areia, onde a Providência lhe reservava o prêmio de suas virtudes, e as excelsas consolações que merecia aquela grande alma pungida das dores extremas. Que satisfeito, sossegado, achando enfim na possessão da mulher amada a suprema ventura do homem que tanto sofreu por ela, do homem que transformou a paixão em virtude, e o mais vulgar afeto do mundo em evangelho de perfectibilidade, passou ele o resto da vida unido ao casto e puro objeto do seu amor, restaurando em si as assoladas crenças, reconciliado com os homens, amado na sua Pátria, servindo-a, e findando seus dias no seio da bem-aventurança doméstica, com os olhos fitos na face enternecida da esposa, ou no semblante risonho dos filhinhos.

Nesse caso, teria encontrado uma novela geralmente aceitável, adequada às ideias de certa gente beata e contente, um romance honesto e, como se costuma dizer, edificativo, desses em cujo remate é manifesta a confirmação – tão cara aos literatos satisfeitos de si mesmos – daquele axioma que pretende transformar toda e qualquer obra deste gênero em catecismo de moral, para uso das crianças de má índole, das velhas arrependidas, ou mesmo dos homens sem consciência.

Mas nesse caso teríamos escrito uma patranha, e esta narrativa perderia o seu verdadeiro caráter: a fidelidade histórica. Ora, comemorando fatos reais sucedidos em grande parte na presença de numerosas testemunhas, ela só se afasta deles no

que tange a algumas datas que aproximamos para maior clareza da exposição, a alguns casos que transmutamos por motivos semelhantes, a alguns nomes que substituímos para não ferir suscetibilidades, alterações levíssimas, que lhe não apagarão nunca o cunho de uma história verdadeira, de uma inartificiosa fotografia.

Escrita assim, fiel e ingenuamente, como é feita a imagem daguerreotípica – que embora abstraia do colorido e, muitas vezes, represente o retratado sem a sua expressão característica, nunca deixará de ter um fundo essencialmente sincero –, estas páginas terão sempre o incontestável mérito de confirmar, como um documento irrevogável, aquela profunda máxima dos moralistas assalariados, máxima que, reduzindo a sociedade a um cenário de títeres – em que tudo se move conforme a vontade de quem traçou o programa do espetáculo, – nos prega que, sempre justa e imediata, a divina Providência nem um momento, sequer, desampara os infelizes que carecem dos favores contidos nos seus irresistíveis decretos.

Na época dos sucessos até aqui narrados, já existia uma boa linha de navegação a vapor entre a Inglaterra e o Brasil, porém essa não tocava em França, onde por esse tempo ainda não havia coisa igual. Mas dar volta pela Inglaterra, gastar inutilmente, e perder tempo esperando ainda uma semana ou mais para navegar, fora sacrifício demasiado penoso: Agavino preferiu embarcar em um magnífico vapor sueco, o *Estrela polar*, que, conforme rezavam os cartazes, partia do Havre para Pernambuco, dois ou três dias depois de ter ele recebido os doze mil francos.

Em caminho para a estrada de ferro avistou, escoltada de admiradores, a estátua de Palmira, que era levada em direção diversa. Uma indizível saudade daquele pedaço de mármore, que tantas vezes o tinha consolado no meio das suas aflições, fê-lo descer da carruagem e inquerir do novo destino da sua obra. Ia esta para o cemitério do Père-Lachaise, adornar o túmulo de

certa donzela, filha de um ilustre fidalgo espanhol, com o qual antecipadamente se havia entendido o rico negociante acerca do valor da estátua, que ambos assentaram em cento e cinquenta mil francos.

O bom do homem a quem Agavino se dirigiu, isto é, o próprio possuidor do saudoso simulacro, se adivinhasse com quem falava, teria poupado ao autor da deslumbrante figura o desprazer de semelhante informação. O artista agradeceu e partiu.

No outro dia, dobrava o Cabo de la Hague, passava por centenares de navios espalhados pelo mar da Mancha e pelo golfo de Biscaia, e entrava no oceano Atlântico, caminho da proeminência mais oriental do continente sul-americano.

A estação era a melhor do ano para se atravessar o mar. Os dez primeiros dias de navegação passaram-se serenos e risonhos, e nada fazia pressagiar o mais ligeiro acidente no decurso dessa viagem, que tornavam a mais amena possível os bons companheiros de bordo, com suas danças e folguedos próprios para iludir o aborrecimento inseparável das longas travessias. Quis, porém, a fatalidade que, por uma noite borrascosa e sem luar, em que já se começava a sentir o perfume das costas pernambucanas, fosse tão grata bonança transformada em angústias para os passageiros e tripulantes do *Estrela polar*.

Trazia este aceso dois dos seus lumes obrigatórios, mas o terceiro – um dos fanais corados pelos quais se reconhece à noite e a distância o que é direita e esquerda de um navio a vapor – fora extinto e atirado ao mar por uma onda, não havendo a bordo senão uma pequena lanterna da mesma cor, com que poderia ser substituído. Além desta gravíssima circunstância, velava pelo comandante o seu imediato, inábil oficial de marinha mercante, cujo insuportável orgulho o tornava intratável, e que por única virtude tinha uma descomunal temeridade. Defeito e qualidade conspiraram com as causas independentes da vontade humana, para perder a ele e aos seus companheiros nessa terrível noite, em

que, por volta de uma hora da madrugada, foram vistos do vapor lumes de outro navio que parecia aproximar-se-lhe rapidamente.

– Mande acender a lanterna verde, senhor imediato – disse-lhe o contramestre, – que aquele vapor investe conosco por não saber, talvez, em que direção navegamos.

– É melhor que vá dormir – respondeu-lhe enfadado o oficial, – não sou cego nem marinheiro de primeira viagem.

Vendo aumentarem rapidamente o brilho, a altura, e a distância relativa das luzes do vaso inquietador, o contramestre achou prudente descer à câmara do capitão e avisá-lo do caso.

– Desvie o navio à esquerda! – gritou ao imediato o experiente marinheiro, olhando pela luneta do camarim e vestindo-se rapidamente. – Meu Deus, estamos perdidos!

– O leme à esquerda! A máquina para trás à toda a força! – bradou o imediato.

– O leme está todo à esquerda! A máquina recua quanto pode! – responderam em altas vozes o piloto e o maquinista, enquanto muitos passageiros despertavam assustados com o rumor que isto produzia.

Não houve tempo de evitar a catástrofe. Dez segundos não tinham decorrido depois de começar esta extrema e enérgica manobra, quando já no costado do vapor penetrava a proa de vaso muito maior, isto é, da nau inglesa *Alligator*, e o fazia desaparecer na voragem. Foi coisa de poucos instantes. Jaz hoje perdida a notícia circunstanciada das peripécias que então contemplaram os tripulantes da nau. O seguinte fragmento, porém, que encontramos estampado no *Diário do Almirantado Inglês* daquela época, bastará para dar ao leitor uma ideia da parte que nessa terrível tragédia marítima representou o vaso investidor. É devida ao punho do comandante da nau.

Era mais de meia noite. Navegávamos de sul a norte paralelamente ao extremo boreal da costa de Pernambuco, e já havia-

mos chegando ao ponto em que se bifurca a corrente equatorial quando, a distância de poucas milhas daquela costa, avistamos à nossa proa duas luzes postas em alturas desiguais, das quais era branca a mais alta e vermelha a outra. Julguei-as, a princípio, de uma embarcação à vela, mas essa suposição foi prestes convertida na certeza de termos diante de nós um vapor, cuja direção nem eu nem os meus oficiais pudemos de pronto reconhecer. A noite era procelosa, e a desigual densidade da atmosfera não nos deixava deduzir distâncias da maior ou menor clareza dos objetos que avistávamos, ao passo que a oscilação das ondas não nô-lo permitia facilmente da altura relativa das luzes. Temendo uma colisão, mandei desviar a nau, porém inutilmente, porque era quanto os marinheiros executavam as minhas ordens interpôs-se-nos um aguaceiro tão copioso, que por uns minutos as luzes desapareceram completamente, e quando tornaram a ser vistas estavam tão perto, que qualquer manobra para evitar um abalroamento fora impossível: já tínhamos o malfadado vapor atravessado diante de nós, e à distância de poucas braças. O que devia acontecer aconteceu: uma pancada da minha nave partiu-lhe o costado, e o fez soçobrar rapidamente. Gritos aflitivos, fragor das águas despenhando-se nas fornalhas acesas, estrépito de uma grande construção naval que se desloca, tudo foi obra de um instante; porque o lenho sumiu-se com a velocidade de um cadáver lançado ao mar tendo uma bala de artilharia amarrada aos pés.

Mandei recuar a nau para libertá-la do vórtice produzido na superfície da água pelo vácuo que forma a submersão rápida de um navio, e só obtive esse resultado à custa do esporão da *Alligator*, e da vida de três marinheiros arrastados às ondas pelo cordame do vapor submerso, que havia alastrado uma parte do nosso castelo de proa. Feita essa manobra, que ainda nos custou outros sacrifícios, por se achar a nossa âncora maior encravada no cavername do vaso naufragado, deitei ao mar todas as minhas lanchas, e mandei procurar os naufragantes. Havia poucos. De 186 passageiros, pela maior parte emigrantes suecos, hamburgueses e franceses, só se encontraram dezoito. Os mais não sobreviveram à fatal abordagem, e de entre estes, muitos, porventura, nem talvez dela souberam.

Julgando impossível a existência de vidas humanas entre os destroços que rolavam sobre as vagas, mandei tocar a máquina, e segui o meu rumo com a consciência tranquila e a nau precisada de alguns reparos. Da inquirição que imediatamente ordenei, e do quase unânime depoimento dos escapos, resulta a certeza de que a bordo do vaso perdido não se observavam os regulamentos náuticos, com tamanha sabedoria propostos a todas as marinhas do mundo pelo governo de Sua Majestade Britânica.

Concluirei, lastimando não poder assinalar à augusta atenção da Rainha um naufrago brasileiro que, segundo o testemunho de muitos outros naufragos e dos meus marinheiros, fez prodígios de valor para salvar uma família inglesa composta de uma viúva com duas filhas, que recolhi a bordo da *Alligator*. Tentando ainda salvar uma criança – única pessoa que dela perecera – o infeliz desapareceu finalmente.

JONATHAS HUTTON.

XXXI  
OÁSIS





Apenas alumiados por três archotes úmidos e em parte molhados do mar e da chuva, e sequiosos de se libertarem das contingências e perigos da arriscada pesquisa, abandonaram os marinheiros da nau *Alligator* demasiado cedo o lugar do sinistro, sem curar de examinarem todos os pontos do mar nos quais boiavam em desordem os restos do vapor soçobrado. Na conjuntura mais angustiosa do mundo, e enquanto o comandante do grande vaso de linha “seguia o seu rumo com a consciência tranquila”, esforçava-se ainda um homem para salvar uma criança. Era Agavino.

Expliquemos este fato, começando por algumas circunstâncias que o precederam.

Assustado pelo aproximar-se das luzes que se avistaram do vapor sueco, havia-se o artista levantado, vestido, como se previsse inevitável um acontecimento funesto. E antes mesmo de ouvir vozes anunciadoras de um eminente desastre, acordou os companheiros mais vizinhos.

A esta circunstância deveram muitos, apesar de terem-se rido dele, a própria salvação. Com o pouco ouro que trazia atado à cintura, foi arrojado ao mar d'envolta com uma multidão de objetos e gente, cujas formas era impossível distinguir na escuridão da noite, ao espadanar das vagas fosforescentes, ou mesmo à luz instantânea dos relâmpagos. Depois de bracejar vigorosamente para evitar o embate desses destroços revoltos, esquivando ao mesmo tempo a convulsiva fúria dos que se criam perdidos, conseguiu lançar as mãos a um banco que boiava, e servindo-se dele como de um aparelho de salvação, ajudou a recolher às lanchas as senhoras

inglesas a que aludia em sua narrativa o capitão da nau, as quais, para escaparem à morte, haviam-se aferrado às varas de uma capoeira de porcos da Normandia, vítimas assim utilizadas da espantosa catástrofe.

Impacientes de se porem a salvo, já remavam rapidamente para a nau os marinheiros, quando uma voz aguda e pungente despertou a atenção do brasileiro. Reconheceu-a: era a do filho da viúva, lindo menino de nove anos com quem ele se comprazia em brincar todos os dias, e cuja mãe jazia na lancha, quase inanimada.

– Salvemos aquela criança! – gritou Agavino.

– Pelo amor de Deus! – exclamou a pobre mulher despertando da prostração – Salvem meu filho!

Os remadores voltaram lentamente para o ponto assinalado, porém quando ali chegaram nada mais ouviram, ou porque tivessem os gritos cessado, ou porque fosse impossível distingui-los do estrépito produzido pelas vagas que se quebravam, pelo vento que mugia, pelos destroços que se despedaçavam, e pelas lamentações dos que acabavam de perder algum grande bem.

– À nau! – bradou o cabeça da pequena companhia de marinheiros.

– Ainda ouço gritos! – disse Agavino.

– À nau! – repetiu com maior força o piloto. – Eis o tiro de peça que nos chama!

E enquanto a viúva suplicava desesperada que não abandonassem o filho agonizante, o batel seguia o seu caminho, curando apenas de vencer os obstáculos que se lhe antepunham. Então travou Agavino de um dos salva-vidas que havia na embarcação, passou-o ao peito, e atirou-se ao mar gritando aos marinheiros: – Pelo amor da Rainha Vitória, esperai-me um instante!

Acostumados a esses dramas do mar, pararam a custo, como se o fizessem por mera veneração ao nome da soberana, e depois de assim estarem durante dois minutos, continuaram a

remar, persuadidos de terem provado demasiado a um louco até onde chegava a complacência britânica.

Não os viu mais Agavino. Com o aparelho passado por baixo dos braços e o menino imóvel em cima deles, cansado e quase exausto, o infeliz não tinha mais voz nem movimentos com que pudesse implorar socorro. Resignado a ficar nessa horrenda situação, sem rumo nem esperança até que raiasse o dia, acerrou-se entretanto com dificuldade a uma larga prancha, na qual, valendo-se das últimas forças que lhe restavam, subiu com o pequeno.

O seu primeiro pensamento foi reanimar este. Deitou-o do lado direito, desabotoou-lhe as vestes e fricionou-lhe o peito: era o que podia fazer naquela miseranda conjuntura, em que a água embebida nas roupas e a friagem da madrugada, explicavam, talvez, tão prolongada suspensão de todas as manifestações vitais, depois do esgotamento da energia nervosa produzido pelos sustos da tempestade e o assombro do naufrágio. O dia não tardou em desiludi-lo. A pobre criança tinha as mãos e os pulsos cortados de talhos profundos, e estava rígida. Todo o esforço de Agavino para salvá-la fora inútil, e ele teve afinal que restituir ao oceano aquele delicado fardo, que tantos sacrifícios lhe custara, e que os raios do sol desse mesmo dia já começavam a putrefazer!

Entretanto, a tempestade amainara, e o mar começava a readquirir o seu aspecto de solene monotonia. Arrancando uma das travessas do pranchão e servindo-se dela a modo de remo, aproximou-se de um objeto metálico que a certa distância refletia os arrebóis da manhã, e colheu-o à incômoda embarcação. Era uma caixa de biscoitos suecos perfeitamente intactos. Deus parecia, enfim, amercear-se do desgraçado, que só então lembrou-se do dinheiro que levava à cinta, e cujo peso o ajudara a equilibrar-se nas ondas quando vagava sobre elas com a criança em cima dos braços.

Depois de orar no íntimo de sua alma, começou a remar para o oeste, certo da direção das terras do seu país, as quais, posto

julgasse próximas pela cor verde-clara das águas, ficavam-lhe ainda invisíveis dentro dos vapores matutinos. Dissipados estes pelo calor do sol, aparecera-lhe elas risonhas e atraentes, qual verdadeiro manto de afagos e carícias lançado por mãe amorosa ao filho que torna de uma longa e desastrosa viagem.

Parecia-lhe poder alcançá-las naquele mesmo dia, tanto afiguravam-se-lhe vizinhas, e tal era a energia com que remava. A corrente marítima, porém, que desviava rapidamente para o sul a sólida jangada, recuava cada vez mais o momento de aportar, fazendo ao mesmo tempo como que derivarem as costas em sentido oposto. Foi então que resolveu-se a deitar ao mar o cadáver que lhe servia de companheiro, ficando inconsolável por não poder sepultá-lo na terra brasileira.

Nessa situação estive o naufrago durante cinco dias e quatro noites, sustentando-se de biscoitos e da água proveniente das chuvas e do sereno, com dificuldade colhida na folha de flandres ou nas roupas embebidas de sal.

Finalmente, depois de fazer esforços inauditos para continuar a remar com a tábua áspera e tosca que arrancara do rudimentar batel, e já lhe havia ferido as mãos, foi parar a uma praia chata e selvagem, não muito longe do lugar onde pela primeira vez aportaram no Brasil os portugueses.

Era-lhe impossível saber ao certo em qual província estava, em qual direção devia caminhar para mais depressa encontrar alma viva com quem conversasse. Caiu a noite. Extenuado deitou-se, e pode dormir sono profundo durante muitas horas. Quando acordou tinha a face dorida das ferretoadas dos mosquitos, e o corpo crivado de pontos salientes quase imperceptíveis à vista, porém tão dolorosos que lhe causavam verdadeira desesperação. Eram os carrapatos da restinga. Foi um sofrimento terrível o ter que esperar a completa claridade do dia, para poder arrancar um a um os insuportáveis insetos, cuja espécie constitui com os mosquitos o pior tormento do forasteiro nas costas selvagens

do Brasil. Foi-o igualmente o procurar saída daquele inóspito lugar, onde, além desses malignos animais, ele sentia correrem, saltarem e arrastarem-se sob as plantas da capoeira outros maiores e porventura mais nocivos.

Felizmente achou uma vereda, por onde seguiu até encontrar uma palhoça completamente aberta pelos lados, e tendo por toda mobília uma cuia quebrada e uma trempe formada de três pedras encarvoadas. Havia nela um só morador, e esse estava dormindo ao sol, à hora em que o astro é mais ardente. Era homem de meia idade e de pequena estatura, bronzeado, de compleição aparentemente nervosa, e vestido apenas de ceroulas de algodão curtas e estreitas. Estendido de bruços em uma lájea do terreiro, parecia um lagarto morto, tanto era-lhe profundo o sono, e inverossímil a situação para quem realmente quisesse descansar. Não era caboclo nem selvagem: era, no físico, o resultado do cruzamento de muitas raças mais ou menos escuras, e no moral um produto espúrio da civilização e da barbaria, incôscio da sua origem e, pouco menos que um lagarto, da própria existência.

– Deus lhe dê bons dias – disse-lhe duas ou três vezes o naufrago em voz alta para o despertar.

– E a mecê também – respondeu-lhe o dono da choça levantando a cabeça e olhando-o com surpresa.

– Poderá dizer-me como chama-se este sítio?

– Aqui si chama a Bahia.

Como se duvidasse da existência de lugar tão feio em província tão formosa, olhou Agavino em torno de si: tudo era inculto, estéril, falto de pitoresco. Apenas ao longe distinguia-se uma serra cuja cor sombria atestava fertilidade.

– Há muito carrapato na sua terra – continuou esfregando nas pernas uns ramos de mentruz para afugentar os importunos parasitas.

– Eu inguinóro, meu sinhô, porque é coisa que aqui eu nunca vi. Isto é a mió de todas as terra: aqui não farta nada. Deus

nosso sinhô quando veio no mundo se ademorou nesta terra e poz a bença nela. Já aqui isteve um home barbudo e de cabelo vermeio, que andava pegando barboleta e calangro pra í cume na terra dele.

Não obstante conhecer o espírito de jactância patriótica dos naturais da grande e ilustre província em que estava, fizeram estas palavras nascer em Agavino certa esperança de encontrar nas circunvizinhanças da choupana algum alimento que lhe lembrasse, senão a característica abundância brasileira, ao menos a uberdade normal do seu país.

– Pois venda-me aí umas bananas – disse-lhe.

– I é o que não hai.

– Então venda-me uns ovos.

– I é o que não hai.

– Bem, e algum pedaço de carne seca?

– I é o que não hai.

– Nem algum peixe?

– I é o que não hai.

– Nem alguma linguixa, nem um pouco de feijão, ou de mel de abelhas, ou, finalmente, alguma fruta do mato? Se me der o que comer dar-lhe-ei em troca estes biscoitos.

– Biscoito eu quero prová, que nunca cumí, mas porém essas coisa que mecê qué é o que não hai.

– Pois bem, dar-lhe-ei mais do que biscoito, dar-lhe-ei dinheiro se me acompanhar até o povoado mais próximo que deste lugar houver.

– Aqui o lugá mais perto é a fazenda do tenente coroné Inaço Danta, mas eu lá é que não vou.

– Nem eu lhe pagando?

– Nem mecê me pagando.

– Em que direção fica?

– Pra li assim – respondeu-lhe o homem com a boca cheia de biscoitos e estirando o beijo inferior na direção da serra.

– Será longe ou perto a casa desse Dantas?

– A cavalo tem dez leguinha miúda, mas a pé tem mais de vinte das cumprida. E o caminho tem dente de coeio, porque passa outros e atrapaia a gente.

A fim de ver se conseguia levá-lo por guia até a tal fazenda, tornou Agavino a oferecer-lhe dinheiro, desatando a cinta e mostrando-lhe muitas libras esterlinas.

– Não me atenta não, que eu não careço de dinheiro. O cachimbo taí, a banana tá no mato: pra que me mata pra ganhá?

– Ah, então sempre há bananas.

– Só muito longe – atalhou o matuto continuando a comer, – e eu daqui não me arredo...

Para pouparmos palavras, bastar-nos-á dizer que partiu Agavino desacompanhado, sem um único dos biscoitos que trazia, e refletindo naquele amor de independência, naquele singular patriotismo que tanto recordava o de homens menos incultos que conhecera; naquela preguiça, enfim, tão cara ao camponês ignorante quanto fatal ao progresso da Pátria.

Ao cabo de algumas horas de caminho sob um sol digno dos sertões da Paraíba, encontrou uma picada recentemente feita na capoeira, e avistou lá muito ao longe, à orla de uma floresta e ao pé da serra uns pontos esbranquiçados como se fossem habitações juntas. Não havia dúvida que ali devia estar a fazenda em busca da qual ia ele. Continuando por essa picada foi dar a uma estrada umbrosa e agradável, cortada de cristalinos ribeiros, e bordada de árvores frutíferas cobertas de flores, em cujas ramas modulavam seus inimitáveis gorjeios os cantores alados e multicores das matas brasileiras.

Saciada a sede nos límpidos arroios, a fome nos frutos, e a vista na extraordinária magnificência da floresta. Satisfeita a necessidade de repouso físico e maior sossego de espírito quando a noite o convidou ao sono na deliciosa solidão em que se achava, reapareceram-lhe com o despertar as risonhas esperanças do

tempo em que seu coração, como a atmosfera de alvorecer sem nuvens, era pura serenidade.

Prosseguindo em seu caminho encontrou o naufrago novos aspectos na paisagem, e não duvidosos sinais de que nas habitações que ao longe divisara à tarde precedente residia gente menos imprestável do que o homem com quem primeiro se avistara depois do desembarque. Transpostas as matas, começou a atravessar arvoredo menos basto, em que aos frutos selvagens misturavam-se outros cultivados, até que, cansado de errar por caminho diverso do desejado, foi ter a uma casa de modesto exterior e rodeada de bananeiras, onde ninguém lhe apareceu, e o mais completo silêncio o acolheria se não o tivessem pressentido umas galinhas que cacarejavam, e um cão que latiu e se escondeu. Batendo as palmas e olhando receoso para dentro, percebeu que havia gente, e ouviu dizerem-lhe que podia entrar e repousar. Sentou-se em um sofá forrado de couro e colocado junto a uma mesa sobre a qual veio uma negra, provavelmente escrava, pôr a ceia, que constou de galinha guisada, excelente arroz, boa farinha, melhor água, mel, sequilhos e bananas.

Conhecendo dos sertões da Paraíba aquela maneira de acolher a dona da casa a um desconhecido quando estão ausentes os varões da família, ceou Agavino, deitou-se na cama que lhe preparou a mesma preta, e partiu no dia seguinte, sem saber quem o havia hospedado, sem obter informação acerca da distância a que se achava da desejada fazenda, sem poder agradecer a ninguém, e, finalmente, sem ver da gente que tão encantadamente o hospedara, senão a escrava – que se envergonhava de lhe falar e parecia fugir dele –, e uns lindos olhos que o espreitavam pelas fendas de uma porta no momento em que se aprestava para partir.

– Como não seria bem aceita – disse consigo Agavino à saída da mágica estalagem – uma instituição desta ordem no meio de Paris, de Roma, ou mesmo do Rio de Janeiro?!

Continuando na direção que julgava melhor achou-se, depois de seis ou sete horas de caminho, em um verdadeiro éden, tais eram as graças do sítio e a beleza da vegetação. Atravessando uma área de terreno em que abundavam ingazeiros, jatobazeiros, araçazeiros, pitangueiras, jabuticabeiras, e outras representantes da flora do lugar, entrou em zona mais rica de frutos de mesa e plantas de primor. Eram a jaca, a manga, o caju, o jambo, a laranja, o cambucá, a fruta de conde, a banana-maçã, o ananás, muitas espécies de palmeira, e finalmente, os coqueiros chamados “da Bahia”, cujas palmas erguiam-se quais altivos penachos em torno de uma casa de belo aspecto, rodeada de outras menores e próxima a um engenho de açúcar.

– Quem é o dono da fazenda? – perguntou Agavino a um dos escravos que lhe apareceram.

– É o senhor Dantas – respondeu-lhe o homem.

– Peça-lhe licença para um viajante descansar.

– Entre – disse-lhe cortesmente aparecendo à janela o dono da fazenda, que o ouvira falar. – A casa está às suas ordens.

– É Vossa Senhoria o senhor tenente-coronel Inácio Dantas?

– E um seu criado.

– Eu não o quero incomodar – disse-lhe Agavino procurando encobrir o desalinho em que o pusera o mar e a viagem que acabava de fazer, – peço-lhe somente que me permita...

– Estamos à mesa; entre e jante conosco.

– Senhor, eu sou um náufrago, sem roupa nem...

– Coitado! Venha, sente-se e coma; depois dir-me-á quem é.

Agavino transpôs com acanhamento a porta da sala, apertou a mão ao fazendeiro, e envergonhado da pouca decência do seu traje, sentou-se-lhe à esquerda, no lugar que lhe ofereceram os comensais. Compunham-se estes de Inácio Dantas, homem de avançada idade porém ainda robusto, de fisionomia expansiva, palavra clara e maneiras francas; da dona da casa, senhora morena,

de bonitos olhos e semblante extremamente bondoso; de um rapaz de quatorze anos, inteligente e alegre, que estudava na vila de Santa Cruz sob a direção de um antigo professor da faculdade médica da Província; e, finalmente, de uma moça de dezoito anos, cuja formosura excedia quanto se pode imaginar em criatura sertaneja. Chamava-se Helena.

Apenas tomou algum alimento, e para que soubessem quem era, começou o recém-chegado a expor o modo porque viera ali, descontinuando frequentemente a narração para responder às repetidas perguntas do fazendeiro. De entre as pessoas sentadas à mesa só este e o menino puderam continuar a jantar: mãe e filha puseram-se a chorar como se houvessem sabido das desgraças de um parente, tal era a compaixão que gerava a comovente história naqueles ânimos sensíveis e bons, verdadeiros ânimos de brasileiras.

Desde esse momento cessou Agavino de ser para toda a família um simples hóspede: atenções, cuidados, sinais de respeito, mimos, tudo foi-lhe prodigalizado como a quem deveras merecia grandes consolações depois de tanto sofrer. Retirada da mesa, a moça não tirou mais dele os magníficos olhos. E ainda no interior dos aposentos descobria pretextos para poder contemplar absorta, sem que a vissem, aquele interessante naufrago, cujo aspecto, passadas poucas horas, já era mais composto, graças a algum fato que comprara ao vaqueiro da fazenda, depois de recusar agradecido as boas roupas que lhe oferecera Inácio Dantas.

Tanto do discurso quanto das maneiras do desconhecido, era fácil inferir a sua condição social, o que, porém, acabou de transformar a compaixão inspirada pelas suas circunstâncias atuais em verdadeira consideração, foi o chamar Agavino para junto de si o inteligente rapaz, e questioná-lo sobre as diversas matérias que ele dizia estar estudando, e a maior parte das quais o artista podia explicar catedraticamente.

Quando, apenas três dias depois de ter ali chegado, desejo de achar-se na sua Província quis o Paraibano partir, o dono da casa opôs-se-lhe formalmente, dizendo-lhe que semelhante hóspede o honrava muito, e que o seu desejo era que aceitasse o lugar de mestre dos seus dois filhos, mas com palavras tão afetuosas, tão expansivas, diremos mesmo tão entusiásticas, que só um entendimento obtuso não divisaria nelas a verdadeira intenção do pai de dona Helena. Deveremos acrescentar que, por seu lado, esta não perdia ensejo para demonstrar ao artista o afeto que ele lhe inspirava, fazendo disso por fim tão pouco mistério, que o irmão à mesa, e à vista de todos, com alusões claríssimas a perturbava às vezes.

Posto que extremamente lisonjeiras, semelhantes manifestações começavam todavia a exceder os desejos de Agavino, que resolveu finalmente sair daquela falsa posição, alegando uma razão irrecusável entre brasileiros: era a *saudade* da sua terra natal.

Foi como se um filho da família decidisse abandonar para sempre o lar paterno! A tristeza nos semblantes, o desalento na conversação, as reticências na linguagem, os ostensivos suspiros da moça, ou os de sua mãe mal refreados, tudo patenteava o desgosto causado naquelas santas almas pela ideia da próxima despedida de Agavino. Resolvido Inácio Dantas a abrir-se com o homem cuja palavra mais o cativara em sua vida, e começando por circunlóquios mais e mais significativos, concluiu por declarar-lhe que muito se honraria de dar-lhe sua filha por esposa.

A um tempo maravilhado e encantado da boa-fé daquela gente hospitaleira e generosa, que acolhia e tão altamente honrava um desconhecido – que afinal podia não passar de um astuto aventureiro –, e comparando essa lhaneza e bondade com os sentimentos característicos dos europeus, tão desconfiados quanto maliciosos e, sobretudo, consumados na arte de calcular as conveniências positivas da vida, sentiu-se Agavino feliz de achar-se afinal entre os seus compatriotas. A esperança e a

gratidão enganavam-no, infelizmente, prestando a todos eles essa simplicidade heroica, essa lisura angélica, atributo geral dos provincianos não estragados da política nem iniciados nas manhas dos habitantes das grandes capitais.

Quando o comércio e a indústria tiverem reduzido o Brasil a um vasto mercado de artefatos estupendos; quando o vapor, a eletricidade e ainda outras forças e agentes físicos tiverem transformado a singela e sossegada vida do brasileiro em atividade produtora e inexaurível; quando a foice do colono não achar mais florestas que roçar, nem o fogo do lavrador árvores que queimar; quando as atuais povoações deste formoso país forem outras tantas opulentas cidades, e estas o paraíso dos especuladores (como já o é a capital do Império), e, finalmente, as máquinas de aviação, passando pelo céu em direções determinadas e juncando a terra de todos os produtos imagináveis da inteligência humana, persuadirem ao camponês que ele nada mais tem que desejar. Então, no meio dos deleites da civilização e dos prodígios da ciência, se hão de concertar as liras abandonadas, para celebrar a legendária beleza das saudosas matas desaparecidas, e com ela a candura desses ânimos verdadeiramente brasileiros, que todos nós conhecemos sem lhes tributar a merecida admiração.

A prolongada demora na Europa fizera com que aquilatasse devidamente Agavino essa homérica pureza. Extremamente comovido, declinou de si a honra que lhe fazia o rico fazendeiro, acrescentando que não a merecia, e que, com a gratidão eternamente selada em sua alma, conservaria daquela abençoada casa recordação condigna da grande bondade que nela encontrara. Para dissipar qualquer suspeita ou ressentimento acaso gerado da sua delicada recusa, referiu-lhe o que faltava de sua história, isto é, a parte mais comovente dela – verdadeira meada de trances e afetos, cujas malhas prendiam-lhe o alvedrio, e em cujo extremo estava enlaçado o doce nome de sua amada Palmira.

Não viu mais dona Helena. Esperançosa há pouco de ser esposa de homem civilizado e sábio como ela nunca vira, e magoada agora por efeito da inesperada insensibilidade, e maiormente da esmagadora revelação, a formosa baiana não podia, sem quebra do seu pundonor, mostrar-lhe a face regada de pranto como jamais desatara por amor de nenhum homem.

Finalmente, cheio de presentes de todo o gênero, recomendado por carta às principais pessoas com quem tinha de avistar-se em seu caminho, montado no melhor cavalo de Inácio Dantas, e acompanhado de um homem da confiança do fazendeiro, partiu Agavino para Porto Seguro, onde esperava achar embarcação que o levasse a lugar mais próximo da Paraíba, deixando a tristeza e a saudade estampadas em todos os rostos.

Em sua alma, força é dizê-lo, levava, como relíquia suspensa à parede do lar, a imagem de dona Helena; mas porque o atraía, essa imagem o importunava. A princípio procurou em vão distraí-la do pensamento, por fim, porém, conseguiu esquece-la, invocando todas as recordações vivificadoras dos sonhos em que a imaginação retraçava-lhe o objeto do seu primeiro, constante e único amor.

Não havia comunicação naval regular entre Porto Seguro e ponto nenhum importante do Império. Ora, bem que o desejo de Agavino fosse de aproximar-se o mais breve possível da sua terra natal, tanto aquela razão quanto o parecer de várias pessoas do lugar, o persuadiram da oportunidade de embarcar-se em um bom navio que estava a fazer vela para o Rio de Janeiro, onde por certo acharia prestes excelentes vapores para o norte do país.

Partiu.



**XXXII**  
**PROGRESSOS**





Por um dia de tépida aragem penetrou o navio na soberba baía. O incessante progresso tinha mudado sensivelmente o aspecto exterior da cidade: os morros que a circundam haviam-se despido da melhor parte da sua já rara vegetação; as ruas estendiam-se até mais longe; o homem edificara sobre os altos penedos que se elevam por todos os lados; excelentes edifícios surgiam à tona da água; a atividade do porto redobrara: tudo parecia mais risonho.

Oh, grande coisa é a civilização!

Mas a tão visíveis melhoramentos da metrópole brasileira corresponderiam, porventura, iguais modificações no caráter dos seus habitantes e no sentimento público da justiça?

O barqueiro do bote em que desembarcou Agavino foi o primeiro que lhe falou das boas coisas da florente cidade. Abundância de cômodos da vida, hospitalidade e tolerância dos habitantes, exuberância de dinheiro, bondade do Soberano, atividade comercial, tudo, enfim, quanto podia dar ideia de uma nação rica e generosa, foi trazido à coleção e celebrado com os júbilos daquela alma otimista, que parecia dilatar-se na sua verdadeira atmosfera.

E tinha razão o remador, em cuja fisionomia Agavino reconheceu logo o antigo guarda da alfândega de Lisboa, o velho Gibraltar, com quem, diante da lusa capital, havia bebido à saúde de El-Rei de Portugal. Tinha razão, porque, conforme continuou a contar, torturado na sua pátria por uma continua miséria, resolvera vir para o grande Império americano, onde a sua natural energia para o trabalho, e o talento próprio da sua raça para as especulações comerciais, granjearam-lhe em poucos anos uma boa fortuna para

um homem de curtas aspirações, e além disso o monopólio dos botes, escaleres, catraias e mais embarcações de pequena tonelagem que se moviam dentro do porto.

– Por isso, meu caro senhor – disse por fim Gibraltar – é que eu acho uma pouca vergonha o que está fazendo aí assim o ministro inglês, o *Cristi*, ou *Crista*, que de Cristo é que nada tem o tal demônio. Insultou a Nação aí mesmo nas barbas do Imperador, que isso sim é que é um homem amigo do seu país, e mais santo neste particular do que todos os reis do mundo! Mas a causa de tudo é não haver aqui o patriotismo que há na minha terra. Olhe, eu estou no Império do Brasil, mas meu coração está lá. Quer ver? Aqui tem a prova – concluiu o remador sacando de uma enorme cebola de prata, e mostrando-a a Agavino, como um documento comprobativo da veracidade da sua palavra. De fato, o patriotismo de Gibraltar traduzia-se até no relógio, cujos ponteiros, em vez de indicarem as horas do Rio de Janeiro, marcavam constantemente as de Lisboa!

No que se referia à nossa pátria o caso era que, ao desembarcar no largo do Paço, teve Agavino que romper com dificuldade por entre a multidão apinhada em torno da carruagem imperial, da qual se havia apeado o Imperador para falar ao povo, que o aclamava com belicoso entusiasmo.

O nome *Christie* era o único que soava de uma maneira audível. Então perguntou o moço a um homem que ali estava:

– Desculpe-me, senhor: saberá dizer-me por extenso o nome desse tal Christie de que todos falam?

Era o mesmo do indivíduo que em Londres o experimentara e dera-lhe o bilhete de visita, dizendo-lhe que um dia se encontrariam no Brasil.

Por certas conveniências internacionais, evitaremos a explicação de semelhante ódio à nação que o acolheu com tanto agrado, ao país onde fizera a melhor parte da fortuna que já nessa época possuía.

Menos impressionado da exaltação popular do que da figura a um tempo majestosa e afável do Imperador, da sua fisionomia cheia de bondade, da sua palavra afetuosa e comovida, pôs-se Agavino a refletir nos desgostos que teria certamente evitado, nas dores que teria poupado ao coração se, em vez de pedir audiência a um simples ministro, tivesse outrora recorrido pronta e diretamente àquela fonte perene e caudal da justiça brasileira, sempre prestes a jorrar do augusto lábio em catadupas no seio dos ofendidos.

A longa ausência fizera-o esquecer os sarçais, as barreiras, os aquedutos subterrâneos, os lamaçais, as valas, derribadas, queimadas e mais obstáculos que perturbavam, desviavam, ou suspendiam o curso da preciosa linfa nos momentos, às vezes, em que era mais apetecida e necessária!

Restou-lhe aquela desconsoladora ilusão.

Levado assim por natural curiosidade como pela necessidade de interpretar a fisionomia, porventura nova, da capital do seu país, internou-se Agavino na populosa cidade, cujo aspecto interior, arquitetonicamente o mesmo de outrora, estava completamente mudado por uma circunstância sem igual em parte nenhuma do mundo, e cuja evidência era tão ofensiva da decência e do pudor públicos, que ninguém a aquilatava sem confrangimento e desconforto. Uma multidão de meretrizes de nacionalidades, línguas e raças diferentes, desde a loura dinamarquesa até a adusta moçambique, debruçadas pelas janelas, recostadas às varandas dos sobrados, ou assentadas à porta dos botequins, das casas de pasto e de outras sem classificação determinada no sistema de civilização fluminense, trajadas e adornadas a um tempo com excentricidade carnavalesca e impudência babilônica, e provocando com gestos indecorosos e ditos obscenos em diversas línguas os homens que passavam; zombando e rindo em altas vozes para que todos as ouvissem e vissem, e redobrando de cinismo ao perpassar das senhoras honestas, prestavam a muitas das principais ruas e praças do Rio de Janeiro o aspecto de vastíssimos prostíbulo,

apenas separados entre si por uma ou outra morada de gente honrada. Exageradamente decotadas, e trazendo aos pulsos, ao colo e ao cabelo aljofares, corais e ramalhetes de forma e grandeza próprias para realçarem-lhes os dotes materiais, a maior parte dessas barregãs foram importadas das ilhas portuguesas, da França, da Hungria, da Boêmia, da Itália, da América do Norte, de onde, enfim, as havia mais formosas, aventureiras, ou fáceis de serem iludidas, para enriquecerem na capital do Brasil a ousados especuladores, corrompendo ao mesmo tempo os costumes, o coração e a saúde dos filhos deste Império, e demonstrando assim ao mundo que as nossas liberdades não admitem exclusão nem mesmo para os dissolventes da honra e do pudor públicos. Era uma planta afrodisíaca trazida das escuras estufas do Velho Mundo, ou de algum escuso vale americano, para vegetar, florescer e frutificar livremente sob os raios do sol, fazendo esquecer a muitos homens nos passageiros sonhos de volúpia que lhes proporcionava, como o ópio aos muçulmanos, o tédio das existências envenenadas.

Refletia Agavino nas consequências morais e materiais de espetáculo tão indecoroso e impróprio para dar ao estrangeiro circunspecto uma boa ideia da incontestável moralidade dos brasileiros, quando vem a saber de um fato bem diverso do que acabava de observar, mas igualmente demonstrador do quanto a ativíssima política brasileira se esforçara durante a ausência do artista para desenvolver e aplicar às forças intelectuais da nação, afervorar o patriotismo e sublimar a Pátria. Era, de um lado, o geral desalento dos homens a quem competia civilizarem esta pela expansão da ciência ou pela evolução da ideia. De outro, a emigração daqueles que a consciência pública apontava como sendo os principais representantes do gosto, do sentimento estético, em uma palavra, da arte nacional. Em vão procurava o provinciano explicar pelo orgulho, pela vaidade, pelo desamor às coisas da sua terra, pelos defeitos pessoais, enfim, dos desalentados, ou pela universalidade da linguagem das artes que professavam os

desterrados, um fenômeno de tamanha importância em uma sociedade que se sente chamada a altos destinos, e não menos digno da atenção do legislador do que a importação da mercadoria à que acima aludimos; quando ouve um inglês explicar com três palavras a causa de todos os males que, segundo ele, nos aniquilam, tolhendo não só à Inglaterra, mas ainda a qualquer potência, mesmo de terceira ou quarta ordem, o receio de nos insultar.

– Política mata Brasil – dizia eloquentemente o patricio de Christie.

Abatido pela ponderação de cenas e fatos tão estranhos, perdendo a esperança de poder prestar o seu modesto, porém, útil contingente de atividade intelectual a essa jovem e rica sociedade, em que, como nos climas pré-históricos, só parecia medrarem organizações especiais, aprestou-se o artista a fazer viagem para a sua almejada Paraíba, procurando desviar a atenção de tudo quanto podia radicar nele o conceito que concebera acerca da civilização fluminense.

Organizações especiais, cuidava, porque enquanto pareciam-lhe extraordinárias as cenas que por toda a parte se lhe antolhavam, nenhuma impressão fazia aquela gente de glaciais entranhas. Aqui, era o cocheiro a espancar cruelmente a mula do seu veículo por ter ela escorregado, e, para maior satisfação da malvadez, metendo-lhe pelas ventas o cabo do açoite na esperança de ferir-lhe diretamente o cérebro. Ali, o mercador de leitões vivos a carregar pelos pés os tenros animais, e, para que grunhissem bem alto quebrando-lhes o focinho nas pedras da calçada. Acolá, um bando de escravos lutando às punhadas para colherem aos seus potes a pouca água que gotejava de uma bica, e advogando cada qual a própria causa com palavras e gestos que fariam corar, talvez, se as ouvissem publicamente, as mulheres de quem acima falamos. Além, finalmente, cães e gatos mortos e putrefatos, que, com as águas estagnadas e corruptas por toda a parte espalhadas, como em poças de fel, enchiam os ares de insuportáveis exalações.

Recordando-se do quanto observava outrora na capital do Brasil, não estranhou Agavino semelhantes espetáculos, mas de certo esperava pouco vê-los reproduzidos ao cabo de tamanha ausência, principalmente depois dos discursos que ouvira em Paris da boca de patrícios seus, e dos artigos que lera em diários brasileiros a respeito do vertiginoso progresso em que se afirmava irem as coisas da sua terra; discursos e artigos tão bem inspirados e tecidos, que até ao mais incrédulo dariam ideia do melhor dos mundos.

Não podendo refrear a indignação produzida nele pela demasiada frequência de tais atentados contra os costumes e a higiene pública, disse para um velho que havia parado a pouca distância dos animais mortos como quem à vista deles se confrangia:

– Será possível tolerar-se tamanha imundice no meio de uma cidade tão populosa?!...

– Ah, meu caro senhor – respondeu-lhe o homem, – não se admire disto: no bairro em que moro existem os ossos de um cavalo, que ali morreu e apodreceu sem que ninguém o removesse, apesar de ter o caso subministrado aos políticos pretexto para fazerem cair um ministério.

Para não interrompermos, porém, o fio da nossa história, distraiamos da mente as reflexões sugeridas por semelhantes fatos, e volvamos os olhos àquilo que mais particularmente a completa.

Havia Agavino transposto o primeiro terço da rua Sete de Setembro em busca da agência dos paquetes brasileiros, quando, em direção transversal, uma multidão de gente foi surgindo e o fez parar, receoso de achar-se envolto em alguma dessas desordens da plebe tão comuns no Rio de Janeiro. Aproximando-se dos curiosos, notou que em geral tinham alegres as fisionomias, e os que estavam colocados mais alto riam-se como de estranha raridade. A primeira ideia que lhe veio foi que o povo infligia ao representante da Inglaterra o castigo que ele mais merecia, isto é,

uma estrondosa vaia em plena rua. Mas daí a pouco ouvi vozes de instrumentos marciais, e, por uma singular coincidência, o redobrar das risadas. Diante de semelhante contradição tornava-se-lhe impossível acastelar suposições para explicar o enigma. Esperou.

– O que será? – perguntavam os que estavam no mesmo caso, enquanto o povo continuava a passar e as janelas se enchiam de gente.

O que havia de ser? Manoel Zangão, que, montado em uma magnífica égua preta, caminhava garboso à frente de um regimento de infantaria, trazendo a espada desembainhada, a fisionomia expandida pela satisfação e, o que era melhor, a comenda da Rosa ao peito e as divisas de major ao punho.

– Manoel Zangão major! – disse consigo Agavino, que o reconheceu imediatamente, apesar das revoluções físicas que haviam alterado os traços do personagem, deixando-lhe no queixo uma pequena pera, e o ventre transformado em um verdadeiro aerostato.

E o guerreiro continuava majestoso à frente da luzida legião, inchado, amplo, cego de glória por ver-se *admirado na Corte*, e formando com a égua um todo indivisível, um centauro negro, reluzente, sereno, superior às coisas humanas, sublime, enfim, como o colosso de Meiamum<sup>6</sup> ou a cabeça de Toutmósis IV\*!

Havia desembarcado naquele momento, e ia se aquartelar no Arsenal de Guerra, onde poucas horas depois também se achava o artista, a quem a presença de Zangão ainda mais incitara a curiosidade de saber do que sucedera na Paraíba depois de ambos ali se separarem.

Não pode Agavino falar-lhe naquele dia, e nem o entusiasmo do militar deixaria verificar hipóteses. Sentado a uma mesa sobre a qual restavam copiosos vestígios do jantar, e rodeado

---

6 Cremos tratar-se dos colossos de Mémnon, grupo escultórico composto por duas gigantescas estátuas do faraó Amenófis III, da XVIII dinastia egípcia.

de oficiais que o miravam pasmados da sua estatura e dos seus ademanes, narrava o gigante as proezas da sua vida, os serviços que prestara à Nação, as manifestações de respeito que por toda a parte havia recebido... desabotoando de vez em quando a farda, para mostrar as cicatrizes atestadoras da sua jamais desmentida bravura (e que na realidade não passavam de sinais das unhas ou bicadas dos animais do naturalista), acrescentando que aquela espada, que ele ali tinha desembainhada, havia de obrigar a Inglaterra a dar-lhe uma satisfação, a ele Zangão, pelo insulto que seu representante lançara à face do Brasil.

Inútil é dizer que nem sempre soube o numeroso auditório conter-se nos limites de uma sincera sisudez.

Considerando a impossibilidade de falar ao major com a necessária reserva, tirou Agavino da carteira um papel, escreveu-lhe um atencioso bilhete convidando-o para jantar com ele no dia seguinte, e lho mandou por um caixeiro português recém-chegado, que encontrou menos atarefado na venda mais próxima do arsenal, limitando-se a assinar-se: “Um respeitoso comprovinciano”. Ora, começavam os interlocutores do glorioso militar a tomar o café, quando veem entrar o rapaz, dar o papel a Zangão, e este cair desmaiado.

– Santo Deus! – murmuraram – que carta será esta? Trará a notícia do falecimento de pessoa cara?

Rodaram-no espantados, e enquanto os mais caridosos o socorriam, o caixeiro fugia pela porta crendo ter anunciado ao major alguma sentença de morte. Mas... insondáveis mistérios da natureza! As satisfações repentinas são às vezes tão perigosas como as inopinadas desgraças: o assustador acidente tivera por causa única o desacostumado acatamento do rapaz, que, segundo um uso muito geral na sua terra, tratara a Zangão por *excelência*!

Entretanto continuava este a ser objeto da curiosidade pública, e isso sobremaneira diminuía as ocasiões em que era acessível a quem, como Agavino, por mais que desejasse falar-lhe,

não queria provocar espetáculo. E o momento propício recuava, e o dia da passagem do primeiro vapor que seguia para o norte do Império se aproximava! Era mister tomar uma resolução, e perguntar-lhe, ao menos, de viva voz se aceitava o convite para jantar.

Por esse tempo quem passava pela rua do Ouvidor não podia deixar de parar diante de uma loja de espelhos e retábulos dourados, onde uma coleção de esculturas, em alto e baixo-relevo expostas em carreira diante da melhor porta, atraía a atenção dos transeuntes. Agavino entrou e pôs-se a contemplá-las, e a ouvir os elogios dos admiradores, do talento de Antônio Braz, cujo nome as subscrevia.

O *esperançoso artista* – como geralmente o apelidavam – passava por uma águia em inteligência e um briareu em atividade! Nunca se tinha visto tanta coisa rara saída de uma só cabeça! Munido de um grande diário, um dos circunstantes lia em alta voz um longo e entusiástico artigo, em que era o *hipopótamo* proclamado a *encarnação moderna*, a fase americana dos estados sucessivos da alma de Michelangelo!

Mas a sala, já pouco iluminada, escurece de repente, como se o sol se houvesse de súbito eclipsado. Todos olham de redor: é o vulto enorme de Zangão que surge na porta.



**XXXIII**  
**CAIPORA!**





Manoel Zangão não era homem que se fizesse rogar, logo que não se tratasse de expor a pele a experiências perigosas. Por esse lado, o seu único defeito era querer por força que o admirassem: falava alto demais, fazia retinir a espada, arrastava as esporas, tossia, bufava, gesticulava, antes querendo ser ouvido de quem passava do que daqueles com quem falava.

Para evitar os inconvenientes que disso procediam, não se deu a conhecer o artista, e dizendo-lhe simplesmente que desejava pedir-lhe notícias de pessoas e fatos que ele devia conhecer, convidou-o para jantar nesse mesmo dia na melhor casa de pasto do Rio de Janeiro, depois do que se retirou.

À hora emprazada o antigo companheiro de Agavino achava-se com ele à mesa, e sorvia o cheiro, e saboreava as delicadas iguarias francesas, as quais ajudavam o delicioso *Chablis* a expandir o bom humor do major, cujo olhar lançado às rabanadas para o desconhecido traía a pouca confiança que, apesar da significativa amabilidade, este ainda lhe merecia.

Um longo abraço, em que as costelas do areiense iam ultrapassando o termo da sua natural flexibilidade, foi o sinal de que cessara o mistério. Sem ainda soltar de entre os braços Agavino, Zangão o afastou de si, como para o contemplar, e exclamou com todas as cordas da sua robusta laringe:

– Ora minha Mãe das Dores, pois o senhor Agavino não está velho, velho que eu nem o reconhecia, quando o conheci criança lá pelo sertão, e na excomungada terra dele, onde escapou de lhe tirarem a pele naquela noite tremenda?! Lembra-se, senhor capitão?

– Ah! se me lembro, senhor major, se me lembro!... Mas continuemos. Dê-me notícias daquela gente, principalmente dos homens que me perseguiram...

– E a mim também – atalhou Zangão, largando Agavino e sentando-se à mesa –, a mim inocente, a quem fizeram sofrer durante cinco dias e cinco noites, sem quê nem para quê.. Mas não seria agora, que eu havia de partir pelo meio a tal sua terra, e mais a excomungada da dona Cláudia, que foi a causa de tudo. Felizmente já está de gaiola na Ilha de Fernando, que é o que ela sempre mereceu! E o diabo daquele naturalista!... pois não dizia que eu era *mamífero*?! Eu fui mamífero até dois anos, depois nunca mais mamei. O homem cuidava que o mundo era quem girava, e que o sol era maior que o mundo! *Gira* era ele e mais quem acreditava nele. O senhor também ia ficando maluco com as tais borboletas, e com as pedrinhas à toa que punha na sua bolsa de couro...

O homem continuou a discorrer.

Para evitarmos as redundâncias, explicações inúteis, divagações, imprecisões, risadas e mais adornos com que o bravo major dilatava a narrativa, já involuntariamente interrompida pela surpresa que lhe causavam as esquisitas viandas – algumas das quais ele saboreava pela primeira vez – resumiremos o mais que nos for possível as suas revelações.

Começavam por si mesmo.

Em vez de esperar debaixo da gameleira pelo antigo capitão de voluntários, o acompanhara de longe – segundo dizia – no intuito de defendê-lo de qualquer perigo, até o momento em que, encontrando com a *tropa* que perseguia Agavino, atravessou-se-lhe adiante, para retardar-lhe a marcha, e dar tempo de fugir ao seu companheiro de viagem. Foi um pelear vertiginoso: ele, Zangão, de espada em punho contra centenas de soldados, e estes furiosos, a acometerem em vão, porque achavam diante de si o ferro percuciente, que os fazia tombar um a um aos pés do seu indomável ginete, à medida que tentavam ultrapassar o alcance da

gloriosa lâmina. Ferido, porém, por uma bala traiçoeira, caiu afinal exausto, depois de ter deitado por terra mais de cinquenta dos que o agrediam. E quase branco do muito sangue que perdera, foi levado à sala do banquete, onde achou reunidas todas as autoridades de Areia, para o interrogarem a respeito dos crimes imputados a Agavino. Entre estes, figurava em primeira linha o assassinato do mulato Santana, escravo de dona Cláudia, o ferimento desta, que constava ter sido da maior gravidade. Depois, vinha o assassinato da preta Bárbara, rodeado das mais agravantes circunstâncias, outros crimes atroz, de que ele não tinha ideia antes, nem mais se recordava. E, finalmente, do “escandaloso *estupro*” (Manoel não poderá esquecer este nome feroz), digno remate da longa série de crimes e delitos, que ele devia testemunhar na qualidade de companheiro e confidente do celerado atrás de quem ia a justiça, mas que negou com quantas forças lhe havia dado o Criador. A respeito das cenas ocorridas embaixo da gameleira, do pulo pela janela da cadeia, e da alma do peru, nem uma palavra.

Quando Zangão mentia, a asa esquerda do nariz começava a tremer e a repuxar-lhe o beijo: de modo que quem o observasse saberia distinguir perfeitamente os pontos em que a narração se afastava, e aqueles em que se aproximava da verdade. Aqui, porém, cessou esse indiscreto movimento, e o retinto oficial pareceu comovido pelas recordações. Diante das autoridades havia efetivamente deposto a verdade tal qual lhe ditava a consciência. Disse tudo leal e heroicamente, não obstante perceber na mor parte dos que o cercavam o desejo de ouvirem o contrário. A respeito do rapto da donzela é que nada soubera responder positivo, a não ser que lhe parecia ação desculpável, porquanto, segundo ele, Zangão, percebera, ela havia pedido ao moço por carta para ser raptada.

– Ah! que cinco noites cruéis! Inda me lembro como se fosse ontem. A pobre da mulata foi presa também, foi castigada, coitada! E quando eu chegava à janela, ela punha-me aqueles olhos langorosos, doces que nem um pedaço de rapadura no coração da

gente. Mas Deus Nosso Senhor nos protegeu: fomos soltos no fim de cinco dias e cinco noites, e daí a um mês estávamos marido e mulher, e felizes, graças em primeiro lugar à minha patente de oficial, e depois ao diamante que o senhor lhe deu a ela, na noite em que fugiu com a moça. Ah! Mariana, que saudades tenho de ti!... Ficou em Pernambuco, coitadinha! Mas não há de ser por muito tempo, não, que logo que a Inglaterra me der uma satisfação, eu mesmo é que hei de ir buscá-la em qualquer dos primeiros vapores que para lá partirem.

Passando às personagens que mais ou menos interessavam a Agavino, explicou-lhe a maneira como Ruines Gama voltara para Areia a despeito da oposição de dona Cláudia, de quem se desligara para esposar uma irmã de Palmira. Como aumentara aquele malvado a sua fortuna, e com ela a sua influência política, na Província. E, finalmente, como, estando intimamente implicado nas mais negras intrigas do lugar, ficara ileso das terríveis acusações que perderam depois a facinorosa sertaneja, cujos crimes – entre os quais avultava o assassinato do doutor Araruna, a quem ela odiava por muitos e bem diversos motivos – levaram-na por fim à Ilha de Fernando de Noronha.

De Cléodon, o companheiro de Agavino na defesa de Areia, pouco se recordava Zangão, mas ouvira dizer que estava viúvo, pobríssimo, e que, para viver, fazia ofício de comboieiro, ou como lá se diz *cargueiro*, entre Areia e Pernambuco, onde nunca cessa o vai-e-vem comercial.

Quem ele ainda vira recentemente foi a cigana Rachel, que o leitor conhece das cenas passadas em casa de dona Cláudia, e mesmo d'antes. Aventureira, errante, vestindo ultimamente o hábito de monja, e sempre bela como a conhecera Agavino, havia feito voto de castidade, mas em vão, porque as cantigas licenciosas com que muitas vezes recreava o público para ganhar o pão cotidiano, de sobejo provavam que a devassidão ainda laborava fundamente na alma da *cigana do capuz*, nome por que era então conhecida pelo interior da Província.

Mas todo o referido, exceto o quanto respeitava a cigana Rachel, houvera da boca de outras pessoas depois que se ausentara de Areia, onde apenas se demorou cerca de dois meses, razão porque nada podia dizer a respeito de Palmira, que ele supunha vivesse ainda, mas cuja existência devia ser bastante obscura, por isso mesmo que os areienses com quem falara nunca de modo especial mencionaram a filha últimogênita de dona Amélia.

– Que não viesse, porém, isto ao caso – acrescentou –, porque, se necessário fosse, ele recomendaria o negócio ao Presidente da Paraíba, filho do grande do Império Visconde da Carqueja, na certeza de que o nobre administrador da sua Província – *que o havia elevado a major por atos de bravura* – não pouparia esforços e sacrifícios para o servir, já o informando miudamente de tudo, já protegendo o seu antigo amigo, dele Zangão, ainda que fosse preciso mandar desencavar a moça de onde quer que ela estivesse, para a pôr nos braços de Agavino!

Como no Liceu de São Luiz, quando falou com seus dois comprovincianos, o artista ouviu tudo com a mais aparente tranquilidade, começando depois, por uma espécie de gratidão ao respeito que parecia tributar-lhe ainda o antigo cozinheiro do naturalista, a contar-lhe a sua vida a partir da noite em que ambos se separaram. Conciso, lógico, deixando à margem todas as circunstâncias que poderiam dar aos fatos uma aparência exagerada, em um quarto de hora expôs Agavino o quanto havia substancial e avultado na parte mais interessante da sua comovente biografia. Ao passo que Zangão, esvaziando em igual tempo todos os pratos e garrafas que estavam na mesa, e fazendo esgares mais expressivos da satisfação do gastrônomo do que da condolência do amigo, exclamava de vez em quando:

– Isto é que se chama mesmo *ser um grande caipora!*

Tal era o nome que achava digno do caso aquela robusta inteligência!

Terminado o jantar, saíram a tomar café no mais elegante botequim que então havia, e perto de cuja entrada encontraram diversos homens que se esforçavam por colocar em uma carroça um asno morto. Contristado o militar ao aspecto daquela cena, que por uma rápida associação de ideias lançava-lhe o espírito em mestas reflexões acerca do humano destino, e perdendo de repente o habitual desplante, grita em tom desconsolado e plangente, que distraiu a atenção dos carregadores:

– Aqui está o que nós *semos*!

Depois, como se numa ainda mais rápida transição de pensamentos houvesse descoberto o segredo da imortalidade, olha para o artista, e com voz de quem lhe punha nas mãos o precioso talismã, pergunta-lhe:

– Quer ser hoje mesmo cavaleiro da Rosa? Olhe, o cabeça do Ministério é o Marquês dos Guaiamus, que já foi presidente da Paraíba, e deve-me a eleição de quatorze parentes que eu pus na Câmara... Por consequência, nada pode negar-me. Se quer, diga-me! Um condecorado está sempre acima de qualquer fazedor de bonecos: goza de honras no Exército, tem entrada em toda parte, e quando vai preso. Isto é, nunca vai preso! E se passa por uma sentinela tem direito à continência. Vamos, entremos aqui, que o quero apresentar ao Marquês.

E foi se enfiando pelas escadas do poderoso amigo, sem dar tempo a Agavino de recusar favor tão pouco desejado.

– Volto de propósito à sua casa, senhor Marquês – disse Zangão a Guaiamus, que estava jantando em numerosa companhia – para pedir-lhe o favor de condecorar-me hoje mesmo este patricio, este amigo, o qual depois de sofrer tudo quanto existe de mau neste mundo, foi obrigado a fugir do hospício de Pedro II, para ir fazer bonecos de gesso na Europa, de onde voltou com a cabeça branca de desgostos!

– Mas eu não desejava a distinção... – interrompeu o artista perturbado – nem mereço.

– E agora – continuou veemente o major – quer ir se casar com uma moça que já foi presa injustamente, e não tem um amigo que o proteja... Ora, prometa-me, senhor Marquês, que o fará cavaleiro!...

Agavino não sabia como esquivar-se ao efeito daquelas imprudentes revelações, e em vão procurava interromper o discurso do militar, cujo empenho em obsequiá-lo subia de ponto em o vendo tão modesto diante de quem dispunha de tudo quanto, no seu conceito, podia tornar o comprovinciano inacessível às desgraças humanas. Por fim, não conseguindo moderar o entusiasmo de Zangão, nem declinar de si a honra de ser galardoado pelo antigo presidente da sua Província, despediu-se de ambos prometendo, para pôr termo àquele aperto, voltar brevemente. Depois, desceu as escadas, e dando graças a Deus de se ver livre do obsequioso oficial.

– Oh! grande major – disse mentalmente, – a sociedade, ainda quando generosa e benévola, não ultrapassa, de certo, os limites da tua estatura moral!



XXXIV  
MORTA?





A serenidade da noite e a esplendidez do luar desdiziam da tristeza inculcada no ânimo de todos pelo contínuo dobrar dos sinos, cujo pavoroso eco encobria os surdos rumores da melancólica Areia. Seriam nove horas. O sibilar do vento e o murmurinho dos habitantes tinha cessado, e a voz do bronze era a única que abalava os ares com sua tétrica veemência.

A essa hora, e na mesma direção do pálido satélite que caminhava pelo céu, um cavaleiro galgava ligeiro as últimas ladeiras que se encontram antes de penetrar no povoado. Era Agavino. Parecia uma sombra fugitiva, tanto ia rápido. Não havia muito avistara à borda da estrada a sepultura da velha Radamina, e importunado pelas recordações que lhe rememorava aquele objeto, esporeava o cavalo, impaciente de ver desmentido em seu desfecho o drama cujo enredo lhe profetizara a cigana, e que ele vira desdobrar-se em todas as suas dolorosas peripécias com tão infalível e assombrosa certeza.

Chegando ao ponto de onde se começa a descortinar a grande gameleira, e avistando as primeiras casas da rua mais oriental da cidade afrouxou a carreira. Pareceu-lhe ouvir um ecoar diverso do que produzia o vento ao roçar na espessura das vizinhas serranias. Parou: o dobre dos sinos reboara distintamente aos seus ouvidos.

Mas que importa esse lamento artificial a quem está acostumado às formidáveis sinfonias da natureza? Agavino picou levemente o animal e continuou lento, como irresoluto, mau grado seu, até desaparecer na sombra daquela árvore histórica.

De Pernambuco até ali tinha gastado apenas sessenta e duas horas, quando o trajeto ordinário pelos caminhos que seguira exigia nada menos de quatro ou cinco dias. Durante aquela carreira vertiginosa, em que teve matagais vastíssimos e ermos que atravessar, penedias lamacentas ou fragosas que subir e descer, ribeiros impetuosos e rios caudais que vadear ou transnadar, caras mais ou menos suspeitas que evitar, nem uma vez, ao menos, assaltou-lhe a mente a ideia de que, porventura, ser-lhe-ia inútil aquele último sacrifício. Mas agora, que regressava afinal ao ponto para ele mais fecundo do Globo em grandes recordações, era impossível não se sentir abalado até o fundo da alma.

Com qual fim viera ali? Ignorando a verdadeira sorte da mulher que ele amava, desconhecido, e tremendo ao pensar que a sua ventura ou desgraça dependeria, talvez, desta última circunstância, cansado do corpo e do espírito, privado do tesouro material que outrora o tornava tão soberano nas suas resoluções, assim como das obras do seu engenho: suas estátuas e seus escritos, privado, principalmente, da sua saúde e, por conseguinte, da antiga energia do seu caráter, não era ele um louco em persistir em um amor quase sem razão, já quase sem objeto? E quem lhe poderia afiançar que aquele coração por quem tanto se sacrificara, aquele ente por cujo amor trocara todas as delícias do mundo, não vivia tão ermo de afetos como ele imaginava? Houve um momento em que quis deitar-se a correr pelas matas até que um galho de árvore partisse-lhe a cabeça, ou o sepultasse um abismo, mas repeliu prestes esta ideia, porque ainda mais louca. O artista que aperfeiçoara sua alma na pira do ideal, o coração que se depurara no crisol do amor, o cristão a quem ainda restava esperança não devia perecer insensatamente.

E por entre esse flutuar involuntário, esses tremendos receios, em que o passado e o futuro resumiam-se como numa síntese desesperadora, refulgia-lhe a efígie de Palmira, ora rodeada, das inebriantes seduções da vida, do ideal, do amor correspondido,

ora prostrada aos pés do desgraçado, e tendo as faces banhadas do pranto, os braços estendidos, o cabelo em desalinho, e os olhos cavados das desmedidas angústias! Era preciso continuar sem descreer, pernoitar onde achasse gasalhado, conversar sem trair o incógnito de que dependia a sua sorte, e chamar em seu auxílio as ocultas potências, cujos irrevogáveis desígnios pareciam, finalmente, aproximar a conclusão do longo sofisma da sua dolorosa existência.

Agavino apeou-se, e erguendo os olhos para o céu começou a murmurar a oração íntima, fêrvida, procelosa que deve rebentar dos lábios do eleito nos momentos em que a consciência repintalhe os terrores da maldição eterna. Era, pois, a reza verdadeira, o discurso da alma, a beata intuição dos seres puros e falíveis, que conversam com a Suprema Causa das coisas nos momentos das contingências medonhas.

Ergueu-se das raízes da árvore, sobre as quais insensivelmente ajoelhara. Sentia-se então mais forte. A humildade perante os sacrossantos altares trouxe-lhe ao espírito um pouco de paz, e ele aguardava o dia seguinte sob os auspícios de uma esperança melhor. Desconhecido, ser-lhe-ia fácil informar-se do quanto lhe interessava sem despertar a mais leve suspeita. Depois essa mesma Providência que o fizera regressar àquele lugar guiá-lo-ia, aproximá-lo-ia do objeto do seu amor, e que importa onde? Permitir-lhe-ia talvez muito breve, que a Igreja espalhasse sobre eles, mártires da afeição e do dever, os benefícios do seu prismo irrevogável.

Escapos dos inevitáveis sustos de um rapto, acaso muito menos ruidoso do que o fora outrora, entregariam a Deus o seu destino, certos de que a morte seria então uma simples despedida até a eternidade, onde de novo se haviam de unir no seio imenso do Autor Eterno.

Mas para que pensar na morte, se eles eram ainda tão jovens? Porventura antes de chegar esse instante solene, largos dias

de paz e poesia teriam que lograr na primeira cidade do mundo, onde os mestres saberiam aquilatar-lhe o talento, e os conhecidos recebê-lo com a antiga simpatia, e onde o seu indomável caráter acharia a independência indispensável para as grandes inspirações, que fizeram com que simples mortais se chamassem Puget\*, Sansovino, ou Michelangelo.

Tinha de novo montado, quando, ao sair da vasta sombra, surpreenderam-no estas palavras partidas de um magote de mulheres que vinham na direção contrária:

– Como está bonita, benza-a Deus! Bem disse o doutor Aurélio: não parece morta, não; parece uma santa que desceu do Céu. Pobre moça! Quanto sofreu bem poucos o sabem. Aquela foi para lá direitinho. Rosnem o que quiserem: quanto a mim a senhora dona Palmira está santa.

– Qual santa! Não diga semelhante coisa – respondeu-lhe uma voz. – Santa solteira só donzela.

– E Santa Maria Madalena não foi uma grande pecadora? Às vezes o arrependimento vale mais que todas as virgindades do mundo. Coitadinha! Roubada por um demônio que aqui havia, desonrada, e depois abandonada, ainda por cima foi sofrer num convento até morrer de desgosto. Sim, senhora, que isto é coisa sabida.

E o atroar dos sinos redobrou de violência, enquanto nos galhos da velha figueira os mochos desprendiam seu grito rouquenho e sinistro.

Se no espírito do homem não existisse a dúvida para muitas vezes o desviar das verdades contristadoras, se entre as suas faculdades não houvesse a imaginação para, muitas mais, iriar e matizar a realidade, as significativas palavras das desconhecidas teriam por certo vibrado no coração de Agavino como balas mortíferas. O infeliz sentiu a percussão terrível que elas lhe causaram, porém afastou de sua alma o negro vaticínio.

– E demais – disse entre si – no mundo há tantas Marias...

Continuou a passo até chegar ao meio da cidade, onde o clarão de muitas luzes e uma lúgubre toada o fizeram parar de novo. Era um préstito fúnebre que se movia lento para aquela parte; sem dúvida o saimento da tal santa de quem falavam as mulheres.

O avultado concurso de gente que o compunha, o grande número de sacerdotes que salmeavam as preces e os cânticos consagrados aos defuntos, o lutuoso aparato com que vinha adornado o esquife, demonstravam claramente que não se tratava de uma falecida vulgar. Uma irresistível curiosidade mesclada de angústia o foi levando até as proximidades do cemitério, que distava quatrocentos ou quinhentos passos, onde, aproximando o cavalo de uns escravos que de cima de uma alta calçada viam passar o préstito, perguntou-lhes de quem era.

– Da filha mais moça de dona Amélia, chamada Palmira, que voltou de Pernambuco muito doente – responderam-lhe.

Ainda estas palavras não tinham sido pronunciadas, que de cima da montaria Agavino baqueava em terra como fulminado. Um grito premido e estranho partiu do seu peito ao bater do corpo no chão. Os negros rodearam-no, suspenderam-no nos braços e o colocaram sobre as pedras da calçada, ao tempo que de uma casa vizinha saía uma pobre mulher com um pouco de água para deitar na cabeça do desconhecido, e desta arte o socorrer como podia.

Depois de alguns minutos reanimou-se. Olhou como desatinado em redor de si, e afastando com a mão as pessoas que se lhe reuniram em torno para vê-lo, pareceu procurar algum objeto mais distante, quando ainda avistou ao longe as luzes do tétrico cortejo.

– Esperem! Esperem! – disse com voz quase de ventríloquo.  
– Assassinará-na! Assassinou-a o miserável! Vou vê-la ainda uma vez... Vou vingá-la!!

Não disse mais nada: levantou-se e encaminhou-se rápido para aquele ponto, em quanto todos o olhavam maravilhados, e o inteligente animal o seguia fielmente.



**XXXV**  
**PROFANADOR!**





Quando Agavino alcançou o saimento, já este estava no cemitério. Os circunstantes, uns tinham-se colocado em redor da cova, outros, mais afastados, contemplavam a beleza do céu, enquanto os padres, ladeando o féretro, continuavam no centro a lúgubre salmodia.

O corpo de Palmira ia descer à terra, terra que a infeliz regara com suas lágrimas virginais, e que agora abria as insaciáveis fauces para tragá-la! Já as derradeiras frases litúrgicas tinham soado, já os coveiros haviam passado os colchetes das cordas às argolas do ataúde, e o hissope aspergia pela última vez, quando, de entre os circunstantes, surge um homem de estranho aspecto. Tinha o cabelo grisalho, a barba bifurcada, como a de Cristo, a fisionomia de um penitente, os olhos brilhantes como dois diamantes negros, a expressão desvariada, e o traje de um viajante.

Desesperado bradava: – Esperai! Esperai! – E com toda a força dos seus músculos abraçava a tumba e parecia a querer arrebatá-la. Os coveiros olhavam-no espantados, e esforçavam-se tímidos por lhe tirarem das mãos, vendo-o resoluto e terrível. Os sacerdotes, os parentes da falecida, os circunstantes todos, cada qual mais maravilhado, tinham-se uns aproximado para o verem, outros recuado precipitadamente, incendiando sem o querer muitas das lanternas de papel que traziam por fora dos círios, e deitando por terra os tocheiros que ardiam em torno da cova. Ao passo que o estranho forcejava com os dedos para abrir o esquife, onde estavam encerrados aqueles preciosos restos, cujo valor só ele aquilatava.

– Possesso! Sacrilego! Cruz! – gritavam de todos os lados. – Quer profanar o último repouso da freira! Os guardas! A polícia!

Ouvindo este último brado, um dos espectadores do comovente sucesso – aquele talvez que mais merecia a grilheta das galés pelas suas inúmeras façanhas – correu para o portão do cemitério desaparecendo depois para as bandas da casa onde estava hospedado o chefe de polícia da Província, cuja presença em Areia era passageira, e motivada por circunstâncias bem pouco airosas para a política. Foi, porém, singular que, partindo do cemitério a pé, chegasse montado à casa de Sua Senhoria, a quem, com a maior graça de que podia dispor, e para que não sofresse a rapidez do serviço público, ofereceu a dócil cavalgada. O celerado a encontrara errante, e como desnorreada, semelhante a um cão fiel que tivesse perdido o dono.

Enquanto isto se passava, e o ruído das patas do cavalo, e o grito estridente do piedoso facínora iam alvoroçando os habitantes da cidade, Agavino lutava com os coveiros, os quais forcejavam para atirar o féretro na fossa, cuja borda servia de teatro à tão horrível cena.

O desgraçado implorava chorando que o deixassem ver, ver tão somente aquela que, segundo ele ouvira, podia não ser de todo um cadáver, e se o era, lhe permitissem a ele, infeliz peregrino, contemplar, um minuto que fosse, a preciosa relíquia, antes de a esconder a terra! Suas lágrimas, seus gestos expressivos da desesperação, suas palavras e seus soluços, tudo era baldado!

– Deixai-o vê-la! – gritou uma voz. – Poderá ser um parente da falecida; está louco de dor.

Era a voz de Cléodon.

Os coveiros afastaram-se. Daí a dois segundos os pregos da arca haviam estalado, e um verdadeiro anjo vestido de monja aparecia dentro dela banhado pelos raios da lua, à que se mesclava a luz avermelhada dos brandões.

Quando o infeliz viu aquela face angélica, desbotada e exânime; aquele corpo estendido, longo, vestido de burel branco, aquelas formosas mãos inteiriçadas pela imobilidade, custou acreditar em seus olhos. Pareceu-lhe estar vendo a sua estátua de mármore em uma inexplicável transformação de gestos e expressão, e se não fossem as circunstâncias múltiplas que lhe atestavam a realidade dos fatos, ele, na sua pungente exaltação, teria crido em uma força diabólica.

Além disso, havia na figura que então contemplava o que quer que era mais completo e mais atraente do que nas abstrações da arte, e o perfume que a envolvia nada tinha comum com o bafo da sepultura: não parecia totalmente inanimada.

Agavino abriu-lhe as pálpebras, e os olhos estavam úmidos e brilhantes. Uniu sua boca à boca da monja, e a sentiu menos fria do que sentira outrora os lábios da estátua. Aplicou-lhe o ouvido ao peito, e um bater compassado e tênue foi lhe anunciando que ainda havia ali um órgão capaz de afetos: o pulso era o de um vivo!

– Deus do céu! – disse apressado e trêmulo. – Que milagre! Que ventura! Socorrei-a, senhores, que não está morta!.. Era... era um sono apenas!

– Ela carecia dele. Ó Deus, os Anjos também dormem!

Agavino já não falava, balbuciava ansioso, soluçava, e as sílabas desarticuladas e curtas de um extremo contentamento borbulhavam-lhe nos lábios, como as lágrimas dos olhos em seu pranto de alegria.

Uma peripécia extraordinária abalou os espectadores daquele insólito drama, cujas inopinadas e rápidas cenas tinham-nos imobilizado e emudecido: a monja acabava de se mover!

– Palmira! Palmira! – Exclamou Agavino com afeto íntimo, e cobrindo-a de beijos: – Ouves a voz do teu Agavino? Ele ainda te ama, e muito. Ele veio salvar-te! Vive e fala, para que ele saiba que ainda o reconheces depois de tantos anos de angustiado sofrer! Vive, fala e sorri, para que os teus sorrisos lhe alegrem

o coração! Abre estes olhos, para que os seus raios lhe alumiem a existência! Vem, minha querida, minha esposa; volta para a vida, volta para o amor! Senhores, ela respira distintamente!... Chamai um médico, depressa! Para longe as luzes e os crepes, e afastemo-la daqui!

Quando acabou de pronunciar estas palavras, já a havia tomado nos braços, e caminhava para fora do cemitério, acompanhado da multidão assombrada.

Um girau feito de varinhas toscas, e coberto apenas de uma esteira de piri-piri, como o eram então quase todas as camas da gente pobre do lugar, acolheu sob uma simples palhoça o corpo da ressuscitada.

Apenas sobre o leito, Palmira começou a recobrar os sentidos, e ciciou um suspiro profundo, que parecia exprimir grande alívio. Seus olhos embeberam-se desde logo nos olhos de Agavino, que ali estava anelante e emudecido, tão grande era a sua comoção.

Ficaram assim, mudos ambos e quedos, a se olharem como absortos, não como outrora numa ventura sem igual, mas em um caos de sentimentos insondáveis! Por fim, disse Agavino em voz baixa e lenta:

– Deus seja louvado! que te vejo afinal despertares do teu sono, para lançares na escuridão da minha alma a luz da esperança e do amor! Tu me reconheces, não é verdade? Tu me crias morto, ou esquecido de ti, enquanto eu errava solitário e triste pelo deserto da existência, sem achar objeto que suprisse a tua falta. Errava assim, louco e angustiado, porque te cria finada! E tu estás viva, e jovem, e bela, para que o dia seja mais esplêndido, o céu mais puro, o mundo mais benigno, e o caminho da glória menos escabroso!

– Mas onde estou eu!? – começou Palmira com voz sumida e quase imperceptível. – O que é isto?! Deus! Eu sonho?.. Minha mãe! Afastai-me estas visões terríveis! Ele! sempre o infeliz dos

meus sonhos! Vai-te, vai-te, que não tardarei seguir-te!... O que quer tanta gente? Minha mãe, socorrei-me!

O povo havia afluído à entrada da palhoça, e estava como terrificado diante do pasmoso quadro, ao passo que Agavino, apertando contra o peito a mão da freira, parecia querer transmitir-lhe a própria vida.

– Ainda socorro, Palmira?! E não acabo eu de te socorrer ao despertares do teu sono? Aquieta-te. O ente que tens diante de ti não é fantasma, mas realidade. Tranquiliza-te: Deus é grande. Hoje mesmo despirás esta roupa, e se ainda me amas, amanhã – quem sabe? – cingirás talvez a capela do noivado.

A perturbação do seu espírito não o deixara induzir do quanto ouvira e agora via, a verdadeira condição social daquela mulher irrevogavelmente votada às solidões do claustro, nem tão pouco prever o efeito funesto de semelhantes palavras no ânimo da ressuscitada.

Quando acabou de as pronunciar, um agudíssimo – ai! – partiu da boca de Palmira, que parecia ter voltado um instante ao sentimento de realidade. Depois um ligeiro estremecimento agitou-lhe os membros, e duas lágrimas rolaram-lhe pelas faces, como dois fios de cristal. Eram as últimas lágrimas do pranto da vida.

– Agora – disse o doutor Aurélio, que havia observado tudo – é que ela expirou realmente!

Fora impossível descrever a desesperação de Agavino quando viu apagar-se aquela estrela, que por momentos cintilara no firmamento da sua angustiada existência! O desgraçado atirou-se sobre o cadáver, enquanto com as mãos encrespadas arrancava os cabelos, e com voz rouca e pungida, balbuciava monossílabos desarticulados ou palavras ininteligíveis para os que o observavam. Depois levantou-se, tomou nos braços a amortalhada, saiu para a frente da choupana, e erguendo-a para o céu, exclamou com voz clara e sonora como se fora a de um arcanjo pronunciando no espaço a sua prece divinal:

– Deus de misericórdia e de infinita bondade, que velais à face da terra!.. Senhor da imensidade dos mundos, que tudo podeis com um aceno da vossa vontade, amerceai-vos do mais indigno dos vossos servos, reanimando este cadáver de santa, para que a virtude seja recompensada, a desgraça consolada, e vejam os maus, que ainda não cessou na terra a vigilância divina! Reanimai-o – continuou com inflexão acerba, – ou então não tendes justiça, a moral é uma hipótese estúpida, a fé uma ilusão ridícula, e a vossa própria existência um dolo fatal à humanidade!

E era cruel o vê-lo assim delirante de dor, crente e blasfemo a um tempo, erguido nas pontas dos pés, com a defunta nos braços, ora suplicante e humilde, ora altivo e terrível, mas sempre à espera de um milagre. Ao passo que, indiferentes aos obscuros infortúnios do homem, as divinas potestades ostentavam na esplendidez dos astros e na serenidade do ar as suas glórias incomparáveis, ou sorriam-se na suavidade da aragem, no rociar do orvalho e no exalar das fragrâncias noturnas.

Para derramar ainda mais fel no coração do desventurado, uma voz grita-lhe de longe escarnecendo e rindo:

– Idiota! Cuidas que a freira morreu por ti, e ela sofreu e morreu por outro... – E soltou uma gargalhada tão infernal, que fazia ouriçar os cabelos.

Era a voz da cigana Rachel, que destarte tolhia à dor de Agavino o que lhe restava suave e santo: a convicção de que Palmira, que a ocasionara, a merecia.

O infortunado viu passar diante dos seus olhos umas como serpentes de fogo, que enroscando-se no cadáver, fizeram-no atirá-lo para longe de si com o asco de quem repele um objeto hediondo e torpe. Mas nesse momento sente-se aferrado por quatro robustos soldados, que o amarrara cautelosamente, depois de o apresentarem ao chefe de polícia da Província, ali chegado em companhia deles e de diversas outras pessoas.

– Segurem-no bem! – repetia gritando o respeitável zelador da ordem e segurança públicas.

Apesar da sua profundíssima angústia, Agavino reconheceu naquela voz arrogante e covarde, naquela cara patibular o seu antigo verdugo, Ruines Gama! Em outra época da sua vida a impetuosidade e a energia do seu caráter teriam bastado, com a sua perfeita compleição física, para de um único impulso, talvez, libertar-se das mãos que o prendiam, e derribar o miserável de um só golpe da menor arma que encontrasse. Mas as comoções físicas e morais tinham-lhe tolhido as forças, e ele apenas pode murmurar, caindo sem sentidos:

– Coisa infame e vil, eu te desprezo cada vez mais!

– Algemado! Algemado! E já pro calabouço! – gritava Ruines Gama sumindo-se por entre o povo.

Os guardas levaram o profanador para a enxovia, ora nos braços, ora arrastando-o e espancando-o, enquanto a multidão o seguia vociferando as vulgares injúrias que sabe inventar com tão crua veemência em semelhantes ocasiões. Já todos o haviam reconhecido!

Quando o deitaram no ladrilho da prisão, o mesquinho tinha a face contusa, o peito ferido e as vestes ensanguentadas. Estava imóvel e anelante. Tinha o olhar tresvariado, a respiração ofegante, e parecia encarar no espaço algum fantasma que o assombrava.

De entre os curiosos que se aproximaram para vê-lo de perto saiu uma mulher, em cujo vulto cravou os olhos com doloroso espanto. Como Palmira, trajava essa mulher o hábito de monja. Era Rachel, que tivera o cuidado de trazer para junto de si uma das lâmpadas que ardiam à porta da enxovia.

A satânica cigana estava mais bela do que nunca. A sua feição geral, meio judaica e meio americana, atingira em amplidão e em doçura de lineamentos o irrepreensível desenvolvimento daquela mulher colossalmente bela, pintada pelo Raffaello na sua célebre *Transfiguração*. E seu semblante, animado por estranho

fogo, acenderia a mais viva das paixões em quem quer que desprevenidamente a contemplasse.

Pegou na guitarra que trazia sempre consigo, e pôs-se a cantar com entusiasmo:

Já não tenho uma esperança  
 Que me alente o coração;  
 Foste gelo e eu cratera  
 Ao referver do vulcão.  
 Ingrato, vil e maldito,  
 Que me quebraste a existência,  
 Tive de ti o desprezo:  
 Do céu tiveste a inclemência.  
 Rogou-te a praga fatal  
 Minha mãe na inspiração:  
 Foste o brinco da virtude,  
 E do mundo a execração.  
 No meu ser plebeu, humilde,  
 Venci-te, e venci-te a amante;  
 Ela foi monja deveras,  
 E eu só o fui de um instante.  
 Ao amor que te jurou  
 Amaste a monja infiel:  
 Desfrutou-a Ruines Gama.  
 Enquanto libavas fel.

Quando acabou de cantar estes meio improvisados versos – em que a implacável sede de vingança consorciava algumas verdades com a mais viperina calúnia –, desdeu o nó que prendia-lhe o capilar por baixo do queixo, e soltando os longos cabelos que trazia escondidos sob a cogula, exclamou com satisfação feroz: – Estou vingada!

Vergado sob o peso de tanta amargura, e fisicamente martirizado, o infeliz pendia claramente para a sepultura. A atonia do olhar, o conturbado da fisionomia, a estranheza da expressão, e até uma certa decomposição do semblante, tudo denunciava nele uma existência que trespassava.

**XXXVI**  
**MALDITO!**





Condoído da desgraça de Agavino, não cessou Cléodon de interceder por ele às pessoas mais gradas que ali se achavam. Desprezado, porém, por causa da sua humilde posição social, apenas conseguiu que frei Serafim – então de passagem em Areia e já septuagenário – viesse ajudar o moribundo a morrer como cristão, confessando-o, e absolvendo-o dos horrendos pecados que lhe imputava a voz pública.

– Filho, sois um grande pecador que está a descer à cova – disse-lhe o frade em tom grave e retumbante, depois de mandar saírem os circunstantes da presença de ambos. – Refleti na enormidade das vossas culpas, lembrai-vos dos crimes com que lançastes luto e vergonha em tantas almas. Arrependei-vos, humilhai-vos, e confessai-vos a mim, para que não vos seja eternamente vedada a porta do Céu!..

Agavino ergueu o olhar e fitou o seu exortador, reconhecendo logo o terrível missionário que por outras ocasiões andara aterrorizando os habitantes daqueles lugares, concorrendo até indiretamente para exacerbar-lhe a desditosa infância.

– Não há dúvida, Reverendo Padre, que sou um grande pecador, porém que eu haja lançado luto e vergonha em alheias almas, isso, perdoai-me que vô-lo diga, só se foi sem o querer. Pelo contrário: vítima de grandes falsidades, sofri em silêncio... Mas perdooo...

– Como?! – interrompeu frei Serafim com aspereza. – Ousais negar-me aquilo que todos atestam com irrecusáveis testemunhos!? Ó, isso equivale a proferir uma mentira à entrada da salvação. É uma infâmia sem nome, inspirada por Satanás para que em vida sejais coisa sua.... Dizei-me somente a verdade!

Antes de se resolver a ouvir de confissão o profanador do cemitério, quis o velho franciscano ser minuciosamente informado acerca das terríveis façanhas atribuídas àquele infeliz, cuja fama ele desde muito conhecia, e cuja condenação havia de antemão pronunciado no seu interior.

– Frei Serafim – disse-lhe Agavino, – a minha confissão a vós fora inútil: Deus saberá perdoar-me.

– Enganai-vos. Deus só perdoa aquele que aos pés dos seus enviados se compunge de o haver ofendido, e humildemente implora a divina assistência; não, porém, ao desgraçado que, depois de pactuar com o demônio e encher a terra de obras infernais, ousa repelir a divina misericórdia quando ela baixa sobre a sua cabeça!...

– Padre, se sabeis que pactuei com o demônio, que enchi a terra de obras infernais, e repilo agora a misericórdia divina, para que mais quereis ouvir-me? Ide-vos e deixai-me morrer em paz. Entre o Criador e a criatura não deve ser imediata a comunhão?

Acostumado à obediência cega de quantos exortara durante a sua longa carreira de missionário, e vendo frustradas as esperanças de saber de importantes verdades a respeito da honra da freira e, por conseguinte, da família dela, sentiu-se o barbadinho ferido em seu orgulho de sacerdote e de homem ao ouvir estas palavras de um pobre preso, sobre quem pesavam tão graves e unânimes acusações. E tanto bastou para, como costumava, expandir as iras do seu temperamento de ator dramático em gritos e imprecações tais, que restrugiram e ecoaram ao longe como a voz de um ser inspirado e superior.

– Miserável! Não ouseis repelir à borda da sepultura e do inferno um ministro desse Ente Supremo a quem tanto ofendeis, nem blasfemar as santas crenças católicas fora das quais não há salvação para o perverso!...

– Mais blasfemo e perverso fora eu – tornou serenamente Agavino – se enganasse um homem qualquer acerca dos meus

sentimentos íntimos. Ora, digei-me: se posso confessar-me diretamente a Aquele que não duvida da minha consciência, para que enumerar a um mero semelhante meu obrar cujo valor moral Ele exaure à medida que se produzem?

– Excomungado! – bradou furioso o barbadinho saindo da enxovia, e gesticulando como se exorcizasse algum mau gênio atrás de si. – A maldição eterna pesará sobre vós!

E muitas vozes repetiram fora: – A maldição eterna pesará sobre o facinoroso!

Enquanto os curiosos afluíam de novo à porta da prisão para contemplarem um homem reduzido à extrema execração humana, o desgraçado ergueu-se nos braços como querendo assentar-se, e depois de se esforçar em vão para sustentar-se alevantado, reclinou sobre a parede o ombro e a cabeça, ficando afinal na postura de quem acabava de ser incompletamente fulminado.

Acudiram-lhe então à mente todos os tétricos pensamentos que durante o decurso da vida surgiram diante do seu espírito como interrogações diabólicas acerca da existência de um Ser-Eterno infinitamente bom, providente e justiceiro, um Ser-Onipotente todo ciência e amor, cuja presença em seu coração fora sempre como um raio de sol a dardejar furtivo por entre nuvens de tempestade em campo semeado e ubérrimo.

O ciclo da vida humana, e em geral da vida universal, foi-se-lhe desdobrando ao espírito em quadros cambiantes e múltiplos, como as fases de uma erupção vulcânica. As moléstias e as deformidades das crianças e de tantos outros seres inocentes e fracos; a orfandade de muitas dessas inofensivas e indefensas criaturas, que sofrera como se expiassem culpas desconhecidas e tremendas; a pálida realidade das coisas esvaecendo tão cedo as cândidas ilusões da adolescência; as insuperáveis dificuldades que encontra o homem para descobrir a verdade, desde que

desabrocha-lhe no intelecto a sede de saber, sem a qual todos os seus esforços para adquirir um pouco de ciência não passariam de um inútil tormento; a muito mais difícil prática da virtude no meio das inúmeras seduções que solicitam a vontade em direções opostas; a dura e ingrata experiência do mundo esmagando as generosas e poéticas aspirações da puberdade, e os amargos desenganos que oferece a realidade ao homem moço a título de prêmio do seu imenso amor; a profundidade e a sinceridade deste grosseiramente iludidas com os passageiros gozos materiais quando tem por objeto a mulher, ou com dissabores crudelíssimos quando é consagrado à Pátria; as formidáveis dúvidas que surgem na mente de quem cogita do problema do humano destino; as ridículas antinomias a que chegamos ao cabo dos nossos mais rigorosos raciocínios, para remontarmos ao princípio dessa incessante morte a que se chama vida, e desse incessante correr para o passado a que se chama existência; a contínua luta do chamado Rei da Criação para conservar seu diadema de espinhos e seu trono de miséria no meio da multidão dos que lhe disputam esse direito; a implacável senectude, que tão desapiedadamente corrói a natureza mais merecedora de eterna juventude e eterna beleza, e vai lançando na alma uma tristeza tão profunda como o é o estrago que produz no precário organismo; a pequenez e as irremediáveis imperfeições deste comparadas à imensidade e à sublimidade do espírito em seus arroubamentos, e da consciência em sua inata insaciedade; a limitação da existência no tempo e no espaço, constantemente presente, como um círculo de ferro, à inteligência do homem que ama o passado pela geologia e pela história, e o que foi, é e há de ser na infinidade dos mundos, pela astronomia e pelas ciências biológicas; a cruel impossibilidade de descobrirmos uma única sílaba, sequer, da essência ou natureza íntima das coisas, posta diante das faculdades de perceber como uma afirmação importuna e perene do nada que somos, e a

desesperação que disso mesmo resulta para um ser dotado de infinita curiosidade; as dúvidas formidáveis e terríveis, que de contínuo vão ermando a alma das suas crenças e o coração dos seus afetos; a existência do mal por toda a parte demonstrada como uma indubitável limitação à presciência e à justiça divinas, o espetáculo da desordem, da injustiça, da dor e da destruição, como ímpia porém incontestável negação da Providência; todas essas inexoráveis reflexões acudiram-lhe repentinas à mente dorida, como uma catadupa de lavas despenhando-se em turbilhões por sobre campo revolvido de horrendos terremotos.

No meio, porém, das ideias que assim tumultuavam-lhe no espírito, confusas, precipitadas e sem concatenação lógica, e das dores que despedaçavam-lhe o coração, conservou Agavino a candidez necessária, para que sua existência fosse como um hino de glória entoado em louvor da justiça, da verdade e do eterno amor.

– Deus de misericórdia – disse por fim com voz sufocada – porque me abandonastes?

Deitou de todo a cabeça no chão, ficando com o braço direito dobrado por baixo do peito, como se de todo lhe falecessem as forças. Depois, derramou-se-lhe no semblante o misterioso sorriso dos bem-aventurados, e um rápido tremor abalou-lhe os membros, era quanto o último suspiro se lhe desprendia do peito.

No dia seguinte a freira dormia sossegada no seu leito de terra, ao passo que, perante uma grande reunião de curiosos e com a cabeça do infeliz decepada do tronco um recém-formado na Faculdade do Rio de Janeiro, filho do Marquês dos Guaiamus, munido de luzidos instrumentos de dissecação e pesquisa anatômica, e dos livros dos grandes frenólogos, patologistas, alienistas, criminalistas e médico-legistas que conhecia, ia explicando e mostrando um a um ao embaixado auditório os caracteres patológicos da loucura, ou as protuberâncias

frenológicas da perversidade. Coisas que ele havia descoberto reunidas no cérebro daquele que, como vimos, foi durante a vida inteira um inimitável modelo de virtude, e que, em lugar de transigir com as seduções e os gozos ofensivos à pureza da consciência e do dever, preferiu sempre – sem temor das penas do inferno nem preocupação das celestes recompensas – oferecer-se em perpétuo holocausto aos eternos e sacrossantos princípios do verdadeiro, do justo e do belo!

FIM

# GUIA DE NOMES





## A

**AFONSO HENRIQUES** [DOM AFONSO I ou DOM AFONSO I HENRIQUES, c. 1109 - 1185] foi o primeiro rei de Portugal. Durante seu longo reinado, dom Afonso Henriques conquistou Santarém e Lisboa aos muçulmanos (1147), e assegurou a independência de seu país em luta contra os leoneses. Depois de diversas conquistas ao longo de mais de quarenta anos, duplicou o território que seu pai lhe legou, razão pela qual ganhou cognomes de O Conquistador, O Fundador e O Grande. Ele consolidou os alicerces da monarquia lusa, dando forma a um dos primeiros estados europeus.

**ALBA LONGA** é uma cidade lendária, erguida às margens do rio Alba, mais tarde nominado de Tibre. Algumas narrativas dizem ter sido Alba Longa fundada por Ascânio, filho de Eneias, rei dos latinos. Com o passar do tempo, a cidade lendária ganharia outro nome, Roma, também conhecida por *Cidade eterna*.

**ALEXANDRE VI** [1431-1503], nascido Rodrigo de Borja, italianizado Roderico Borgia, foi o 214º papa da Igreja Católica. Durante seu pontificado foram decretadas as Bulas Alexandrinas, que cuidavam das divisões das possessões portuguesas e espanholas no mundo. As negociações ibéricas levaram ao Tratado de Tordesilhas, que foi contestado por reis europeus. A França e a Inglaterra não reconheceram a decisão papal e estabeleceram colônias nas novas terras descobertas.

**ALFIERI** [NICCOLÒ VITTORIO ALFIERI, 1749-1803] foi escritor italiano. Filho de família aristocrática do Piemonte, abandonou os estudos aos dezessete anos para viajar pela Europa. Consciente da necessidade de tornar a Itália uma nação, retornou ao seu país. Alfieri produziu dezessete tragédias, entre as quais: *Saul*, *Antígona* e *Maria Stuart*. Além disso, escreveu apelos à liberdade, ao patriotismo e à necessidade de lutar contra a tirania.

**ÁLVARO VAZ DE ALMADA** [ou **ÁLVARO VASQUES DE ALMADA**, 1390-1449] preferido do infante D. Pedro, foi o primeiro conde de Abranches em Portugal, expressa na carta de reconhecimento do título. Ele exerceu o lugar de Capitão-mor do Reino e do Mar, a partir de 23 de Julho de 1423 por D. João I e confirmado pelo filho D. Duarte I de Portugal em 5 de Julho de 1434. Em 4 de Abril de 1440, foi nomeado Alcaide-mor de Lisboa.

**AMALASUNTHA** [c. 495-c.534] foi regente dos ostrogodos de 526 a 534. Após a morte de Teodorico, seu pai, em 526, e por seu filho Atalarico não ter idade pra governar, Amalasantha se tornou regente do reino. Consciente de sua impopularidade, Amalasantha banii e, posteriormente, condenou à morte três nobres góticos suspeitos de plantar intrigas contra seu governo e, ao mesmo tempo, iniciou negociações com o imperador Justiniano I para que este a conduzisse, juntamente com seu tesouro, para Constantinopla, por segurança. Sua vida foi tema de uma tragédia urdida pelo dramaturgo Carlo Goldoni, encenada pela primeira vez em Milão, em 1733.

**ANÍBAL** [ANNIBAAL ou ANNIBAL, 248-c. 183 a.C.] foi general e estadista cartaginês, considerado por muitos como o maior dos táticos militares da história. Filho de Amílcar Barca, ele foi um dos generais mais combativos da Segunda Guerra Púnica, quando promoveu uma das façanhas militares mais espetaculares da Antiguidade: Saiu da Hispânia com seu exército, cruzaram os montes Pirineus e os Alpes, acompanhados de elefantes, para conquistar o norte da península itálica. Lá, derrotou os romanos em grandes batalhas campais. Apesar da brilhante estratégia, Aníbal não chegou a submeter Roma.

**APELES** [século IV a. C]. Considerado o maior pintor da Antiguidade, Apeles pintou principalmente retratos, mas seu quadro mais famoso era de Afrodite. Era o pintor favorito de Alexandre o Grande, do qual executou vários retratos, geralmente em alguma situação alegórica, isto é, segurando um raio ou cavalgando em triunfo, tendo a guerra quase sempre como motivo.

**ARISTÓTELES** [384–322 a. C.]. Este grande filósofo grego colecionou manuscritos e formou a primeira biblioteca importante de que se

tem notícia, além de um museu de história natural, cuja instalação, segundo a tradição, teria sido executada por Alexandre o Grande.

**ARQUIMEDES** [c. 287 – 212 a. C.], brilhante matemático, astrônomo e inventor grego, nascido na cidade-estado de Siracusa, na Ilha da Sicília. Arquimedes ajudou a impedir, por mais de dois anos, que a tropas romanas de Marcelo conquistassem sua cidade natal, graças aos seus inventos bélicos.

## B

**BERNINI, GIAN LORENZO** [1598-1680] foi eminente artista do barroco italiano, e trabalhou principalmente na cidade de Roma. Ele se distinguiu como escultor brilhante e arquiteto, ainda que tivesse sido pintor, desenhista, cenógrafo e criador de espetáculos de pirotecnia. Esculpiu numerosas peças de arte, encontráveis em Roma e no Vaticano. Entre suas muitas obras, destacam-se a Colunata da Praça de São Pedro (Vaticano), a Fonte de Tritão, *Apolo e Dafne* e o *Rapto de Proserpina* (Galleria Borghese).

**BYRON, GEORGE GORDON NOEL** [1788–1824]. As obras de Byron obtiveram enorme sucesso tanto na Europa como nas Américas. Byron exprime o pessimismo, próprio do Romantismo europeu, com a tendência a se voltar contra os outros e contra a sociedade, o que, para muitos, pode ser interpretado como um painel autobiográfico. Entre seus poemas mais famosos estão: *Childe Harold's Pilgrimage* (*A peregrinação de Childe Harold*, 1812), *Hebrew melodies* (*Melodias hebreias*, 1815), *Don Juan* (1819).

**BRASILIANAS.** Ver PORTO-ALEGRE.

**BRUNELLESCHI, FILIPO** [1377-1446], arquiteto florentino, foi responsável, juntamente com Masaccio, na pintura, por lançar as bases da estética renascentista. Brunelleschi redescobriu os princípios da perspectiva linear, desenvolvidos pelos gregos e romanos e esquecidos durante a Idade Média, restabeleceu o conceito de ponto de fuga, e a relação entre a distância e a redução no tamanho dos objetos. Entre outros

trabalhos relevantes de Brunelleschi constam o pórtico do hospital dos Inocentes e a finalização da catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, que lhe trouxe o desafio da construção e sustentação da enorme abóbada.

**BUCÓLICAS.** Ver VIRGÍLIO.

## C

**CAMÕES, LUÍS VAZ DE [c. 1524–1580].** Diz-se que o autor de *Os lusíadas* teria, quando criança, realizado um curso de artes no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, do qual seu tio era o prior.

**CANOVA, ANTÔNIO (1757–1822).** Tido como expoente máximo da escultura neoclássica europeia, Canova pretendia devolver à escultura a simplicidade e a pureza próprias da Antiguidade Clássica. Importante também é o fato de que após a saída definitiva das tropas napoleônicas de Roma, este veneziano conseguiu a devolução das obras de arte italianas confiscadas durante a ocupação francesa.

**CATÕES.** Nome romano, cujos representantes mais conhecidos são: Catão o Velho (Marcus Porcius Cato, 243-143 a.C.), estadista também conhecido como Catão o Censor. Como censor, ele se destacou por sua defesa conservadora das tradições romanas contra o luxo e a frivolidade da corrente helenista oriunda do contato cada vez maior de Roma com o oriente. E Catão o Jovem (Marcus Porcius Cato Uticensis, 95-46 a.C.), bisneto do primeiro, também político romano, e conhecido como Catão de Útica e Catão o Moço. Era o principal antagonista de Júlio César e do triunvirato. Homem de caráter inflexível e absoluta integridade, mas tacanho, imprevidente e impérvio tanto à razão como à corrupção.

**CHRISTIE [WILLIAM DOUGAL CHRISTIE, 1816-1874],** embaixador britânico no Brasil, entre 1859 e 1863, que ganhou notoriedade por haver promovido uma série de incidentes entre o Brasil e o Reino Unido, conhecida nos anais diplomáticos e históricos como Questão Christie. A inabilidade e a arrogância do representante britânico acabaram levando

ao rompimento temporário de relações diplomáticas entre os dois países no ano de 1863.

**COLOMBO.** Ver PORTO-ALEGRE.

**COPÉRNICO, NICOLAU** [1473–1543]. A revolução cultural vivida pela Itália renascentista levou este astrônomo polonês a estudar, durante o tempo em que viveu em Bolonha e em Pádua, a língua e a cultura da Grécia clássica.

## D

**DANTE ALIGHIERI** [1265–1321], escritor italiano, escreveu a *Divina comédia* (1308–1321), uma das obras poéticas fundamentais da literatura mundial. Amigo do pintor Giotto di Bondone, Dante Alighieri o incluiu na sua maior obra, quando o cita no “Purgatório” como o pintor que superou o grande mestre Cimabue.

**DARWIN** [CHARLES ROBERT DARWIN, 1809-1882], brilhante naturalista britânico, que conquistou fama ao propor uma teoria da evolução e explicar como ela se processa por meio da seleção natural e sexual, e que influenciou os estudos em biologia. Em seu livro de 1859, *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life* (*A origem das espécies pela seleção natural, ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida*), ele expôs o princípio da evolução a partir de um ancestral comum, por meio da seleção.

**DAVID D'ANGERS** [PIERRE-JEAN DAVID, 1788-1856] foi escultor e medalhista francês, que adotou o nome David D'Angers. A fama de D'Angers deve-se ao seu *Philopoemen blessé* (*Philopoemen ferido*), em mármore, abrigado no Museu do Louvre, e o monumento ao General Gobert, no cemitério Père Lachaise. Ele confeccionou sete outras para mausoléus, como o busto do escritor Honoré de Balzac e do médico Samuel Hahnemann. O Museu David, na cidade de Angers, possui uma coleção de suas obras.

**DIANA A CAÇADORA** ou *Diana à la Biche*, encontra-se exposta no Museu do Louvre, e é vista como a contraparte do *Apolo do Belvedere* (Museu do Vaticano), isto porque não só a composição da cena assemelha-se à do *Apolo*, como também a proporção e o estilo de execução. É considerada obra de valor artístico, embora inferior ao *Apolo*.

**DICKENS [CHARLES JOHN HUFFAM DICKENS, 1812-1870]** foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. A fama conquistada com seus romances e contos, tanto durante a sua vida como depois, só aumentou. Apesar de os seus romances não serem considerados, pelos critérios atuais, muito realistas, Dickens contribuiu em grande parte para a introdução da crítica social na literatura de ficção inglesa. Entre suas obras, destacam-se *The Pickwick Papers* (As aventuras do sr. Pickwick, 1836) e *Oliver Twist* (1837).

**DOM JOÃO I [1357- 1433]**, foi o Rei de Portugal e Algarve de 1385 até sua morte, e primeiro monarca da Casa de Avis. Apelidado por “o de Boa Memória”, foi escolhido e aclamado rei depois da Crise de 1383-1385. Em seu reinado foram descobertas as ilhas de Porto Santo (1418), da Ilha da Madeira (1419) e dos Açores (1427), além de promover expedições às Canárias. Também, iniciou-se o povoamento dos arquipélagos dos Açores e da Madeira.

**DOM JOÃO III [1502 – 1557]**, décimo monarca de Portugal, reinou entre 1521 e 1557. Herdou um império vastíssimo e disperso, nas ilhas atlânticas, costas ocidental e oriental de África, Índia, Malásia, Ilhas do Pacífico, China e Brasil. Extremamente religioso, permitiu a introdução da inquisição em Portugal em 1536, obrigando à fuga muitos mercadores judeus e cristãos-novos, forçando o recurso a empréstimos estrangeiros. Viu morrer seus dez filhos e a crise iniciada no seu reinado amplificou-se sob o governo do seu neto e sucessor, o rei Sebastião de Portugal.

**DONA MARIA TELES [MARIA I, 1734-1816]**, Rainha de Portugal e Algarves de 1777 até sua morte, foi apelidada de “a Piedosa” e “a Louca”, e também Rainha do Brasil a partir do final de 1815. O seu reinado foi de grande atividade legislativa, comercial e diplomática, tanto como procurou desenvolver a cultura e as ciências, com o envio de missões científicas a Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique, e criou várias instituições,

como as Academia Real das Ciências de Lisboa e a Real Biblioteca Pública da Corte.

**DUQUE DE SALDANHA** [JOÃO CARLOS GREGÓRIO DOMINGOS VICENTE FRANCISCO DE SALDANHA OLIVEIRA E DAUN, 1790-1876], 1º. conde, 1º. marquês e 1º. duque de Saldanha, também conhecido por Marechal Saldanha. Ele foi oficial do Exército Português, no qual atingiu o posto de marechal, foi também diplomata e um dos políticos mais influentes do século XIX português. A sua longa carreira política, e os cargos de relevo que exerceu, tornaram-no o mais importante homem de estado da monarquia constitucional lusa.

## E

---

## F

**FÍDIAS** [século V a. C.] é considerado o maior escultor grego do período clássico. Contemporâneo de Péricles, ele realizou uma série de impressionantes obras escultóricas, dentre as quais: o revestimento plástico do *Pártenon*, as estátuas da deusa *Atena Prómacos*, da *Atenas Pártenos*, da *Atena Lêmnia* e da gigantesca estátua criselefantina (executada em ouro e marfim) de *Zeus*, no templo de *Olímpia*. A obra escultórica deste artista está marcada por três princípios estéticos: a majestade das efígies, a graça e a leveza das roupagens e a impressão de movimento.

**FITCH, JOHN** [1743-1798], inventor estadunidense, desenvolveu o primeiro protótipo de barco a vapor, em 1787. Ele foi o primeiro americano, também, a experimentar esta forma de navegação, da qual obteve a patente, e durante muitos anos deteve os direitos exclusivos de navegação a vapor, explorando-o comercialmente em diversos estados norte-americanos.

**FRANCISCO MANUEL** [FRANCISCO MANUEL DE MELO, 1608-1666] foi historiador, pedagogo, moralista, autor teatral, epistológrafo e poeta português, um dos representantes máximos da literatura barroca

peninsular. Dedicou-se ao trabalho poético, ao teatro, à história e à epistolografia, deixando publicadas cerca de duas dezenas de obras. Juntou ao estilo e temática barrocas o seu cosmopolitismo e espírito galante, próprios da aristocracia de onde provinha. Entre suas obras mais importantes, constam *Carta de guia de casados* e a peça de teatro *Fidalgo aprendiz*.

**FULTON** [ROBERT FULTON, 1765-1815], engenheiro e inventor norte-americano, a que se credita o desenvolvimento do primeiro barco a vapor comercialmente bem sucedido. Em 1800, ele foi contratado por Napoleão Bonaparte para projetar o *Nautilus*, o primeiro submarino prático na história. A ele também se deve a invenção de alguns dos primeiros torpedos navais do mundo, usados pela Marinha Britânica.

## G

**GALILEU GALILEI** [1564-1642], físico, astrônomo e inventor italiano, também foi amante das letras. Recusando-se a escrever em latim, Galileu inovou ao expor suas ideias em língua vulgar, e em estilo ágil e irônico. Ministrou aulas sobre o “Inferno” de Dante, e escreveu *Considerazioni sulla Gerusalemme liberata* (*Considerações sobre Jerusalém libertada*), em que critica a famosa obra de seu contemporâneo Torquato Tasso.

**GARIBALDI** [GIUSEPPE GARIBALDI, 1807-1882], general, guerrilheiro e patriota italiano, é uma das personalidades do século XIX que levaram às últimas consequências o anseio de libertação das garras de potências estrangeiras. Ele foi uma das figuras notáveis da libertação italiana do domínio estrangeiro, e levou consigo a mesma disposição à América do Sul. Foi chamado de “herói de dois mundos”, devido à sua participação em conflitos na Europa e no continente sul-americano.

**GETSEMANI** é a palavra hebraica que designa Jardim das oliveiras.

**GONÇALVES DIAS** [ANTÔNIO GONÇALVES DIAS, 1823-1864], poeta, advogado, jornalista, etnógrafo e dramaturgo, é um dos grandes nomes do Romantismo brasileiro. Celebrizou-se por haver escrito “Canção do exílio”, um dos poemas mais conhecidos da literatura brasileira,

bem como o curto poema épico “I-Juca-Pirama”, e outros tantos versos de verve nacionalista que lhe dariam o título de *poeta nacional* do Brasil. É lembrado como um dos melhores poetas líricos da literatura brasileira. Além das citadas, destacam-se de sua obra: *Um Anjo* (romance, 1843), “Primeiros cantos” (poesia, 1847), “Os Timbiras” (poesia, 1857, inacabado), *Dicionário da língua Tupi* (1858).

**GUTENBERG** [JOHANNES GENSFLEISCH ZUR LADEN ZUM GUTENBERG, 1398-1468], notável gráfico alemão, a que se deve a invenção do tipo mecânico móvel para impressão, e considerado o evento mais importante do período moderno. O invento exerceu papel fundamental no desenvolvimento da Renascença, da Reforma e da Revolução Científica, lançando as bases materiais para a moderna economia baseada no conhecimento e na disseminação da aprendizagem em massa. Gutenberg foi o segundo no mundo a usar a impressão por tipos móveis, por volta de 1439, após o chinês Bi Sheng no ano de 1040, e o inventor global da prensa móvel.

## H

**HELIOGÁBALO** [ELAGÁBALO, 203-222] foi imperador romano da dinastia Severa, durante os anos de 218 a 222. Sua mãe, Júlia Soêmia, era de origem síria e seu pai chamava-se Sexto Vário Marcelo. Como cidadão romano, seu nome provavelmente era Sexto Vário Avito Bassiano (Sextus Varius Avitus Bassianus), e ao tornar-se imperador, adotou o nome de Marco Aurélio Antonino (Marcus Aurelius Antoninus). Com apenas catorze anos de idade, ele ganhou o poder imperial e começou um reinado caracterizado principalmente por escândalos sexuais e controvérsias religiosas. Aos 18 anos, ele foi assassinado e substituído pelo seu primo Alexandre Severo, em 11 de março de 222, numa conspiração feita pela sua avó, Júlia Mesa, e membros da guarda pretoriana.

**HUEMACO** [HUEMAC, HUEYMAC ou HUEHMAC, c. séc. XI], , figura lendária e semi-mítica, é descrito como o último rei do estado tolteca. Há poucas informações sobre ele, mas, segundo alguns registros da literatura asteca, após a queda da capital tolteca, Huemac viajou por alguns anos com um grupo cada vez menor de seguidores, e morreu em uma caverna em Chapultepec, agora parte da moderna Cidade do México.

**HUMBOLDT** [FRIEDRICH WILHELM CHRISTIAN KARL FERDINAND, 1767-1835] gravou seu nome na história justo pelo título nobiliárquico recebido da monarquia alemã, Barão von Humboldt. Ele foi funcionário do governo, diplomata, filósofo, fundador da Universidade de Berlim (hoje, Humboldt-Universität). Amigo de Goethe e especialmente de Schiller, ele é conhecido principalmente por seu trabalho em linguística, pois trouxe importantes contribuições à filosofia da linguagem, à teoria e prática pedagógicas e influenciou o desenvolvimento da filologia comparativa.

## I

**IGNÁCIO DE LOYOLA** [ÍÑIGO LÓPEZ, 1491-1556] foi o fundador da Companhia de Jesus, cujos membros são conhecidos por jesuítas, ordem religiosa católica romana, de grande importância na Reforma Católica. Em 1622, Loyola foi canonizado pelo Papa Gregório XV. Em 2009, a Companhia de Jesus era a ordem religiosa masculina mais numerosa na Igreja Católica.

**INGRES** [JEAN-AUGUSTE DOMINIQUE INGRES, 1780-1867], festejado pintor e desenhista francês, na transição do neoclassicismo para o romantismo. Na carreira, obteve grandes sucessos, assim como amargou grandes fracassos, e é admitido, hoje, entre os mais importantes nomes da pintura do século XIX. Ele preferia a retratística e os nus às cenas mitológicas e históricas. A sua obra mais conhecida é *Apoteose de Homero*, de desenho nítido e fino equilíbrio de composição.

## J

**JEAN GOUJON** [c. 1510 - c. 1572), escultor e arquiteto francês, uma das maiores personalidades do Maneirismo francês. Suas obras mais famosas são as decorações que realizou, em parceria com Lescot, na parte oeste do Palácio do Louvre, entre 1555 e 1562. Huguenote, teve que fugir para a Itália em 1562, em função de perseguições religiosas. Embora eclipsado pelo barroco, seu estilo exerceu forte influência na Escola de Fontainebleau, e foi apreciado pelos neoclassicistas.

**JERROLD** [DOUGLAS WILLIAM JERROLD, 1803-1857] foi dramaturgo e escritor inglês. Ele foi dramaturgo muito popular, apesar de suas peças não terem se mantido no palco. Ele foi dos artistas que lutaram em defesa do drama nativo inglês, esforçando-se para conter a onda de tradução do francês sobre o teatro britânico, no início do século XIX. Prevalece em suas obras a observação aguçada e o satírico humor picante. De sua variada obra, destacam-se: *Black-Eyed Susan* (*Os olhos negros de Susan*, 1829), *The Story of a Feather* (*A história de uma pena*, romance, 1844), *Chronicles of Clovernook* (*As Crônicas de Clovernook*, 1846).

**JUSTINIANO** (FLAVIUS PETRUS SABBATIUS JUSTINIANUS, 482-565], conhecido também por Justiniano I, Santo Justiniano o Grande (pela Igreja Ortodoxa) ou Justiniano o Grande, foi imperador bizantino, no Império Romano do Oriente, de 01/08/527 até a sua morte. Culto, ambicioso e inteligente, fez brilhar o Império Bizantino durante o seu governo. Em seu reinado, publicou o *Código Justiniano*, um sistema básico de leis, por meio do qual afirmava o poder ilimitado do imperador e, ao mesmo tempo, garantia a submissão dos escravos e colonos a seus senhores. Em seu governo, o regime político do império tornou-se autocrático e burocrático.

## K

**KANT**, IMMANUEL [1724-1804] é um dos grandes nomes da filosofia ocidental, cuja obra filosófica representou verdadeira “revolução copernicana” na história do pensamento. O idealismo transcendental ou crítico de Kant é considerado o ponto de partida da moderna filosofia alemã, que marcou pensadores como Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer. Na *Crítica do juízo*, Kant analisa as noções de beleza e finalidade, explicando que a intuição estética opera a síntese entre a imaginação (sensibilidade) e o entendimento, permitindo que a razão se torne sensível e a sensibilidade, racional.

**KRAUSE**, KARL CHRISTIAN FRIEDRICH [1781-1832], filósofo alemão, criou um sistema metafísico baseado no conceito central de panteísmo, que certa influência exerceu na Europa ocidental. Krause postulou uma percepção historicista do progresso da humanidade. Suas principais obras são *Fundamentos do sistema filosófico* (1804) e *O ideal da humanidade* (1811).

## L

**LAMARTINE** [ALPHONSE MARIE LOUIS DE PRAT LAMARTINE, 1790-1869], escritor, poeta e político francês. Muito cedo suas primeiras obras – *Primeiras meditações poéticas* (1820) e *Meditações poéticas* (1823) – deram-lhe celebridade, bem como influenciaram o movimento romântico na França e no resto do mundo. Os poemas de Lamartine deixam transparecer profunda melancolia, e seus temas recorrentes são o amor e a religião. Ele influenciou poetas brasileiros, entre os quais Castro Alves e Álvares de Azevedo.

**LAVATER, JOHANN KASPAR** [1741–1801], escritor e filósofo suíço, foi o fundador da fisiognomonia, disciplina que objetivava desvendar o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos.

**LEONARDO DA VINCI** [1542–1519] é considerado a personalidade-síntese dos ideais renascentistas. Homem dos “mil instrumentos”, este italiano da cidade de Vinci realiza, no *Trattato della pittura*, a articulação entre a arte pictórica e o conhecimento científico, e aconselha os pintores a não se limitarem à expressão estática do ser humano.

**LIEBIG** [JUSTUS VON LIEBIG, 1803-1873], químico alemão que fez grandes contribuições à química agrícola e biológica, e foi considerado o fundador da química orgânica. Como professor na Universidade de Giessen, desenvolveu o moderno método de ensino orientado para o laboratório, e por tais inovações, ele é considerado um dos maiores professores de química de todos os tempos. Liebig é conhecido como o “pai da indústria de fertilizantes”, por desenvolver estudos com nitrogênio e certos minerais como nutrientes essenciais de plantas. Ele também desenvolveu um processo de fabricação de extratos de carne e cubo de caldo de carne.

## M

**MARCELO** [MARCUS CLAUDIUS MARCELLUS, m. 208 a.C.] foi destacado político, cônsul e general do Império Romano. Eleito cônsul cinco vezes, em 222, 215, 214, 210 e 208, teve participação destacada na guerra com os gauleses, e que lhe deu o prestigioso prêmio que se podia dar ao

general, a *spolia opima* (despojos de honra, que eram as armas tomadas do general inimigo, e entregues ao general romano vencedor). Grande herói da Segunda Guerra Púnica, também conquistou Siracusa aos gregos, na famosa batalha que tirou a vida de Arquimedes, o brilhante matemático e inventor. Morreu assassinado em 208, durante encontro com uma unidade de cavalaria cartaginesa perto de Venosa, e recebeu o apelido de Espada de Roma.

**MARIA II** (MARIA DA GLORIA JOANA CARLOTA LEOPOLDINA DA CRUZ FRANCISCA XAVIER DE PAULA ISIDORA MICAELA GABRIELA RAFAELA GONZAGA, 1819-1853), apelidada de “a Educadora” e “a Boa Mãe”, foi Rainha de Portugal e Algarves em dois períodos diferentes, primeiro de 1826 até ser deposta em 1828 por seu tio Miguel, e depois de 1834 até sua morte. Era filha mais velha do imperador Pedro I do Brasil, que também reinou em Portugal brevemente como Pedro IV.

**MARQUÊS DE CASTEL-MOR** [MARQUÊS DE CASTELO RODRIGO] é um título nobiliárquico criado em 29 de Janeiro de 1600, por Filipe II (III de Espanha), rei de Portugal e Espanha. Ver TÁVORA, CRISTÓVÃO DE MOURA.

**MARQUÊS DE POMBAL** [SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO E MELO, 1699-1782], diplomata, estadista e nobre português, é considerado uma das mais carismáticas personalidades da História portuguesa. Ele foi um dos mais destacados representante lusos do chamado “despotismo esclarecido”, consequência das ideias iluministas que grassavam pela Europa. Ele esteve à frente de várias reformas administrativas, econômicas e sociais importantes. Pombal acabou com a escravatura em Portugal continental a 12 de fevereiro de 1761 e, na prática, com os tristes espetáculos dos autos de fé em Portugal, e, pelo menos em tese, com a discriminação e perseguição aos cristãos-novos.

**MICHELANGELO BUONARROTI** [1475–1564], escultor, poeta, pintor, arquiteto italiano, é uma das figuras-símbolo da tenacidade renascentista. O humanismo renascentista, de que o fabuloso artista constitui uma figura paradigmática, levou-o também a compor uma apreciável obra literária, tanto em prosa como em verso. O conjunto de seus textos reúne mais de 300 sonetos, madrigais e outros tipos de poemas, inclusive fragmentos inacabados.

**MILLER, PATRICK** [1731-1815], arquiteto e inventor naval inglês, desenvolveu barcos movidos a vapor. De início, Miller projetou e construiu barcos de recreio impulsionados por vapor, depois fez barco de maior envergadura, 60 pés (18 metros), mas abandonou o projeto em função dos altos custos. Pretendeu, também, fazer com que potências europeias se interessassem por seus projetos de construção de grandes navios de guerra a vapor.

**MIRABEAU** [HONORÉ GABRIEL RIQUETI, CONDE DE MIRABEAU, 1749-1791], aristocrata francês, e líder dos estágios iniciais da revolução que tomou conta da França. Ele se envolveu, antes de 1789, em numerosos escândalos que deixaram sua reputação em ruínas. No entanto, durante os primeiros anos (1789-91) da Revolução Francesa, ele subiu ao topo e se tornou uma voz do povo. Suspeitou-se, mais tarde, porém, que ele estava a soldo do rei e dos inimigos austríacos da França, o que causou sua desgraça. Quando ele morreu, era um grande herói nacional, apesar de ter se esvaído o apoio à sua posição moderada.

**MOSTEIRO DA BATALHA**, cujo nome é Mosteiro de Santa Maria da Vitória, situa-se na cidade de Batalha, Portugal, e sua edificação foi iniciada em 1386, por ordem de D. João I, Rei de Portugal, em agradecimento à Santa, pela vitória na Batalha de Aljubarrota. Este lindo exemplar arquitetônico do gótico tardio, ou do estilo manuelino, foi elevado ao longo de dois séculos, durante os reinados de sete reis lusitanos. O Mosteiro da Batalha foi eleito uma das 7 Maravilhas de Portugal, e escolhido Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Unesco.

**MARECHAL NEY** [MICHEL VASCONCELLOS NEY, 1769-1815], 1º Duque de Elchingen, 1º Príncipe da Moskowa, também conhecido como *Le Rougeaud* (O avermelhado) e *Le Brave des Braves* (O bravo dos bravos) foi destacado comandante francês nas Guerras revolucionárias francesas e nas Guerras Napoleônicas. Educado no Collège des Augustins, chegou a trabalhar em um cartório de notas e em outras atividades, mas a vida civil não o satisfazia. Assim, no ano de 1787 alistou-se. Ele foi um dos dezoito Marechais da França instituídos por Napoleão Bonaparte.

## N

**NAPOLEÃO I** [NAPOLEONE BUONAPARTE, 1769-1821], natural da Córsega, foi gênio militar e extraordinário estadista. Bonaparte deixou marcas

profundas nas instituições francesas e de grande parte da Europa ocidental. Em sua sede de riqueza e conquista, Napoleão invadiu várias nações, e trouxe para a França um espetacular butim de obras de arte e relíquias históricas, parte das quais foi devolvida após a sua derrota para as forças da coalizão das potências europeias.

**NUNO PEREIRA** [NUNO ÁLVARES PEREIRA, 1360-1431], também conhecido como o Santo Condestável, ou simplesmente Nun'Álvares, foi um nobre e general português do século XIV. Ele teve importante papel na crise de 1383-1385, em que Portugal jogou todas cartas na independência contra Castela. Nuno Álvares Pereira é considerado o maior militar português de todos os tempos, e prodigioso gênio militar. Ele comandou forças em número inferior ao inimigo e venceu todas as batalhas que travou. É o patrono da infantaria portuguesa.

## O

---

## P

**PALÁCIO DE CRISTAL** foi projetado pelo arquiteto Joseph Paxton, e inaugurado em 1851, durante a Primeira Exposição Universal, em Londres, e se transformou num símbolo de progresso, verdadeiro monumento da Revolução Industrial inglesa. Construído em ferro em vidro e com uma área de 2.800 metros quadrados, o Palácio de Cristal podia ser desmontado com a mesma facilidade com que fora erguido.

**PAPIN** [DENIS PAPIN, 1647-1712] notável físico francês, inventou a célebre “marmita Papin”, apresentada em 1679, e que precedeu a invenção do autoclave, e da panela de pressão. Integrante da Sociedade Real de Ciências da Inglaterra, preparou um jantar com uma panela diferente, fechada. Ciente do perigo de aquecer água em um recipiente fechado, ele criou uma válvula que permitiu o escape de parte desse vapor, evitando que a pressão passasse de certo valor limite. O sistema, claro, era rústico, mas serviu de modelo para as panelas que utilizamos nos nossos dias.

**PEDRA DE ROSETTA** é o nome pelo qual é conhecido o fragmento de basalto negro, encontrado nas proximidades da cidade de Rosetta, no Baixo Egito, em 1799, e que se acha exposto no Museu Britânico.

**PERRAULT** [CHARLES PERRAULT, 1628-1703], escritor e poeta francês, figura como criador de um novo gênero literário, o conto de fadas, e lhe confere acabamento literário, o que rendeu o título de “Pai da Literatura Infantil”. Contemporâneo de Jean de La Fontaine, Perrault era advogado e exerceu atividades como superintendente do Rei Luís XIV. Suas histórias mais conhecidas são *Le Petit Chaperon rouge* (*Chapeuzinho vermelho*), *La Belle au bois dormant* (*A bela adormecida*), *Le Maître chat ou le Chat botté* (*O gato de botas*), *Cendrillon ou la petite pantoufle de verre* (*Cinderela*), *La Barbe bleue* (*Barba Azul*) e *Le Petit Poucet* (*O Pequeno Polegar*).

**PIO IX** [GIOVANNI MARIA MASTAI-FERRETTI, 1792-1878] esteve à frente do papado mais longo da história da Igreja Católica, 31 anos, 7 meses e 22 dias. Foi, também, o primeiro Papa a ser fotografado. Pio IX iniciou uma campanha contra o que chamou de *falso liberalismo*, e o seu pontificado é visto, por seus críticos, como mudança, sim, mas em sentido conservador. Ele foi beatificado em 3 de setembro de 2000, pelo Papa João Paulo II.

**PORTO ALEGRE, MANOEL DE ARAÚJO** [1806-1879] foi personalidade marcante no cenário artístico-cultural brasileiro do século XIX. Precursor do movimento romântico nacional, ao lado de Gonçalves de Magalhães, ele foi um grande animador cultural, e se dividiu em frentes de trabalho bastante diferentes, já que foi pintor, poeta, dramaturgo, biógrafo, arquiteto e urbanista, ensaísta, historiador, administrador e diplomata. Em 1859, foi nomeado cônsul em Portugal, onde editou o poema épico Colombo, com mais de oito mil versos, e as *Brasilianas* (1863). Publicou, também, cinco peças teatrais: *Prólogo dramático* (1837), *Angélica e Firmino* (1845), *A estátua amazônica* (1851), *O prestígio da lei* (1859) e *Os voluntários da pátria* (1877).

**PRADIER** [JAMES PRADIER, 1790-1852], também conhecido por Jean-Jacques Pradier, foi escultor francês nascido na Suíça, e conhecido por suas peças em estilo neoclássico. Ele foi membro da Academia de Belas-Artes e

professor da École des Beaux-Arts. Pradier ficou famoso pelas figuras expostas no Arco do Triunfo, pelas figuras decorativas na Église de la Madelaine, pelas Vitórias na cúpula dos Inválidos, em Paris.

**PUGET** [PIERRE PUGET, 1620-1694] foi brilhante escultor, pintor e arquiteto do barroco francês. Como escultor suas peças mais conhecidas *Milon de Crotone* (*Milon de Crotona*, 1682) e *Alexandre le Grand rendant visite à Diogène* (*O encontro de Alexandre com Diógenes*, 1689). Artista de notável intensidade, deu ao mundo obras carregadas de sentimento, o que as torna as mais originais da escultura barroca francesa, a exemplo das *Persée et Andromède* (*Perseu e Andrômeda*, 1684), *Saint Sébastien* (*São Sebastião*, Basílica de Santa Maria Assunta).

**PUTIFAR** [ou **POTIFAR**], figura bíblica, era general egípcio, que comprou José, filho de Jacó, como escravo. Referido no livro de Gênesis, no capítulo 39, Putifar assume importante papel para a consecução dos acontecimentos que levaram José a ganhar relevância junto ao Faraó. Capital na vida de José foi o assédio que sofreu da parte da mulher do seu dono, e cujo nome não aparece nas Escrituras. A esposa do egípcio passou a seduzir o jovem hebreu, convidando-o a deitar-se com ela. José se nega, o que o leva à prisão.

## Q

---

## R

**RACINE**, JEAN-BAPTISTE [1639-1699], dramaturgo francês, produziu tragédias tensas e sombrias, que devolveram ao gênero a grandeza perdida, consagrando-o um dos maiores poetas dramáticos do classicismo. Entre suas obras, merecem destaque *Alexandre o Grande* (1665), *Andrômaca* (1667), *Fedra* (1677), *Britannicus* (1669) e *Athalie* (1691).

**RAFAELLO SANZIO** [1483–1520]. Considerado o “príncipe dos pintores” pela aristocracia romana e pela corte papal, Rafaello é o melhor representante do Classicismo renascentista. Durante o papado de Júlio II e Leão X, realizou uma série de pinturas nas câmaras do Vaticano. Segundo o biógrafo Giorgio Vasari, a fama e o prestígio deste artista eram tão grandes que o papa Leão X chegou a dizer que iria fazê-lo cardeal.

**RAM-RAZ** [RAMA RAJA, 1790-1830] nasceu em Tanjavur, no sul da Índia. Ele ficou conhecido por ter escrito o *Ensaio sobre a arquitetura dos hindus*, postumamente publicado em Londres pela Real Sociedade Asiática, em 1834.

**ROCHA TARPEIA.** A Rocha Tarpeia era, na Roma Antiga, local onde ocorriam as execuções oficiais, de onde eram lançados os malfeitores para a morte certa. Segundo Marco Terrêncio Varrão, Tarpeia era o nome anterior do monte Capitolino. A origem do nome é incerta. A Rocha Tarpeia, segundo Samuel Platner e Thomas Ashby, está localizada na parte sudoeste do Capitolino, junto à Piazza della Consolazione.

**ROSSINI** [GIOACHINO ANTONIO ROSSINI, 1792-1868], famoso compositor e erudito italiano, e muito popular em seu tempo, por ter criado óperas de sucesso, assim como peças de música sacra e de câmara. Ao longo da vida, Rossini elaborou 39 óperas, entre as quais as famosas *Il barbiere di Siviglia* (*O barbeiro de Sevilha*), *La Cenerentola* (*A Cinderela*), *Guillaume Tell* (*Guilherme Tell*).

**RUBENS** [PETRUS PAULUS RUBENS, 1577-1640], artista plástico alemão, foi mestre em alguns gêneros da pintura. Embora haja cultivado a pintura de retrato, as cenas religiosas e a paisagem, foi sobretudo pelo dinamismo e sensualidade de suas composições mitológicas que tornaram sua arte símbolo da exuberância pictórica barroca. De sua vasta produção, destacam-se *Levantamento da cruz* (1610), *Deposição* (1612), *Rapto das filhas de Leucipo* (1618), a série de três telas monumentais intitulada *Vida de Maria de Medici* (1622-1625), e as mais conhecidas, *Ninfas e sátiros*, *As três graças*, *O jardim do amor* e *Quermesse*.

**RUDE** [FRANÇOIS RUDE, 1784-1855] foi escultor francês. Os maiores sucessos de Rude vieram após 1833, quando recebeu a cruz da Legião de Honra, pela sua estátua *Jovem pescador napolitano brincando com uma tartaruga*.

A partir daí, foi procurado para executar frisos e uma peça para o Arco do Triunfo, em Paris, que ficou conhecida como *A Marselhesa*. Esta obra, cheia de energia, graça e movimento, tornaram-no respeitável nos ambientes artísticos parisienses. Outras obras conhecidas de Rude são: as estátuas de *Joana d'Arc*, *Hebe* e *a águia de Júpiter*, *Amor triunfante* e *Cristo na cruz*.

## S

**SALOMÕES.** Referência a Salomão [séc. X a.C.), que foi Rei de Israel, filho e sucessor de Davi, célebre pela sua sabedoria. No apogeu de seu reinado, idealizou grandes construções. A obra arquitetônica mais famosa que construiu foi o templo de Jerusalém, depois chamado de templo de Salomão, que se tornou o centro do judaísmo e do cristianismo primitivo.

**SALOMON DE CAUS** [1576-1626], arquiteto e engenheiro hidráulico francês, que trouxe contribuições ao campo da mecânica. Como era huguenote, Caus teve que passar parte da vida se movendo pela Europa, para fugir de perseguições religiosas. Ele trabalhou como engenheiro hidráulico e arquiteto de Luís XIII. Ele também projetou jardins na Inglaterra, como o de Somerset House. Além disso, elaborou o *Hortus Palatinus*, ou Jardim do Palatinado, em Heidelberg, Alemanha. Caus publicou o livro *Les raisons des forces mouvantes (As razões das forças propulsoras)*, 1615), que mostra uma bomba movida a vapor, semelhante ao desenvolvido por Giovanni Battista della Porta catorze anos antes. É a Caus que se deve o emprego do termo *trabalho*, como usado na mecânica.

**SANSOVINO** [JACOPO D'ANTONIO SANSOVINO, 1486-1570], foi escultor e arquiteto do Renascimento italiano. Trocou seu verdadeiro nome, Jacopo Tatti, pelo nome de seu mestre Andrea Sansovino, Em 1529, Sansovino tornou-se chefe de *São Marco*, importante cargo na República de Veneza, fazendo dele um dos mais influentes artistas da cidade. Executou alguns edifícios da Praça de São Marcos como o Zecca e a Loggetta anexa ao campanário, e várias estátuas e ornamentos para a igreja. Seu trabalho mais famoso é a Biblioteca Marciana, uma das mais ricas e decoradas edificações da Renascença, onde fundiu a arquitetura clássica, tradicionalmente associada à severidade, com superfícies decoradas, muito ao gosto dos venezianos.

**SAVERY** [THOMAS SAVERY, 1650-1715] foi mecânico, matemático e filósofo e militar inglês. Tornou-se engenheiro militar e chegou ao posto de capitão. Estudou os trabalhos de Denis Papin, de Torricelli sobre o vácuo, os de Della Porta sobre a capacidade de elevação da sucção, e os da técnica de condensação proposta por Thornton, importantes no desenvolvimento das soluções que apresentaria sobre o funcionamento de engrenagens movidas a vapor. Em 2 de julho de 1698, Savery patenteou o que era o começo do motor a vapor, que ele demonstrou à Royal Society de Londres, em 1699.

**SAVONAROLA** [GIROLAMO SAVONAROLA, 1452-1498], padre dominicano e pregador na Florença renascentista, conhecido por suas profecias, pela destruição de objetos de arte e artigos de origem secular e seus apelos de reforma da Igreja Católica. Achando-se profeta, Savonarola escreveu sobre suas visões em seu *Compendio di revelatione* (*Livro de revelação*, 1496) em que ele associava a corrupção do clero com um dilúvio de pecados e libertinagem. Seus sermões atacaram violentamente os crimes do Vaticano, e em 12 de maio de 1497 foi excomungado. O conflito com o Papa Alexandre VI, levou-o à condenação por heresia, e seu corpo foi incinerado na Piazza Duomo, em Florença, em 25 de maio de 1498.

**SHAKESPEARE, WILLIAM** [1564–1616]. Até o século XVIII, recaía suspeita sobre a autoria das obras do maior dramaturgo da história universal. O desaparecimento dos originais shakespearianos, aliado às poucas informações sobre a origem de Shakespeare, sua formação cultural e a obscuridade em que viveu ajudaram a suspeitar-se de que as obras fossem de alguém que precisasse manter-se no anonimato – como um nobre, que não gostaria de ser associado às atividades teatrais.

**SUBURRA** ou SUBURA é bairro da Roma antiga, que compreendia o vale entre os montes Esquilino, Quirinal e Viminal, densamente povoado e de má reputação.

## T

**TÁCITOS.** Nome romano, cujo representante mais destacado foi Públio Caio Cornélio Tácito (Publius Gaius Cornelius Tacitus, 55-120), historiador, orador e político romano. Ocupou os cargos de questor, pretor e cônsul e pro-cônsul da Ásia. É considerado um dos maiores historiadores da

Antiguidade, e suas obras principais foram as que versavam sobre a história do Império Romano no século primeiro, da morte de Augusto à chegada ao poder do imperador Tibério até à morte de Nero, em *Annales* (*Anais*), e da morte de Nero à de Domiciano, em *Historiae* (*Histórias*).

**TÁVORA, CRISTÓVÃO DE MOURA E** [1538-1613], foi fidalgo português, líder do partido espanhol, 1º. Conde de Moura, 1º. Conde de Castelo Rodrigo. O seu filho e sucessor, Filipe III de Espanha elevou-o a 1º Marquês de Castelo Rodrigo, em 1600. Este soberano nomeou D. Cristóvão de Moura vice-rei de Portugal em 1603 a 1603, e novamente em 1603, e, depois, de fevereiro de 1608 a 1612. O governo do Marquês de Castelo Rodrigo não foi bem aceite pelos portugueses. Os elevados impostos que lançou nesta época de dificuldades financeiras, aprofundaram a rejeição à sua atuação.

**TEODORICO** [FLÁVIO TEODORICO O GRANDE, 454-526], rei dos ostrogodos, rei da Itália, regente dos visigodos. Teodorico tinha grande respeito pela cultura latina, e via a si mesmo como um de seus representantes. Tinha um bom olho para pessoas talentosas, Assim foi que, por volta de 520, o filósofo Boécio se tornou seu mestre dos ofícios (chefe de todo o governo e dos serviços da corte), embora, depois, Teodorico tenha mandado executá-lo, por traição.

**TOUTMÓISIS IV** [TUTMÉS IV ou TUTMÓISIS IV] foi o oitavo rei da XVIII dinastia egípcia. Reinou por cerca de dez anos, entre 1412-1402 a.C., e seu reinado trouxe um período de paz para o Egito. Toutmóisis restaurou, em Mênfis o templo de Amenófis II, do qual resta a esfinge de alabastro. Pouco se conhece das muitas obras que mandou construir. Encontraram-se vários restos de um pilone edificado em Karnak.

## U

---

## V

**VASCO DA GAMA** [1460 ou 1469 - 1524] foi navegador e explorador português. Na chamada Era dos Descobrimentos, ele se destacou, por ter comandado os primeiros navios a navegar da Europa à Índia, na mais longa travessia oceânica até então realizada, superior a uma volta completa ao mundo pelo Equador. No fim da vida chegou ao posto de Vice-Rei da Índia. Em *Os lusíadas* (1572), Camões centra-se em grande parte de suas viagens.

**VÊNUS DE MILO.** Esta magnífica escultura da Antiguidade grega, foi criada entre 130 e 100 a. C. A Vênus de Milo (ou Melos) foi descoberta, segundo relatos, em 08/04/1820 pelo camponês Yokos Kentrotas, nas antigas ruínas de Milos, no mar Egeu. De início achou-se ter sido obra de Fídias ou Praxíteles. As esculturas de Fídias, porém, datam do século V a. C. e as de Praxíteles são do século IV a. C. Estima-se, hoje, que a *Vênus de Milo* seja do século II a. C., e portanto não poderia ter sido produzida por esses artistas.

**VIRGÍLIO** [PÚBLIO VIRGÍLIO MARÃO, 70–19 a. C.]. Os gêneros cultivados pelo mais importante poeta da língua latina foram tomados de empréstimo à literatura grega, mas Virgílio imprimiu em sua poesia uma marca pessoal inconfundível, decorrente de sua sensibilidade artística e da maestria com que trabalhou os seus versos. São de sua autoria: a epopeia *Eneida*, o poema *Geórgicas*, e as *Bucólicas*.

**VOLTAIRE** [FRANÇOIS MARIE AROUET, 1694-1778] foi destacado escritor, ensaísta e filósofo iluminista francês. Conhecido pela perspicácia e brilhantismo na defesa das liberdades civis, religiosa e livre comércio, suas obras e ideais influenciaram diversos pensadores, tanto da Revolução Francesa quanto da Americana. Voltaire foi produtor incansável, pois escreveu cerca de 70 obras em diversos gêneros literários, compondo peças de teatro, romances, poemas, ensaios, além de obras científicas e históricas, mais de 20 mil epístolas e mais de mais 2 mil livros e panfletos.

**X**

---

**W**

---

**Y**

---

**Z**

EU

Este livro foi diagramado pela Editora da UFPB em 2016, utilizando a família da fonte Minion Pro e Stag. Impresso em papel Pólen Soft 80 g/m<sup>2</sup> e capa em papel Supremo 250 g/m<sup>2</sup>.

A reedição de *O holocausto*, do famoso pintor paraibano Pedro Américo de Figueiredo e Melo, é um marco no cenário editorial de nossa região. Raríssima raridade bibliográfica, este romance introduziu, em 1882, o já renomado artista de *A Batalha de Campo Grande* e de *A Batalha do Avaí* na cena literária do Brasil do século XIX. Além disso, a história do amor irrealizável de Agavino e Palmira figura como a primeira obra, de maior repercussão editorial, ambientada, em grande parte, em solo paraibano.

A Editora da UFPB, irmanada ao esforço coletivo de restituição de grandes obras regionais através da Coleção Nordestina, devolve, agora, este documento de inestimável valor bibliográfico e histórico.

Pedro Américo se junta, a cada um de nós, pra agradecer à Editora da UFPB pelo cometimento desta edição.

*Alexandre Bruno Gouveia*

ISBN 978-85-237-1166-5



9 788523 711665